



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional desde 1963 e
à Associação Brasileira de Psicanálise

Presidente

Gerson Isac Berlim

Secretário

Paulo Fernando B. Soares

Secretário Científico

Raul Hartke

Tesoureiro

Ruggero Levy

Conselheiros

Isaac Pechansky

Luiz Carlos Mabilde

Diretora do Instituto

Marlene Silveira Araujo

Secretário do Instituto

Sérgio Lewkowicz



ISSN 1413-4438

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802

90010-210 - Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 3224-3340

E-mail: revista@sppa.org.br

Homepage: www.sppa.org.br

Volume X - Nº 1 - Abril - 2003

Editor

José Carlos Calich

Editores Associados

Executivo: Paulo Oscar Teitelbaum • **Redação:** Paulo Henrique Favalli • **Seções Especiais e Entrevistas:** Viviane S. Mondrzak

Conselho Consultivo

Carlos Gari Faria - SPPA • Carmen Médici de Steiner - APU • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Elizabeth T. de Bianchedi - APdeBA • Joel Nogueira - SPPA • Jorge L. Ahumada - APdeBA • Juan Francisco Jordán Moore - APCh • Julio Moreno - APdeBA • Leopold Nosek - SBPSP • Maria Olympia de A. F. França - SBPSP • Mauro Gus - SPPA • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Norberto C. Marucco - APA • Paulo Fonseca - SPPA • Plínio Montagna - SBPSP • Raquel Zak de Goldstein - APA • Ricardo Bernardi - APU • Virgínia Ungar - APdeBA

Conselho de Revisores

Alírio Torres Dantas Junior - SPR • Arnaldo Chuster - SPRJ • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carlos Edson Duarte - SPRJ • Cláudio Laks Eizirik - SPPA • David Epelbaum Zimmerman - SPPA • Flávio Rotta Corrêa - SPPA • Germano Vollmer Filho - SPPA • Isaac Pechansky - SPPA • Juarez Guedes Cruz - SPPA • Luiz Carlos Mabilde - SPPA • Marlene Silveira Araujo - SPPA • Nilde J. Parada Franch - SBPSP • Paulo Fernando B. Soares - SPPA • Raul Hartke - SPPA • Roaldo Naumann Machado - SPPA • Roberto Gomes - SPPA • Roosevelt Moises S. Cassorla - SBPSP • Ruggero Levy - SPPA

Conselho Editorial

Anette Blaya Luz • César Luís de Souza Brito • Gisha Brodacz • Lucia Thaler • Luciane Falcão • Luisa Maria R. Amaral • Magali Fischer • Matias Strassburger • Patrícia Fabrício Lago • Rose Eliane Starosta • Tula Bisol Brum

Secretária Executiva

Irma Ângela Manassero

Revisão

Clotilde Favalli

Capa

Arte: Livia Amaral

Fotografia: Ney Amaral

Composição

Luiz Cezar F. de Lima

Impressão

Gráfica Editora Pallotti



Figura da capa: fotografia da escultura “Torso” de Irineu Garcia, em bronze, medindo: 71 cm de alt. x 43 cm de larg. 31 cm de compr., de 1986. Utilização da imagem da escultura gentilmente permitida pelo autor.

Produção gráfica: Lívia Amaral
Fotografia: Ney Amaral

Irineu Garcia:

Escultor. Nascido em São Luís Gonzaga, RS, em 1946. Atua no campo expandido da escultura trabalhando com materiais como gelo, madeira, lixo e fogo, além dos mais convencionais, bronze, mármore e granito, explorando suas formas, espaços, vazios e repetições. Nos últimos anos tem se ocupado com imaginário social e com a ecologia atuando em espaços públicos, onde busca explorar as relações das pessoas com o meio em que vivem. Tem participado de diversos eventos, projetos, simpósios e exposições nacionais e internacionais, tendo sido premiado em Buenos Aires (Argentina, 1994), no Simpósio de Bardonechia (Itália, 1995), Milwaukee (EUA, 1995), no 2º Internationaler Holzbildhauer Wettberb, em St. Blasien, (Alemanha, 1995), no Swedish Open Championships in Snow Sculpting, em Kiruna (Suécia, 1996) e no L'Internationale Sculpture neige at glace du Carnaval de Quebec (Canadá, 1997).

R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. X, nº 1 (abr., 2003)
– Porto Alegre: SPPA, 1993 –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)
616.89.072.87 (05)

CDD: 616.891.7

Bibliotecária Responsável: Mônica Nodari Borges
CRB/10 - 900





Vol. X - Nº 1 - Abril/2003

S U M Á R I O

EDITORIAL
José Carlos Calich / 5

ARTIGOS

O teatro das mãos
Geneviève Haag / 9

Criando vínculos – Um diálogo entre a filosofia social e a teoria das relações de objeto
Emilia Steuerman / 31

Sobre adolescência, luto e a posteriori
Rodolfo Urribarri / 47

Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: *Rapsódia de agosto*
Roaldo Naumann Machado / 71

Conflito psíquico e criatividade: alguns exemplos colhidos na literatura
Juarez Guedes Cruz / 87

SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO

A função Tradutora e o Quantum Intelecto-Emoção
Ignacio Matte-Blanco / 101

“Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de desdobramento de I. Matte-Blanco
Pietro Bria / 133

CINEMA E PSICANÁLISE

Estátua e espelho: considerações sobre o filme *Morte em Veneza*, de Lucchino Visconti, baseado em novela de Thomas Mann
Paulo Fonseca / 147

ENTREVISTA

Rodolfo Urribarri / 167



Atenção montador
a página **4** é branca





Editorial

Festejar os 10 anos de existência da *Revista de Psicanálise da SPPA* poderia ser apenas uma tarefa formal, ritualística, das tantas que acompanham as funções de Editor e que, nessas ocasiões de marcação da passagem do tempo, tornam-se tão propícias. Entretanto, os mais de 300 artigos publicados, mais de 50 entrevistas realizadas, os dois debates, os 5 Ciclos de Debates da Revista, as dezenas de colegas envolvidos em seus Conselhos ao longo do período, que resultaram na reconhecida qualidade e representatividade atingidas pela *Revista*, somadas ao clima de interesse intelectual, científico e à camaradagem predominante em suas reuniões e atividades, transformam esse momento numa realização, numa conquista e orgulho de nossa Sociedade e, em particular, do grupo com ela envolvido diretamente.

Iniciada em 1993, na gestão de Luis Carlos Meneghini, tendo Mauro Gus como seu primeiro Editor, a *Revista* tem crescido desde então com a cooperação, o apoio e o empenho de muitos. Autores, Conselhos, revisores, diretorias, secretárias, tradutores, familiares, num movimento contínuo de interação e colaboração, permitem que a *Revista* mantenha sua finalidade, regularidade e constância, ampliando seus atributos. O desejo e até mesmo o dever seria de agradecer a todos, porém qualquer tentativa resultaria em iniquidade e descortesia, pela impossibilidade de sequer mencionar cada um individualmente. Permanece, então, o reconhecimento geral ao trabalho dos inúmeros grupos que já se constituíram em torno desta publicação.

Como parte das comemorações desses 10 anos, estamos planejando, para este semestre, o lançamento do primeiro volume do livro de entrevistas da *Revista da SPPA* e o nosso número especial, de final de ano, dedicado às problemáticas atuais sobre o inconsciente. Somam-se a isso as seções especiais com temas psicanalíticos atuais, resultados de importantes esforços do Conselho Editorial.

Neste número, estamos concretizando um antigo projeto que é o de anteciparmos artigos e eventualmente conferências dos convidados da SPPA, numa integração com a Secretaria Científica, permitindo que o leitor tenha contato com aspectos da produção de nossos visitantes, com atualidade e facilidade. Iniciamos com a publicação do trabalho de Rodolfo Urribarri, que estará na SPPA em maio de 2003, participando do V SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA, assim como uma entrevista com este colega realizada em 2000, por ocasião do Congresso da FEPAL em Gramado.

Contamos ainda com uma reunião de artigos de elevada qualidade de Geneviève Haag, Emilia Steurman, Juarez Gudes Cruz, Roaldo Naumann Machado e





José Carlos Calich

Paulo Fonseca. Todos estudos consistentes e originais, aprofundando aspectos da clínica e da teoria psicanalítica.

Nossa seção especial encerra o atual estudo sobre a obra de Matte-Blanco com a publicação do artigo “A função de tradução e o quantum intelecto-emoção”, a que segue um comentário qualificado de Pietro Bria, psicanalista italiano, estudioso do autor chileno, a quem agradecemos a colaboração, gentileza e disponibilidade. Agradecemos também à Sra. Luciana Bon de Matte, psicanalista italiana, viúva de Ignacio Matte-Blanco, que, depois de prolongadas negociações com as empresas editoras detentoras dos direitos de publicação internacional de sua obra, tornou possível, em nossa revista, a primeira tradução deste artigo para o português.

À semelhança do aniversário da *Revista*, festejar a obtenção de um cargo poderia ser apenas tarefa formal ou ritualística. Porém, em se tratando da conquista do colega Cláudio L. Eizirik, elegendo-se Presidente da IPA, o primeiro brasileiro designado a desempenhar esta função, é motivo de realização e orgulho para todos. Sucesso, Cláudio, no desafio de manter nossa Associação Internacional como agregadora e estimuladora da qualificação da psicanálise.

Boa leitura a todos,

José Carlos Calich

Editor da *Revista de Psicanálise* da SPPA



Artigos





Atenção montador
a página **8** é branca





O teatro das mãos

Geneviève Haag, Paris*

Neste artigo, a autora propõe-se a considerar a percepção e a contemplação visual da própria mão, pelo bebê dos primeiros meses de vida, vinculando-as à representação de um objeto primário compreendendo a continência e seu esqueleto interno. A mão confirmar-se-ia, assim, como uma das primeiras formas radiais de continência, já previamente trabalhadas pela autora. Aliás, as interconexões desenvolvidas entre as mãos, nesse mesmo período, parecem participar da e testemunhar a construção desta representação em jogos identificatórios que vão do registro adesivo ao registro projetivo. Em apoio às observações e considerações de Esther Bick, que já se orientam nesse sentido em seu artigo princeps concernente à observação de lactantes e sobre os próprios trabalhos da autora concernentes às identificações intracorporais, relatam-se materiais clínicos retirados do tratamento psicanalítico de duas meninas que emergem de defesas autísticas e que apresentam essas mesmas problemáticas no “fazer desenhar” ou desenhar o contorno de suas mãos em variadas configurações.

* Trabalho apresentado no VI International Congress on Infant Observation According to the Method of Esther Bick, Cracóvia, Polônia, 2002.

** Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Paris.





Os dados da observação de bebês, permanentemente confrontados com os da clínica, segundo o ensinamento de E. Bick, nos trazem numerosos aprofundamentos relativos ao desenvolvimento da psique durante a primeira infância e a decriptação dos materiais clínicos em si.

Durante este congresso, proponho abrir “o teatro das mãos”, cuja cortina E. Bick magnificamente escancarou, em seu artigo princeps concernente a seu método de observação (Bick, 1964).

Retomarei, então, no quadro desta exposição, certos fragmentos da descrição do jogo das mãos de Carlos, acompanhados por algumas reflexões e interrogações, a começar pelas da própria E. Bick sobre o nível identificatório, bem como sobre o nível de representação e mais particularmente de simbolização em jogo.

Depois, voltando à clínica, mostrarei, através de alguns exemplos, como a retomada elaborativa dos fundamentos narcísicos que tocam o eu corporal pode utilizar essa representação-mão, talvez primordial, na relação transferencial, através das variações do desenho do contorno das mãos. Disso resultarão algumas interrogações sobre a retomada desse desenho na vida cotidiana na idade do conflito edípico.

Observação de Carlos comentada por E. Bick

“Na primeira observação de Carlos, aos dez dias, notou-se que ele batia levemente no segundo seio, o direito, e formava um pavilhão de trompete com sua mão (direita) em torno da boca, mamando muito doce e lentamente. Deixado em seguida só no leito, sua mão direita explorava em torno do olho e das têmporas, o polegar esquerdo à boca. Depois, gradualmente, sua mão esquerda assumiu a forma de trompete e, de súbito, adormeceu.

Com nove semanas: após uma mamada perturbada por uma mudança na rotina, Carlos brincou com suas mãos de modo complexo. Primeiro, uma das mãos parecia espichar, amassar a outra, torcendo duramente os dedos e o polegar. Por instantes, uma mão descrevia um pequeno círculo diante da boca, seu rosto tinha então uma expressão desagradável, descontente, crispada. Após sobreveio uma mudança: ele tornou-se bem mais calmo, brincou com suas mãos de um modo bem mais lúdico, reunindo-as, esfregando-as, afundando os dedos uns nos outros. Colocado junto ao seio direito, mamou com regularidade, as mãos de cada lado do seio, bem afastadas do mamilo. A mãe disse que ele, com freqüência, tocava o seio durante a mamada, batendo-o, afundando-o com os dedos muito duramente.

Dez semanas: a mãe tinha a mão sobre o peito de Carlos, ele começou a





brincar com os dedos dessa mão, enrolando-os em torno dos seus, passando docemente o indicador ao longo do punho e da mão de sua mãe. Ele olhava também seu rosto, emitindo sons amigáveis em resposta a suas palavras”.

Reflexões e interrogações após essa observação

E. Bick assim comenta a observação durante a nona semana: “*Fomos tocados pelo modo como as mãos se relacionavam entre elas, primeiro elas se puxavam, se pressionavam, com bastante força; logo em seguida elas se esfregavam, os dedos se afundando uns nos outros ludicamente*”. Depois, na décima semana: “*Na observação seguinte, viu-se Carlos brincar desse segundo modo com a mão de sua mãe, após a mamada no primeiro seio, o qual, alternadamente, ele tinha sugado fortemente, depois parado e, quando sua boca permanecia inativa, sua mão direita se fechava e abria com força. Isso nos evocou, muito, em seminário, que sua mão era, pelas suas atividades, como uma boca e a mão de sua mãe, por toda sua significação, como um seio, o que, em conseqüência, sugeria que suas mãos pudessem, também, em certos momentos, estar em relação uma à outra como sua boca com o seio.*”

Mais adiante, E. Bick continua suas reflexões sobre os fenômenos identificatórios em ação: “*O afundamento dos dedos uns nos outros e através uns e outros é a prova de uma modalidade projetiva de chegar à identificação?*”

E mais adiante ainda: “*Tenho a impressão de que os estudantes se fascinam pelas provas trazidas pela observação de que, muito precocemente, processos de clivagem estão em ação, assim como a identificação das partes do corpo com objetos – qualquer que seja o quadro teórico em que eles escolherem exprimir a descoberta do funcionamento mental do lactante*”.

Proponho dar continuidade, por um instante, a essas reflexões do duplo ponto de vista esboçado por E. Bick: identificatório e representacional. Retomemos a observação de Carlos ao décimo dia. Se nos detemos nela (M. Haag, 2002, p. 220), percebemos aí a gênese de um ajustamento mão-boca-mamilo – mão direita instalada em pavilhão de trompete entre o circuito da boca e seio, como buscando a continuidade tátil, posição da mão que será retomada a partir daí no auto-erotismo. Essa mão direita instalou-se assim após a troca de seio (um tanto quanto cronometrada em demasia sob os conselhos do dr. Spock) que provocara raiva no bebê. A mãe teve que lhe devolver o mamilo, que ele não conseguia mais encontrar. Mas a mão, após um suave tapinha no seio, estava tão próxima daquele, que ela teve que retirá-la duas vezes, pois atrapalhava...Parece que, ali, a mão do bebê, é uma equação (eu retiro a palavra simbólica da terminologia de H. Segal; veja-se a justificação disso em M.





Haag, 2002, p.97, 98) da boca do bebê que busca segurar, ao mesmo tempo, o mamilo, espécie de ‘duplo’ perfeito reforçado, talvez no componente de apossar-se da pulsão (P. Denis, 1992) após uma frustração. Isso me lembra uma outra observação, filmada dessa vez (C.P.P.A., Sucy en Brie), em que um bebê, à espera raivosa do seio, mete todo o seu punho na boca, sugando-o em “ventosa”. A mãe teve que retirar o punho para pôr o bico, esse punho sendo também, manifestamente, uma equação do seio. Não nos encontraremos aqui no registro da identidade adesiva? Uma outra equação parece mostrar-se nessa observação, a do olho, talvez com a função ao mesmo tempo de boca circundante e língua penetrante: mão direita enrolada em caracol sobre a têmpora, dedos sobre o olho direito. Ora, o observador notara, também, desde sua chegada, que o bebê “(...) *tinha diversos arranhões nas faces, nas bochechas, e seu olho direito estava ligeiramente descolorido, como se ele o tivesse pressionado em demasia*” (Haag, M., 2002, p. 218).

Na observação com nove semanas, vê-se desencadear-se, após uma perturbação, um jogo mais complexo que propomos já ser uma teatralização implicando um nível de simbolização primária (Haag, G., 2002). Eu retomo a terminologia adotada igualmente na França por René Roussillon (1995-2000) em relação aos fenômenos de transicionalidade. Se definimos a simbolização como Meltzer propõe com frequência: uma coisa e seu representante tendo relações analógicas variadas, mas cujo laço simbólico, sobretudo, se forja em um fogo emocional. Uma mão, como o propõe E. Bick, sendo como uma boca e a outra como um seio, as atividades de uma com a outra, de uma *na* outra são com efeito conduzidas por afetos poderosos, seja de raiva, seja de intenso prazer pulsional, seja de ternura. Essa mão encontra-se, portanto, em uma relação simbólica com a boca e o seio, e, do lado das identificações, nós bem que estamos, segundo o sugere também E. Bick, no registro da projeção identificatória que implica uma relação de continente a continente, “dentro”.

As reprises auto-eróticas teatralizantes exercem-se, primeiro, como nessas observações, na proximidade temporal do contato direto com o seio, o rosto e a mão da mãe que essa, naturalmente, como nós vimos na observação de Carlos, oferece ao bebê para a exploração, a manipulação, e, assim fazendo, para o deslocamento analógico que serve à simbolização. Depois se exercem mais à distância, na medida da estabilização introjetiva do que chamei de identificações intracorporais, a sucção do polegar pelo olhar e pela pele e as junções das mãos que soldam o eixo médio (Haag, G., 1985, 880).

Mas eu desejaria atrair a atenção para um outro fenômeno frequentemente observado nas manifestações auto-eróticas dessas idades, sobretudo no segundo trimestre da vida pós-natal: trata-se da contemplação da mão mais ou menos estendida em leque. Proponho que se considere essa forma como uma das formas perceptivas





visuais privilegiadas que representam a introjeção de continência e fazendo parte das formas radiais como as defini em 1993 (Haag, 1993 a). Essas formas radiais, ou solares, nascem do esquema das “curvas de retorno” proposto por uma criança pós-autista para ilustrar sua percepção da formação do envelope e de seu núcleo ou esqueleto interno (fig.1) que eu comentarei assim: uma imagem motriz saída das tensões pulsionais nas zonas erógenas (boca e mãos com freqüência confundidas, portanto) cria “um ponto de partida” em busca de encontros, para a satisfação da necessidade, assim como para os encontros sensual e psique-olhar. Essa “tensão na direção de” só retorna com a resposta transformadora (no sentido de Bion) do objeto externo. Essa resposta transformadora, e eu condenso aqui numerosos trabalhos que não podem ser explicitados no quadro desta breve exposição (Green, 1977; Tustin, 1986; Haag, G., 1994 a), cria um ponto de avanço na concomitância de uma mesmice suficiente (ponto adesivo, fusional da identificação) e de uma diferença suficiente que criam uma pequena fenda (alucinação negativa) imediatamente colmatada por uma alucinação positiva de “duro” sustentada pelo sobressalto tensional. A forma visocinestésica redonda é, talvez, de início, cinestésica e expressa, por exemplo, por Carlos aos dois meses na execução de pequenos círculos diante da boca. Ele parece, nesse momento, tentar a recuperação dessa forma no meio da turbulência, desencadeando puxões, torções duras dos dedos, reflexos prováveis de uma projeção identificatória que torce e arranca o mamilo e toda essa estrutura circundante. Essa forma, pois, na percepção visual, é sem dúvida projetada sobre a redondez da palma; os “raios” dos dedos, provavelmente derivados das “curvas” e formando assim os primeiros sóis, representariam mais particularmente a penetrabilidade. Isso será retomado elaborativamente no desenho das crianças do quarto ano de vida: forma solar nos primeiros bonecos girinos e conservadas nos rostos e mãos dos bonecos em uma ou duas vesículas em vias de se colocar na verticalidade (fig. 2) (Haag, 1994,1996). Nessas mesmas idades, por períodos, as crianças de três a cinco anos buscam fazer, ou fazer com que outros façam, o contorno de suas mãos, e os adultos, intuitivamente, propõem isso com bastante freqüência mesmo no terceiro ano de vida. São, então, seguidamente propostos e pedidos (nas creches ou jardins de infância) pequenos desenhos sobre e na mão, e os adultos fazem então flores do tipo margaridas(!) bem semelhantes ao esquema de Carlos. É possível também pensar no sucesso, para mim por muito tempo enigmático, da “boneca flor” proposta por Françoise Dolto na França e utilizada no material de psicoterapia por numerosos colegas formados por ela. Podemos propor a hipótese de que, durante os abalos conflitantes dessas idades, a fragilização narcísica devida a esses mesmos abalos necessitaria sustentar sua reparação com a realização dessa representação básica.





Materiais clínicos

A seguir evocarei, em contraponto, o material de desenho do contorno das mãos desenvolvido por duas crianças saídas, uma de um estado de superficialidade com importantes elementos adesivos, outra de um estado de retiro autístico franco. Parece que esses materiais trabalham ao mesmo tempo a restauração da mão enquanto forma de continência e as inter-relações do “teatro das mãos”, que introjetam no eu corporal as identificações primárias.

A primeira garotinha fazia com que se fizesse o contorno de suas mãos: a mão esquerda na parte esquerda da folha, a mão direita na parte direita, sempre simétrica, sem jamais cruzar, exatamente como sua postura corporal na deambulação, as mãos em candelabro, de cada lado, que simulava seguidamente na contemplação de seu “duplo” no espelho. Seu corpo parecia não ter espessura. Ela falava um pouco, de modo freqüentemente ecolálico. Eu devia manter-me em extrema atenção, para não me deixar submergir nessa relação de superfície e espreitar as expressões de afetos nascentes e interpretáveis na sonoridade de sua voz e na escolha das cores dadas, para desenhar suas mãos que eu podia ligar a projeções de afetos que ela me proporcionava.

Um dia, surpreendi-me a me “evadir” dessa relação de atenção concentrada, provavelmente por menos de um minuto. Tomei consciência disso com uma certa brutalidade vertiginosa e culpabilidade, os olhos levantados para o mais alto vidro da janela, e logo que eu os baixei, sua mão direita estava levantada diante dos meus olhos com um lápis; ela se abaixou sobre a folha ao mesmo tempo que meu olhar-atenção e, pela primeira vez, ela desenhou com sua mão direita o contorno de sua mão esquerda, cruzando assim a linha mediana. Sua mão direita parecia, então, verdadeiramente identificada com minha função de atenção para desenhar sua mão esquerda dessa forma radial que assinalava uma certa introjeção em boa direção e organizava o eixo ao mesmo tempo.

A outra garotinha era incapaz, no início, de fazer ela própria o contorno de suas mãos; ela tentava, mas conseguia no máximo marcar um ou dois traços penetrantes entre os dedos medianos, que tinham dificuldade em se separar, e esboçar acima um pequeno fragmento de curvas não unidos aos traços (fig. 3). Um pouco mais tarde, ela podia fazer o contorno dos dedos medianos, sempre se sobrepondo (fig. 3bis), mas ela continuava parecendo ignorar, ou não poder se ocupar nem do polegar nem do mínimo; as bordas das mãos não existiam, portanto. Em compensação, ela me levava a fazer verdadeiras cortinas do contorno de suas mãos, nas quais eu sublinhava a presença do polegar, do dedo mínimo e dos contornos até o punho inclusive.





Eu estava muito intrigada por essa grande restrição desse desenho do contorno da mão, quando ela mesma tentava realizá-lo. Felizmente eu era, um pouco, guiada por meu trabalho anterior sobre a atenção dada aos contornos e linhas enquanto representação da ligação língua/mamilo/olho a olho penetrante que remete à transformação (Haag, 2000). A pequena pôs-se a brincar, paralelamente com a marionete crocodilo, a devoração de todos os “contornos” do mobiliário da peça, enquanto eu já pudera interpretar, em sua tentativa de me “paralisar” com o controle estrito de minha postura, seu medo de perder todos os contornos sólidos que fabricavam o que juntas compreendíamos. Nesse dia do jogo do crocodilo, ela estava mais distendida e explodiu em riso, após me ter posto em “simetria”. Um pouco mais tarde, em véspera de férias, houve uma sessão em que tentou, com lápis, entrar concretamente em meus olhos. Eu lhe impus, lógico, uma proibição firme, convidando-a a simular e interpretando o movimento de desejo destrutivo devido à perspectiva da ausência, mas também ao desejo intenso de penetrar e incorporar, cuja fantasia, mas não a realização, era permitida na teatralização. Ela pôde, então, encenar a penetração violenta, pedindo-me para fazer-lhe o contorno das suas duas mãos (uma tentativa pessoal tendo efetuado somente o de dois dedos), depois o de minha própria mão; ela, então, desliza sua mão sob a minha, depois, uma vez as mãos retiradas, ela faz um traço de lápis violento e pontos agudos no interior dessa mão, a dela e a minha confundidas. A partir disso as habituais cortinas de mãos fizeram-se mais entrecruzadas (fig. 4). Podemos, pois, pensar que essa triagem da penetração destruidora com a penetração fundadora de um espaço tridimensional permitiu essa representação mais forte do entrecruzamento, símbolo do vínculo forjado na identificação projetiva útil e condicionado à qualidade do envelope. Com efeito, parece-me que era o que ela elaborava, quinze dias depois, sob outra forma: muito atenta ao meu traçado dos contornos numa disposição de suas mãos azuis ainda mais entrecruzadas (fig. 5), ela pousou seu antebraço sobre a folha e, como em contraponto, (fig. 6), fez ela mesma o contorno desse em vermelho, colocando acima uma espécie de olho impressionante, dobrando os traços principais da linha de visão e do contorno do braço de um traço muito forte, compondo uma linha descontínua, entrecortada, arrancada-arrancando?: “Um olho mau que faz um contorno todo esfolado?” digo eu.

Eu me perguntei se essa elaboração não se ligava ao que se passava antes em suas tentativas de contorno, que não faziam mais que mergulhar timidamente nos espaços interdigitais e não podiam se ligar ao contorno; seria defensivo em relação à fantasia de uma penetração/identificação projetiva intrusiva fantasmaticamente, de tal modo violenta que as “bordas” do envelope que deveriam derivar das imersões e emersões dessa mesma identificação em sua versão “útil” (Bion – Rosenfeld) seriam por ela perfuradas, estraçalhadas, arrancadas a cada vez. Mas de súbito essa retenção





Geneviève Haag

detinha o processo de constituição desse envelope; o antigo desenho do contorno dos dedos cavalgando-se testemunhava um fechamento adesivo? Mas podemos dizer, na sessão atual, que era evocada uma recuperação auto-erótica suficiente (o entrecruzamento das mãos azuis) para ultrapassar o momento de raiva destruidora ou de emergência de uma excessiva intensidade pulsional como o compreendemos na cena dos lápis? Creio que isso nos remete ao material de observação de Carlos com nove semanas, logo que ele maltrata os dedos de uma mão com a outra, depois se torna mais calmo, reunindo seus dedos e os engolfando mais ludicamente uns nos outros.

Nos meses seguintes, ela me levou ao espelho onde devíamos nos olhar nos imitando, tendo ambas os braços cruzados. Eu podia, então, parafrasear o prazer de ser “igual”: de ter cada uma seu lado bebê com seu lado mamãe, mas sendo ela uma garotinha e eu uma senhora. Ela fazia mímicas variadas frente ao espelho, apontava seus indicadores bem apoiados sobre o espelho, estendia muito uma longa língua pontuda, como sublinhando o órgão médio em relação à união dos lados agora assimétricos. Escondia-se, reaparecia e, por vezes, não deixava aparecer senão a mão. Os olhares cruzados comigo no espelho tornavam-se cada vez mais freqüentes.

Ela agora me fazia desenhar bem menos sua mão, mas pousava ela mesma, sobre suas folhas, séries de pontos coloridos (fig. 7 e 8), o que, por muito tempo, me pareceu enigmático. Ela fazia também dobras cuidadosas, preocupando-se com os limites, dos guardanapos e de meus lenços, com os quais, antes, ela buscava envolver-se (“se envolver no belo lenço”, disse um dia). Eu compreendi melhor, devido aos trabalhos anteriores sobre as dobras e os dobramentos (Haag G, 1988, 1990, 1994), a nova representação que assim se exprimia da introjeção dos “anéis de retorno” e, pois, da continência com esqueleto interno (skeleton-container de Bion e Meltzer) que isso representava e, mais particularmente, o eixo do corpo na dobra.

Devo anotar ainda, sem todavia compreendê-lo, seu interesse, em muitas sessões que acabo de invocar, por sua sombra, mais particularmente a da sua mão: imagem asseguradora do duplo do corpo inteiro e de uma mão que simbolizava a introjeção de continência, com seu núcleo interno prolongando-se no eixo vertebral (Haag G., 1993a, 1994b), enquanto ela abandonava o controle obsessivo de uma simetria no interior do corpo, o seu e o meu na transferência, controle que servira para manter colados em adesividade patológica duas metades mal articuladas? Notar que ela havia começado a lançar olhares para sua imagem no espelho em contraponto com esse interesse pela sombra.

Nesse período ela manipulava também a massa de modelar, sobretudo para estendê-la sobre seus polegares; depois vinha, com certa ansiedade, para que eu a retirasse. Eu acabei por interpretá-lo como uma demonstração de uma pele e de um polegar arrancados, cuidados, reparados.





Ela, a seguir, começou jogos de água que comportavam banhos, duchas, “shampooing” de um bebê mais ou menos maltratado. Eu verbalizava a infelicidade do bebê chorando, chamando por socorro. Isso agradou-a muito, e ela me fez longamente repetir essa cena. Uma outra parte dos jogos de água era mais enigmática, e eu pensei poder ligá-la ao trabalho de Suzanne Maiello (1991): ela fazia correr água sobre o fundo da pequena banheira invertida, o que produzia um ruído rítmico grave que a fazia olhar-me intensamente, e nós ambas nos alegrávamos com essa música da água. Esse período em que ela se encontrava quase sempre no papel de adulta, em perfeita imitação de gestos e palavras, era o momento do verdadeiro contato; ela também fazia escorrer água sobre suas mãos, longamente.

Foi nessa atmosfera que ela retomou o desenho do contorno das mãos, integrando-lhes os pontos um pouco (fig. 10). Pela primeira vez ela pôde fazer sozinha o contorno de sua e de minha mão inteira com um ponto no extremo do médio (fig. 11) e com um enorme polegar para ela (fig. 12) que se assemelha a um perfil de rosto com uma boca. Podia-se formular a hipótese de que a forma pontuda inclusa representaria uma língua-olho demasiado pontudos em um mamilo-seio sobre o qual seria, talvez, projetada também uma forma de pinça. Tinha havido um ensaio de fazer sozinha o contorno de sua mão, descoberto em seguida, ramificado sobre meu indicador em vaso comunicante com seu médio (fig. 13), ou seja, em minha pinça polegar-indicador.

Apareceu, em seguida, nos jogos de água, uma grande preocupação com a torneira, que ela envolvia em tecido dizendo “palhar”, deformação de “reparar”, o que eu demorei muito para compreender. Eu o interpretei, *primeiro, como pôr palha sobre a torneira exterior de uma casa antes dos frios intensos, mas não se tratava disso. Ela aquiesceu à palavra “reparar”*. Havia, assim, uma espécie de paralela entre a reparação do polegar na mão e a da torneira, que representava, então, o mamilo que nutria o bebê.

Ela extasiou-se, um dia, face à beleza do filtro de esgoto da pia: coroa de pequenos orifícios em torno de um parafuso central (fig. 14). Pararam os jogos aquáticos muito rapidamente após isso. Nas últimas vezes, ela fez turbilhões e ondas, mas pousou as mãos bem esparramadas em leque no fundo da pia. Eu poderia comentar, de várias modos, que o fundo estava bem aí, onde se podia pousar a mão inteira, reparada, mesmo tendo havido o turbilhão das raivas de bebê, onde se acreditara ter quebrado a torneira e o polegar.

Ela colocou, a seguir, o desenho das mãos em uma cena que me pareceu mais sexualizada: suprime o polegar em minha grande mão entrecruzada com as suas duas (fig. 15). Mas uma grande mão azul está intacta no verso da folha (fig. 16); paralelamente, ela representa uma cena de noite, em que devíamos dormir, eu na cadeira do





Geneviève Haag

pai, ela estendida sobre a mesa, o que me pareceu mais em relação com o desejo edípico e/ou o interdito do incesto.

A partir disso a teatralização complexificou-se; ela fez, perto das mãos, imitações de escrita, primeiro perto da minha, depois perto da sua e sobretudo do polegar, após entrecruzamentos variados de nossas duas mãos (fig. 17). Algumas semanas após, em um outro desenho, parece que a sobreposição de suas mãos “me arranca o polegar”. Ela diz ludicamente: “*Mas onde está o polegar*”? (fig. 18). As férias de fevereiro aproximam-se e, três dias depois, eu assinalo os dias restantes desenhando quatro círculos sobre uma folha, depois três círculos barrados designando ausência. Ela faz um belo leque de suas mãos esquerdas que parecem inflamar-se no cume (fig. 19). Depois ela “traduz” meu calendário desenhando uma mão laranja superposta, sobre o polegar e a articulação polegar-índice, de uma mão azul cujos três dedos médios estão barrados como cortados por uma escrita violeta (fig. 20); o polegar está intacto, mas não há mais o dedo mínimo.

Após isso e até a separação, ela abordou o tema do bebê (rival?): minha grande mão vermelha com um polegar muito alongado e um indicador em bola. Ela fala de bebê: dir-se-ia, na verdade, um bebê no côncavo de um polegar – berço, matriz atacada (ou fecundada?) por uma tira de mãozinhas pontudas dela mesma (fig. 21). Ao voltar, parece que ela reencontra sobretudo um grande sol de mãos (fig. 22), entre sua pequena mão esquerda e minha grande mão direita laranja, à qual ela acrescenta um dedo suplementar e cujo enorme polegar é sobreposto de dois dedos – seria um seio com dois mamilos? Ainda mais que, em paralelo, se encontram colocados dois pontos amarelos: dois olhos? Mas há superposição, em lápis cinza, de minha mão amputada do polegar entrecruzada com sua própria mão inteira, talvez hiperpenetrante: fantasia de um ataque destruidor que, assim mesmo, não destruíra a imagem solar superposta, aqui, a uma mão-seio?

Para resumir

Parece-me que reconhecemos nesse material, de desdobramento muito lento e secundariamente complexificado e mesclado de elementos de conflito edípico e de rivalidade fraternal, a elaboração desenhada desse teatro das mãos descrito em Carlos por E. Bick, mas dessa vez com as aventuras de uma tragédia precoce que arrancou as primeiras formações na medida de seu esboço: um olho predador, projeção provável de um desejo destrutivo intenso desencadeado por aventuras traumáticas que, nesse caso, levaram à retirada autística, torna-se responsável dessa supressão.

É interessante considerar que, entre as duas séries de desenhos de mãos, antes





que ela mesma seja capaz de desenhar seu contorno inteiro, ela trabalha no espelho a separação corporal com o estabelecimento de nossos dois corpos em junção assimétrica, fortemente cruzados, evocando a formação do eixo, recuperando a língua e a reparação do polegar/mamilo/torneira. O reencontro da ligação sonoro pré-natal parece ter sustentado bastante a nova qualidade penetrante/permutante dos olhares que permitem, em minha idéia, a restauração de todos esses elementos “medianos”, ditos também “fálicos”, da fileira “masculina”, esqueleto interno do eu córporo/psíquico - do qual se pode pensar, com numerosos psicanalistas, que dependerá a qualidade futura do superego.

Algumas interrogações metapsicológicas

Retomarei, primeiro, um aspecto desse material que permaneceu enigmático, reunindo outros materiais similares: o período do desenho dos pontos coloridos paralelo aos jogos de água. Maldavski, nos seus trabalhos sobre a linguagem do erotismo oral primário (1999, p.126-128), propõe que um estado muito primitivo da percepção seria de ordem punctiforme, unissensorial, os pontos encontrando-se aí suspensos em uma substância liquefeita ou etérea ou sonoro/musical, que assegura a coerência disso, a “essência” aparecendo como um mediador entre os líquidos e o espírito, forma muito primitiva de abstração. Eu me pergunto se os pontos sensoriais não podem ser aproximados dos pontos de realce, que formam, então, manchas coloridas, de reencontro emocional no sonoro, gustativo, visual: os pontos dos dois olhos, dos dois mamilos, o tátil, sobretudo o da extremidade da língua, da extremidade dos dedos (o dedilhar assinalado por D. Maldavski como pertencente à linguagem do erotismo oral primário). Notamos, aliás, no desenho da segunda menina, “pontos” colocados na extremidade dos dedos.

A motricidade, pelo viés da cinestesia, com a sensibilidade labiríntica, tem provavelmente um outro papel, organizador, primeiro, das ritmicidades, a relacionar, em outra corrente, pós-walloniana, aos trabalhos de A Bullinger (1996) sobre o estabelecimento da plataforma sensorio-tônica que seria a base de nossa estabilidade emocional. Mas também a relacionar com a imagem motriz, gestualizada ou alucinada, derivada dos movimentos pulsionais e afetivos que criam as formas basais, como exprimimos acima. Do lado psicanalítico, podemos ligar essa imagem motriz aos estudos de Anzieu (1985) sobre os significantes formais, bem como aos aprofundamentos mais recentes de Claude le Guen sobre as representações motrizes.

Parece-me que podemos também ir ao encontro, aqui, dos trabalhos de André Green sobre a representação do afeto e sua proposição de pensar “(...) *que a natureza*





Geneviève Haag

profunda do afeto é de ser um acontecimento psíquico ligado a um movimento à espera de uma forma". Não reencontramos lá, também, a importância da imagem motora enquanto representante da moção pulsional/afeto, que não somente seria, como propõe Green, "(...) *convite feito a formas a serem captadas pela pulsão por meio de seu representante/afeto*", mas participaria sine qua non na organização da percepção das formas, como já o sustentei em outros trabalhos, em apoio aos de F. Tustin quando tratou do mesmo assunto (Tustin, 1986). A formação das formas seria inicialmente essa geometria primitiva da qual falamos (ritmicidades, contorno, estrutura radial, eixos) projetada sobre o corpo, a arquitetura e os objetos e que permitem sua própria objetualização.

A fim de prosseguir no aprofundamento desse ponto metapsicológico da articulação afeto/percepção/representação, sobre o qual diversos autores estão pesquisando, sobretudo, na França, César e Sara Botella (2001) em seu notável trabalho a respeito da figurabilidade, temos todo o interesse em continuar, como nos convida E. Bick, a observação atenta "dessas muito finas atividades" cuja "importância vital" ela sublinha, pois vemos que abrem para os fundamentos da psique, que se organiza na representação, de início concreta (J. Gammil*) desses primeiros laços identificatórios.

Penso que nos resta muito a aprender com o estudo desse "teatro das mãos". □

Summary

In this article, the author aims at considering the perception and visual contemplation of the hand by a newborn infant as being linked to the representation of a primary object comprising continence and its internal skeleton. Then, the hand would be one of the earliest radial forms of continence, which has already been discussed by the author. By the way, the interconnections developed between the hands, during the same period, seem to be part of and witness of the construction of such representations in identification games ranging from the adhesive register to the projective register. In support of the observations and considerations made by Ester Bick, in her article concerning the observation of breast-fed infants, already toward that sense, and of the author's own works on intra-corporeal identifications, she relates clinical materials drawn from the psycho-analytic treatment of two girls who have emerged

* J. Gammill propõe esta concepção, devida a H. Searles, a meio caminho (em relação à simbolização), na qual ao menos uma ligação sensorial deverá ser mantida (M. Haag, 2002, p.269).





from autistic defences and who place the same problematics into “having one draw” or drawing the outline of their hands in several configurations.

Resumen

En este artículo, la autora se propone considerar la percepción y contemplación visual del bebé en los primeros meses de vida, de su propia mano, como relacionadas a la representación de un objeto primario comprendiendo la continencia y su esqueleto interno. La mano se confirma, así, como una de las primeras formas radiales de continencia, ya previamente trabajadas por la autora. De otro modo, las interconexiones desarrolladas entre las manos, en ese mismo período, parecen participar de ella y testimoniar la construcción de esta representación en juegos identificatorios que van del registro adhesivo al registro proyectivo. En apoyo a las observaciones y consideraciones de Esther Bick, en su artículo princeps concerniente a la observación de lactantes, que ya se orientan en ese sentido, y sobre los propios trabajos de la autora concernientes a las identificaciones intracorporales, se relatan materiales clínicos retirados del tratamiento psicoanalítico de dos niñas que emergen de defensas autísticas y que muestran esas mismas problemáticas en el “hacer dibujar” o dibujar el contorno de sus manos en varias configuraciones.

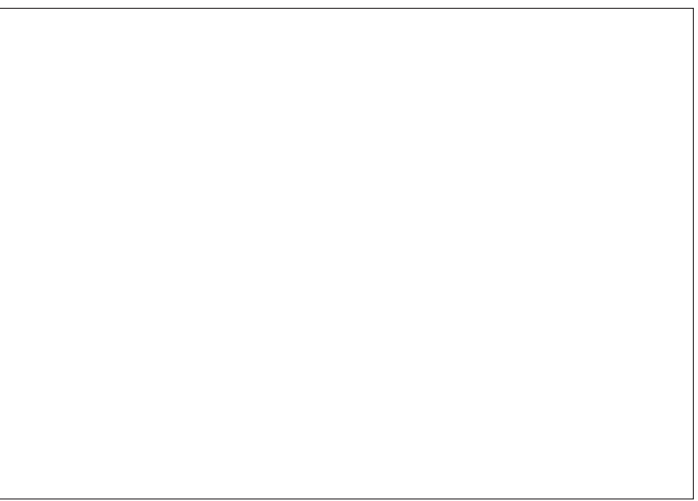
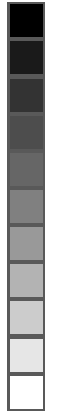


Fig. 1

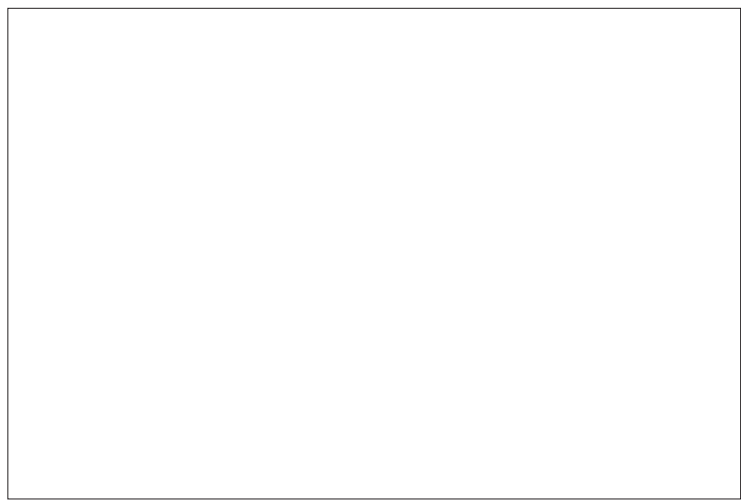


Fig. 2

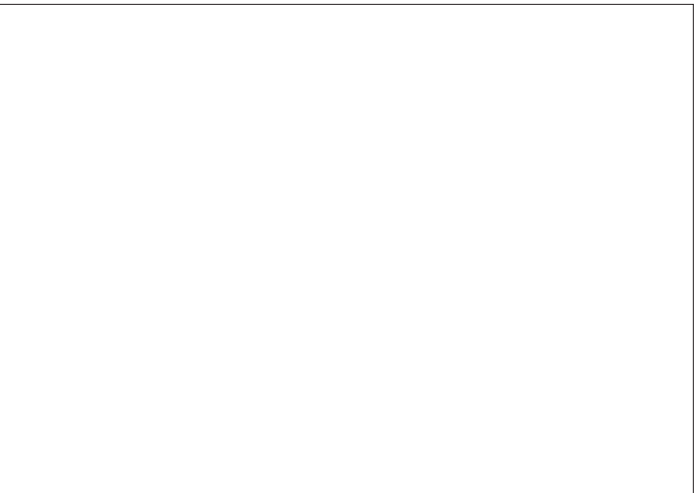


Fig. 3

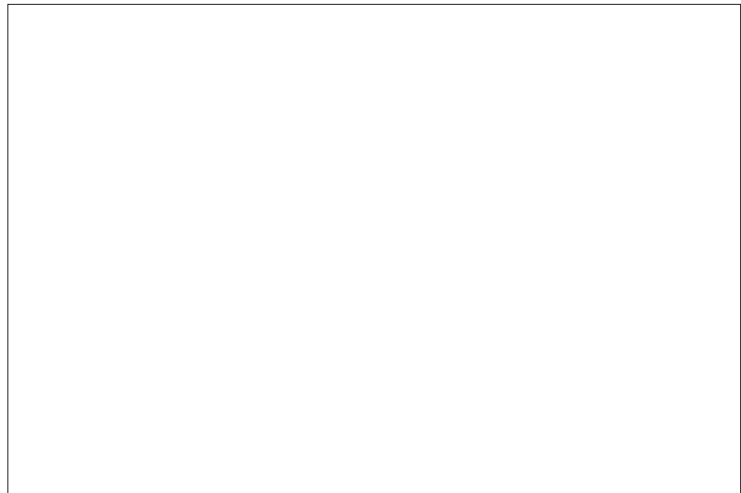


Fig. 3bis





Fig. 4



Fig. 5

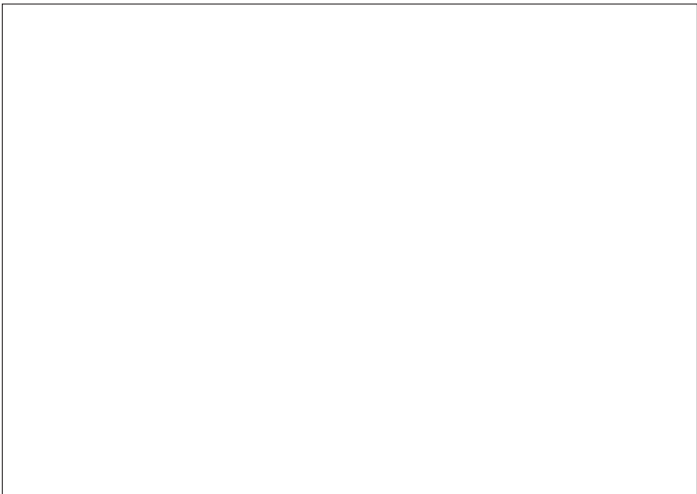


Fig. 6

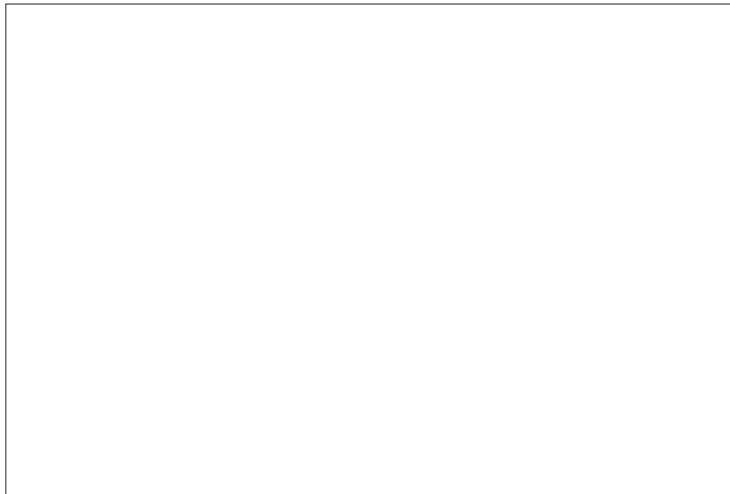


Fig. 7



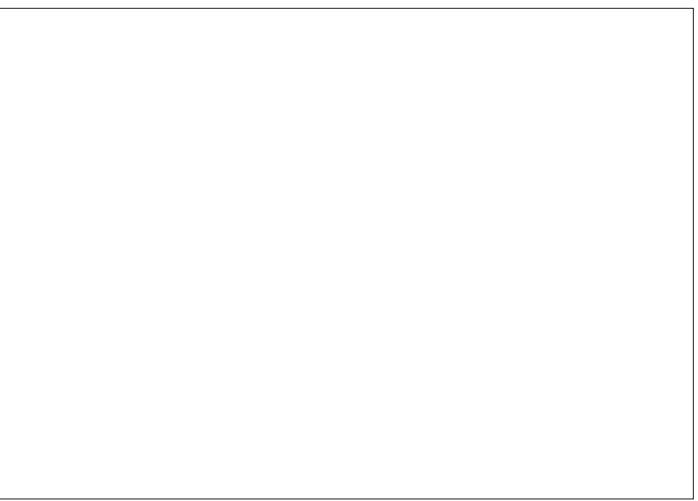
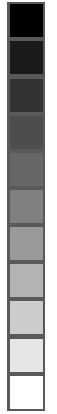


Fig. 8

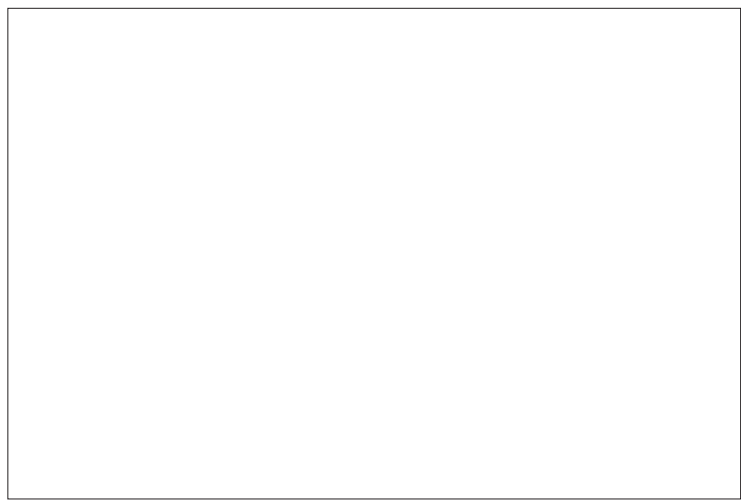


Fig. 10

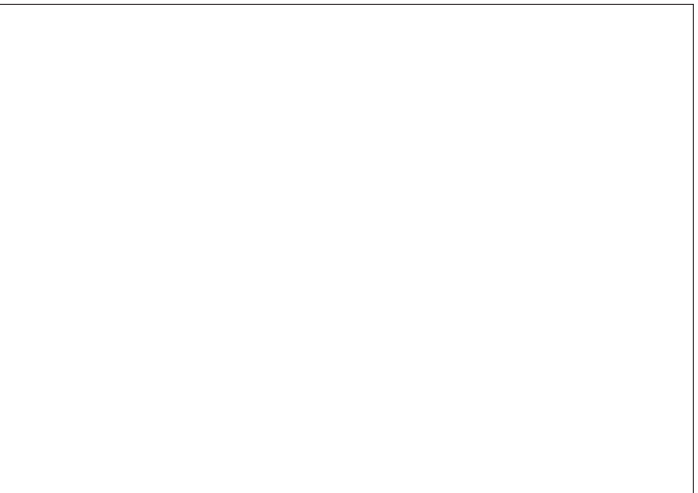


Fig. 11

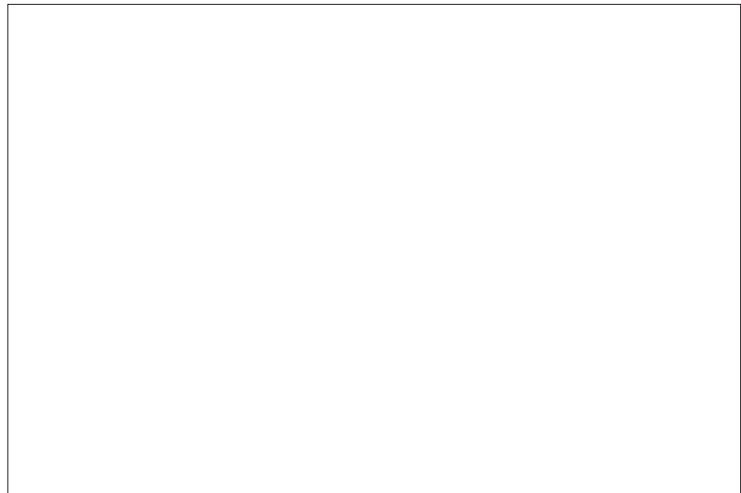


Fig. 12



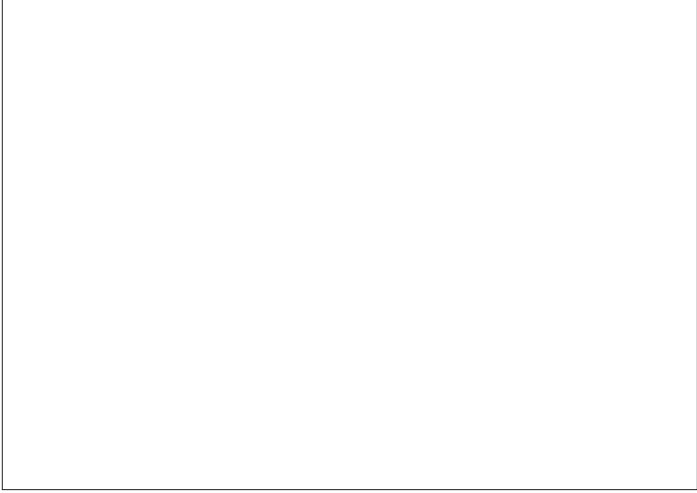


Fig. 13

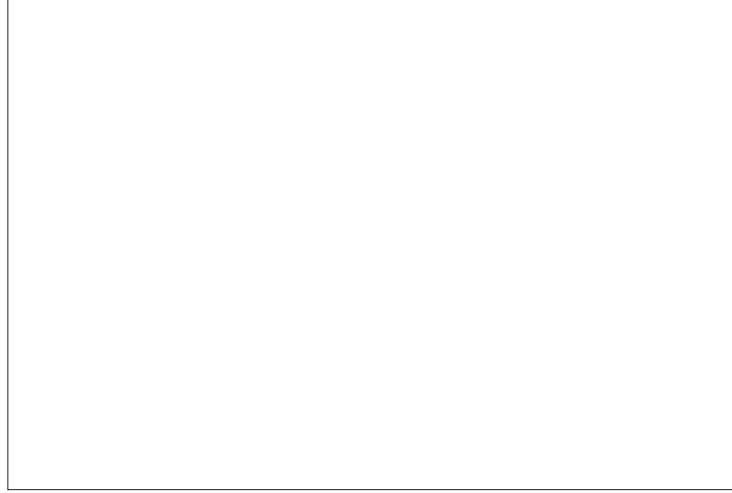


Fig. 14

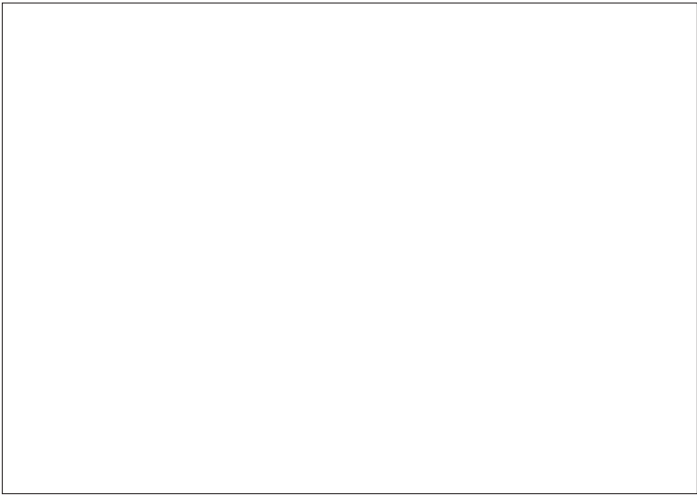


Fig. 15

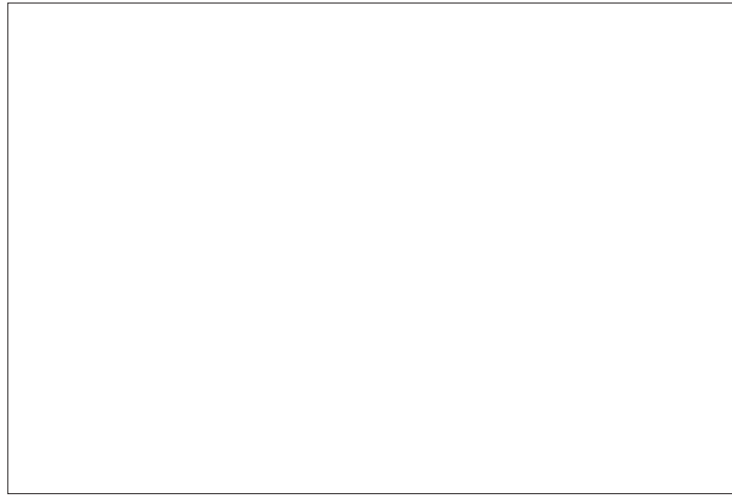
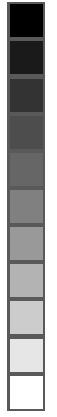


Fig. 16



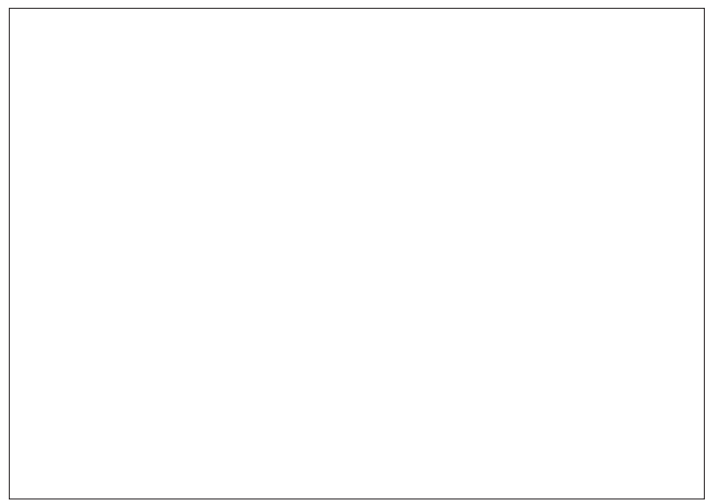
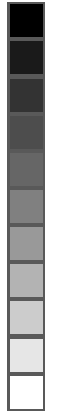


Fig. 17

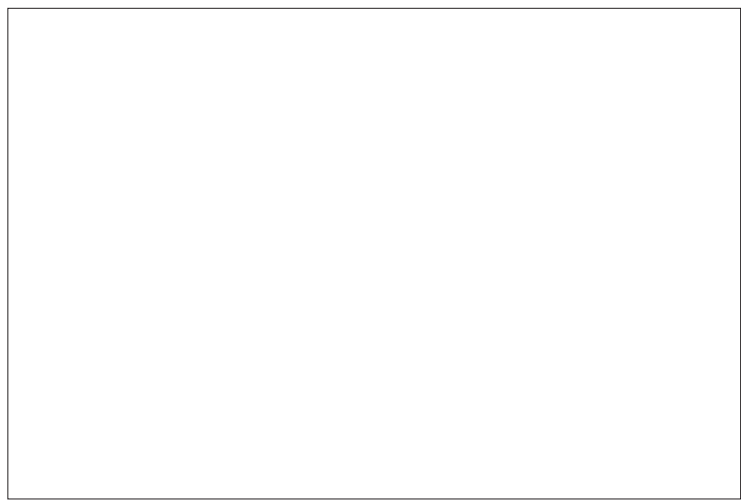


Fig. 18

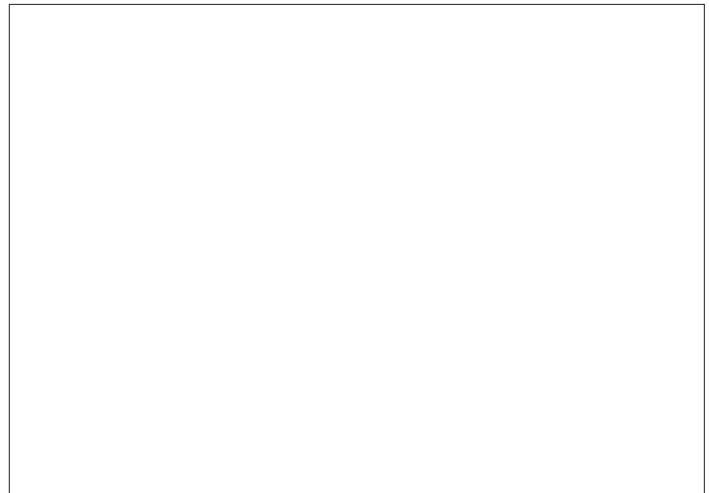


Fig. 19

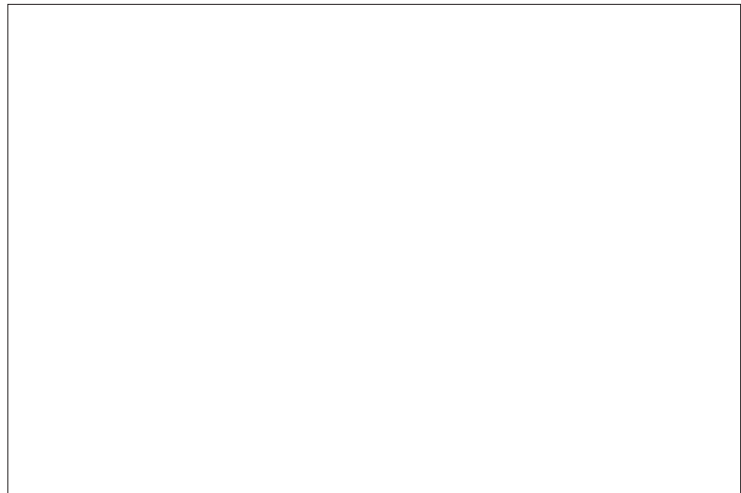


Fig. 20

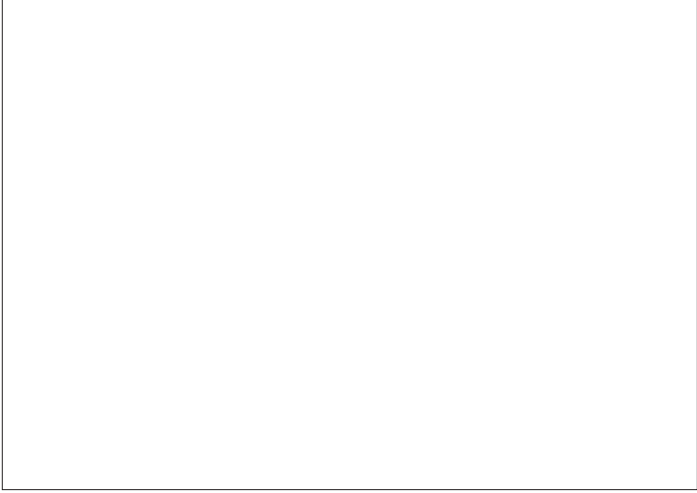
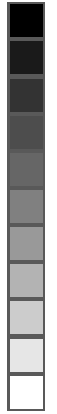


Fig. 21

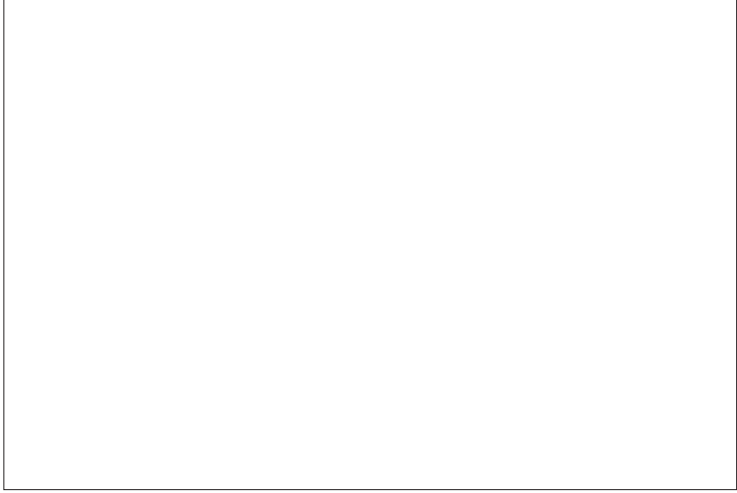


Fig. 22



Geneviève Haag

Referências

- ANZIEU, D. *Le moi-peau*. Paris: Dunod, 1985.
- BICK, E. Notes on infant observation in psycho-analytic training. *J. Psychoanal.*, v. 45, p. 558-566, 1964.
- BOTELLA, C. et al. *La figurabilité psychique*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 2001.
- BULLINGER, A. Le rôle des flux sensoriels dans le développement tonicopostural du nourrisson, *Motricité cérébrale*, v. 17, p. 21-32.
- DENIS, P. Emprise et théorie des pulsions. *Rev. Franç. Psychanal.*, v. 56, n. 5, p. 1297-1422, 1992.
- GREEN, A. (1977). La projection: de l'identification projective au projet. In: *La Folie Privée*. Paris: Gallimard, 1990.
- HAAG, G. La mère et le bébé dans les deux moitiés du corps. *Neuropsychiatrie de l'enfance*, v. 33, n. 2/3, p. 107-114, 1985.
- . Réflexions sur quelques jonctions psycho-toniques et psycho-motrices dans la première année de la vie. *Neuropsychiatrie de l'enfance*, v. 36, n. 1, p. 1-8, 1988.
- . Approche psychanalytique de l'autisme et des psychoses de l'enfant. In: MAZET, P.; LEBOVICI, S. (ed.). *Autisme et psychoses de l'enfant*. Paris, 1990. p. 143-155.
- . Hypothèses d'une structure radiare de contenance et ses transformations. In: ANZIEU, D.; BOUBLI, M.; LASSEGUE, J.; LAVALLE, G.; TISSERON, S. *Les contenants de pensée*. Paris: Dunod, 1993a. p. 41-59.
- . Le identificazioni precoci nella formazione dell'io corporeo. *Contrapunto*, v. 13, p. 34-45, 1993b.
- . Rencontres avec Francès Tustin. In: PERRON, R.; RIBAS, D. (ed.). *Autismes de l'enfance, monographie de la Revue Française de Psychanalyse*. Paris, 1994a. p. 69-90.
- . Aux source de la vie. Le langage préverbal et l'émergence des représentations du corps en situation psychanalytique individuelle ou groupale avec des enfants autistes. *Dialogue*, v. 123, p. 40-58, 1994b.
- . Contribución a la comprensión de las identificaciones en juego en el yo corporal. *Revista de Psicoanálisis*, v. 50, n. 1, p. 85-102, 1994c.
- . La constitution du fond dans l'expression plastique en psychanalyse de l'enfant. Sa signification dans la construction de la psyché. In: DECOBERT, S.; SACCO, F. (ed.). *Le dessin dans le travail psychanalytique avec l'enfant*. Toulouse: Erès, 1994d. p. 63-87.
- . Entre figure et fond: quelques aspects de la symbolique dans l'organisation du dessin des enfants de 2 à 6 ans. In: ANZIEU, A. et al. *Le dessin de l'enfant*. Paris: La Pensée Sauvage, 1996. p. 149-172.
- . Réflexion sur une forme de symbolisation primaire dans la constitution du moi corporel et les représentations spatiales, géométriques et architecturales corollaires. In: CHOUVIER, B. (Ed.). *Matières à symbolisations*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 2000. p. 75-88.
- HAAG, M. *A propos et à partir de l'oeuvre et de la personne d'Esther Bick*. Paris: autoédition, 2002.
- MAIELLO, S. L'Oracolo: un'esplorazione alle radici della memoria auditiva. *Analysis, Rivista Internazionale di Psicoterapia Clinica*, v. 2, n. 3, p. 245-268, 1991.
- MALDAVSKY, D. *Lenguajes del erotismo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- MELTZER, D. Concerning the perception of one's own attributes and its relations to language development (with E. Cohen). In: *Studies in extended metapsychology*. Perthshire: Clunie Press, 1986.
- TREVARTHEN, C. Les relations entre autisme et le développement socioculturel normal: arguments en faveur d'un trouble primaire de la régulation du développement cognitif par les émotions. In: LE-





O teatro das mãos

LORD G.; MUH, J.P.; PETIT, M.; SAUVAGE, D. (ED.). *Autismes et troubles du développement global de l'enfant*. Paris: Expansion Scientifique Française, 1989, p. 56-80.
TUSTIN, F. *Autistic barriers in nevrotic patients*. London: Karnac, 1986.

Recebido em 20/11/2002

Aceito em 11/12/2002

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**
Revisão técnica de **Geneviève Haag** e **Luciane Falcão**

Geneviève Haag
18, Rue Émile Duclaux
75015 – Paris – França

© Revista de Psicanálise – SPPA



Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003 □ 29





Atenção montador
a página **30** é branca





Criando vínculos – Um diálogo entre a filosofia social e a teoria das relações de objeto*

*Emilia Steurman***, Londres

Este texto procura estabelecer um diálogo entre psicanálise e filosofia, mais precisamente entre a teoria kleiniana de relações de objeto e a filosofia social e política de Habermas. A teoria kleiniana mostra como nossas identidades se formam a partir de projecções e introjeções nas nossas relações com os outros, marcadas pelo amor e pelo ódio, pela culpa e pelo desejo de reparação. A teoria do discurso habermasiano mostra como a comunicação antecipa um ideal ético que obriga o reconhecimento do outro como um parceiro em situação de igualdade. O diálogo entre essas duas correntes aponta para a possibilidade de uma reflexão ou interpretação (a “terceira posição” de Ronald Britton ou a crítica da linguagem privada de Wittgenstein) que não é nem objetivista nem subjetivista.

* Este artigo foi apresentado no encontro da Seção Aplicada da Sociedade Psicanalítica Britânica em 27 de junho de 2001.

** Ph D pela Universidade de Londres. Professora de filosofia no Departamento de Ciências Humanas da Brunel University, Londres.





Quando eu comecei a lecionar filosofia na Universidade Católica, no Brasil, costumava iniciar minhas aulas com uma história de J. L. Borges, que é, para mim, uma ilustração clássica da questão central da filosofia no século XX. Usei essa história na Introdução de meu livro sobre Habermas e Melaine Klein e espero que não se importem se a usar novamente esta noite. Um rei (provavelmente um rei filósofo, dentro da tradição da filosofia ocidental) pediu ao cartógrafo real que desenhasse um mapa completo de seus domínios, mas exigiu uma réplica precisa da realidade. O cartógrafo ficou extremamente ansioso, pois rapidamente percebeu que, embora o rei tivesse lhe concedido fundos ilimitados, não poderia realizar a tarefa ainda que houvesse “mundo e tempo suficientes”¹. Na verdade, deu-se conta de que não poderia desenhar um mapa que representasse ele mesmo desenhando esse mapa. De fato, no momento em que tentasse se incluir como parte do mapa (ou seja, ele mesmo como um objeto na realidade), não poderia mais representar-se como autor do mapa (o que chamamos em filosofia de “sujeito do discurso”). Esta dualidade da natureza humana como objeto empírico no mundo da natureza e como sujeito no domínio humano não pode ser reproduzida em um “mapa” objetivo. Se estou bem lembrada, ao enfrentar este dilema, o cartógrafo realizou, com intenso horror, que, na verdade, ele já fazia parte do mapa, uma figura desenhada tentando desenhar um mapa.

Este é o desafio da filosofia contemporânea, ou seja, o reconhecimento de que a idéia de conhecimento como correspondência ou descrição da realidade é possível apenas a partir do ponto de vista do sujeito, ou, em outras palavras, não há uma posição privilegiada, seja ela científica ou não, a partir da qual possamos olhar a realidade sem imprimir nela nossa própria perspectiva. Portanto, o sonho cartesiano de descobrir, como Arquimedes, um ponto sobre o qual poderíamos construir o edifício do conhecimento e da certeza, foi destruído pela nossa compreensão do papel do autor do mapa e das distorções necessariamente causadas por sua perspectiva. Contudo, a história da filosofia, assim como a história de Borges, não termina aqui.

Na verdade, a idéia mais importante da filosofia do século XX, poder-se-ia até mesmo chamá-la da revolução dentro da filosofia, surgiu com a compreensão de que estamos “desde sempre” no mundo (ou no mapa), figuras desenhadas tentando sair desse mundo e criar conhecimento (ou desenhar um mapa) delas mesmas nessa situação. Aqueles entre vocês que estão mais familiarizados com o jargão filosófico certamente reconheceram as famosas palavras de Heidegger, a expressão “desde sempre”. A contribuição fundamental de Heidegger para a filosofia foi sua ênfase neste horizonte de experiência vivida, o *Lebenswelt*, que necessariamente precede o mundo do

1. Referência ao famoso poema de Andrew Marvell, “To His Coy Mistress”. (N. do T.)





conhecimento. Segundo ele, para que os sujeitos produzam conhecimento ou desenhem mapas do mundo, é necessário um já estar no mundo. Nós estamos desde sempre dentro de uma rede de relações humanas e esses frágeis laços que nos unem, temporariamente, uns aos outros, geram, naturalmente, profundos sentimentos de ansiedade e pavor que nos oprimem e que procuramos compreender. O conhecimento ou a representação desse mundo é uma maneira possível de se lidar com esse pavor, na medida em que visa ao controle e ao domínio do meio ambiente. Contudo, tal atividade é somente uma das soluções possíveis e ela depende do *background* anterior de experiências compartilhadas que nunca serão completamente exauridas por este tipo de investigação científica. Assim, a idéia da ciência como o único caminho para a verdade e da filosofia como sendo a disciplina que fornece a base e os critérios seguros para o conhecimento científico foi questionada, dando origem a um novo tipo de filosofia hermenêutica da ciência que revela a constelação de crenças, valores e técnicas compartilhadas por uma comunidade científica, necessária para a produção de conhecimento científico.

Essa crítica do conhecimento e da filosofia pode parecer muito radical ou muito francesa ou alemã para alguns de vocês e certamente ela tem uma forte presença nos departamentos de filosofia destes países. No entanto, esta “revolução” à qual me refiro, ou seja, esta mudança de ênfase, do conhecimento e da necessidade de bases e critérios seguros para o conhecimento, para o mundo de experiências vividas significativas que não necessita de fundamento ou base, foi chamada, pelo filósofo americano Richard Rorty de “virada lingüística” na filosofia. Seu expoente mais notável foi Ludwig Wittgenstein, que se mudou para Cambridge depois da I Guerra Mundial e teve um profundo impacto na filosofia de língua inglesa.

Wittgenstein (1974) mostrou que a linguagem não é meramente um meio para o conhecimento, um instrumento que usamos para classificar, descrever e representar a realidade. Segundo ele, até mesmo a descrição ou o relato de como as coisas são é, para usar sua terminologia, um “jogo de linguagem” possível, ou seja, uma interação significativa que envolve mais do que as palavras e as coisas (linguagem e realidade), na medida em que se enraíza nas maneiras como convivemos e como lidamos com as coisas: o que Wittgenstein chamou de “formas de vida”, ou seja, um mundo complexo de práticas, costumes, usos e instituições lingüísticos. A linguagem, portanto, não é apenas a representação da realidade; a linguagem revela a experiência muito mais rica e profunda da intersubjetividade, as maneiras nas quais e através das quais estamos ligados uns aos outros. A virada lingüística é o reconhecimento desta inter-relação fundamental entre sujeitos comunicativos que se envolvem com outros e, nesse processo, criam suas identidades e vários tipos de conhecimentos e habilidades.

Essa abordagem anuncia, portanto, o fim do sujeito como fundamento do dis-





curso, a morte do filósofo cartesiano, que se isolava em um cômodo para obter conhecimento e certeza. Para Wittgenstein, não há linguagem privada e, portanto, não há sujeito isolado, existem relações e práticas complexas que criam idéias tais como a de um Robinson Crusoe da linguagem. Mesmo sozinhos, ainda estamos em relação com os outros e com nós mesmos, como leitores e platéias potenciais, e não abandonamos jamais nosso passado, nossa tradição e nossa cultura. “Fechar a porta para o mundo” é uma artimanha possível na linguagem, um movimento que tem um significado num mundo lingüístico.

Para Wittgenstein, a linguagem sempre envolve, *no mínimo*, dois sujeitos: o remetente e o destinatário, de modo que há sempre uma comunicação e, portanto, uma relação com um outro. Na verdade, seu argumento revela como essa relação implica também na existência de um mundo que ultrapassa o contexto imediato do falante e do destinatário. Assim, o significado sempre está aberto a uma nova interpretação. Podemos repensar o que estamos dizendo e fazendo a partir de uma perspectiva diferente. A linguagem é falada dentro de um mundo e o reconhecimento deste mundo implica em que nossa interação pode ser analisada a partir de uma posição diferente da do falante-ouvinte.

Pretendo aqui estabelecer alguns paralelos entre essa virada lingüística na filosofia e o que considero como uma “virada” similar na psicanálise, produzida pela ênfase concedida à teoria das relações de objeto nas nossas relações com os outros. Para mim, a relevância deste paralelo consiste no fato de como ele nos obriga a examinar questões éticas em termos filosóficos e psicanalíticos, e, como sabemos, as questões éticas, em nossas sociedades tecnológicas modernas, têm sido geralmente ofuscadas por questões de eficiência e produtividade, com conseqüências danosas para nossa compreensão dessas disciplinas. Em nosso mundo de recursos escassos e competição econômica, nos vemos, às vezes, tentados a provar que somos a mais “científica” ou a mais “eficiente” das disciplinas. Ao fazer isso, reduzimos a riqueza da textura dos significados e interpretações que tanto a filosofia quanto a psicanálise podem produzir a um sistema de operações quantificáveis. Essa redução empobrece o mundo da vida e de nossas experiências como seres humanos. Retorno, então, ao paralelo entre a virada lingüística na filosofia e a teoria das relações do objeto para desenvolver esta idéia da primazia do mundo ético.

Houve, na psicanálise, uma “virada” similar, que abandonou a idéia do indivíduo e desenvolveu uma compreensão de nossas relações com os outros e de como elas criam nossas identidades e a dos outros. Houve uma passagem de uma teoria das pulsões, essencialmente econômica e que, em certo sentido, ainda privilegiava a idéia de um indivíduo isolado, encarando o duplo desafio do prazer e da realidade, para uma teoria que enfatiza os objetos dessas pulsões. O segundo modelo da mente de





Freud transferiu a ênfase do aspecto biológico da pulsão para as representações mentais ou fantasias que criam objetos para sua satisfação. Isso favoreceu a criação de um modelo mais dinâmico no qual o ego, para citar Laplanche e Pontalis (1980), era:

“(...) uma formação interna que tem a sua origem em certas percepções privilegiadas que provêm não do mundo externo em geral, mas especificamente do mundo interhumano.”²

Além disso, seus últimos escritos sugerem que o conflito inerente da condição humana deve ser entendido em termos de uma batalha entre vida e morte, em vez da simples oposição entre prazer e realidade. Essa compreensão do dilema humano está muito mais próxima dos questionamentos filosóficos do que das medições científicas. Embora isso tenha sido, para alguns, uma perda, para outros essa passagem permitiu o destaque do significado e das interpretações da vida mental. Inevitavelmente, essa mudança alterou a definição do que uma ciência da mente deveria ser, abrindo, assim, as portas para a superação da abordagem cientificista do projeto inicial de Freud, baseada em uma idéia bastante forte de indivíduo.

Contudo, foi o trabalho de Melaine Klein e seus seguidores que demarcou um momento crucial na literatura, devido ao relevo que deu à relacionalidade da vida mental desde seus primórdios, a partir do bebê no seio e, na verdade, como é demonstrado recentemente, até mesmo na vida intra-uterina (Piontelli, 1992). Sua compreensão de formas bem primitivas de comunicação (os mecanismos de projeção e identificação), assim como os desenvolvimentos da técnica em termos de análise da contratransferência, enfatizam a inter-relação fundamental da vida mental, até mesmo (ou especialmente) nos recônditos mais íntimos de nossas defesas mentais. De fato, os kleinianos e pós-kleinianos são famosos pela extensão da idéia de análise e interpretação ao que previamente era considerado como fora de seu alcance: a criança e a psicose. Em ambos os casos, a idéia anterior era de que, com crianças e psicóticos, a comunicação não era realmente significativa, tanto devido ao fato de bebês e crianças pequenas não possuírem ainda maturidade suficiente de seu aparato mental para lidar com interpretações, como porque os psicóticos possuíam algum dano orgânico que afetava sua capacidade de comunicação com significado. Klein e seus seguidores discordaram dessa abordagem, ao reafirmarem que a vida mental é, fundamentalmente, um relacionamento e, conseqüentemente, que possui um significado, até mesmo nas suas formas mais primitivas e patológicas.

2. Mudei a tradução, mas chequei também a tradução em português. Na edição inglesa, a citação está no verbete Ego, nas pgs 141-2. O meu ponto é que o mundo interno é uma internalização de um mundo “interhumano”. (N. do A.)





Para Klein, o bebê no seio é um ser que se comunica e interage com os outros, ou com partes dos outros, e essa interação tem um significado. Essa visão levou-a a uma compreensão do complexo de Édipo como situado, de forma primitiva, em uma data anterior àquela estabelecida por Freud. As crianças se debatem com superegos extremamente cruéis e poderosos e, portanto, o mundo delas (e do bebê) é um mundo moral, embora primitivo. A teoria freudiana de um narcisismo primário, que pressupõe, de certa forma, uma idéia forte de indivíduo como ponto de partida, foi, assim, questionada. Ao admitirmos que, desde o início da vida, estamos em relação com outros, reconhecemos que estas relações implicam em uma dimensão intrinsecamente moral, já que admitimos a existência de nossa inter-relação fundamental, e, portanto, que compartilhamos valores e experimentamos sentimentos morais. Essa passagem, de um sentido de individualidade para o mundo das interações que criam tais identidades, pode então ser comparada à virada lingüística na filosofia.

O reconhecimento de nossa dimensão lingüística ou hermenêutica produziu, na filosofia, uma crítica feroz ao cientificismo. Por cientificismo entendo uma redução do significado aos processos tecnológico-científicos que visam a objetivar a realidade com o propósito de dominar e controlar. A ênfase na comunicação e no diálogo ressalta o significado e a interpretação e desperta um renascimento do interesse pelo mundo da ética. Essa preocupação com a ética reconhece a importância do mundo dos valores compartilhados por parceiros em diálogo, assim como abre a reflexão para os deveres e direitos implícitos em tal situação comunicativa. Contudo, essa “virada ética” produziu um novo conjunto de problemas.

Inspirado por Wittgenstein, Peter Winch (1970) escreveu um famoso artigo que captou, de forma marcante, essa crítica ao cientificismo, criando assim o espaço para uma reflexão que reconhece as diferenças de outras culturas. Em vez de usar categorias científicas como se estas fossem padrões neutros, Winch reconheceu que sempre abordamos uma outra cultura a partir dos valores e preconceitos da nossa. No caso das sociedades ocidentais desenvolvidas, esses pré-conceitos constituem uma visão de mundo científica que desvaloriza outras culturas como “primitivas” ou “mágicas”, reforçando assim a visão que temos de nós mesmos como sendo uma cultura superior e “melhor”. Winch propôs então uma abordagem diferente. Ao invés de procurar padrões neutros de julgamento (científicos ou não), ele reconheceu o *background* inevitável de pré-conceitos a partir dos quais falamos e que possibilitam um diálogo com o outro parceiro, que é portador de concepções culturais diferentes. Portanto, em vez de nos distanciarmos do que desconhecemos como culturalmente inferior (caso, por exemplo, da prática aborígine de carregar um bastão como se ele personificasse uma alma), faríamos melhor lembrando-nos da maneira como os namorados, em nossa cultura, carregam uma fotografia ou uma mecha de cabelo de





seus amados e como sofrem quando perdem essas lembranças. Essa abordagem promove um melhor entendimento da prática aborígene e, ao mesmo tempo, sugere um novo olhar sobre nossas concepções e rituais no que diz respeito aos fatos universais do amor, da vida e da morte. Contrariamente ao modelo da filosofia tradicional, no qual o momento da verdade era representado pelo experimento científico em um ambiente controlado, a virada lingüística propõe, como momento de verdade, a conversação e o diálogo entre parceiros, ou seja, a abertura para diferentes *backgrounds* e horizontes, o que produz uma transformação de nós mesmos e do outro.

O problema dessa abordagem, contudo, é que, ao enfatizar as diferentes interpretações possíveis de nossas práticas lingüísticas, não podemos mais justificar uma interpretação como sendo melhor que outra. Em certo sentido, através da multiplicação das possíveis interpretações e do reconhecimento da diversidade de formas de vida, enfraquecemos e dificultamos a defesa das idéias de verdade, justiça e liberdade – as idéias centrais do projeto filosófico da modernidade –, já que podemos demonstrar o quanto elas significam coisas diferentes para pessoas diferentes. Essa crítica do projeto filosófico da modernidade tornou-se conhecida como pós-modernismo, um movimento que alega que todas as histórias são apenas histórias possíveis e que não possuímos uma base válida para decidir entre teorias e histórias concorrentes. No entanto, quando tudo não passa de mais uma história, todas as histórias tornam-se a mesma, e acabamos negando a heterogeneidade que queríamos defender. Além disso, se todas as histórias são uma só, acabamos tendo de procurar determinações na natureza (genes ou QIs, por exemplo) como critérios para escolha. Este é um retorno a uma visão extremamente conservadora que exclui da natureza o domínio humano, negando o papel da cultura e aceitando a supremacia de uma visão de mundo tecnológica, que valoriza somente o domínio e o controle de processos objetivados. Voltamos, mais uma vez, a um mundo onde o que conta é o que “funciona”, ou seja, o que é financeiramente lucrativo e capaz de ser traduzido em termos de um conhecimento quantificável.

Uma das soluções para esse impasse procura fundamentar as interpretações na vida global da comunidade, mostrando que, embora a multiplicação de visões seja uma possibilidade, deve haver uma consistência e continuidade na vida como um todo da comunidade que a interpretação tem de seguir. Contudo, quem gostaria de defender o Holocausto com base em sua conformidade com os valores dos nazistas? Na verdade, gostaríamos que o pensamento e a reflexão filosófica desenvolvessem uma capacidade crítica e uma compreensão que não fossem necessariamente um reflexo da comunidade à qual pertencem. A tolerância previamente vislumbrada através da idéia de conversação pode tornar-se uma falta de visão crítica perigosa. Parece, de certa forma, absurdo que o reconhecimento de nossa intersubjetividade condu-





Emilia Steuerman

za, por fim, a uma negação da possibilidade de criar uma compreensão do mundo ético ou uma defesa dos valores de justiça e liberdade. O reconhecimento dos diferentes *backgrounds* culturais e da heterogeneidade dos jogos lingüísticos exige uma posição moral universalista que respeite essas diferenças e decida entre questões morais contraditórias. Sem isso, desaparece a idéia de um mundo onde as diferenças são aceitas.

Alguns filósofos, dentre eles Habermas (1992), tentaram reavivar o projeto de modernidade em nome da crítica. A idéia de crítica, central para o projeto de modernidade, pertence à tradição do Iluminismo. Inspira-se na filosofia kantiana e procura encontrar na razão, e somente nela, a idéia de justiça e do que é moralmente correto. Essa abordagem propõe um ideal de razão independente dos interesses, valores ou conceitos particulares. Portanto, em vez de procurar justificar uma escolha particular com base em valores e objetivos de determinada comunidade, essa abordagem procura justificar a escolha em termos universais e racionais. Em outras palavras, o que torna uma escolha moral válida é sua universalidade, garantida pelo uso de procedimentos formais e racionais. O objetivo aqui consiste precisamente em abandonar qualquer concepção particular do bem – já que elas estariam comprometidas com os interesses de uma comunidade, grupo ou indivíduo – e procurar estabelecer uma noção mais universal de justiça, o que é certo para todos, independentemente de interesses individuais. O imperativo categórico kantiano é a exigência de fundamentar normas morais em uma idéia universal e não em necessidades individuais.

Contudo, o problema da filosofia kantiana é justamente o grau de abstração de sua teoria, ou seja, sua recusa em situar o sujeito em um mundo de valores e necessidades que dá origem aos problemas morais. Para evitar esse problema, Habermas propôs retomar o projeto kantiano através da reinterpretação do sujeito da teoria moral em termos lingüísticos intersubjetivos. E é justamente na linguagem – expressão da intersubjetividade – que Habermas procura as normas para a crítica. Ao lembrar que todos falamos, Habermas argumenta que todos compartilhamos um ideal de comunicação como uma comunicação verdadeira de determinado conteúdo, seguindo as normas sociais apropriadas e procurando nos fazer entender. Isso não significa que, sempre que falamos, estejamos dizendo a verdade de maneira correta e verdadeira. Contudo, Habermas argumenta que, já que falamos, compartilhamos também, independentemente de nossas culturas específicas, um ideal de verdade, correção moral e veracidade, ancorado em nosso desejo de comunicar e sermos entendidos. Esse ideal é um ideal contrafactual, ou seja, nunca é uma realidade empírica. Ainda assim, enquanto ideal, cria a possibilidade de recorrermos a razões para alcançar um consenso. Essa abertura da linguagem para o discurso, considerado como uma forma de argumentação racional entre parceiros, oferece, para Habermas, um critério para a





defesa da verdade, justiça e liberdade como idéias universais.

A maioria dos projetos éticos racionalistas erra ao tomar como ponto de partida o sujeito isolado, generalizando, a seguir, para todos os outros sujeitos. Habermas oferece uma alternativa, ao mostrar que, enquanto *parceiros* na comunicação, estamos cientes de que as normas morais exigem o reconhecimento de todos os participantes, já que elas aspiram à condição de normas morais. Esse reconhecimento tem que ser produzido em uma situação de comunicação entre parceiros que buscam um consenso. Não se trata mais da universalização de um sujeito isolado procurando prescrever para todos em nome de todos; temos agora um teste de discurso entre parceiros na comunicação, para decidir *o que poderia ser aceito por todos como sendo uma norma moral*. Para atingir tal consenso, temos de utilizar um ideal de comunicação que pressupõe uma simetria de papéis e oportunidades iguais para todos os parceiros possíveis.

O projeto de Habermas é, a meu ver, o mais interessante na teoria social contemporânea, porque consegue resgatar a universalidade das idéias de verdade e liberdade, ao mesmo tempo que reconhece que são parte de um mundo de valores e experiências vividas. Mas, ao defender o ideal de discurso como uma argumentação racional que segue um ideal de igualdade e simetria, Habermas acaba fracassando. Ao promover o ideal de comunicação como uma situação de igualdade, Habermas, mais uma vez, priva os participantes da riqueza real de sentimentos, emoções e necessidades conflitantes, desiguais e diversos, que criam os problemas responsáveis por escolhas e deveres morais. Esse ideal de simetria e igualdade pertence ao modelo tradicional da teoria moral e social. Ele ressalta a dimensão moral de justiça e direitos em sociedade, mas não aborda a outra dimensão, também fundamentalmente moral, de responsabilidade e cuidado (care) para com os outros. Esse ponto foi levantado por feministas, tais como Seyla Benhabib (1992), que mostrou como, tradicionalmente, o discurso da teoria moral privilegiou um sujeito generalizado e despersonalizado, excluindo efetivamente do domínio moral as questões *universais* de laços familiares, amor, sexo e morte, consideradas questões femininas, dependentes de uma decisão pessoal. As narrativas pessoais das inter-relações, assim como os sentimentos de empatia e compaixão associados a experiências pessoais concretas ficam relegadas ao domínio feminino doméstico. Se considerarmos a idéia de justiça e igualdade nesses termos, veremos que as teorias sociais tradicionais, independentemente de seus matizes políticos, promovem uma idéia de igualdade que é fundamentalmente desigual, já que exclui o “feminino”, ou seja, exclui o que é personificado e concreto, ao propor um “eu” generalizado. No caso de Habermas, esse ideal de igualdade impede que ele imagine um parceiro de comunicação diferente dele mesmo. Em vez de desenvolver a idéia radical de diálogo e conversação, que reconhece a diferença do





Emilia Steuerman

outro parceiro, Habermas permanece preso aos confins da racionalidade monológica kantiana, que vê no outro um reflexo de si mesmo.

A psicanálise tem importantes contribuições para o desenvolvimento de uma teoria moral racional. A mais importante delas, a meu ver, é a relevância que concede a um modelo radicalmente diferente de comunicação, simbolizado pelo bebê no seio. Este modelo enfatiza a assimetria e desigualdade dos parceiros na comunicação, assim como os sentimentos conflitantes que evoca. Aqui, o que se procura não é uma igualdade na verdade impossível, mas o reconhecimento de diferenças para finalmente se alcançar autonomia. Contudo, essa autonomia, já que surge do reconhecimento de nossos laços de dependência dos outros, não pode ser dissociada da responsabilidade e do cuidado em relação ao mundo dos outros ao qual pertencemos.

De acordo com Klein, existem dois modos, ou duas posições, através das quais vivemos essas relações. Na posição paranóide-esquizóide, odiamos o que nos frustra, dividimos as partes do eu ligadas ao objeto odiado e as projetamos para fora de nós mesmos. Tememos então a retaliação do objeto atacado, gerando novas divisões e projeções. Não somos capazes de ver o objeto que amamos como um objeto independente de nós. Amamos aquilo que nos faz sentir bem e queremos absorver e incorporar aquilo que cria os bons sentimentos. Nessa forma de amor, não há afeição ou reconhecimento do outro.

Essa forma de perceber nossos objetos não é uma posição que está fora do domínio moral. Fred Alford (1989) mostrou o quanto nosso mundo é fundamentalmente *moral*, governado por uma lei de retaliação extremamente rigorosa que exige olho por olho e dente por dente. Neste mundo, não há reconhecimento do que foi feito e, portanto, não há possibilidade de reparação. Em outras palavras, não existe a possibilidade de recorrer a uma comunicação na qual um reconheceria o outro e se sentiria culpado pelo que teria feito; há somente punição e temores crescentes.

Na posição depressiva, há um movimento em direção ao reconhecimento do outro e a nossos ataques e desejos de destruir o que nos frustra. O amor aqui torna-se, nas palavras de Alford, “*caritas*”, um termo que possui maior riqueza de conotações do que “*Eros*”, já que ressalta “*o valor do objeto amado em vez da intensidade do desejo*”. Nesse sentido, amor é mais do que desejo; é também uma vontade de cuidar e amar, um reconhecimento do outro como sendo mais do que um objeto que queremos possuir e incorporar. Nessa posição, somos capazes de experimentar a culpa pelo que fizemos e sentimos, então, a depressão e a ansiedade que surgem do reconhecimento de nossa limitação e finitude. O importante, neste mundo moral, é a necessidade de reparar e restaurar, e a reparação depressiva difere da reparação maníaca precisamente pela nossa capacidade de reconhecer o dano causado e ver o outro como uma pessoa inteira, diferente de nós. A vontade de reduzir o outro a mim





revela minha dificuldade de reconhecer os vínculos que me unem aos outros, já que eles expõem minha dependência e finitude.

Vemos aqui a diferença do modelo habermasiano. Em vez de dois sujeitos iguais, autônomos e maduros que concordam sobre que valores morais ou ações são racionalmente aceitáveis, consideramos uma relação profundamente desigual de dependência que gera sentimentos extremamente fortes de amor e raiva no bebê (e na mãe). A luta aqui não é tanto pela igualdade que seria, nesse caso, interpretada como um disfarce para o narcisismo ou como uma negação da realidade. A dificuldade aqui é como reconhecer as diferenças, dados os sentimentos de raiva e frustração. Para os kleinianos, esse é um passo fundamental para a eventual constituição de nossas identidades enquanto parceiros de comunicação independentes, autônomos e iguais. Contudo, não é (somente) o ideal de igualdade que produz essa autonomia. A autonomia provém de nossa capacidade de reconhecermos nossa fragilidade e dependência dos outros, distintos de nós.

Para Habermas, o domínio moral abrange os indivíduos morais capazes de produzir justificações, fortalecendo assim uma visão moral isenta de emoções “infantis” ou femininas”. No entanto, a psicanálise mostra como estamos sempre nos relacionando com os outros, desde o início de nossa existência, como essas maneiras *morais* primitivas de funcionamento fazem parte de nosso mundo mental e como nunca as abandonamos de todo. Nossa compreensão desses mecanismos e nossa capacidade de entender e integrar esses sentimentos são condições de possibilidade dos sujeitos autônomos, que visam à justiça e à igualdade. O reconhecimento dos outros como indivíduos em si mesmos permite que venhamos a ser indivíduos responsáveis, capazes de reconhecer nossos deveres e responsabilidades para com outrem. Assim, podemos então considerar a possibilidade de que a constituição de nossas identidades tenha sido, na verdade, feita em detrimento dos outros. O reconhecimento de nossos laços mútuos nos permite considerar o quanto somos responsáveis pelos outros, mais (ou menos) vulneráveis do que nós mesmos, e como, na verdade, também somos responsáveis pelo que *em nós mesmos* também é vulnerável e difícil de entender. Assim, temos que reconhecer que a autonomia não é possível sem solidariedade, nem a justiça e igualdade sem reconhecimento. As teorias morais e políticas devem considerar o que, em nós mesmos e nos outros, ainda não alcançou (e talvez nunca alcance) autonomia e responsabilidade.

O problema aqui é como pensar essas relações, permanecendo, ao mesmo tempo, dentro do diálogo. Em outras palavras, a reflexão não deve nos levar para fora do mundo ou para fora do diálogo; pensar é uma forma de relacionamento, mas a partir de uma posição diferente que ainda é uma posição situada no mundo. Não devemos confundir a reflexão com um distanciamento do mundo, que pode ser feito de duas





maneiras.

A primeira é o erro objetivista ou cientificista, que reduz o conhecimento a uma observação da realidade a partir de um ponto de vista externo. Tal abordagem é bastante bem-sucedida, quando queremos produzir explicações de processos objetivados, para alcançar o controle e o domínio desses processos. Contudo, não é tão bem-sucedida, quando procuramos produzir uma compreensão de significado e interpretação, já que somente como parceiros em um diálogo podemos obter esse entendimento. A ênfase filosófica no horizonte fundamental das experiências vividas no qual se enraíza o entendimento é um antídoto poderoso contra o reducionismo cientificista. Mas há uma segunda maneira de nos afastarmos do mundo das interações, desta vez enfatizando a dimensão *subjetivista* do pensar. Aqui, a vontade de entender o significado das relações humanas ressalta a dimensão moral, criando assim um tipo de correção moral que distancia o sujeito pensante do mundo ao qual ele pertence. O conhecimento ou entendimento funcionam aqui como um escudo poderoso *contra* o entendimento que buscávamos.

Nesse sentido, o modelo psicanalítico pode ser bastante enganoso, se não tomarmos cuidado, pois a idéia da mãe e do bebê como parceiros no discurso fornece a tentação inevitável de considerar esse modelo como se houvesse dois sujeitos distintos, um que possui todos os bons objetos e o pensamento crítico correto (a mãe que alimenta, o analista ou o filósofo moral) e o outro que não os tem, que é frágil e imaturo (o bebê, o paciente ou o “outro” em nome de quem o filósofo fala).

Michael Rustin (1991) elaborou uma reflexão detalhada sobre esses processos em seu trabalho sobre psicanálise e racismo, mas gostaria de encerrar minha apresentação com outro texto, o artigo de Jane Milton, “Psychoanalysis and the moral high ground” (2000). Nesse artigo, Milton ressalta a relevância das questões morais e mostra como a busca não somente da verdade, mas também do que é justo é uma necessidade humana básica e fundamental. Na verdade, seu artigo é um belo exemplo de como a procura da verdade é inseparável de um contexto de relacionamento moralmente correto e justo. Além disso, ela mostra claramente como essa busca da verdade e do que é moralmente correto pode ser transformada em uma correção moral, um estado no qual a idéia de justiça ou igualdade nos escapa, perdida sob a aparência de sua busca. Seu artigo enfatiza a primazia do mundo moral, no qual se enraíza o conhecimento psicanalítico, mas, sobretudo, ela mostra como podemos utilizar esse conhecimento como uma forma de se sentir moralmente superior, negando, assim, a verdade que pode ser obtida a partir do *insight* psicanalítico.

O que é particularmente interessante em sua apresentação é sua maneira de descrever os dois lados da comunicação, ou seja, não somente a dificuldade do paciente em reconhecer sua fragilidade e dependência, mas como o próprio analista – o





parceiro mais maduro, aquele que provê – pode recorrer a uma atitude moralizante para evitar olhar para suas próprias falhas. O reconhecimento dessas dificuldades não significa que não haja conhecimento psicanalítico ou uma interpretação correta. Na verdade, o artigo de Jane Milton é uma afirmação do conhecimento psicanalítico, justamente porque ela é capaz de posicionar-se dentro, e não fora, desse diálogo moral. A apresentação de seu material clínico mostra como somos tentados a usar categorias morais para sair da interação analítica, tão marcada por necessidades e valores morais. O que é fascinante é que, assim que Jane Milton se dá conta que ela está do lado “de fora”, ou seja, que se tornou crítica e moralmente superior, ela percebe que perdeu sua força analítica e que fala como se fosse uma terapeuta cognitiva ou educacional: aquela que “sabe” o que é certo e o que é errado, em vez daquela que se relaciona com o outro com necessidades morais e mesmo assim, ou por isso mesmo, é capaz de refletir sobre essas relações. Seu artigo é, na verdade, um exemplo de como enfrentar essas dificuldades e, ao fazê-lo, ela reafirma a existência do conhecimento analítico, quando não nos distanciamos do mundo moral das necessidades humanas e dos sentimentos emocionais. Esse conhecimento surge do reconhecimento de que somos parceiros na comunicação, parceiros que pertencem a um mundo moral, e não cientistas que observam o mundo de um ponto de vista externo.

O modelo psicanalítico é o reconhecimento do diálogo enquanto modelo assimétrico, mas essa assimetria não é uma divisão paranóide entre o bem e o mal ou o maduro e o imaturo; pelo contrário, ela chama nossa atenção para o que não está nem claro nem maduro em nós mesmos e nos outros, para nossa dificuldade de enfrentar diferenças e os vários recursos que usamos para romper os vínculos que nos unem aos outros. A reflexão é mais uma forma de se relacionar com os outros no mundo e não uma forma de sair do mundo. Para refletir, temos que nos engajar num diálogo com outra pessoa ou com nossa cultura e tradição. O conhecimento ou o pensamento não são, apesar do sucesso das ciências naturais, uma forma de sair do mundo. É uma nova maneira de olhar para o diálogo, a partir de uma nova posição; mas esta ainda é uma maneira de nos relacionarmos com os outros e com nós mesmos, só que desta vez não somos nem o sujeito nem o objeto do diálogo. A reflexão ou o pensamento são uma maneira de se engajar em um diálogo que reconhece que pertencemos a um mundo onde há outros.

Esta é a crítica radical de Wittgenstein à linguagem privada, assim como é a idéia da terceira posição de Ronald Britton. Segundo Britton (1989), a resolução do complexo de Édipo surge com o reconhecimento de uma terceira posição, ou seja, a capacidade da criança de reconhecer que sua relação com a mãe e sua relação com o pai não incluem uma outra relação fundamental, a do pai com a mãe, que na verdade exclui a criança. Esse reconhecimento é extremamente penoso para a criança, mas,





Emilia Steuerman

ao mesmo tempo, ele cria o espaço para que ela pense a respeito de si mesma a partir de uma perspectiva diferente, que Britton chama de “terceira posição”. Esta é uma reflexão que reconhece a existência do mundo e não é mais a tentativa de situar-se fora do mundo.

O diálogo produtivo que pode ser estabelecido entre a filosofia e a psicanálise desenvolve, a meu ver, esse reconhecimento do mundo das relações humanas ao qual pertencemos, criando espaço para a reflexão e o pensamento. Estamos tão acostumados a pensar sobre a reflexão como um distanciamento, que esquecemos que o distanciamento, citando o famoso antropólogo Clifford Geertz (2001), “(...) *não surge de uma incapacidade de cuidar (care), mas de um tipo de cuidado suficientemente resistente face à enorme tensão entre reação moral e observação científica.*”³ □

Summary

This paper aims at establishing a dialogue between psychoanalysis and philosophy, more precisely between kleinian object relations theory and the social and political philosophy of Habermas. The kleinian theory shows how our identities are formed through projections and introjections in our relations with others, coloured by love and hatred, guilt and reparation. Habermas’s theory of discourse shows how, in communication, we anticipate an ethical ideal which recognizes the other as an equal partner. The dialogue between these two currents reveals the possibility of a type of reflection and interpretation (R. Britton’s “third position” or Wittgenstein’s critique of a private language) which goes beyond objectivism and subjectivism.

Resumen

Este texto procura establecer un diálogo entre psicoanálisis y filosofía, más precisamente entre la teoría kleiniana de relaciones de objeto y la filosofía social y política de Habermas. La teoría kleiniana muestra como nuestras identidades se forman a partir de proyecciones e introyecciones en nuestras relaciones con los otros, marcadas por el amor y por el odio, por la culpa y por el deseo de reparación. La teoría del discurso habermasiana muestra como la comunicación anticipa un ideal ético que obliga al reconocimiento del otro como un partícipe en situación de igual-

3. Tradução nossa. (N. do T.)





dad. El diálogo entre esas dos corrientes señala la posibilidad de una reflexión o interpretación (la “tercera posición” de Ronald Britton o la crítica del lenguaje privado de Wittgenstein) que no es ni objetivista ni subjetivista.

Referências

- ALFORD, C.F. (1989). *Melanie Klein and Critical Social Theory*. Yale University Press.
- BENHABIB, S. (1992). *The Generalized and the Concrete. Other in Situating the Self*. Cambridge: Polity Press.
- BRITTON, R. *et al.* (1989). *The Oedipus Complex Today*. London: Karnac.
- GEERTZ, C. (2001). *Available Light*. Princeton University Press.
- HABERMAS, J. (1992). *Moral Consciousness and Communicative Action*. Oxford: Blackwell.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (1980). *The Language of Psychoanalysis*. London: The Hogarth Press.
- MILTON, J. (2000). Psychoanalysis and the moral high ground. *Int. Rev. Psychoanal.*, 81:1101-1115.
- PIONTELLI, A. (1992). *From Foetus to Child: An Observational and Psychoanalytical Study*. London: Routledge.
- RUSTIN, M. (1991). *The Good Society and the Inner World*. London: Verso.
- STEUERMAN, E. (2001). *The Bounds of Reason – Habermas, Lyotard and Melaine Klein on Rationality*. London: Routledge.
- WINCH, P. (1970). Understanding a primitive society. In: Wilson, B. *Rationality*. Oxford: Blackwell.
- WITTGENSTEIN, L. (1974). *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell.

Recebido em 02/10/2002

Aceito em 11/12/2002

Tradução de **Janisa Antoniazzi**

Revisão técnica de **Emilia Steuerman**

Emilia Steuerman

2, Eldon Grove

Londres, NW3 5PS – Inglaterra

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **46** é branca





Sobre adolescência, luto e a posteriori

Rodolfo Urribarri*, Buenos Aires

Neste trabalho, desenvolve-se um exame crítico da difundida relação luto/adolescência, buscando delimitar sua verdadeira dimensão e refutar sua generalização (considerando o que foi exposto por autores diversos como A Freud, P. Blos, A. Aberastury e O. Fernández Mouján), a partir da perspectiva e definição colocadas por S. Freud em “Luto e melancolia”. Considerando a crítica à concentração da adolescência em torno dos lutos, o autor expõe sua dissidência e justifica a caracterização desse período como de conquistas e progressos em vez de perdas e lutos, assentando-se em conceitos freudianos como “prêmio de prazer”, bem como em uma caracterização diferente do processo de desenvolvimento. Especifica, a seguir, o que entende por problemática do enlutar-se e diferencia outros processos correlacionados – a desidealização – para penetrar na elucidação do processo adolescente recorrendo a diversos conceitos. Faz, depois, uma breve caracterização da problemática dos pais durante a adolescência dos filhos, para finalizar com uma síntese de suas reformulações e da caracterização da adolescência, bem como das conseqüências clínicas derivadas disso tudo no tratamento psicanalítico dos jovens.

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Argentina.



Introdução

No presente trabalho, vou me deter no conceito de luto e sua teorização em nosso meio como central na problemática adolescente, deixando para outro momento o problema do luto devido à perda de um ser querido.

Sabemos que o decurso da adolescência envolve uma série de modificações que se produzem no psiquismo e nas relações com o meio (humano e ambiental) a partir da maturação física e genital. A pergunta a responder, em relação às intensas mudanças que se produzem nesse período, é a seguinte: o que se pranteia? Ou, dito em outros termos: o que se lamenta, o que dói perder do passado? O que se liga com o que é o novo? E como se produz essa passagem do infantil ao juvenil? O que se projeta para a maturidade? Cabe acrescentar a essa pergunta se essa mudança é diferente das mudanças evolutivas em outros períodos.

Revisão bibliográfica

Talvez a primeira referência à relação do papel que a aflição cumpre na adolescência seja a de Nathan Root (1957), por sugestão de Berta Bornstein, ligada ao desprendimento afetivo dos pais e à orientação para novos objetos, de acordo com o que postula Freud (1905). Um ano mais tarde, Anna Freud (1977), em seu trabalho clássico sobre adolescência, relaciona as dificuldades no tratamento dos jovens com as que se apresentam em pacientes em luto ou que sofreram um infortúnio amoroso recente, firmando pé na semelhança emocional e de comportamento dos adolescentes com essas duas situações. Os ditos casos “(...) são estados emocionais nos quais a libido do indivíduo está totalmente comprometida com um objeto de amor real do presente ou do passado imediato; a dor mental é o resultado da difícil tarefa de retirar a catexia e renunciar a uma posição que já não oferece possibilidade de retorno do amor, isto é, de gratificação (...)” Acrescenta logo que “(...) também o adolescente está empenhado em uma luta emocional de extrema urgência e imediatismo. Sua libido está a ponto de se desligar dos pais para catexizar novos objetos. São inevitáveis os lutos pelos objetos do passado e os enamoramentos afortunados e desafortunados” (p.172).

Pouco depois Peter Blos (1980) refere, ao se ocupar da fase da adolescência propriamente dita, que essa se liga a dois temas dominantes, a saber, a revivescência edípica positiva e a desconexão com os primeiros objetos de amor, e acrescenta que se pode descrever essa fase em termos de dois amplos estados afetivos: luto e enamo-





ramento. “O trabalho do luto é uma tarefa psicológica importante no período da adolescência (N. Root, 1957, p.151). A elaboração do processo de luto é essencial para a conquista gradual da liberação do objeto perdido; requer tempo e repetição. Similarmente, na adolescência, a separação dos pais edípicos é um processo doloroso que somente se pode conseguir gradualmente”, resenhando logo a contrapartida desse fenômeno dado pela capacidade de enamoramento dos jovens. Mais adiante volta ao tema relacionando o luto com a perda objetal do pai edípico: “Essa perda é mais definitiva e irrevocável do que a que ocorre no final da fase edípica”.

Edith Jacobson (1974) alude ao já resumido e caracteriza a adolescência como “(...) o período entre a triste despedida da infância e uma gradual, ansiosa e esperançada passagem de barreiras, no caminho que permite a entrada no, ainda, desconhecido país da idade adulta”, assinalando: “Não só deve desligar-se dos objetos e limitações infantis, mas também renunciar a seus anteriores prazeres e metas, assim como preparar-se para sua maturidade, o que requer uma completa reorientação que leva a enérgicas transformações estruturais, a uma redistribuição catéxico-econômica e a uma drástica recomposição de toda a organização psíquica” (p.171). Acrescenta no capítulo seguinte: “Agora os desejos hostis e sexuais incestuosos devem ser finalmente abandonados. Além disso, os laços afetivos que o adolescente tem com os pais devem também ceder (...) Essa é a causa de suas reações de pesar, que não têm paralelo na infância. O que faz essa tarefa emocional ainda mais difícil é o fato de que implica, ainda, um definitivo e final abandono da dependência prática e emocional de seus pais” (p. 81).

Três anos depois, novamente Peter Blos (1981) reitera a relação entre o afeto concomitante ao desligamento das representações parentais infantis e o trabalho de luto que se desenvolve paralelamente com a alegria de sentir-se independente do progenitor interiorizado. Assinala também os estados transitórios de exaltação, egolatria e ensimesmamento, produtos da transitória inundação libidinal do ego, até sua reconexão com novos objetos.

Em nosso país e na América Latina foram os trabalhos de A. Aberastury e colaboradores os que, a partir de outra perspectiva, relacionaram a adolescência com o luto (Aberastury, 1971). Começam assinalando o caráter invasivo que as modificações corporais, assim como as exigências ambientais, têm para o adolescente, e que isso “(...) leva-o, como defesa, a reter muitos de suas conquistas infantis, ainda que coexistam também o prazer e o afã de alcançar seu novo estado (...)”, assim como refugiar-se em seu mundo interno. Acrescentam que as mudanças em que a criança perde sua identidade implicam na busca de uma nova identidade. Um parágrafo adiante assinalam que a modificação do jovem é lenta e “(...) nenhuma premência interna ou externa favorece esse trabalho, pois, como toda elaboração de luto, exige tempo



para ser uma verdadeira elaboração e não tomar as características de uma negação maníaca.” A patologia desses lutos aparenta a adolescência com a psicopatia e, em ambas, a conduta dos pais pode favorecer ou não essas negações. A perda que o adolescente deve aceitar, ao fazer o luto pelo corpo, é dupla: a de seu corpo de criança, “(...) a partir da aparição dos caracteres sexuais secundários” e “(...) o abandono da fantasia de duplo sexo, implícita em todo ser humano como consequência de sua bissexualidade básica” (p.110-112), agregando logo que “(...) a elaboração do luto conduz à aceitação do papel que lhe determina a puberdade. Durante o luto surgem defesas cujo fim é negar a perda da infância” (p.113). Assinalam que, quando o adolescente pode aceitar os aspectos infantis e adultos, torna-se capaz de oscilar na aceitação de suas mudanças corporais, e surge paulatinamente sua nova identidade. “Esse extenso processo de busca de identidade ocupa grande parte da energia e é a consequência da perda da identidade infantil que se produz quando começam as mudanças corporais” (p.115). Logo reiteram que as modificações no corpo promovem “(...) a estruturação de um novo ego corporal, a busca de sua identidade e o cumprimento de novos papéis, assim como uma nova forma de relação com os pais”, acrescentando que “(...) deve deixar de ser através dos pais para chegar a ser ele mesmo” (p.117). Insistem a seguir na atitude dos pais, que podem travar o trabalho do luto quanto à incompreensão das oscilações de conduta no eixo dependência/independência.

Talvez seja mais claro (ainda que não de todo coincidente) o que diz M. Knobel a propósito: “Seguindo as idéias de Aberastury, podemos dizer que o adolescente realiza três lutos fundamentais: a) o luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo, que não poucas vezes deve sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre com seu próprio organismo; b) o luto pelo papel e identidade infantil, que o obriga a uma renúncia à dependência e a uma aceitação de responsabilidade que muitas vezes desconhece e c) o luto pelos pais da infância, os quais persistentemente trata de reter em sua personalidade, buscando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que é compartilhada com a atitude dos pais (...) Une-se a esses lutos o luto pela bissexualidade também perdida. Esses lutos, verdadeiras perdas de personalidade, variam acompanhados por todo o complexo psicodinâmico do luto normal e, por vezes, transitória e fugazmente, adquirem as características do luto patológico” (p.10-11). O. Fernández Mouján define luto e logo adolescência: “A partir dessa perspectiva, como um período em que se vivem as vicissitudes de perdas manifestadas em todas as áreas de relação: com o corpo, com os objetos externos (família e meio ambiente) e com os objetos internos (as identificações e suas configurações)” (p.128). Destaca: “(...) o ego, ao ter que deixar determinados vínculos





objetais e esperar a nova organização vincular, opera sobre um espaço confusional, que gera três tipos clássicos de ansiedade: 1) de perseguição, 2) depressivas, ligadas às fantasias sobre as perdas, de ser atacado ou de haver atacado, como também de perder uma estrutura e de transitar por um espaço incerto, que acrescenta 3) outra ansiedade muito importante nesse processo de luto, ligada a viver a identidade em crise e que costuma manifestar-se como despersonalização, estranhamento e desorientação, a ansiedade confusional” (p.128). “O luto adolescente não é um luto ‘puro’, que supõe uma perda e um novo vínculo objetal. Durante a adolescência, a perda coexiste com um ‘renascer’(...); não só se vive uma perda e seu conseqüente deslocamento da libido objetal para o ego, como há um deslocamento da libido narcisista para novos objetos, requeridos, não pela perda, mas pela nova configuração egóica desenvolvida” (p.133-134). Liga a seguir o luto a três etapas da adolescência. Durante a puberdade, o luto concentra-se no corpo sobre duas perdas: a do corpo físico tangível e a do esquema corporal que inclui a idealização do corpo adulto esperado. Aos quinze anos centra-se no ego psicológico, entendendo-se por tal as identificações e a função imaginativa e pensante. Caracteriza a última etapa adolescente o deslocamento para novos objetos e supõe a conquista de uma identidade básica que possibilita ao sujeito o estar só. Relaciona essas três fases com os três períodos do luto, segundo Bowlby, a saber, de protesto, de desesperação, de desapego e busca de novos objetos. Por último, assinala uma coincidência entre os três momentos do luto e os três períodos adolescentes: “Na puberdade, sobressai o afastamento do objeto; na meia adolescência predominam as tendências narcisistas, a idealização egóica, as ilusões e a participação em identidades grupais ou totalidades, no fim da adolescência encontramos a volta ao objeto externo”.

Revisão crítica

Nos autores estrangeiros resenhados, salienta-se uma concepção freudiana do luto ligado à renúncia aos objetos primários de amor e sua concomitante renúncia afetiva. É de ressaltar que P. Blos assinala o enamoramento como um estado coetâneo do luto, o que marca essa peculiaridade adolescente de “largar e pegar” ao mesmo tempo. Algo similar pode-se referir ao que foi transcrito de E. Jacobson sobre não haver só certa tristeza pelo afastamento da infância, mas também júbilo pela paulatina concretização de sua esperança de ser adulto, de a ênfase situar-se mais no que progride e se desenvolve do que no que se perde.

Sobre as formulações de A. Aberastury e colaboradores, é importante assinalar que não definem seu conceito de luto; não são, claramente, nem uma postura





Rodolfo Urribarri

kleiniana, nem freudiana. Se nos atemos ao esquema proposto por Freud para o luto, desde o econômico com seus três momentos (decatexização, volta ao ego e recarga de novos objetos), tal não parece cumprir-se nos lutos propostos, pois esses momentos não são sucessivos, mas, na generalidade, simultâneos (por exemplo, a coexistência de condutas e sentimentos de identidades infantis e adultas, ou a vinculação com novos objetos sem se ter renunciado completamente aos primários).

Tampouco definem explicitamente ao que se referem com cada luto, nem como é o processo de elaboração do mesmo, pelo qual gradualmente se ascende à idade adulta, nem o que entendem por corpo infantil, papel infantil e pais da infância. É evidente que, para eles, no luto, o central é a perda, e podemos nos perguntar, nos referindo, por exemplo, ao luto pelo corpo infantil, por quê, para o adolescente, seu corpo mutante é significado necessariamente como perda. Ou, por acaso, não observamos, na generalidade, que o crescimento e a maturação puberal são ansiosamente desejados e jubilosamente recebidos?

Algo semelhante poder-se-ia colocar para os outros dois lutos. Por outra parte, no que se refere ao luto pelo corpo, dizem os autores que o adolescente deve aceitar uma dupla perda: a do corpo de criança e a da fantasia de bissexualidade. A primeira, parecem referi-la mais ao corpo tangível e concreto, não à sua representação psíquica, enquanto a outra perda se refere a uma ordem diferente, uma fantasia; ambas declinam, para eles, a partir da maturação física, o que torna a proposta um tanto confusa. Quanto ao segundo luto, enfatizam a busca de uma nova identidade que substitui a identidade perdida. Mas, se o que caracteriza o sentimento de identidade no sujeito é continuar sendo o mesmo ainda na mudança, como é que se perde uma identidade e se “caminha” até a aquisição de outra? Se assim for, todos os adolescentes atravessariam um longo período psicótico, já que perderam sua noção de identidade, e é claro que isso não é o que habitualmente observamos.

Ora bem, voltando a Freud, o desenlace de uma perda promove a identificação no ego com o objeto perdido, mas, nessa perspectiva, podemos imaginar algum jovem identificado com seu corpo infantil ou com sua identidade infantil como resultado normal de sua adolescência? Não parece ser esse o desenlace.

O. Fernández Mouján centra-se na perda na adolescência e assinala que abarca todas as áreas. Assim sendo, a pergunta é a seguinte: como sobrevivem os jovens a tão intensa e devastadora sensação de perda? Se são discutíveis as perdas no corpo (é homologável ao colocado pelos autores anteriores) e mais ainda com respeito à família e meio ambiente, é desconcertante sua colocação de perda de identificações, que não aclara nem desenvolve.

Quanto à tríplice dimensão da perda, é claro que se adscrive à colocação de L. Grinberg (1963), quando assinala a perda por parte do ego. Assim mesmo segue a





proposta de J. Bleger, quando acrescenta a ansiedade confusional às postuladas por M. Klein. Não fica claro por que pareceria postular um lapso entre abandonar certos laços objetais e a nova organização vincular. Se assim fosse, dar-se-ia um “vazio relacional” e, conseqüentemente, de objetos catexizados, o que implicaria um estado psicótico que duraria tanto quanto a adolescência. Além disso, não está claro como se chegaria à nova organização vincular. Tampouco aclara ou justifica por que a espera se produz, para ele, sobre um espaço confusional, o que novamente remete a uma imagem caótica da adolescência, que não coincide com o observável.

Quanto à superposição do esquema das três etapas na adolescência com o de três etapas do luto observado por Bowlby (em crianças pequenas frente a perdas objetais importantes como a dos pais), não parece justificada teoricamente, nem esclarecidas as regras de correspondência, nem sua utilidade. Por exemplo, na etapa de protesto, para Bowlby, “(...) o ego trata de recuperar o objeto perdido e se queixa do acontecido, mostra-se irritável, inquieto e decepcionado” (p.130 e 67). Como ela se relaciona com a proposta do púbere? Essa é entendida por ele não como enfrentamento com os pais, ou como produto da regressão pré-genital, ou como defesa frente à mãe arcaica, mas como reação ao corpo infantil e ao esquema corporal perdido? E, nesse caso, o que acrescenta como esclarecimento quanto ao luto ou quanto ao conhecimento da puberdade? Com respeito à sua correlação final das três fases da adolescência com os três momentos do luto para Freud, considero parcialmente válida. Na puberdade sobressaem o distanciamento físico e o rechaço reativo dos objetos primários; se isso é o que se entende por abandono do objeto, está certo, mas não está caso se refira à sua decatexização, que é posterior, como parte do desenlace edípico que ocupa a adolescência média. O incremento narcisista ou a participação grupal não são exclusivos nem predominantes somente no segundo período, assim como o encontro do objeto a que se refere Freud é característico da última (suponho que se refere a esse objeto, já que objetos externos novos aparecem ao longo de toda a adolescência e também da vida).

Resumindo, os lutos propostos não se atêm às características assinaladas por Freud para o luto, nem em seu movimento catéxico, nem no objetual, nem no identificatório. Tampouco o seriam segundo o esquema kleiniano, já que esse se centra na revivescência da perda do peito e na etapa depressiva, à qual, curiosamente, A. Aberastury, pioneira da dita corrente em nosso país e na América Latina, não alude. Nem pareceria coincidir, por outra parte, com a observação da adolescência.

Gostaria de destacar que, posteriormente aos trabalhos iniciais, se hipertrofiou o valor dos ditos lutos ocupando o centro das formulações teóricas e clínicas quanto à problemática adolescente, ao ponto que se o assinalava quase como um axioma ou postulado dado por aceito e do qual se partia. Essa situação esquematizou



e apequenou o pensamento de A. Aberastury sobre o tema, como se pode constatar em seus outros trabalhos e que me corrobora um de seus mais próximos colaboradores (Salas, 1972, 1988). Como exemplo, em seu último trabalho (Aberastury, 1971), de vinte e cinco páginas, somente duas são dedicadas ao luto, enquanto no restante se espraia ricamente sobre a adolescência. Consta-me sua preocupação por outros aspectos, por exemplo, pelo papel dos pais (em particular do pai) quanto à facilitação ou trava do desenvolvimento normal do jovem, assim como também o papel desempenhado pelos condicionamentos sociais, o exercício da liberdade, a importância do pensamento e do mundo interno, etc., prova de que não concedia aos lutos o papel central (Aberastury, 1971, 1972).

Quero deixar bem claro que minha crítica aos mencionados autores, quanto ao luto, não empana o valor de suas contribuições em outros aspectos, nem o papel protagônico e meritório que desempenharam no estudo da adolescência e da assistência clínica dos jovens, mas que essa crítica tem a intenção de trabalhar e questionar suas propostas teóricas e assinalar seus déficits, ou seja, pô-las à prova.

Reformulações

Estimo que uma das dificuldades em torno desse tema provém de um equívoco sobre o desenvolvimento, no qual se enfatiza o que se deixa e se significa como perda. O adolescente não perde, mas muda, transforma-se. Se lhe custa deixar o conhecido (infantil), deseja ardorosamente o novo e luta para consegui-lo e exercitá-lo, tanto ou mais do que sofre por se afastar de seu passado, que sobredimensiona e idealiza a partir das dificuldades e angústias que o novo lhe aparenta. Ou seja, o infantil se modifica, se complexifica e organiza sob uma nova forma, ou, em outras palavras, produz-se uma transmutação, a qual, de alguma maneira, inclui o anterior.

A relação com os pais, a identidade, o papel e o corpo infantil não constituem propriamente uma perda, mas sim mudam, e essa mudança para o novo, de alguma maneira, embasa-se no passado infantil, inclui e modifica esse passado. Portanto o mesmo não se perde e, conseqüentemente, não é motivo de luto.

Poderia dizer, parafraseando a lei de Lavoisier, que nada se perde, tudo se transforma, o que é uma concepção do desenvolvimento radicalmente diferente daqueles que postulam: *"Viver implica necessariamente passar por uma sucessão de lutos. O crescimento em si, a passagem de uma etapa a outra envolvem perdas de certas atitudes, modalidades e relações que, ainda que sejam substituídas por outras mais evoluídas, impactam o ego como processos de luto, que nem sempre são suficientemente elaborados"* (Grinberg, 1963, p.325).





Observa-se claramente nas mudanças evolutivas ou em outros fatos do viver, que deixar algo ou mudar de estado não promove mal-estar ou pesar, senão que se realiza sem sofrimento. Ademais, conta nisso para o sujeito não só o que sente que pode perder, mas o que ganha em troca. Por exemplo, uma criança pode recear afastar-se e perder temporariamente seus pais, seus cuidados, segurança e amparo, ao participar de um acampamento, mas as atividades que vai realizar, a convivência com companheiros e líderes, ou seja, o ganho, a estimulam, ou compensam da perda, pelo que a mesma não é vivida com pesar e dor, afetos próprios do luto, mas com interesse e, inclusive, alegria. O que não impede que recorde os pais e deles, em parte, sinta falta.

Essa busca de ganho significa como desejável algo que se espera que provoque um incremento do prazer que se deseja satisfazer. É essa perspectiva do prêmio de incentivo e prazer, a partir do qual o sujeito monitora o acesso a novas situações e conquistas, que impulsiona o desenvolvimento (Freud, 1905, 1905, 1908). Em outros termos, a criança normalmente deseja desde pequena ocupar o lugar do adulto ao qual atribui todos os privilégios e prazeres. Por isso busca o progresso nos diferentes níveis e, na adolescência, o acesso à genitalidade e à independência dos pais a fascina e ressarce de qualquer perda possível.

A crença na necessidade de elaborar lutos frente às mudanças (mesmo as mais insignificantes) promoveu uma visualização equivocada dos jovens, que eram tachados de atadores que não podiam sentir as perdas, o que os aproximava perigosamente da psicopatia, ou, se não, as atuações eram entendidas como reações maníacas pela negação do luto. Em ambos os casos, patologizava-se uma conduta normal, produto do interesse pelo exercício do novo, que Freud assinalava como prazer funcional, assim como o interesse que o prêmio de prazer lhes desperta, que explica o impulso para o novo e o desenvolvimento. Como foi dito em um trabalho anterior (Urribarri, inédito): *“Aqueles que se centraram no luto, metaforicamente, viajavam em um barco (o desenvolvimento), porém olhando do terraço da popa, vendo tão só a esteira que deixava, afastando-se dolorosamente do conhecido, enquanto não captavam que, caso se colocassem na proa, veriam como sulcavam as águas avançando para novos horizontes. E o desenvolvimento é as duas coisas ao mesmo tempo, tanto a pena pelo que se deixa como a alegria pelo que se alcança, pelo que se progride”*. Eu acrescentaria hoje que deve sobressair esse último, pois em caso contrário há detenção ou regressão.

Parece-me, portanto, mais acertado que falar do grau de elaboração do luto pelo perdido frente à assunção do novo, utilizar como explicação do funcionamento juvenil o modelo – proposto por H. Deutsch (Deutsch), P. Blos (1981) – dos movimentos oscilantes entre o regressivo e o progressivo que caracteriza o adolescente





Rodolfo Urribarri

(mais acentuadamente no início do período), que não são somente uma maneira de resolver e dirigir fixações prévias, juntamente com as novas capacidades e possibilidades, como também que possibilita incluir no futuro o passado, o que sem dúvida relativiza “a perda do infantil”.

Retomando, do recentemente exposto, o problema do luto pela perda do corpo infantil, direi que, para mim, não há tal perda, nem luto, porque o corpo se desenvolve a partir do corpo infantil prévio com sinais progressivos de mudança e porque, a partir do físico, as novas capacidades, a potência muscular, a maturação genital e, conseqüentemente, a capacidade reprodutiva, assim como a voluptuosidade no uso do corpo e da capacidade orgástica-genital, que progressivamente homologam o adolescente como adulto, lhe dão esse prêmio de incentivo e prazer que promove a progressão e compensa o que se deixa. Quanto à representação psíquica do corpo, tampouco se perde. Visto que, paulatinamente, se percebem novas sensações (extero e intraperceptivas), se captam modificações externas, novas funções aparecem e o corpo é visto pelos outros de modo diferente. Esses elementos são significados e incorporados gradualmente e se vai produzindo uma parcial e continuada modificação da dita representação psíquica do corpo. Pelo que, reitero, não se perde a representação do corpo infantil, mas essa se encontra incluída na transformação que sofre a dita representação e que, de outro ponto de vista, outorga continuidade na mudança e no tempo. Com base nisso, podemos, da mesma forma, pensar sobre a identidade, que não se perde, mas que se transforma e complexifica, ou sobre a relação com os pais, que varia.

As vacilações ou transtornos relativos que se observam podem ser explicados, não em função das dificuldades para elaborar os lutos, mas sim, como a necessidade de incluir novas capacidades e funções (por modificações quantitativas e qualitativas) frente às quais o adolescente se encontra desconcertado, já que ainda desconhece suas próprias possibilidades, efetoras e prazerosas, com relação aos seus desejos e afetos, assim como o equilíbrio entre a aceitação e a exigência de seu meio e o predomínio egóico na organização de sua vida de acordo com um sistema valorativo e de ideais mutantes que regulem sua ação e orientem sua vida. Essa diferença de conceitualização do fenômeno determina um enfoque radicalmente diferente na clínica.

O que se disse antes leva a pensar que a palavra “perda” (cujo sentido alude a algo, alheio ao sujeito, que a induz) não corresponde ao fenômeno de que se trata aqui. No jovem, esse afastamento da infância define-se mais pelo “deixar”, no sentido de abandonar uma coisa, cessar, resignar-se (que conota uma atitude a partir do sujeito ativo na situação). Dessa perspectiva, o jovem deixa um objeto, um modo reacional, de satisfação ou de descarga. Em última instância, deixa sua infância para apossar-se do novo e encaminhar-se para a maturidade. Deixar o infantil, afastar-se





com o olhar para o futuro, transforma-se em perda e conseqüentemente em trava para o desenvolvimento e em lutos a superar, na medida em que a história desse sujeito é condicionada pelas diversas vicissitudes que lhe toca viver – como a intensidade e/ou reiteração de experiências traumáticas – e pela atitude dos pais e da ideologia familiar e social, que condicionou e condiciona sua aceitação ou rechaço das mudanças e da vida (coincido com o assinalado por A. Aberastury sobre a importância do papel dos pais e da sociedade).

O que se perde ou se enluta na adolescência?

Sobre o que expus antes, poder-se-ia pensar equivocadamente que não creio haver perdas e lutos durante esse período. Por isso destaco a seguir o que, no meu entender, sim, corresponde a essas vivências e desencadeia esse processo. Em primeiro lugar, privilegio a reatualização edípica pela ressignificação que o advento do erotismo genital e da maturação física propicia, levando o complexo a bordear a tragédia (tanto na vivência interna quanto na convivência familiar), em que urge uma resolução de características distintas da realizada na infância.

A posição do sujeito, como aceitação da castração e situado em uma ordem social e familiar regida pelo tabu do incesto, promove sua renúncia forçada aos pais como objetos eróticos de amor, na qual sente que perde seu vínculo sexualizado infantil (tanto edípico como pré-edípico). Essa sim é uma árdua e lenta tarefa de luto (em termos energéticos conhecida como deatexização das imagens parentais), um processo ligado tanto à representação psíquica dos pais quanto à modalidade vincular e ao contato externo com os pais reais.

É essa uma difícil tarefa de luto, repito, não só porque se trata dos objetos mais significativos e desejados que teve e terá em sua vida, mas porque essa tarefa se encontra diante de dois grandes obstáculos. Um deriva de que deve renunciar, estando eles ainda presentes, sem que por isso percam o vínculo. O outro deriva de que essa renúncia de um vínculo tão apreciado e desejado deve trocar-se por uma relação terna e carinhosa, deserrotizada, que por momentos pareceria, devido aos dois obstáculos, assemelhar-se a um castigo similar ao de Tântalo.

Esse luto vê-se dificultado (como bem assinala Abraham para todo luto) pela ambivalência afetiva. Se os sentimentos de ódio e ressentimento prevalecem, promovem o enfrentamento encarniçado que ou se abeira do crime, ou se cristaliza em um vínculo persistente e cruel. Assim, para realizar-se a renúncia, devem ser mais intensos os sentimentos amorosos, de modo que neutralizem os sentimentos hostis e que o amor pelo progenitor do mesmo sexo (mais que o temor dele) promova o seu afasta-





mento em vez do enfrentamento. Se a falta de temor pela ameaça parental, que o conhecimento de sua força e vigor engendra no jovem (ele sabe que pode vencer seu progenitor), não se neutraliza pelo amor terno para com o progenitor do mesmo gênero, o confronto mortal é inevitável como na tragédia de Sófocles. Essa complexa resolução vê-se claramente influída e condicionada pela atitude que assumiram e assumem os pais para com o jovem e entre eles como par conjugal, determinada pelas próprias vicissitudes edípicas e história de vida e encadeamento geracional.

A situação edípica na adolescência não é uma repetição do complexo infantil, mas toma uma outra dimensão e destino a partir da ressignificação que as conquistas desse período promovem. A perda com seu conseqüente luto é também aceita se, em troca, pode aceder ao contato genital e à vida amorosa de casal, socialmente convalidada, o que representa o prêmio de incentivo e prazer promovido pelo processo.

Esse luto, como é de esperar, é lento, árduo e paulatino. Em um sentido cumprem-se os três momentos assinalados por Freud, em outro não. Refiro-me a que, enquanto o conflito se encontra incipiente, o jovem se afasta reativamente dos pais, predominando a conduta no externo, mais reativa, com escassa remoção intrapsíquica. Já parcialmente, porém, ele os substitui pelo grupo de pares, que passa a cumprir algumas de suas funções e que é intensamente investido e geralmente contraposto aos pais. Nesse sentido, há coexistência do novo projeto e do anterior ainda não plenamente resignado. Fundir-se-ão o primeiro e o terceiro momento do luto para Freud, ou será que, apoiando-se somente em novos objetos e situações, pode ir parcialmente se desligando e independizando daqueles?

Similarmente, durante a primeira adolescência, predomina a relação com os amigos, em especial com “o” amigo ou “a” amiga íntima, que se instalam no ápice da elaboração edípica negativa, como deslocamento da figura parental, ao mesmo tempo que possibilita a renúncia a ela e seu afastamento, com a conseqüente derivação da energia narcisista-homossexual implícita no conflito, a carregar (ao ser neutralizada) o ideal do ego de uma instância mais diferenciada e relativamente autônoma. Ou seja, também nesse período há coexistência de objetos.

Na etapa posterior, em que se acentua mais plenamente a conflitiva edípica positiva, também se vê claramente (às vezes se inicia antes) a presença de objetos heterossexuais e a prática genital, enquanto se elabora o conflito. Pode-se notar aqui, mais evidentemente, as sensações de “vazio”, tristeza e reativação narcísica, produto do afastamento e desligamento catéxico do objeto edípico positivo e a volta para a própria pessoa da libido anteriormente ligada a ele. Esses vínculos heterossexuais são geralmente transitórios e pouco comprometidos, ainda que intensamente carregados de afeto. É logo depois dessas paulatinas renúncias e provas que finalmente se dá o desenlace edípico, e nesse sentido sim aparece um novo tipo de possibilidade de





ligar-se ao objeto, que seria esse “descobrimento de objeto” a que se referia Freud.

A fantasia de bissexualidade declina notoriamente a partir não da maturação puberal, mas da resolução edípica negativa, à qual se agrega, na relação posterior de par heterossexual, a delegação ao parceiro das fantasias alheias ao próprio gênero (por identificação projetiva) e a satisfação prazerosa obtida com a exercitação genital a partir do papel acorde com seu gênero; também contribuem as resoluções às reativações narcísicas e, em particular, o processo de desidealização.

Estimo que outro processo de luto, próprio da adolescência, seja a renúncia à imagem ideal forjada na infância sobre como seria quando jovem ou adulto. Isso é particularmente importante no que se refere ao corpo, já que o mesmo muda basicamente de acordo com os determinantes genéticos e não com o próprio desejo (ou o dos pais). Essa discordância entre o desejado e o que aparece cria, às vezes, um intenso conflito, e sua resolução implica em um penoso luto pela perda de um ideal de perfeição física que a realidade contraria e que nunca se alcançará (coincido nisso com o mencionado por O. Fernández Mouján, p.136).

Também se pode observar esse luto com relação a alguma capacidade ou habilidade imaginada a ser alcançada pelo desenvolvimento, quando a realidade mostra o adolescente inoperante nessa área ou carente desses dons que seriam utilizados. Só mediante uma lenta resignação imposta pela realidade, que possibilita a renúncia, com tristeza pelo que nunca será, como desenlace do luto, é que ele poderá descobrir, catexizar e, conseqüentemente, promover e enaltecer aquelas capacidades e/ou habilidades que efetivamente tem. Homologamente no caso do físico, poderá investir em seu corpo real e realçar seus aspectos mais destacados ou que mais se acerquem de seu ideal.

Essa problemática entre o que desejava ser (anseio infantil) e que, por momentos, crê que é (defesa megalômona reativa) e o que é e pode ser é responsável por muitas das flutuações anímicas próprias da adolescência e seguramente determina suas reações de vergonha e inferioridade face a seus aspectos não alcançados. Também origina perdas notórias de auto-estima em seu ainda primitivo sistema de regulação. Assim mesmo, essa conflitiva é de crucial importância no referente à eleição vocacional e inserção social.

Processos correlacionados com o luto na adolescência

Creio ser importante resumir alguns processos próprios desse período e diferenciá-los do luto com que se poderiam confundir. Em primeiro lugar, vou me referir ao processo de desidealização tanto do self quanto do objeto, provavelmente o pro-





cesso mais doloroso por que passa o adolescente. O incipiente movimento exogâmico, iniciado no período de latência e fortemente incrementado na adolescência, conecta-o com outras famílias (ou seja, outros pais e outras maneiras de relação parentofilial), adultos, relações de autoridade, permissividade, castigos e códigos, o que lhe permite ir comparando e compondo uma imagem mais realista dos progenitores do que aquela derivada da idealização infantil que os tornou fantásticos e onipotentes (ou reativamente incapazes e degradados) e que ocupou um papel preponderante na estrutura psíquica da criança.

Esse processo de desilusão gradual, porque os pais não são o que ele acreditava, que os faz cair desse lugar de semideuses em que estavam colocados por ele e os alinhe como sujeitos com virtudes e defeitos, capacidades e limitações, ou seja, os humanize, é um processo de modificação das imagens parentais, de mudança, de resignificação, não de luto. Algo similar poderíamos dizer da desidealização do self, quando, pelo encontro com os outros e o cotejo com a realidade através da ação, se vai perfilando uma representação mais realista consigo mesmo, deixando de lado as representações onipotentes infantis e as fantasias megalômonas. Essa modificação da auto-representação é influenciada pelo luto pela imagem esperada de si mesmo ao crescer, a que me referia anteriormente, ou é relacionada com esse luto.

O processo de desidealização está mais ligado às vicissitudes da reativação narcisista, à continuação e consolidação da passagem do ego ideal para o ideal do ego, ao declínio na crença da onipotência dos pais (que remete à própria onipotência injuriada) e ao distanciamento dos pais como suporte narcisista – a partir da confrontação e prova a que a realidade o submete – do que a um processo de perda e seu processamento como luto.

Esse processo de desidealização (tanto do self como do objeto), junto com o afastamento da utilização dos pais como sustentação e provisão narcísica que graduam a auto-estima, para centrar-se nas conquistas objetivas, no cumprimento de metas, em um cotejo com um ideal perseguido, possibilita ao jovem, gradualmente, na prova da ação, descobrir o que lhe é próprio, individual, que o vai distinguindo de sua família e grupo, e avançar no doloroso desapegar-se da autoridade parental de que falara Freud. Ou seja, o crescimento implica numa resignificação e dissolução da onipotência infantil, cuja compensação é ascender ao prazer e às prerrogativas dos adultos que o compensam da injúria narcísica ao ego ideal declinante.

Poderá parecer que há, no exposto acima, uma contraposição entre luto e resignificação, o que não é minha idéia. Talvez em certo sentido se possa entender o processo de luto como uma resignificação a posteriori, enquanto a perda do objeto promove uma reestruturação e reavaliação da relação com o mesmo. Mas além disso implica em processos que lhe são próprios (ressignificação do objeto, reconexão com





outros objetos e identificação). Assim mesmo se poderia colocar outras formas peculiares de ressignificação, que se processam de maneira diferente como nas estruturas de origem narcísica.

O processo de desidealização corresponde a um processo de ressignificação a posteriori, enquanto é desencadeado por “(...) *acontecimentos e situações, ou por uma maturação orgânica*¹ que permitem ao sujeito alcançar um novo tipo de significações e reelaborar suas experiências anteriores” (Laplanche e Pontalis, 1971, p.407).

É provável que nesse processo contribua o que S. Freud denominou juízo de condenação (também traduzido como juízo adverso) (Laplanche e Pontalis, 1971; Freud, 1915, 1910, 1909), “(...) *que substitui o processo de repressão, que é automático e excessivo, por um controle comedido e intencional com a ajuda das instâncias psíquicas superiores*” (Freud, 1909, p.116), como diz ao se referir ao Pequeno Hans. Por sua vez, Laplanche e Pontalis sugerem que: “(...) *a esperança de tornar-se adulto, expressada desde o princípio pela idéia de que seu pênis – ‘com suas raízes no corpo’ – aumentaria de tamanho, constitui um dos mecanismos concretos mediante os quais o ego se desprende do conflito edípico e da angústia de castração*” (1971, p.218). Esse mecanismo contém uma relação com a idéia de cura, segundo D. Lagache (Lagache, 1969).

Também se poderia considerar útil o conceito de mecanismo de desprendimento (Laplanche e Pontalis, 1971), introduzido por Edward Bibring, como é utilizado pelo ego, diferenciado do intento de descarga na ab-reação e dos intentos de reduzir a tensão e afastar o conflito como na operação dos mecanismos defensivos: “(...) *sua função é dissolver a tensão gradualmente, mudando as condições internas que a originam*” (Bibring, 1943, p.502).

Esse conceito, retomado e ampliado por D. Lagache, constitui “(...) *uma passagem de um modo de funcionamento mental a um outro. O exemplo mais clássico é a passagem da repetição atuada à rememoração pensada e falada*”, aludindo a seguir a outros como a passagem da dissociação à integração, ou a familiarização com as situações fóbicas. Assinala que a operação defensiva fica neutralizada/substituída pelas operações de desprendimento, que “(...) *fazem um chamado à inteligência, no sentido em que nós a caracterizamos, pelo ajuste a situações novas e recomposição estrutural do campo psicológico, nós nos reencontramos com S. Freud, que, nos raros momentos em que aborda esse problema, faz intervir o juízo inteligente e a*

1. Como, por exemplo, o conhecimento de outros, a comparação e confrontação com eles, a realização de certas ações novas como resultado das mudanças físicas, o advento do prazer genital, o acesso ao pensamento lógico, a aquisição de maior informação, entre outros, que faz com que a prova de realidade questione as crenças e vivências afetivas prévias.





eleição voluntária, os argumentos lógicos e a liberdade de decisão” (Lagache, 1961, p.34).

Suas considerações o levam a distinguir entre um ego constituído, “(...) agente das operações defensivas, automática e inconscientes, motivadas pelo id e o superego e que perseguem a redução urgente dos afetos desagradáveis e das tensões penosas”, e um ego que se está constituindo, que “(...) se diferencia por sua resistência às tensões e à repetição, tende à realização das possibilidades do sujeito, põe em jogo as mais altas formas da atividade consciente, (...) lhe permitem afirmar sua autonomia com relação ao ego constituído e proceder a uma recompostura estrutural do campo psicológico em uma ação ao mesmo tempo destruidora e reconstituente” (Lagache, 1961, p.34). Volta a esses conceitos ao referir-se à mudança no processo analítico, perguntando-se se esses mecanismos não estariam em jogo nos efeitos da interpretação e no resultado da psicanálise (Lagache, 1969).

Em relação ao colocado por esse autor, pode-se pensar que, caso se considere a idealização como um processo defensivo, seu processo inverso, a desidealização, corresponderia aos processos de desprendimento, cuja ação não foi claramente definida nem tampouco metapsicologicamente explicada, como com o juízo de condenação, mas que sem dúvida se diferenciam do luto e da ab-reação. Nessa perspectiva, a desativação do processo defensivo de idealização não dá lugar ao luto, assim como tampouco ocorre no levantamento da repressão ou no fim de uma formação reativa, dentro da conceitualização freudiana.

Poder-se-ia pensar a novela familiar, à parte suas raízes na situação edípica, como um processo defensivo não só derivado da comparação com outros pais, das frustrações ou desilusões que ocorrem nos pequenos acontecimentos da vida, do sentimento de ser relegado, ou de não ser correspondido, mas também como uma formação defensiva que perpetua a crença em pais idealizados (onipotentes), similar aos sonhos diurnos, quanto a manter a própria idealização frente às limitações e injúrias da realidade. Vemos que essas duas formações declinam durante a adolescência em eficácia e em frequência e que seriam como estações intermediárias no processo de desidealização que tentam conservar os ressaibos narcisistas prematuros, minados pela prova da realidade, ficando por fim as ditas fantasias relegadas a emergirem no sonho.

Outro aspecto importante é a mudança que se opera no eixo temporal, que adquire outro sentido a partir da adolescência. As mudanças intensas e bruscas que os jovens sofrem, a concomitante acomodação às mesmas, a remodelação de suas estruturas psíquicas e, em particular, da representação de si mesmos, fazem com que vão adquirindo outra noção de sua história e, particularmente, da irreversibilidade do tempo, em consequência, da irrecuperabilidade de seu passado, o que promove uma





certa nostalgia do mesmo, que pode ser confundida com o enlutar-se, por sua aparente semelhança fenomênica.

No trânsito adolescente, desempenha um papel preponderante, para o sucesso ou fracasso de sua missão, o trabalho de pôr em memória (permanência de invariantes basais) e pôr em história (reorganização de situações e outorgamento de novos sentidos), um “après coup” mediante o qual um passado, irrecuperável como tal, continua existindo psiquicamente, outorgando-lhe o sentimento de identidade, apesar das mudanças, em uma concatenação na qual a fugacidade do presente se lança em um projeto futuro altamente catexizado, através de uma tarefa de historização de uma autobiografia sempre inconclusa e em revisão, produto de um ego (self) que “(...) não pode ser e devenir exceto perseguindo-a desde o começo até o fim de seu existir” (Aulagnier, 1989, p.192), que alcança na adolescência seu ponto culminante e por vezes crítico.

Ou seja, os adolescentes não se enlutam pela infância como um paraíso perdido, mas se dão conta cabalmente de que essa não voltará a acontecer, que não se recria. Essa nostalgia que se gera, derivada de uma nova noção do decurso temporal, unida às angústias e dificuldades próprias do trânsito adolescente, faz com que idealize a infância, que por momentos lamenta na qual “(...) as imagens falsificadas de suas infâncias os ajudam a suportar as angústias dos amores adolescentes” (Kaplan, 1986).

Isso pode ser confundido com a tristeza que se assemelha ao o luto, mas tem, no meu entender, uma origem diferente. Às vezes, por exemplo, pude observar jovens com uma marcada nostalgia e apego pelo passado infantil que lhes custava deixar, devido a uma identificação com pais que não podiam aceitar o crescimento e independização de seus filhos e sofriam entristecidos; pelo que seu sentimento não se devia a dificuldades para elaborar os lutos pela infância perdida, mas a perceber que seu desenvolvimento e independização gerava tristeza e vivência de vazio nos progenitores.

Em outros termos, o jovem, em suas oscilações regressivo-progressivas, reatualiza e reinscreve seu passado a partir das ressignificações e remodelação de suas estruturas psíquicas, historiza sua vida e se outorga um sentido de continuidade egóica.

Essa noção diversa do tempo não só modifica o passado, mas preenche o futuro como o tempo em que se podem concretizar os anseios e satisfazer os desejos, que se amalgamam com as capacidades, possibilidades e ideais a que aspira, a partir do que se organiza um projeto de vida.





Rodolfo Urribarri

Sobre as diferenças entre o adolescente e aquele que está em luto ou sofre um infortúnio amoroso

Se é possível aceitar a semelhança aparente de atitudes frente ao tratamento, entre o adolescente e os pacientes que atravessam um período de luto ou infortúnio amoroso, sua explicação em termos catéxico-libidinais, como coloca Freud (1977), não me parece satisfatória. Os pacientes que atravessam tais estados encontram dificuldade em estabelecer contato com o analista, já que consciente e inconscientemente se encontram totalmente presos à situação que os aflige e carecem de interesse e capacidade libidinal para catexizar o vínculo e o tratamento e, às vezes, inclusive, para realizar as elementares tarefas cotidianas. Não ocorre o mesmo no caso dos adolescentes que, se podem estar lidando com as diversas ansiedades e preocupações que lhes depara o crescimento, incluídas as tarefas do luto, nem por isso deixam de interessar-se por novas situações, propostas ou pessoas, já que mostram uma inusual capacidade para desenvolver atividades e catexizar situações ou pessoas, além de seus pesares e tristezas. Portanto, estimo que essa atitude esquiva, distante ou pouco interessada não se explica em termos econômicos, mas como expressão de uma modalidade vincular, pela desconfiança que a situação ou o terapeuta lhe provocam, ou como rechaço de uma situação forçada pelos pais, ou como resultado da incapacidade do terapeuta de criar um espaço compartilhado. Os anos de prática clínica com jovens demonstram-me que é muitas vezes árduo conseguir estabelecer o vínculo terapêutico, que é lábil quanto a sua manutenção inicial. Mas não é sempre assim, também há muitos adolescentes desejosos de serem ajudados e que se prestam com gosto à tarefa, que estabelecem laços sólidos e persistentes com seu terapeuta e com a terapia, sempre que possam apreciar um compromisso afetivo e efetivo com ele e percebam uma escuta despida de preconceito (a partir do enfrentamento geracional basicamente). Assim não os vemos nessa atitude refratária e impenetrável característica dos pacientes antes mencionados, pelo contrário, interessados e colaboradores, ainda que atravessem lutos e sofram desencontros amorosos.

Essa relação entre os referidos quadros e a modalidade do jovem que Freud assinalou (1977) foi também hipertrofiada e quase chegou a uma sinonímia equivocada entre adolescência e enlutamento, pelo que tratarei de resumir algumas diferenças.

Aquele que está enlutado sente que perdeu alguém ou algo que identifica claramente e que sofre por não ter, enquanto o jovem não conhece o motivo de seu penar e ignora as razões de sua tristeza. Por outra parte, poderíamos dizer que o primeiro sofre um revés no mundo externo que não queria que ocorresse e que ocorreu, que lhe significa uma perda pela qual se entristece e se enluta. Enquanto o outro sofre por um





processo interno, inconsciente, que promove a renúncia, que tem um caráter mais ativo na busca de independência dos pais e distanciamento de sua autoridade.

O que sofre por um revés amoroso ou se enluta está “monopolizado” por esse conflito, e o dito processo ocupa-o consciente e inconscientemente; recorda, imagina, sonha, dialoga, incomoda-se, etc., com o objeto perdido, submergindo-se no passado e detendo o presente. Quanto ao jovem, esse não tem noção clara de seu processo, tem mais uma vivência difusa (de índole triste quanto ao desenlace edípico) e ademais, junto com sua saudade do passado, enlutar-se ou ter males de amor, ocupa-se e interessa-se por outras coisas, busca, cria outros vínculos e situações, realiza atividades sublimatórias e criativas, imagina e projeta-se no futuro.

Os lutos dos pais durante a adolescência de seus filhos e processos correlacionados

Como já assinali em diversos trabalhos (Urribarri, inédito, 1977), estimo que a problemática da adolescência não se atém somente ao jovem, mas envolve toda a família, particularmente os pais, os quais também têm que realizar acomodações conductuais, lutos e modificações intrapsíquicas.

Mais ou menos conscientemente, desde a gestação, os pais despejam expectativas sobre o filho e forjam ilusões, que esperavam que se cumprissem ao finalizar seu desenvolvimento. Pendem para elas, buscam promovê-las, induzi-las ou forçar sua progressiva realização. A reestruturação adolescente, a busca de autonomia e desprendimento da autoridade parental, bem como a chegada à plenitude física e genital que possibilita ao filho enfrentar-se com seus pais, podem gerar em maior ou menor grau uma atitude que se oponha aos desejos parentais ou que deles se desvie, ou que ainda, dirigindo-se no sentido de cumpri-los, o faça por caminhos ou formas diferentes dos esperados.

Essa situação de injúria narcísica confronta os pais com a perda do filho desejado, que não se cumpre, apesar das reais conquistas ou triunfos que esse obtenha, já que rompe em alguma medida com esse ideal longamente forjado. Por conseguinte essa perda promove luto nos pais.

Por outra parte, a maturação física e genital dos filhos com a conseqüente possibilidade de concretização tanto do crime como do incesto engendra também para os pais o risco de que a conflitiva edípica desemboque em tragédia. Terá que perder seu filho incestuoso desejado e renunciar aos referidos impulsos, o que implica um luto concomitante ao realizado pelo filho. Vê-se dificultado em parte porque deve aceitar a vida genital do filho, o que lhe faz perder uma posição de privilégio na



Rodolfo Urribarri

família, já que anteriormente a genitalidade era monopólio seu.

Há outros processos correlacionados e que se parecem ao luto sem sê-lo estritamente. Assinalarei sinteticamente três que acredito importantes.

Um se refere à acomodação derivada da paulatina declinação da dependência do filho e da conseqüente necessidade de seus pais, tanto nos aspectos concretos quanto no atinente ao suporte e provisão narcísicas. É sem dúvida um processo lento, ríspido, por vezes doloroso, de liberação e individuação mútuo, paralelo e concomitante à resolução edípica e seu correspondente luto.

Outro se refere ao temporal e geracional. A profunda e contínua mudança aproxima o jovem da maturidade, ou seja, de uma relativa homologação com seus progenitores. O esplendor físico, o vigor e a potência que os jovens transmitem, assim como a imagem de uma vida pela frente e múltiplos projetos a cumprir, são elementos que confrontam os pais com o próprio físico, sinais de envelhecimento (ou enfermidades), um projeto de vida delimitado, o que os leva a questionar o cumprimento, abandono ou traição de planos e ideais adolescentes, desembocando na denominada crise da meia idade.

A isso se acrescenta que, geralmente nessa época, se fazem evidentes a velhice, o declínio e morte da geração de seus próprios pais, graças ao que se vê face a duas frentes simultâneas: uma o reconecta ao passado adolescente e a outra projeta-o para a velhice e à morte, o que implica numa resignificação não só do momento atual de sua vida e relação com os filhos, mas também de sua posição como filho, de seu lugar na cadeia geracional e com a vida e a morte.

Finalmente é importante a reacomodação que possa se produzir no par conjugal, ligada aos lutos e processos anteriores e, em particular, ao seu reencontro como casal, parcialmente relegado para dar curso à parentalidade.

Considerações finais²

Quisera destacar que minha preocupação é poder entender esse período da vida não de uma perspectiva que o marca com o sofrimento pela perda e dificuldade para avançar, em um funcionamento entre caótico e confuso que, quando não se apresenta assim, é conotado como produto de manobras defensivas, o que aproxima o adolescente à mania, à psicopatía ou à psicose com profundas e extensas implicações na clínica.

2. Algumas das propostas desse trabalho, em particular quanto ao luto, foram retomadas e discutidas com o dr. Philippe Jeammet (Soc. Psic. de Paris e Presidente da International Society for Adolescent Psychiatry) em um diálogo mais amplo realizado em 2 de agosto de 1991 e parcialmente publicado na revista *Zona Erógena*.





Nessas formulações, nas quais se patologiza o desenvolvimento em lugar de compreendê-lo e explicá-lo, pode-se visualizar um equívoco. São propostas que provêm da clínica e que se assemelham, somente com diferenças de grau, ao processo normal, o que sem dúvida é errôneo e leva a confundir o assombro e perplexidade do jovem frente a suas mudanças, ao desconcerto quanto a sua exercitação e a sua ainda insuficiente representação e significação, com episódios de despersonalização, confusão, ou processos de luto.

É certo que, no tratamento psicanalítico de jovens, se pode observar alguns fenômenos de dificuldade para aceitar a mudança e as modificações do crescer (tanto física quanto psiquicamente), ou, em outros termos, tolerar a passagem do tempo e as renúncias e adaptações concomitantes, mas só isso não basta para teorizar os lutos como eixos centrais do processo adolescente, já que isso não se corrobora com a observação da generalidade, nem explica os fenômenos próprios desse período. Em particular não dá conta de por que razão o jovem espera, busca, promove e desfruta a mudança e o progresso.

Estimo que essa escolha na teorização da adolescência se deveu a dois erros difundidos amplamente e aceitos quase sem questionamento. O primeiro é que perda implica automaticamente em luto. Nesse sentido, se o jovem deixa de ter algo que possuía (ou, em outras palavras, experimenta uma carência relativa ou privação do que possuía ou era), o que literalmente equivale à perda, não implica necessariamente em que isso seja significado como perda por ele; creio ter desenvolvido e assinalado como o prêmio de incentivo e de prazer frente ao novo desloca o eixo significativo que, em geral, se inclina para o lado do ganho (adquirir ou aumentar um caudal/conquista).

O segundo se refere ao uso do termo luto como unívoco, quando em realidade não o é. Se bem sua etimologia latina remeta à dor, não quer dizer que toda situação dolorosa implique em luto. Trato, pois, de privilegiar o sentido e as formas do trabalho de luto colocadas por Freud. Nesse aspecto postulo que nem toda perda se processa segundo esse trabalho de luto, próprio da perda objetual, e que há outras formas de processamento (como para os componentes narcísicos) não suficientemente esclarecidas ainda.

Talvez convenha recordar brevemente aqui o assinalado por Sigmund Freud em “A transitoriedade”, quando, referindo-se à atitude do jovem poeta que admirava a beleza natural da campina, mas sem desfrutá-la, já que o preocupava (quase diria o obcecava) a idéia de que toda essa beleza desapareceria com a mudança de estação, comenta enfaticamente: “(...) a rebelião anímica por algo que se perde não deve malograr o prazer do belo” (p.309). Pelo contrário, para ele, a escassez de tempo, que dá lugar a uma “(...) restrição na possibilidade de gozo o torna mais apreciável”



(p.309). Ou seja, o perecível, para Sigmund Freud, não detém, mas potencializa o desejo, o que desemboca na busca de novos objetos que compensem a perda, ao ponto de dizer: “*A formosura do corpo e do rosto humano, nós a vemos desaparecer para sempre dentro de nossa própria vida, mas essa brevidade agrega a seus encantos um novo*”. E acrescenta, logo depois de se referir à possibilidade de que os tesouros artísticos desapareçam: “*(...) o valor de todo esse belo e perfeito estaria determinado unicamente por sua significação, para nossa vida sensitiva; não faz falta que sobreviva a ela e é, portanto, independente da duração absoluta*” (p.310).

Ou seja, os que, como o poeta, não podem desfrutar das coisas transitórias da vida (como ocorre com o evolutivo), devido ao que “se perde” com o advento do “novo”, isso é assim porque, em sua história pessoal (subjetividade condicionada pela intersubjetividade na relação com os pais), a mudança foi significada de modo catastrófico, com características em que predominam os sentimentos de angústia e as vivências de perda frente ao que passa ou se deixa. Mas isso não é de se esperar frente ao desenvolvimento, só em certas patologias.

Estimo que a força para esse tremendo processo de mudança que é a adolescência não está centrada na revivescência e revalorização do infantil (na criança dolorida, desgostosa, excitada que foi) com um luto quase patológico que vai declinando com o tempo. Mas é motorizada pela emergência do novo, que promove novas configurações estruturais, que em algum grau englobam e transformam o prévio em uma composição com olhos para o futuro, desde a apojatura brindada por certa condição narcísica, por certa identificação totalmente nova, diferente (que não se determina nem se explica só pelo passado), que por si só torna prazeroso ser-se como se é, nesse momento, ou como se será em um futuro próximo (Paz, 1990). □

Summary

A critical review of the well known relationship between mourning and adolescence is proposed in order to redefine its real dimension and to refuse its generalizations (considering what is suggested by authors such as A. Freud, P. Blos, A. Aberastury and O. Fernández Mouján), starting from the point of view and definition given by S. Freud in “Mourning and melancholia”. The author disagrees with the point of view that emphasizes the mourning issue in the adolescent process and justifies the characterization of this period as one of gains and evolutions instead of one of losts and grievances supporting his opinion in Freud’s concepts, such as the “pleasure prize”, as well as in a different characterization of the developmental process. The author explains his understanding of the mourning process and differentiates it from





other related processes, such as the desidealization, in order to address the adolescent process using a variety of concepts. Finally, the author focuses the parental issue concerning adolescence. At the end a summary of the author's ideas is presented, reorganizing and characterizing his thoughts (concerning adolescence) including the implications that this understanding brings to the clinical practice of the psychoanalytic treatment of the adolescent patient.

Resumen

Se plantea un examen crítico de la difundida relación duelo-adolescencia, tratando de delimitar su verdadera dimensión y de refutar su generalización (considerando lo expuesto por autores diversos como A. Freud, P. Blos, A. Aberastury y O. Fernández Mouján), desde la perspectiva y definición planteada en “Duelo y Melancolía” por S. Freud. Considerando la crítica al centramiento de la adolescencia en torno a los duelos, el autor plantea su disidencia y justifica la caracterización de este período como de ganancias y progresos, en vez de pérdidas y duelos, asentándose en conceptos freudianos como “prima de placer”, así como también una caracterización diferente del proceso de desarrollo. Especifica luego lo que entiende como problemática a duelar y diferencia otros procesos conexos, como la desidealización, para adentrarse en la elucidación del proceso adolescente, recurriendo a diversos conceptos. Hace, después, una breve caracterización de la problemática de los padres durante la adolescencia de los hijos, para finalizar con una síntesis de sus replanteos y de la caracterización de la adolescencia, así como de las concomitantes clínicas que de ello se derivan en el tratamiento psicoanalítico de jóvenes.

Referências

- ABERASTURY, A. (1971). *Adolescencia*. Buenos Aires: Kargieman.
———. (1971, 1972). Comunicaciones personales
———. (1971). Adolescencia y psicopatía. Duelo por el cuerpo, la identidad y los padres infantiles. In: *Adolescencia normal* (cap. 3), de Aberastury y M. Knobel. Buenos Aires: Paidós.
AULAGNIER, P. (1989). Se construire un passé. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, n° 7. Paris: Centurion.
BIBRING, E. (1943). The Conception of the Repetition Compulsion. *The Psychoanal. Quarterly*, p.486/519.
BLOS, P. (1980). *Psicoanálisis de la adolescencia*. Mexico: J. Ortiz.
———. (1981). *La transición adolescente* (cap. 8). Buenos Aires: Amorrortu.
DEUTSCH, H. *Psicología de la mujer*. Buenos Aires: Losada.



Rodolfo Urribarri

- FERNÁNDEZ MOUJÁN, O. (1974): *Abordaje técnico y clínico del adolescente*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- . (1984). El trabajo de duelo durante la adolescencia. In: *Adolescencia, de la metapsicología a la clínica*, compilado por S. Quiroga. Buenos Aires: Amorrortu.
- FRUED, A. (1977). La adolescencia. In: *Psicoanálisis del desarrollo del niño y del adolescente*. Buenos Aires: Paidós.
- FREUD, S. (1905). Metamorfosis de la pubertad. In: *Tres ensayos*. A.E., VII.
- . (1905). El chiste y su relación con lo inconsciente. A.E., VII.
- . (1908). El creador literario y el fantaseo. A.E., IX.
- . (1917 [1915]). Duelo y melancolía. A.E., XIV.
- . (1915). La represión. A.E., XIV.
- . (1910). Cinco conferencias sobre psicoanálisis. A.E. XI.
- . (1909). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. A.E., X.
- . (1916 [1915]). La transitoriedad. A.E., XIV.
- GRINBERG, L. (1963). Sobre dos tipos de culpa. *Rev. de Psicoanálisis*, XX,4.
- JACOBSON, E. (1974). *El self y el mundo objetal*. Buenos Aires: Beta.
- KAPLAN, L. (1986). *Adolescencia. El adiós a la infancia*. Buenos Aires: Paidós.
- KNOBEL, M. (1971). *Adolescencia normal*. Prólogo. Buenos Aires: Paidós.
- LAGACHE, D. (1961). La psychanalyse et la structure de la personnalité. In: *La psychanalyse*. Paris: PUF.
- . (1969). Aporte para un estudio sobre el cambio individual durante el proceso analítico. *Rev. de Psicoanálisis*, XXVI, 1.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (1971). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Labor.
- PAZ, R. (1990). Comunicación personal.
- ROOT, N. (1957). A Neurosis in Adolescence. In: *The Psychoanalytic Study of the child*, v. 12. New York: International Univ. Press.
- SALAS, E. (1972 y 1988). Comunicaciones personales.
- URRIBARRI, R. *Pubertad: entrada y características*, inédito, octubre de 1985, Op. escrita para curso de Prof. Uba, Fac. de Psicología.
- . (1977). *La familia adolescente*. Actualidad Psicológica.
- . (1991). Pérdida de seres queridos en la infancia y en la adolescencia. *N/A: Psicoanálisis con Niños y Adolescentes*, n° 1, tomo 1. Buenos Aires.
- WOLFENSTEIN, M. (1966). How is Mourning Possible. *The Psychoanalytic Study of the child*, v. 21.

Recebido em 02/04/2003

Aceito em 09/04/2003

Tradução de **Clotilde P. de S. Favalli**

Revisão técnica de **Anette Blaya Luz**

Rodolfo Urribarri

Junín 1397, 12° "A", C1113AAK

Buenos Aires – Argentina

© Revista de Psicanálise – SPPA

70 □ Revista de Psicanálise, Vol. X, N° 1, abril 2003





Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: *Rapsódia de agosto*

Roaldo Naumann Machado, Porto Alegre*

O autor, baseado em alguns conceitos de Freud sobre masoquismo erógeno originário, espacialidade psíquica e projeção, dor e trauma, compulsão à repetição, comunicação psíquica inconsciente e acrescentando outros conceitos de autores como Lacan, Winnicott, Aulagnier e Green, analisa o filme de Akira Kurosawa, Rapsódia de Agosto. Propõe, baseado nestes conceitos, a hipótese de uma elaboração traumática transgeracional, resgatando o conceito freudiano de uma NACHTRÄGLICHKEIT (a posteriori) através das gerações.

* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Introdução

O presente trabalho baseia-se numa mesa redonda promovida pelo Centro de Estudos Luis Guedes na jornada de psiquiatria dinâmica no ano de 2002. Procurarei ampliar e aprofundar algumas reflexões apresentadas naquela ocasião.

Revendo o importante trabalho de Freud, “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926d, p.144), deparei-me com uma citação¹ em que o autor reflete sobre uma questão permanente para a ciência, a busca de uma “causa última” como determinante da doença. Transcrevo aqui a citação de Freud: *“É muito de se lamentar que sempre permaneça insatisfeita a necessidade de achar uma ‘causa última’ unitária e apreensível da condição neurótica. O caso ideal, que provavelmente os médicos seguem desejando, todavia hoje, seria o bacilo, que pode ser isolado e dele obter-se um cultivo puro e cuja inoculação em qualquer individuo produziria uma idêntica afecção. Algo menos fantástico: a presença de substâncias químicas cuja administração produziu ou cancelasse determinadas neuroses. Porém não parece provável que possam se obter tais soluções do problema. A psicanálise conduz a expedientes menos simples, pouco satisfatórios...”*

Não é para menos que a própria psicanálise esqueça, de tanto em tanto, esta advertência de seu descobridor e se iluda com o suposto da apreensão de uma “causa última”. A reflexão freudiana sobre o “trauma psíquico” aponta-nos para esta direção. Todos sabemos que a teoria traumática foi também laboriosamente perseguida por Freud. Basta lermos com atenção seus “Estudos sobre a histeria” (1895d) para nos depararmos com a incessante busca da “causa última”. A complexidade da mente humana frustrou-o em inúmeras situações. Os constantes avanços da teoria psicanalítica como, por exemplo, a constatação da universalidade do complexo de Édipo, a teoria das organizações baseada nas fases libidinais, a teoria do narcisismo, a compreensão da incomensurabilidade do inconsciente revelada pelas teorias da organização do aparelho psíquico, o papel da ontogenia bem como da filogenia na formação da mente humana, a transmissão psíquica entre indivíduos, grupos e gerações são apenas algumas das tantas situações que fizeram Freud recuar das suas pretensões em busca da “causa última”. Assim este trabalho tenta abordar um novo prolongamento, outra extensão na tentativa de compreensão deste *continuum* que é o fenômeno humano: a transmissão e elaboração de traumas através dos grupos e gerações, sem jamais perdermos de vista que novas províncias do conhecimento “(...) tal como

1. As referências ao texto freudiano correspondem à edição argentina das *Obras Completas de Sigmund Freud* da Amorrortu e a tradução para o português é de minha responsabilidade. (N. do A.)





acontece a quem navega ao longo da costa sem encontrar tempo para sua viagem, porque, por trás de cada promontório de duna argilosa que ele conquista, pontas de terra inesperadas e novas distâncias continuam a negaceá-lo” (Thomas Mann).

Algumas reflexões

Para a compreensão do que proponho, alguns conceitos se fazem necessários. Apresento-os de uma forma um tanto quanto desordenada, para, ao longo do trabalho tentar integrá-los dentro do tema proposto.

O primeiro refere-se a vários textos freudianos e encontra-se sintetizado no capítulo XI do trabalho “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926d). Freud pergunta-se o que determina que uma dor, psíquica ou somática, encontre uma situação de impossibilidade de elaboração através do que denomina de mobilidade do ego. O autor assim se expressa: “*Seja que o ego vivencie uma dor que não cessa, noutra uma estase de necessidade que não pode achar satisfação, a situação econômica é, em ambos, a mesma, e o desamparo motor encontra sua expressão no desamparo psíquico*”.

Neste mesmo texto (1926d, p.125-6), Freud, tratando da questão dos afetos, propõe uma diferença entre aqueles que causam o desprazer: a angústia, a dor e o luto. Se levarmos em consideração a diferenciação já estabelecida neste mesmo trabalho entre angústia traumática e angústia sinal, o referido afeto é, de acordo com Freud, composto de três fragmentos assim enumerados: 1) um caráter desprazível específico, 2) ações de descarga e 3) percepções destas situações descritas. Pondera, então, que, tanto na dor como no luto, os pontos assinalados nos itens 2 e 3 se acham ausentes, ou, no máximo, se apresentam como conseqüências ou reações frente ao desprazer descrito no item 1. O interessante, para termos uma idéia de como Freud elaborava seus conceitos através dos anos, é lermos com atenção as seções 9,10,11 e 12 do seu “Projeto de Psicologia” escrito e arquivado em 1895 (1950a). Nestas escreve sobre o caráter acumulativo das tensões e da necessidade de descarga das mesmas, que encontra a via muscular e glandular como forma de alívio. Também refere que, de uma forma semelhante à dor, grandes quantidades de energia invadem o sistema, causando desprazer em w, isto é, no sistema da consciência. Ao mesmo tempo em que esta situação se processa, ocorre “(...) *uma inclinação para a descarga, que pode ser modificada segundo certas direções*” e, finalmente, “(...) *uma facilitação entre esta descarga e uma imagem-recordação do objeto excitante da dor*”.

Freud, portanto, através destas considerações e em muitos momentos do referido trabalho (1926d), como em outros textos, propõe-nos diferenciações entre conceitos nem sempre fáceis de serem feitas, levando-se em conta as complexidades





metapsicológicas. Assim são tratados os conceitos de angústia, dor e luto. A angústia, que se acompanha de uma descarga, de uma percepção e, conseqüentemente, de uma possibilidade de representação da mesma – observamos uma tendência projetiva, que tem na própria descarga um esboço rudimentar deste mecanismo – pode ser descrita desta maneira: um excesso de estímulo de origem somática é projetado do interior para a superfície corporal, encontrando nas vias motora e humoral os canais necessários para a descarga e o conseqüente alívio das tensões. Tanto os movimentos de descarga como as sensações de alívio associam-se por simultaneidade ao caráter de desprazer interno sentido, criando o registro mnêmico da angústia (Freud 1900a, 1950a). Está claro que estamos descrevendo os registros completos do desprazer e seu respectivo alívio. Trata-se, portanto, de uma tentativa rudimentar de expulsão do excesso de tensão endógena desprazível com um rudimento de restauração do equilíbrio psicossomático, como a pouco foi dito. No trabalho intitulado “A negação” (1925h), Freud, divagando sobre a questão dos juízos, denomina tal ato de *Ausstossung* (expulsão), já com representabilidade psíquica, isto é, procurando tornar o desprazer propriedade do não-Eu. Este movimento tem evidente parentesco, do meu ponto de vista, com o desinvestimento libidinal de uma percepção desagradável, também descrito por Freud, relacionado com defesas mais primitivas usadas pelo Eu diante de determinadas circunstâncias tais como a *Verwerfung* (desestimação ou forclusão) e a *Verleugnung* (recusa ou desmentida). Nestas situações descritas, o Eu procura restabelecer o princípio do prazer fazendo uso da projeção.

Um aspecto interessante a ser ressaltado aqui é a diferenciação entre os três afetos descritos. A angústia preenche os três pontos descritos tanto no trabalho de 1926 (1926d) como no “Projeto” (1950a). Nas descrições da dor e do luto, Freud descreve que a descarga, bem como a percepção desta última, está ausente. Se relacionarmos que tal registro somente aparece, no dizer de Freud, como conseqüência ou reação frente ao desprazer (1926d), pode ser perfeitamente lógico supormos que a impossibilidade de que tais reações se desenvolvam se deva à incapacidade de registro do objeto causador do desprazer, item este assinalado em terceiro lugar no “Projeto”. Assim esta facilitação ausente entre a descarga e o objeto excitante da dor impede o registro de tal objeto, dificultando decisivamente a expulsão do mesmo como não-Eu e, portanto, os processos projetivos que daí decorrem. Voltaremos um pouco mais adiante a este tópico, pois encontramos uma via de reflexão sobre a impossibilidade de elaboração de certas dores e lutos.

Portanto, para Freud, a angústia é uma tentativa de pôr em funcionamento nosso aparelho psíquico em direção ao princípio do prazer ou da realidade. Mesmo na situação descrita como angústia traumática, na qual o objetivo prevalente é apenas a descarga, nota-se um rudimento de direção neste sentido. Portanto a transformação





de uma libido narcisista, ou ligada em libido livre, ou desligada, tem a importantíssima função tão necessária para a conservação da vida que é a do investimento objetal. Claro está que, quando prevalece o modelo traumático, o registro é o da descarga, e pouca ou nenhuma conservação da vida se faz. Porém, quando a libido investe o objeto necessário para que a ação específica se faça presente, registra-se o estado de desejo em que a representação objetal se encontra incluída (Freud, 1950a, seção 13). É o que Freud, neste mesmo “Projeto”, denomina de vivência de satisfação, tão necessária para o estabelecimento das primeiras alucinações. Sem estes passos tão iniciais, a transformação da angústia traumática em angústia sinal não se processará, e este alerta para o Eu que se sente impelido em busca do objeto de satisfação para a resolução da ação específica e a conseqüente vivência de satisfação não se processará, acarretando sérios perigos para a conservação da vida. Pensamos, portanto, de acordo com Freud, que a angústia é uma condição *sine qua non* para que a defesa, seja esta última qual for, possa ser acionada. Eros exige o ruído da angústia para sua manifestação, ou melhor, o próprio ruído da angústia é uma evidência da presença de Eros, principalmente quando o Eu consegue a transformação da angústia traumática em angústia sinal. Recapitulando o que há pouco Freud propôs sobre a ausência de descarga e, portanto, do registro da mesma nos processos de dor e luto, pensemos sobre a seguinte citação de Freud escrita na seção C, “Angústia, Dor e Luto” (1926d, capítulo XI): *“O intenso investimento de anseio do objeto ausente (perdido), em contínuo crescimento devido ao seu caráter de não inibível, cria as mesmas condições econômicas da dor do lugar lastimado do corpo... A passagem da dor corporal à dor anímica corresponde à mudança do investimento narcisista ao investimento de objeto. A representação do objeto que recebe a necessidade de um elevado investimento narcisista desempenha o papel do lugar do corpo investido pelo incremento do estímulo. A continuidade do processo de investimento e seu caráter não inibível produzem idênticos estados de desamparo psíquico”*. Poderíamos acrescentar que este objeto investido por tal anseio não muda de sinal, como Freud propõe em “Luto e Melancolia” (1917e), não se transformando no objeto excitante da dor, tornando-se, portanto, desnecessária sua expulsão do Eu para o não-Eu. Tais processos são silenciosos, destituídos do ruído da angústia, esta última tão fundamental para a preservação da vida. Assim este estado de investimento tão aumentado cria as condições econômicas do esvaziamento, de uma hemorragia de libido que não cessa, como Freud propõe no “Manuscrito M” (1950a), e é a condição básica do masoquismo, como veremos a seguir.

Tomemos, agora, o conceito de masoquismo erógeno originário. Tentaremos relacioná-lo com a angústia, a dor e o luto. Freud elaborou-o de uma forma progressiva, dando-lhe a configuração que dele temos somente após o desenvolvimento de





sua última teoria pulsional. Esta última foi uma das principais propostas de seu trabalho “Além do Princípio do Prazer” (1920g). Neste texto Freud nos sugere a existência de uma forma de masoquismo primário que precederia o sadismo. A forma mais acabada do conceito é encontrada em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924c). Por que problema econômico? Exatamente porque Freud discute o destino das energias pulsionais dentro do Eu. Assim nos sugere a existência de uma forma primordial de enlace e de neutralização daquilo que já denominara, no trabalho anteriormente citado (1920g), de pulsão de morte. A libido livre provinda do desequilíbrio homeostático ocorrido com o nascimento, por exemplo, liga-se a qualquer tipo de estímulo, mesmo o da dor e do desprazer, tese esta já exposta nos “Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade” (1905d). Esta situação descrita é denominada por Freud de masoquismo erógeno originário, ou sadomasoquismo primordial, e é o testemunho de uma forma originária de enlace pulsional, isto é, a primeira neutralização da pulsão de morte feita pela libido.

Ora, qual é o destino desta mistura libidinal primitiva? Um deles é a transformação no afeto da angústia, principalmente quando novos trabalhos de enlaces são necessários ao Eu para a preservação da vida. Isto que advém do desequilíbrio interno se projeta sobre a superfície corporal com dois fins: o registro do próprio afeto e, em segundo lugar, do encontro com o objeto com fins de torná-lo representável. Assim, devido a esta projeção primordial, teremos dois registros: o da descarga do afeto e o da percepção do objeto. Num texto que são mais anotações dispersas de Freud no declinar de sua vida, denominado de “Conclusões, Idéias e Problemas” (1941f), nos é sugerido que “(...) a espacialidade psíquica é projetada e a partir da mesma se cria o espaço exterior”. Refletindo sobre o que foi proposto, encontramos na projeção a condição *sine qua non* da formação do nosso aparelho psíquico representacional. A musculatura, através da agressividade, é o sistema que operacionaliza esta projeção. Como dissemos, a expulsão (*Ausstossung*) desta mescla libidinal primordial encontra dois registros, o do afeto e o do objeto. Desta forma o irrepresentável, usando-se a linguagem de Botella, encontra as condições de representabilidade. Libido e agressividade configuram, através da projeção, a condição de representação, marca fundamental constituinte do espaço psíquico e do mundo objetual. A erogeneidade sensorial cede espaço à representação através desta sempre contínua transformação de libido narcisista em libido objetual e desta, novamente, em libido narcisista, agora já transcrita numa nova ordem lógica mais complexa. Resumidamente é o que nos propõe Piera Aulagnier (1997), quando nos fala que uma das funções mais vitais de Eros, sem a qual a vida se torna impossível, é a atividade contínua do representar. Como, do ponto de vista de Freud, na dor e no luto se encontra ausente o registro da descarga projetiva, a não ser como conseqüência ou reação, perguntamo-nos se não estaria





neste fato exatamente uma das condições fundamentais da impossibilidade de elaboração de certas dores e lutos.

Passemos, entretanto, nesta trama a outro tópico. O que é a dor? Freud refere-se a ela no “Projeto de Psicologia” (1950a) como “(...) *um raio que atravessa o sistema* y (o sistema das representações) *deixando no mesmo facilidades permanentes.*” O sistema perderia assim sua capacidade de armazenamento e se tornaria permeável como o sistema de condução f, incapaz de reter as representações da memória. É o que, na expressão de David Maldivsky (1986), corresponde ao “*registro da desconstituição dos registros*”.

Se até agora consideramos principalmente a via progressiva onde o impulso proveniente de uma excitação endógena encontra o contexto para significá-lo, abrindo assim o espaço psíquico, passemos agora a considerar a via regressiva da desconstituição do psíquico, do retorno ao irrepresentável, ou, como querem alguns autores (André Green, 1993), a transformação no negativo. O trauma, de acordo com Freud, tem um parentesco muito próximo com esta dor desconstituente dos registros e, devido a condições econômicas análogas, propicia a ruptura dos registros e um retorno a esta mescla pulsional primitiva que Freud descreve como masoquismo erógeno originário, isto é, o irrepresentável. A dor ainda, segundo Freud, especialmente se contínua, favorece esta estase libidinal tóxica, cuja principal característica é a impossibilidade de projeção a partir do Eu fragmentado. Eis as condições do desamparo descritas por Freud, em que o psíquico se degrada no físico, aprofundando o abismo do irrepresentável. Winnicott (1963) fala-nos do colapso (*breakdown*) e Lacan (1949) do corpo dividido (*corps morcelé*). Assim, para estes autores, como complemento às teses freudianas, o contexto oferece-se como uma *gestalt*, sobre a qual os mecanismos projetivos encontram a complementação necessária. É sobre este ideal identificatório antecipado numa forma, os olhos da mãe para Winnicott (1967) e a imagem corporal para Lacan (1949), que o eu se estrutura e se projeta. Assim a dor e o trauma criam, pela estase libidinal proposta por Freud, as condições da impossibilidade deste encontro, isto é, da estruturação do psíquico.

Observamos através deste breve relato o que chamamos de via progressiva da constituição dos registros psíquicos e de via regressiva de desconstituição destes mesmos registros. Fizemos uma hipótese, de acordo com Freud, de que a dor e o trauma ficam impedidos de elaboração psíquica pela impossibilidade de projeção desta mistura libidinal primitiva chamada por Freud de masoquismo erógeno originário. Esta situação decretaria o que também Freud denomina de estase tóxica. Restam ainda algumas considerações que poderemos fazer sobre o que Freud denomina de compulsão à repetição. Tal conceito foi formulado de uma forma mais ou menos acabada em “Além do Princípio do Prazer” (1920g). No capítulo II, nos diz que se





trata de uma tentativa frustrada e rudimentar de ligar o trauma. A libido investe a dor, porém, desafortunadamente, o Eu não consegue projetá-la. Deste fato decorrem duas complicações: a impossibilidade de criação do espaço psíquico, resultado do encontro entre a mescla pulsional primitiva com o objeto oferecido como uma *gestalt* acolhedora, portanto a ausência deste registro, bem como do próprio registro da angústia, e, em segundo lugar, a degradação regressiva da representação no abismo do irrepresentável, que tem no masoquismo as suas manifestações mais rudimentares. Lembremos que, para Freud (1920g, 1923b), o alarido, o ruído da vida é manifestação de Eros. Thanatos, a pulsão de morte, é silenciosa. Em muitas situações de grave masoquismo, nos defrontamos com este silêncio tão grave que aparece em algumas doenças psicossomáticas e noutras patologias semelhantes nas quais o corpo é um arremedo de significante.

Assim, a compulsão à repetição do trauma é uma débil tentativa de neutralização do referido trauma, de criação do espaço psíquico, de transformação do silêncio da pulsão de morte na angústia ensurdecadora, primeiro sinal da manifestação de Eros. Freud (1920g, capítulo IV) nos diz o seguinte: “*Estes sonhos (traumáticos) esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo desenvolvendo a angústia, cuja omissão constitui a causa da neurose traumática*”. Surpreendemo-nos com o fato de que uma neurose traumática grave gera, num indivíduo, uma verdadeira impossibilidade de administração, de criação do espaço psíquico no qual a elaboração conduz ao seu produto final que é a palavra. Outro fato, porém, nos chama ainda mais a atenção: é de que a elaboração necessita muitas vezes de várias gerações para que possa ser processada. O aparelho psíquico deixa de ser individual e passa a ser grupal. O tempo e o espaço já não são patrimônios do indivíduo e sim do grupo no qual alguns indivíduos, que, nas gerações seguintes, têm a incumbência de refazer o mito e contar as histórias, adquirem a capacidade de reintegrar na ordem humana do significante aquilo que fora outrora irrepresentável.

Novamente é Freud que, em algumas obras, dentre as quais cito “Totem e Tabu” (1913-14), “Psicologia das Massas” e “Análise do Ego” (1921c) e “O Ego e o Id” (1923b), nos fornece os caminhos iniciais para o que chamamos contemporaneamente de herança e transmissão transgeracional, conceituando a comunicação de inconsciente para inconsciente, a transmissão do superego através das gerações, comunicações por contágios grupais, a teoria dos lugares psíquicos, das identificações, etc. David Maldavsky (1996), no seu livro *Linhagens abúlicas*, sugere-nos outras formas de transmissão psíquicas, além das genéticas. Partindo do biológico, a imunidade seria uma delas. Os afetos, como matrizes pré-individuais, pertenceriam ao patrimônio herdado como nos sugere Freud (1926d). Seriam também transmitidos, de geração para geração, padrões defensivos, como a repressão, a forclusão, a desmen-





tida e outras defesas que organizariam os padrões individuais e grupais de uma determinada comunidade. Refere-se ainda a traumas tornados pesadelos pela geração seguinte e a uma forma particular de afeto, se é que nesta situação podemos falar em afeto, silencioso, abúlico que é testemunho da estase pulsional, isto é, do masoquismo como expressão fenomenológica da impossibilidade subjetiva de criar o espaço psíquico através das inúmeras e diferentes representações do corpo, de coisa e de palavra, todas patrimônio da nossa herança cultural.

O presente trabalho é uma tentativa de pensar sobre a memória transgeracional e sua transmissão. Se olharmos com um pouco de atenção as memórias descritas acima, notamos que as mesmas se interpenetram e que são interdependentes. O que, porém, nos interessa é o fato de que as defesas não pertencem apenas ao indivíduo, mas sim fazem parte do grupo, sendo transmitidas de geração para geração. A mesma situação descrita ocorre com o masoquismo erógeno originário, esta estase libidinal silenciosa e abúlica carente de representação psíquica, que encontra sua via de transmissão na escuridão do inconsciente.

Rapsódia de Agosto

Passemos, depois destes conceitos preliminares rapidamente revisados, ao nosso fato clínico, o filme de Akira Kurosawa, *Rapsódia de Agosto*. Sempre que, sobre uma obra de arte, incide o nosso olhar psicanalítico, devemos lembrar ao leitor o reducionismo que tal ação decreta e dele nos escusar. É o caso desse filme, trata-se de uma verdadeira obra prima que se presta às mais amplas divagações, inclusive à psicanalítica.

Estamos no ano de 1990, na cidade japonesa de Nagasaki. Quatro adolescentes, a terceira geração, passam suas férias de verão com a avó, a primeira geração. O avô falecera há 45 anos, por ocasião da bomba atômica sobre Nagasaki. A segunda geração, os pais dos adolescentes, está em Honolulu, no Havaí, visitando um tio irmão da avó emigrado em 1920, que enriquecera com o plantio de abacaxis. Este tio distante encontra-se doente, e esta é uma das razões da visita. A outra, talvez a mais real, é a ambição da segunda geração, que deseja de alguma forma participar das riquezas do parente distante.

Os quatros adolescentes estão reunidos na sala de estar com a avó. Tentam tocar algumas velhas canções no velho órgão que pertencera ao avô (lembramo-nos aqui do referido acima sobre os que têm a incumbência de contar as histórias e refazer os mitos). O velho órgão encontra-se estragado e necessita de reparos. Novamente não podemos deixar de pensar que, por alguma razão, talvez a referida estase pulsional tóxica, o órgão-aparelho psíquico, necessita de reparos para refazer os fatos e





Roaldo Naumann Machado

dar continuidade à vida significando a história. Se isto não ocorrer, o velho órgão-aparelho psíquico permanecerá silencioso, incapaz de promover o irrepresentável à ordem significativa humana. A memória da avó, como o antigo órgão, está perturbada. Não lembra do irmão que emigrara há 70 anos. Na sala de estar, acompanhada pelos adolescentes, começam a surgir as lembranças de sua história: a família, os pais, os irmãos e, finalmente, a catástrofe. O trabalho é uma verdadeira reconstrução psicanalítica.

Como com qualquer processo de reconstrução, a angústia mostra-se ruidosamente. Já vimos de que modo tais afetos, aparentemente livres de significado, são expressões de Eros que reclamam o sentido perdido. Pressionadas por tal angústia em busca de significado, as visitas ao local do holocausto se sucedem. Deparam-se, então, os adolescentes com restos de construções e esculturas de corpos esfaçalhados. A própria história dos meninos representantes da terceira geração, isto é, daqueles a quem cabe o dever da reconstrução, encontra-se partida. A homenagem internacional aos mortos é testemunhada pelos inúmeros monumentos que reverenciam a dor, inclusive os do Brasil. É o corpo dividido de Lacan como testemunho do registro da desconstituição dos registros.

Novos encontros com a avó prosseguem o trabalho de reconstrução e elaboração. A velha senhora quer reconstruir a árvore genealógica da família. Nomeia seus irmãos com o intuito de encontrar onde se situa o irmão que migrara. A situação traumática retorna novamente através de um deles que, ainda moço, desafiara o pai, amancebando-se com uma mulher casada. Ambos, contrariando as ordens paternas, foram morar numa casa isolada numa montanha próxima. Perseguidos pela culpa, o casal se suicidara, portanto, uma nova catástrofe. Os adolescentes, como já haviam feito com o local onde a bomba caíra, visitam o lugar do novo sinistro. Tudo passa a ser fantasmagórico. É o retorno do familiar (*Heimlich*), isto é, do íntimo, através do sinistro – *Unheimlich* – (Freud, 1919h) como tentativa de elaboração do trauma. A velha avó recorda-se, então, do irmão mais moço que, após o holocausto, se transformara. Ficara estranho, encerrado num quarto a desenhar repetidamente olhos. Estes passam agora a pertencer ao imaginário dos meninos. São reproduzidos pelos mesmos, que passam a divisá-los nos rostos de alguns animais. O espectro é ameaçador, assusta o grupo, que intui o sentido de uma próxima revelação. Uma cena estranha atravessa estes fatos. A avó recebe visitas de amigas que sofreram o mesmo horror da bomba. Ficam, para surpresa dos adolescentes, horas diante umas das outras, agachadas, balançando-se ritmicamente em completo silêncio. Existem silêncios que dizem mais do que a palavra, sentença a avó. Contudo os adolescentes necessitam de palavras no lugar do silêncio. Se refletirmos sobre esta última cena descrita, podemos pensá-la no sentido de nos defrontarmos com o fato de que, inevitavelmente, o con-





serto do velho órgão passa pelo afeto e pela palavra. Aquilo que se expressa num mutismo, no negativo, é o resultado da função desobjetalizante da pulsão de morte, como propõe André Green.

Eis, porém, que a segunda geração retorna das férias. Sobreadaptada, pensa nos ganhos que podem resultar da viagem feita. A ambição dos pais dos adolescentes é enriquecer e vivem com irritação as inquietudes dos filhos e da velha avó. Logo depois do retorno dos mesmos, chega um dos filhos do velho tio que migrara para o Havai há 70 anos. Clark também deseja conhecer os fatos do holocausto e está em busca de suas origens. Para o constrangimento da segunda geração, quer visitar o local da bomba, falar com a velha tia para saber do acontecido, reconstruir o antigo órgão-memória familiar, porém o imprevisto ocorre e Clark é chamado às pressas para casa, seu pai falecera.

É muito interessante refletirmos sobre este fato atual e o que, do nosso ponto de vista, ele desencadeia. Todas as condições estão criadas para que o afeto desencadeado não seja a angústia sinal necessária que levaria a uma reflexão. Este fato torna atual, na velha avó, a angústia traumática vivida por ocasião da bomba. A noite é chuvosa, cheia de relâmpagos. Por trás da montanha, a avó depara-se com o olho confundido com as nuvens e estas, por sua vez, com o cogumelo atômico. O forcluido retorna como o pictograma originário de Piera Aulagnier. Desta alucinação terrorífica não há o que se possa fazer senão fugir em desabalada carreira. O olho que subtrai, apóstolo da morte, introduz o corpo despedaçado no interior do grupo. Todos correm, alguns para fugir de uma suposta alucinação coletiva, outros para proteger os que fogem. A cena torna atual o provável trauma por ocasião da bomba. Quantas gerações ainda serão necessárias para a elaboração da catástrofe? Quantas psicoses forcluidas serão necessárias, até que as velhas cantigas, lendas e mitos, isto é, a ordem simbólica, recuperem seu devido lugar?

Talvez uma das suposições mais instigantes desta reflexão seja o destino da pulsão (Freud, 1915c), quando não transformada em representação de afeto ou representação de objeto. Esta estase pulsional irrepresentável teria o poder silencioso de uma metástase cancerígena? Não podemos esquecer que, para Freud (1920g), os tumores, assim como as células genésicas, são expressões deste narcisismo absoluto, as primeiras voltadas para a morte, enquanto que as segundas para a vida.

Conclusões

Todas estas questões adquirem relevância atual, pois, novamente a partir de Freud, nos perguntamos quais são as origens das nossas neuroses, das nossas psicoses e das nossas neuroses tóxicas e abúlicas, isto é, seguindo Botella (2002), daquelas





afecções que se degradam no abismo do irrepresentável. Freud, no final do século XIX, nos seus escritos sobre a histeria, rompeu definitivamente com a lógica cartesiana, “penso logo existo”. No seu lugar apareceu como o início de um longo caminho, o “existo onde não penso”. A noção de *Nachträglichkeit*, traduzida para o português por Luiz Hanns (1996) como ação deferida, “a posteriori”, ou, como querem os franceses, *après-coup*, nos introduz na dialética da eterna busca da causa primeira, isto é, o golpe ou o trauma, sem jamais atingi-la, pois sempre encontramos existência onde não pensamos

Pois bem, encontramos-nos diante de uma *Nachträglichkeit* grupal, trans-geracional, ou, se desejarmos aprofundar ainda mais, da espécie. De uma certa forma, já antevíamos esta situação, principalmente no que diz respeito ao grupo e às gerações, quando o imaginário da velha avó passou a pertencer a este mesmo grupo. Todos se ocuparam da tentativa de elaboração do trauma. O importante destas considerações é que concluímos que estamos sofrendo um descentramento progressivo de nós mesmos. Do ego percepção-consciência cartesiano para um ego consciência-inconsciência, um Eu ego-id-superego e, finalmente, para um Eu grupo-espécie. O mesmo Freud, visionário genial, na sua “Interpretação dos Sonhos” (1900a), que festeja mais de cem anos de publicação, dá-nos uma pista sobre este descentramento do indivíduo num sujeito da espécie, quando afirma: “*O sonhar em seu conjunto é uma regressão à condição mais primitiva do sonhante, uma reanimação de sua infância, das motões pulsionais que o governavam naquela época e dos modos de expressão de que dispunha. Além desta infância individual, podemos também alcançar uma perspectiva sobre a infância filogenética do gênero humano, da qual o indivíduo é de fato uma repetição abreviada, influída pelas circunstâncias contingentes de sua vida. Percebemos quão acertadas são as palavras de Nietzsche: ‘No sonho segue atuando uma antigüíssima relíquia do humano que já não se pode alcançar por caminho direto’; isto nos move a esperar que mediante a análise dos sonhos haveremos de obter o conhecimento da herança arcaica do homem, do que há de inato em sua alma. Parece que o sonho e a neurose conservam para nós, da antigüidade da alma, mais do que poderíamos supor, de sorte que a psicanálise pode reclamar para si uma alta posição entre as ciências que se esforçam por reconstruir as fases mais antigas e obscuras do começo da humanidade*”.

Podemos discutir a afirmação acima sob vários ângulos. O primeiro proveniente do próprio Freud, quando amplia sua concepção dos sonhos: “*Estes sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo desenvolvendo a angústia cuja omissão constitui a causa da neurose traumática*” (1920g). Relacionando as duas afirmações, perguntamo-nos qual a origem ou origens do estímulo a ser dominado através da representação da angústia e, posteriormente, da do objeto. Uma respos-





ta para esta questão também poderá ser encontrada em outra afirmação de Freud (1926d,capítuloVIII): *“Porém com isto não temos afirmado nada que pudesse assegurar à angústia uma posição excepcional entre os estados afetivos. Opinamos que também os outros afetos são reproduções de sucessos antigos, de importância vital, pré-individuais talvez mesmo, como ataques histéricos universais, típicos, congênitos, os comparemos aos ataques da neurose histérica, que se adquirem tardia e individualmente, ataques estes últimos cuja gênese e significado de símbolos mnêmicos nos foram revelados com nitidez pela análise. Seria muito desejável, desde logo, que esta concepção pudesse ser aplicada de maneira probatória a uma série de outros afetos, fato este que hoje se encontra muito distante de nós”*. Assim, para Freud, a origem do estímulo carente de representação encontra-se degradado também no irrepresentável da filogenia e necessita do contexto, para que, através da ontogenia, adquira seu significado simbólico. Se tomarmos as sugestões feitas acima por David Maldivsky de transmissão psíquica além das genéticas, compreendemos que traumas podem tornar-se pesadelos nas gerações seguintes e que estas são as formas de tornar representável o irrepresentável da estase pulsional tóxica, conseqüência da degradação traumática dos registros. Outra sugestão muito próxima do que aqui estamos examinando nos é feita por Botella (2002), quando nos sugere que o pesadelo figurado pelo analista é uma tentativa de dar representação ao até então irrepresentável. Assim, para este autor: *“A utilização do efeito da implosão da percepção pelo ego que está despertando, na figuração de um pesadelo, é uma violenta defesa contra o risco da não-figuração; a ‘força sensorial’ da alucinação do pesadelo, uma performance necessária para a sobrevivência do psiquismo”*. Isto nos remete diretamente ao olho-nuvem-cogumelo, alucinação coletiva pela qual o grupo encontra o despertar de sua estase libidinal tóxica, ingressando desta maneira terrorífica na ordem significante humana.

Enfim, para finalizar este trabalho, resta-nos a infindável questão sobre a origem das nossas neuroses, psicoses e neuroses tóxicas. O enigma desta situação remete-nos diretamente para o insondável da origem do nosso psiquismo. Quais e quantos mitos ainda serão construídos sobre os nossos traumas passados e contemporâneos, para que Eros mantenha a sua permanente ação vitalizante? □

Summary

The author based on some of Freud’s concepts about original erogenous masochism, psychic spatiality and projection, pain and trauma, compulsion to repetition and unconscious psychic communication, analyses Akira Kurosawa’s film “Rhapsody





Roaldo Naumann Machado

in August”. He also adds some concepts of authors like Lacan, Winnicott, Aulagnier and Green and based on these concepts, he proposes the hypothesis of a kind of transgenerational traumatic elaboration rescuing the freudian concept of a “NACHTRÄGLICHKEIT” (deffered action).

Resumen

El autor, basado en algunos conceptos de Freud, sobre masoquismo erótico originario, espacialidad psíquica y proyección, dolor y trauma, compulsión a la repetición, comunicación psíquica inconsciente y añadiendo otros conceptos de autores como Lacan, Winnicott, Aulagnier y Green, analiza la película de Akira Kurosawa, *Rapsodia de Agosto*. Propone, basado en estos conceptos, la hipótesis de una elaboración traumática transgeneracional, rescatando el concepto freudiano de una “NACHTRÄGLICHKEIT” (a posteriori) a través de las generaciones.

Referências

- BOTELLA, C. & S (2002). *O Irrepresentável*. Porto Alegre: Criação Humana.
- CASTORIADIS-AULAGNIER, P (1997). *La violencia de la Interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu.
- FREUD, S.; BREUER, J. (1895d). Estudios sobre la Histeria. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- FREUD, S. (1900a). La Interpretación de los Sueños. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.4-5. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1905d). Tres Ensayos de la Teoría Sexual. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1913-14). Totem y Tabú. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.13. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1915c). Pulsiones y Destinos de Pulsión. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1917e). Duelo y Melancolía. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1919h). Lo Ominoso. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.17. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1920g). Más allá del Principio del Placer. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1921c). Psicología de las Masas y Análisis del Yo. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1923b). El Yo y el Ello. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1924c). EL Problema Económico del Masoquismo. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.





Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: *Rapsódia de agosto*

- . (1925h): La Negación. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1926d). Inhibición, Síntoma y Angustia. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.20. Buenos Aires, Amorrortu, 1988.
- . (1950a). Proyecto de Psicología. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1950a). Carta 52. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1941f). Conclusiones, ideas, problemas. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1950a). Manuscrito GR. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- GREEN, A (1993). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.
- HANNS, L. (1996). *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. (1949). El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. In: *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1984.
- MALDAVSKY, D. (1986). *Estructuras narcisistas: constitución y transformaciones*. Buenos Aires: Amorrortu.
- . (1996). *Linajes abúlicos: procesos tóxicos y traumáticos en estructuras vinculares*. Buenos Aires: Amorrortu.
- MANN, T. (1963). *José e seus irmãos*. v.1. Porto Alegre: Globo.
- WINNICOTT, D. (1963). *O medo do colapso (breakdown)*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- . (1967). *O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 03/02/2003

Aceito em 19/03/2003

Roaldo Naumann Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **86** é branca





Conflito psíquico e criatividade: alguns exemplos colhidos na literatura*

Juarez Guedes Cruz**, Porto Alegre

O conflito psíquico tanto pode precipitar um processo de fragmentação do aparelho mental, quanto servir de ponto de partida para um movimento de significação e conseqüente integração no mundo interno, ao ser transformado em rica, mesmo que dolorosa, experiência de vida. No presente ensaio, a atividade literária é concebida como uma das formas de elaboração do conflito: da mesma forma que nos jogos infantis, a criação de personagens é uma das manifestações de uma função estabilizadora na manutenção da integridade e desenvolvimento do psiquismo. Neste sentido, a produção literária é muito mais autobiográfica do que o próprio escritor chega a reconhecer. Algumas dessas idéias são ilustradas a partir de dois exemplos extraídos da literatura.

* Uma primeira versão do presente artigo foi apresentada à mesa-redonda "Trauma e criação artística" na XXI Jornada de Psiquiatria Dinâmica, Porto Alegre, junho 2002.

** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



A presença do autor

‘*O terror não vem da Alemanha, mas da alma*’. Esta frase de Edgar Allan Poe (citado por Rosenblat, 1990, p.33) situa o medo, na literatura, em sua nascente primária: a mente humana. Até então, os contos de horror eram em sua quase totalidade concebidos sem uma compreensão da natureza psicológica de tal sentimento. Nessas histórias, castelos europeus, sombrios e mal-assombrados, eram habitados por fantasmas que arrastavam correntes, emitiam gemidos e gelavam de pavor o sangue dos vivos. O pânico tinha suas origens referidas a um mundo externo escuro e ameaçador. A frase de Poe modifica a perspectiva. Não é da Europa, não é do mundo externo que vem o pavor. Suas origens estão na alma. Tal mudança de vértice foi transparente na literatura de Poe. Seus contos, muitos deles elaborados com narrador em primeira pessoa, eram descrições do medo desde o ponto de vista do narrador/personagem e despertavam uma natural curiosidade pela psicologia do personagem e de seu autor.

Embora muitos escritores tenham certa aversão a admitir o conteúdo autobiográfico de suas obras, há vários outros que, seguindo Poe, admitem uma vertente pessoal no texto. O mundo externo é também, em alguma medida, a representação simbólica do mundo interno, carregado de experiências emocionais que são representadas, na literatura, pelos personagens e tramas construídas. Cortázar, um dos escritores que mais trabalhou nessa vereda aberta por Edgar Poe, lembra das vezes em que se viu “(...) obrigado a escrever um conto para evitar algo muito pior” (Cortázar, citado por Rosenblat, 1990, p.56). O ato de escrever é concebido por ele como um modo de alívio psíquico e um conto cumpre sua finalidade quando ajuda o autor a “(...) desprender-se o quanto antes e da maneira mais absoluta de sua criatura, exorcizando-a da única maneira em que lhe é possível realizar tal coisa: escrevendo-a” (Cortázar, citado por Rosenblat, 1990, p.57).

Há obras literárias em que isso é evidente. Certos contos de Maupassant, Poe ou de Horácio Quiroga foram claras tentativas de lidar (e o conseguiram durante algum tempo) com impulsos autodestrutivos. Outros há para os quais o conto atinge plenamente sua finalidade sublimatória e, como afirmou Cortázar, ajuda a evitar algo pior. O escritor argentino comenta, a propósito de ‘Carta a uma senhorita em Paris’, que este conto foi escrito em um período muito conturbado de sua vida, e que a elaboração do mesmo ‘*curou-o*’ (sic) de certas inquietudes e fobias (Rosenblat, 1990, p.139). Também Jorge Luis Borges, ao falar sobre seus escritos, comenta: “(...) *senti profundamente esses relatos (...) tão profundamente que contei-os usando símbolos estranhos para que as pessoas não descobrissem que são mais ou menos autobiográ-*





ficos. Os relatos eram sobre mim, sobre minhas experiências pessoais” (The Paris Review, 1996, p.54).

As premissas deste ensaio

Parto da premissa de que o texto literário é muito mais autobiográfico do que o próprio autor pretende deixar saber. Expressa, a escrita, uma função vital e ininterrupta da mente humana: significar os estímulos que recebe, estímulos esses provenientes tanto do mundo externo quanto do interno. É evidente que tal participação autobiográfica é elaborada em maior ou menor grau e, muitas vezes, o próprio escritor ignora o quanto reside, no texto, de si próprio. Como afirma Poe, em seu ‘Método de Composição’:

“Muitos escritores (...) preferem que as pessoas acreditem que eles compõem graças a uma espécie de sutil frenesi, de êxtase intuitivo; (...) estremeceariam ante a idéia de deixar o público espiar por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para os verdadeiros propósitos só alcançados no último instante, para os inúmeros relances de idéias que não chegam à maturidade da visão completa, para as imaginações plenamente amadurecidas e repelidas em desespero como inaproveitáveis, para as cautelosas seleções e rejeições, as dolorosas emendas e interpolações; numa palavra, para as rodas e rodinhas, os apetrechos de mudança do cenário, as escadinhas e os alçapões do palco, as penas de galo, a tinta vermelha e os disfarces postiços que, em noventa e nove por cento dos casos, constituem a característica do histrião literário” (Poe, 1827 – 1849, p.131/132).

É natural que, depois de toda essa elaboração, o autor – se é que já não fez intencionalmente para disfarçar-se – não mais reconheça o quanto de sonho, de fantasias, de fragmentos inexplorados de seu mundo interno estão presentes na obra. De acordo com o pressuposto aqui adotado, o drama existente no mundo interno é encenado pelos figurantes presentes no texto literário e o conflito é deslocado para o mundo externo. Da mesma forma que nos jogos infantis, o fenômeno da criação de personagens é expressão de uma função estabilizadora e de economia de energia na manutenção da integridade e desenvolvimento do psiquismo. E não é por outra razão que os personagens têm tanta força e presença e alguns são inesquecíveis: sua substância é a substância de seu autor e é daí que vem a natureza de carne, alma, nervos e sangue desses seres imaginários, muitas vezes “(...) *mais humanos do que gente viva*” (Eissler, apud Bonime e Eckardt, 1977, p.203).



Assim, o personagem pode ser considerado um ‘duplo’ do autor literário, familiar e estranho a ele. Familiar porque é constituído por aspectos do eu do escritor; estranho porque tais aspectos, na maioria das vezes, não são mais admitidos como próprios. Nisso são semelhantes aos personagens que colocamos diariamente nos nossos sonhos e que, muitas vezes, não reconhecemos como componentes do elenco de nosso próprio psiquismo.

O presente texto também tem seus fundamentos assentados no modelo formulado por Bion e Meltzer: a mente é um sistema gerador de imagens e metáforas que conferem significado às experiências emocionais, dando origem a uma rede simbólica que possui um potencial de expansão sem limites predeterminados. E tal função vem a ser o denominador comum dos mitos, dos sonhos, dos devaneios, dos jogos e brincadeiras das crianças, da criatividade artística e científica. Essa instância mental, denominada por Meltzer de ‘*vida onírica*’, é a responsável pela continência de nossos medos, ansiedades, dúvidas, constrangimentos, através de sua transformação em histórias para serem sonhadas, escritas, filmadas, pintadas, esculpidas, declamadas, dançadas, musicadas. Tais concepções são um refinamento das idéias que Freud e Breuer já haviam exposto em sua ‘Comunicação Preliminar’, de 1893, a respeito da elaboração e resolução de situações traumáticas. Comentam o quanto tais acontecimentos devem ser recordados o mais nitidamente possível e, a partir daí, receber alguma forma de expressão verbal. Nesses casos, afirmam, “(...) *a linguagem serve de substituto para a ação*” (Breuer e Freud, 1893, p.49). Ressaltam a importância de colocar lembranças de episódios dolorosos da vida em contato com associações de idéias de modo a serem confrontadas com experiências outras que possam retificá-las. Foi a isso que me referi nas premissas do texto: a linguagem e a escrita podem ser modos de elaborar a situação conflitiva. Ao invés de sofrer passivamente a ação do conflito, o autor literário apossa-se dele e o transforma.

O conflito intrapsíquico e sua elaboração

É a partir desse vértice que compreendo as relações entre conflito psíquico e criatividade. O conflito tanto pode, nos casos nos quais a continência simbólica é insuficiente, precipitar um processo de fragmentação do aparelho mental, quanto servir de ponto de partida para um movimento de significação e integração no mundo interno, ao ser transformado em rica, mesmo que dolorosa, experiência de vida. Vejamos, a partir da literatura, um exemplo.





Poema dos Dons

Jorge Luis Borges, aos 56 anos, foi nomeado para o cargo de diretor da Biblioteca Pública de Buenos Aires. Tal nomeação teve o sabor de revanche, pois, há quase dez anos, em virtude de divergências políticas, fora deposto de um outro emprego, também exercido em uma biblioteca. Entretanto, seu contentamento ao ser reintegrado na função pública não foi completo: nos últimos anos vinha sofrendo com o agravamento de uma doença degenerativa dos olhos da qual padecia desde o início da vida adulta. Perdera a visão do olho esquerdo e, com o direito, já não enxergava praticamente nada. Tratava-se de um mal hereditário que cegara seu pai e a avó paterna. Apesar de ter realizado oito cirurgias, era sabedor que o mesmo desenlace de viver envolto por uma penumbra amarelada lhe estava reservado. Por orientação de seu oftalmologista, fazia um ano que Borges já não exercia as duas atividades de que mais gostava: ler e escrever.

Esta peça que o destino lhe pregou — fazendo simultâneas a nomeação para um cargo em que era cercado pelos livros e a piora da cegueira que o impedia de usufruir dos mesmos — foi reforçada por uma estranha coincidência: seu antecessor nessa mesma tarefa de direção da Biblioteca, Paul Groussac, também terminou seus dias cego. Era, portanto, um momento trágico esse da vida de Borges. Só que ele encontrou recursos, em seu mundo interno, para lidar com esta etapa dolorosa de sua existência: poucos dias depois de assumir a nova função, começou a escrever uns versos aos quais deu o título de ‘Poema dos Dons’. Dizem assim, os versos:

*‘Ninguém rebaixe, a lágrimas ou censuras,
esta declaração da maestria
de Deus, que com magnífica ironia,
deu-me, a um só tempo, os livros e a noite.*

*Da cidade de livros, tornou donos
uns olhos sem luz, que só podem
ler, na biblioteca dos sonhos,
os insensatos parágrafos cedidos*

*ao seu esforço, pela aurora.
Oferta seus livros infinitos,
Árduos como os árduos manuscritos
Que pereceram em Alexandria.*





Juarez Guedes Cruz

*De fome e sede (conta uma história grega)
morreu um rei entre fontes e jardins.
Eu fatigo sem rumo os confins
dessa alta e funda biblioteca cega.*

*Enciclopédias, atlas, o Oriente
e o Ocidente, séculos, dinastias,
símbolos, cosmos e cosmogonias,
me oferecem as estantes, inutilmente.*

*Lento, envolto em minha sombra,
investigo a penumbra, indeciso;
eu, que imaginava o Paraíso,
tendo a biblioteca por modelo.*

*Algo, que certamente não se vislumbra
no termo acaso, governa estas coisas.
Outro já recebeu, em apagadas tardes,
muitos livros e a sombra.*

*Ao vagar por entre as lentas galerias,
costumo sentir, com vago horror sagrado,
que sou o outro, o morto, habituado
aos mesmos passos e nos mesmos dias.*

*Qual dos dois escreve este poema
de uma só sombra e de um eu plural?
E o nome que assino faz diferença,
se é indivisa e única a sentença?*

*Groussac ou Borges, olho este querido
mundo que se deforma e apaga
numa pálida cinza vaga
que se parece ao sonho e ao esquecimento'*

Fiz este relato sobre a criação do 'Poema dos Dons', da autoria de Borges, porque penso que o mesmo ilustra o que estou enfatizando a respeito das relações entre 'conflito psíquico' e 'criação artística': o quanto um movimento criativo, con-





forme sugeri no início, pode ser desencadeado no sentido de dar um significado às vivências emocionais que impactam a mente. Desde as vivências mais sutis até as experiências mais esmagadoras e trágicas. O poema de Borges fala por si, dispensa comentários. Qualquer digressão a seu respeito provocaria aquele mesmo sentimento de mal-estar que surge quando, conforme já referiu Meltzer, tentamos transformar em prosa escassa a rica linguagem do sonho. Mesmo assim é válido sublinhar que, através do poema, Borges tanto está elaborando o conflito atual (a cegueira e a impossibilidade de usufruir os livros da Biblioteca da qual é diretor) quanto um conflito mais precoce: a constatação de estar condenado à cegueira hereditária que atingiu seu pai. A imagem de um antecessor, homem mais velho, aparece com força no poema: *'(...) outro já recebeu, em apagadas tardes, muitos livros e a sombra'*. Com esse 'outro', está se referindo, é claro, à figura mais próxima do diretor que o antecedeu e, mais remotamente, ao pai.

E continua:

*'Ao vagar por entre as lentas galerias,
costumo sentir, com vago horror sagrado,
que sou o outro, o morto, habituado
aos mesmos passos e nos mesmos dias.*

*Qual dos dois escreve este poema
de uma só sombra e de um eu plural?
E o nome que assino faz diferença,
se é indivisa e única a sentença?'*

O poema se enriquece de um conteúdo que transcende a cegueira e a impossibilidade de ler. Ao mesmo tempo em que descreve a tragédia, Borges faz um elogio à *'maestria de um Deus irônico'*, como irônica é a proximidade da morte quando atingimos o apogeu da capacidade de compreender a vida. Por isso, não devemos rebaixar esta lei natural com choro ou censuras, diz Borges. Este é o destino de todos os homens: quando passamos a conhecer um pouco mais a respeito da condição humana e nos tornamos mais maduros, eis que já nos falta tempo de vida para usufruir tal conhecimento. O 'Poema dos dons' relembra o ensinamento proporcionado pelo ponto de vista estético da metapsicologia: a apreensão da beleza contém, em sua própria essência, a apreensão de sua transitoriedade.





Quando falha a elaboração

O exemplo que apresentei reporta uma solução bem-sucedida sob o ponto de vista da atividade sublimatória. Mas é claro que nem sempre as coisas ocorrem dessa maneira. Há situações – similares às de Maupassant, Quiroga e Poe, que referi de passagem anteriormente – nas quais o alívio proporcionado pela criação da obra de arte não é suficiente e o *terror permanece na alma*. Recordo, neste ponto, Perestrello e colegas que, ao definirem ‘sublimação’, incluíram – além dos já conhecidos fundamentos de satisfação de uma fantasia inconsciente de uma forma ‘*simbólica, dessexualizada e desagressivizada*’ – uma outra condição: é necessário que tal satisfação seja também ‘*aceita pelos objetos internos e externos*’ (Perestrello e outros, citada por Toledo, 1996, p.933). Ora, que as obras de tais escritores são formas aceitas pelos objetos externos fica implícito no êxito que tiveram em suas carreiras. O que, muitas vezes, me parece acontecer nesses casos é a falta de aceitação por um mundo interno repleto de objetos sádicos e vingativos. Sempre a exigir alguma forma de castigo, tais objetos não se satisfazem com a atividade criativa artística como forma de reparação. Fraudam, assim, o esforço sublimatório.

Também podemos lembrar, na tentativa de compreensão dos casos de insucesso da produção artística, a diferença que existe entre o *insight* do artista criativo e o *insight* psicanalítico. Este último é reconhecido como algo que se refere à realidade interna do próprio sujeito e torna-se propriedade do eu como um novo conhecimento a respeito de si mesmo. No caso da sensibilidade intuitiva do artista, não podemos falar, a rigor, de um verdadeiro *insight* no sentido psicanalítico do termo. Podem, nesses casos, coexistir, lado a lado, uma profunda compreensão da natureza humana, expressa através de obras que nos tocam e sensibilizam, e um desconhecimento do autor a respeito das fontes psicológicas originais da trama. É dolorosamente irônico o fato de que, através das obras literárias, possamos os leitores aprender a respeito de nós mesmos quando, tantas e tantas vezes, seus criadores não puderam tirar o mesmo proveito e terminaram derrotados por seus conflitos sem que sua obra pudesse evitar o pior.

Ainda bem que, na maioria das vidas, a sublimação tem sucesso. Quero, a propósito disto, finalizar com um outro exemplo também colhido na literatura. Mais especificamente, do romance ‘*Enquanto agonizo*’, de William Faulkner. Não vou deter-me na biografia do autor, mas na vida de seus personagens e na maneira como um deles elabora uma situação conflitiva ou, dentro do nosso tema, como a situação conflitiva é, para ele, ponto de partida para uma construção poética.





Beber estrelas

Darl Bundren tem vinte e seis anos e é o segundo filho de um casal de pequenos proprietários de terras no sul dos Estados Unidos. Sua mãe, Addie, está agonizando e Darl, seus irmãos e o pai apenas aguardam a morte dela para iniciar uma peregrinação cuja finalidade é sepultá-la em uma cidade distante de onde mora, para cumprir o último desejo da enferma. A situação é muito triste e tocante, e praticamente todo o romance de Faulkner é construído, ao narrar as vicissitudes dessa jornada trágica, dos pensamentos e sentimentos dos diversos personagens que conduzem o cadáver da mãe e da esposa.

Imagine, o leitor, a cena: é madrugada, a mãe agoniza, o esposo e pai silencioso aguarda o desenlace. Os filhos o cercam nos preparativos da melancólica viagem. É nesta situação dolorosa, na iminência de perder a mãe, que Darl, dirigindo-se a um poço que existe perto da casa, tem o seguinte pensamento:

“De menino aprendi que a água é muito mais gostosa quando fica mais tempo num balde de cedro. Fresquinha, com um sabor parecido com o aroma do vento quente de julho nos cedros. Deve ficar nesses baldes pelo menos seis horas, e ser bebida numa cuia. Nunca se deve beber água em recipiente de metal. E durante a noite é ainda mais gostosa. Eu costumava me deitar na enxerga na entrada, esperando até ouvir que todos dormiam, então podia me levantar e ir até o balde. Ficava tudo escuro, a boca do poço escura, a superfície parada da água como um orifício redondo no nada, onde antes de agitá-la com a cuia eu podia ver talvez uma estrela ou duas no balde, e talvez na cuia uma estrela ou duas antes de beber” (Faulkner, 1930, p.15).

Essa imagem das estrelas dentro do poço, dentro do balde, dentro da cuia, prontas para serem bebidas é carregada de uma emoção que, seguramente, não consigo transmitir aqui e só a leitura do romance faz justiça. Espero ter, pelo menos, expressado o quanto a poesia que brota desse pensamento de Darl ilustra minha abordagem. O artista sensível tem essa capacidade demonstrada pelo personagem de Faulkner de, mesmo em situações de extremo sofrimento, dar um sentido ao impacto emocional e transformar o que viveu em uma experiência que pode ser sonhada e transfigurada em obra de arte. Darl está perdendo a mãe, mas salva de modo criativo sua relação com ela e com o que aprendeu com ela na infância: *‘De menino aprendi que a água é muito mais gostosa quando fica mais tempo num balde de cedro’*. Ele está perdendo a mãe, mas pode beber estrelas em uma pequena cuia. É como se dissesse: o seio externo está morrendo, está perdido, mas eu conservo dentro de mim essa





Juarez Guedes Cruz

imagem brilhante do seio que alimenta e que carregarei o resto da vida. Essa imagem refletida na água gostosa, fresquinha, e que tem o aroma do vento que passa pelos cedros nas noites quentes de julho. □

Summary

Psychic conflict can both precipitate the fragmentation of the mental apparatus system and work as a starting point for a movement of significance and, consequently, integration into the internal world, transforming it upon into a rich but painful life experience. In this essay, literary activity is conceived as one of the forms to elaborate this conflicts. Likewise in the childhood games, the creation of characters is a manifestation of a function that stabilizes the maintenance of integrity and development of the psychism. To this effect, literary production is much more autobiographic than writers themselves usually admit. Some of these ideas are illustrated in two examples from literature.

Resumen

El conflicto psíquico tanto puede precipitar un proceso de fragmentación del aparato mental, como servir de punto de partida para un movimiento de significación y consecuente integración en el mundo interno, al ser transformado en rica, aunque dolorosa, experiencia de vida. En el presente ensayo, la actividad literaria se la concibe como una de las formas de elaboración del conflicto: de la misma forma que en los juegos infantiles, la creación de personajes es una de las manifestaciones de una función estabilizadora en el mantenimiento de la integridad y desarrollo del psiquismo. En este sentido, la producción literaria es mucho más autobiográfica de lo que el propio escritor llega a reconocer. Algunas de esas ideas se ilustran a partir de dos ejemplos extraídos de la literatura.

Referências

- BONIME, F. & ECKARDT, M. (1977). On psychoanalyzing literary characters. In: BERMAN, Emanuel (1993) *Essential papers on literature and psychoanalysis*. New York/London: New York University Press.
- BORGES, J.L. (1923 – 1972). *Obra Poética*. Madrid: Alianza Editorial, 1975.





- _____. (1996). Confesiones de escritores. Escritores latinoamericanos. *The Paris Review*. Buenos Aires: El Ateneo.
- BREUER, J.; FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. Comunicação preliminar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FAULKNER, W. (1930). *As I lay dying*. New York: Vintage International, 1985.
- FREUD, S. (1919). O 'Estranho'. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (17). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- POE, E. A (1827 – 1849). *Obra poética completa*. Madrid: Libros Rio Nuevo, 1983.
- ROSENBLAT, M.L. (1990). *Lo fantástico y detectivesco. Aproximaciones comparativas a la obra de Edgar Allan Poe*. Caracas: Monte Ávila, 1997.
- TOLEDO, L.A B. (1996). Sexualidade e sublimação. *Revista Brasileira de Psicanálise* (30), 933 – 940.

Agradecimentos:

Ao colega Antônio Carlos Jardim Pires e aos colegas do grupo 'Escrita Psicanalítica' – Magali Fischer, Marli Bergel, Matias Strassburger, Rosaura Blochtein Lembert e Suzana Iankilevich Golbert – pela revisão e valiosas sugestões.

Recebido em 06/04/2003
Aceito em 11/04/2003

Juarez Guedes Cruz
Rua César Lombroso, 41
90420-130 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: jgcruz@pro.via-rs.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador
a página **98** é branca





Seção Especial: Matte-Blanco





Atenção montador

a página **100** é branca





A função Tradutora e o Quantum Intelecto-Emoção*

Ignacio Matte-Blanco



* Publicado originalmente em "*Matte-Blanco, Ignacio. The Unconscious as Infinite Sets. Londres: Duckworth, 1975*". Tradução e publicação autorizada por Luciana Bon de Matte.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003 □ 101





Introdução

Agora que a questão das emoções básicas vista como conjuntos infinitos foi considerada, podemos voltar nossa atenção para o estudo das assim chamadas ‘emoções domadas’. Imediatamente percebe-se que este problema se assemelha a um cruzamento, onde muitos aspectos diferentes do conceito de emoção se encontram. De fato, considerar este problema implica em considerar a questão da relação entre pensamento e emoção, da possibilidade de medir a emoção e a relação entre consciência e o modo de ser simétrico.

Aparentemente, a melhor forma de abordar esta difícil problemática é iniciar com um exemplo clínico.

1. Um exemplo clínico

O fato de que havia concordado em entregar um certo artigo em uma determinada data e esta data estava se aproximando, estando eu longe de completar o artigo, forçou-me a interromper meu trabalho clínico por dez dias. Quando um dos meus analisandos voltou para a sua primeira sessão depois do período de interrupção, começou a falar sobre o Papa. Criticou o Papa por uma recente carta sua, na qual se referia aos comunistas. O Papa, o paciente explicou, havia condenado os comunistas. Havia feito uma distinção entre aqueles que tinham sido iludidos pelos comunistas e, conseqüentemente, haviam se identificado com eles, e os que eram comunistas convictos, ou seja, aqueles que adotavam uma posição teórica como comunistas. Estes foram condenados pelo Papa. O paciente era um comunista convicto e, portanto, sentiu-se incluído entre aqueles que foram condenados. Prosseguiu comentando que o Papa foi irresponsável e delinqüente ao fazer tal pronunciamento.

Além disso, o paciente tinha se dado conta de que as nossas sessões analíticas não significavam nada para ele em um sentido profundo, mas, ao contrário, davam a ele a oportunidade de ter alguém para falar sobre sentimentos e problemas pessoais. Sentia-se só e falar comigo aliviava sua solidão. Então, continuou dizendo que, em uma determinada tarde, ele deveria ir a um seminário na Universidade, mas sentiu que seria muito aborrecido. Então, em vez disso, decidiu ir a um show de strip-tease. Em um certo momento do show, duas mulheres começaram a despir-se e manter contato sexual. O paciente considerou o ato muito obsceno e saiu.

Também declarou que, durante o período de interrupção das sessões, havia permitido que sua esposa o mimasse, e ela havia sido muito carinhosa com ele. Sua





esposa havia comentado que agora tinha mais um filho, ou seja, ele. O próprio paciente sentia como se sua esposa fosse de fato sua mãe.

Neste ponto fiz uma interpretação. O Papa irresponsável e delinqüente era eu mesmo, que havia banido ou separado os comunistas da sua companhia, os quais representavam o paciente (pois ele realmente era um comunista). Quando não foi à Universidade para um seminário e, em vez disso, foi a um show de strip-tease, tinha ao mesmo tempo me rejeitado no papel formal de um professor universitário e havia buscado me conhecer como uma mãe na intimidade da nudez. Neste momento, lembrou-se de que, em uma certa ocasião, quando ainda era criança, havia espiado sua mãe enquanto ela se despia e tinha se sentido muito culpado com isso.

Com relação à obscenidade das duas mulheres em contato íntimo com seus corpos nus, sugeri que isso provavelmente havia evocado um insuportável sentimento que o paciente deveria ter sentido quando sua mãe deu à luz e amamentou sua irmã. Como ele sabia que eu havia interrompido as sessões porque tinha de terminar alguns artigos, ele havia tomado isso como uma gravidez simbólica, como o dar à luz um filho e desfrutar da intimidade com meu próprio filho, enquanto que, ao mesmo tempo, o excluía de tudo. Tudo isso correspondendo à experiência do nascimento da irmã do paciente.

Uma análise lógica deste caso. Agora podemos tentar avaliar a situação de forma a obter uma perspectiva útil para nosso estudo. Primeiramente, é óbvio que o jovem havia reagido à interrupção das sessões com um profundo sentimento de rejeição. Esse sentimento o levou a ver de maneira obscura todas as situações que tiveram lugar durante a interrupção. Devo acrescentar que não relatei todas as associações do paciente e que houve outras associações apontando na mesma direção. Obviamente, sua atitude foi a expressão de uma emoção e vemos nela, de fato, as características típicas do pensamento emocional. O Papa e eu, as duas mulheres fazendo amor em um show de strip-tease e sua mãe dando à luz sua irmã eram todas, de uma certa forma, a mesma coisa para ele: a mãe rejeitante. '*A categoria das mães rejeitantes*', que ele havia (implicitamente) considerado, era uma categoria muito ampla, tão ampla que, do ponto de vista lógico, não é correto denominá-la assim. Porque eu e o Papa nem mesmo éramos mulheres, e as duas mulheres no show não apresentavam aparência de mães. Do ponto de vista lógico, '*a categoria das mães rejeitantes*' era somente uma subcategoria de uma categoria mais ampla que poderia ser definida como '*a categoria de todos os indivíduos que de alguma forma fazem algo que é uma rejeição ativa ou voltam a atenção para outras coisas que não o indivíduo que a busca*'. O conjunto de todas as mães que se adaptam a esta função proposicional é uma subcategoria dessa categoria. Somente essa subcategoria poderia, precisamente,





ser chamada ‘a categoria das mães rejeitantes’. As mulheres no show poderiam, logicamente, pertencer a outra subcategoria, o Papa a outra e eu mesmo a outra subcategoria dessa categoria ampla. Todavia, emocionalmente, o paciente havia tratado a categoria mais ampla, recentemente definida, como sendo idêntica à ‘categoria das mães rejeitantes’, assim como todas as outras subcategorias como sendo idênticas tanto à categoria das mães rejeitantes quanto à categoria mais geral. Além disso, havia tratado o Papa, as mulheres no show e eu (todos os quais eram apenas *elementos* de subcategorias) como idênticos não apenas com relação às subcategorias correspondentes, mas a todas as subcategorias e à categoria geral.

Em outras palavras, o sentimento de ter sido abandonado foi experimentado por ele com relação a todas as pessoas que de certa forma, mesmo da maneira mais indireta, cumpriram a função proposicional que define a categoria ampla. A forma mais correta de descrever o que aconteceu com ele nesse estado emocional seria dizer que os indivíduos, as subcategorias, a categoria geral e a função proposicional que define essa categoria eram todas uma única e mesma coisa. Nenhuma distinção foi feita entre os vários indivíduos e diferentes situações de abandono. Este é um típico caso de identificação do indivíduo com a categoria ou a função proposicional que a define, o que é característico do pensamento simétrico, como é visto na emoção ou em profundas manifestações inconscientes. A qualidade generalizante da simetria é óbvia neste caso.

Ao mesmo tempo, entretanto, os fatos referidos acima são também a expressão de experiências bastante individuais e circunscritas, como é evidente no fato de que o que apareceu na consciência do sujeito não foram as categorias, mas *emoções dirigidas para indivíduos*: o Papa, eu, sua esposa e as mulheres no show. Poder-se-ia dizer que este é um caso de emoção ‘domada’. O paciente estava com raiva do Papa, sentiu-se indiferente com relação a mim e desaprovou as mulheres, mas não estava ciente de que, em um nível mais profundo e simétrico, éramos todos uma única e mesma coisa, algo idêntico à categoria geral. Colocando de outra forma, ele não estava ciente de que, em um nível mais profundo, não havia o Papa, ‘eu’, ‘um casal de mulheres fazendo amor’, mas um imenso conjunto que englobava ‘o Papa’ – ‘eu’, – ‘as mulheres fazendo amor’ – ‘rejeição’¹, no qual cada um desses aspectos parciais impregnava, por assim dizer, todos os outros e o todo impregnava cada uma das partes. O paciente também não estava ciente de que *a descrição recém formulada é um modo externo e assimétrico de compreender – em termos de entidades distintas – uma realidade que não possui partes ou entidades distintas e que, como tal, não pode*

1. Ou ‘maternidade-rejeitante’.





penetrar a consciência, a não ser que seja traduzida em entidades distintas, ou seja, entidades separáveis umas das outras, e que o ato lógico de diferenciação de uma entidade da outra pressupõe o uso de relações assimétricas. Ele não estava ciente de tudo isso, porque não estava pensando nas circunstâncias descritas, mas simplesmente sentindo-as.

Acredito que a breve descrição anterior de uma sessão analítica nos dá a oportunidade de discutir vários assuntos inter-relacionados, os quais iremos considerar agora em tópicos separados.

2. Comentário sobre a 'inserção lateral do instinto na mente'

A '*categoria das mães rejeitantes*', no caso mencionado, é somente uma subcategoria de uma categoria mais geral. O Papa pertencia a outra subcategoria, e eu mesmo a outra ainda. A partir de um ponto de vista rigorosamente lógico, nem o Papa nem eu pertencíamos à categoria das mães rejeitantes. Contudo, não somente nós, mas também a categoria mais geral foi tratada como pertencendo à categoria das mães rejeitantes. Esta é uma situação peculiar que necessita de entendimento adicional. Em primeiro lugar, a não ser que a categoria mais geral fosse levada em consideração, não teria sido possível incluir o Papa e a mim mesmo na categoria das mães rejeitantes, porque nenhum de nós era uma mãe. Assim, *do ponto de vista lógico*, de forma a incluir-nos nessa categoria, foi necessário conceber uma categoria ainda mais geral, à qual nós (ou melhor, nós na medida em que exercemos as funções que nos são atribuídas pelo analisando) pertencíamos como elementos das subcategorias dessa categoria geral. Um vez que essa '*ascensão*' lógica a uma categoria mais geral se completou, a aplicação do princípio de simetria permitiu as várias equivalências ou identificações mencionadas acima. É necessário salientar, mais uma vez, que esta é uma maneira lógica de se considerar a realidade, a qual em si própria não é divisível em tantas etapas, mas *ocorre toda de uma só vez*.

As considerações acima, entretanto, não são suficientes para explicar a preferência dada, nos sentimentos do paciente, para a categoria das mães rejeitantes, a qual, em restrita '*lógica simétrica*', deveria estar no mesmo plano de quaisquer outras subcategorias ou da categoria geral. Essa preferência é testemunha do fato de que alguma assimetria havia se infiltrado durante a aplicação do princípio de simetria, neste caso particular. A explicação para esse fato encontra-se na realidade psicobiológica. O paciente não era um lógico executando jogos sutis, mas uma pessoa *viva*, necessitando de afeição e cuidado, cujas necessidades eram expressas através de sentimento-pensamento. Há duas observações relevantes a serem feitas aqui. Primeiro,





Ignacio Matte-Blanco

que o paciente desejava ou esperava algo de mim e do Papa²; ambos éramos, neste sentido, fontes potenciais de satisfação de desejos instintivos. Os desejos referentes a nós, da mesma forma, não se referiam *diretamente* a necessidades primitivas, mas a manifestações mais elaboradas ou disfarçadas de tais necessidades. O paciente desejou, por exemplo (entre outras coisas), ser compreendido e aprovado intelectualmente por mim e pelo Papa.

A segunda observação refere-se ao fato de que, como anteriormente visto, tais desejos tinham algo em comum com outros desejos, os quais eram mais *diretamente biológicos* e também cronologicamente anteriores: aqueles referentes ao cuidado e afeição dados a ele por sua mãe quando era pequeno. É esta interação entre necessidades biológicas e satisfação que podemos considerar como sendo uma situação instintiva *básica*, e é este tipo de situação que desfruta do privilégio da primazia sobre todos os outros, nos quais as necessidades e desejos estão em um plano simbólico menos diretamente biológico. Como já foi reconhecido no Capítulo 10, o conceito de instinto, um conceito biológico, envolve assimetria, pois não é possível satisfazer a fome com comida simbólica (tal como leitura), mas somente com a precisa comida exigida do ponto de vista biológico. Da mesma forma, as atividades mentais conectadas com a direta satisfação das necessidades instintivas deve, necessariamente, distinguir comida de leitura, e isso implica no uso de relações assimétricas. *Os processos biológicos do instinto, entretanto, fazem sua primeira aparição na vida mental em um nível assimétrico, ou seja, em um nível que não é o mais profundo de todos.* Isso é o que tenho chamado 'a inserção lateral do instinto na vida mental'. Uma vez que os processos instintivos estão presentes na mente na forma de desejos, são tratados de acordo com a natureza da emoção e, assim, são sentidos de uma 'maneira simétrica'. Isso envolve um nível mais profundo. A primazia da necessidade original, entretanto, persiste por toda a vida, mesmo quando é expressa de maneiras totalmente simbólicas (simétricas). Poderíamos, talvez, relacionar isso ao fenômeno do 'imprinting'. De qualquer forma, é essa primazia que explica o fato aparentemente peculiar (o qual surpreende ou repele muitos dos 'não iniciados') de que os analistas estão sempre falando de situações e órgãos primários (alimentação, seios, pênis, Édipo, etc.). Deve-se acrescentar, entretanto, que por trás de cada situação concreta há um conjunto infinito.

É pertinente mencionar aqui que, em um estudo do desenvolvimento cogniti-

2. Notar-se-á que deixei as duas mulheres do show fora destas reflexões. Isso é feito somente para não dificultar a questão, pois, apesar de que, essencialmente, as mesmas considerações se apliquem no caso delas, algumas observações adicionais teriam de ser feitas, as quais poderiam complicar o raciocínio em detrimento da clareza.





vo, Money-Kyrle (1968. In: *Obra selecionada de Roger Money-Kyrle – Desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996) faz algumas reflexões interessantes sobre a formação de conceitos. Ele escreve:

“Até onde o nosso conhecimento atual alcança, a primeira pré-concepção inata a operar em um bebê recém-nascido é, presumivelmente, aquela de um seio ou mamilo. Ou melhor (...) de um seio bom e um seio mau. As duas categorias (...) cobrem uma larga escala: numerosos objetos poderiam ser reconhecidos como membros (ou, de acordo com Bion, poderiam combinar com eles). Mas o que quer que seja primeiramente reconhecido como tal – um seio em particular ou uma mamadeira dada de uma forma particular – parece ter o efeito de estreitar a categoria... isso limita os objetos que podem ser reconhecidos como membros àqueles que se assemelham de forma razoavelmente próxima ao objeto original. De qualquer forma, a partir de agora o bebê pode apenas ser satisfeito pelo seio bom que tenha recebido anteriormente e não por uma alternativa que o teria satisfeito se tivesse sido oferecida em primeiro lugar... O processo pode parecer o mesmo que aquele observado comportamentalmente por etologistas e chamado de ‘imprinting’.

Lado a lado com o desenvolvimento de um conceito de seio, ou mais especificamente, de mamilo, podemos supor o desenvolvimento de um conceito de algo que recebe ou envolve o mamilo, ou seja, a boca (...) A partir desses dois conceitos parece que tudo, ou quase tudo, do vasto número de conceitos que empregamos, derivou-se, fundamentalmente, através de processos de divisão e combinação (dissociação e integração)” (op. cit. p.433).

A título de um breve comentário, gostaria de dizer que o conceito de pré-concepção parece ter certa correspondência com a noção do ser simétrico; fazer uma análise comparativa completa de ambos está além do objetivo deste trabalho. Por outro lado, acrescentaria que o processo descrito por Money-Kyrle na última parte da citação, especialmente as observações sobre divisão e combinação de conceitos, corresponde a um processo de tradução do ser simétrico em expressões assimétricas, como anteriormente se considerou, e que será melhor estudado na Seção 4 deste capítulo.

Se retornarmos agora ao caso clínico, acredito que poderemos entender melhor a complexidade da situação. A assimetria introduzida na preferência (implícita) da ‘categoria das mães rejeitantes’ sobre todos os outros elementos e subcategorias da categoria mais ampla e sobre ela própria é consequência do papel central primário que os temas básicos do instinto têm na vida mental. A formação da categoria maior,





Ignacio Matte-Blanco

por outro lado, é testemunha do fato de que, partindo de uma simetria relativamente pequena de *apresentação do instinto*, para usar a expressão de Freud, a interação entre os modos de ser simétrico e assimétrico pode chegar a categorias muito maiores e, conseqüentemente, a uma escala muito maior da aplicação do princípio de simetria.

O restante da questão (identificação de indivíduo e da categoria com todas as suas conseqüências) é algo já bastante familiar.

3. Um breve comentário sobre o nível de complexidade lógica da presente abordagem

Em todo este livro temos feito amplo uso dos conceitos de relações simétricas e assimétricas e, agora, no estudo da função tradutora, continuamos a dar atenção preponderante a esses dois conceitos lógicos. Parece natural, entretanto, perguntar qual é a razão para esta preferência. Devo apontar para o fato de que, depois de ter chegado à formulação do princípio de simetria e de ter percebido que tantos aspectos se tornavam compreensíveis com seu auxílio, tenho me perguntado, freqüentemente, por que os conceitos de relações simétricas e assimétricas deveriam estar exclusivamente no centro de todas essas explicações. Há tantos outros conceitos lógicos, os quais, em princípio, poderiam ser importantes na descrição de fenômenos psicológicos. Em particular, a noção lógico-matemática de *operação* parece estar destinada a desempenhar um excepcional papel nesse sentido. O uso desta e de outras noções similares, todavia, está totalmente ao lado da função tradutora e não do ser simétrico.

Apenas recentemente vim a perceber a razão para esta preponderância com grande clareza. Ela simplesmente recai sobre o fato de que o conceito de relação é provavelmente o mais fundamental conceito lógico e parece ser anterior a todos os outros conceitos lógicos não-definidos. Além disso, o próprio conceito de relação envolve aquele da relação assimétrica, de forma que, verdadeiramente, pode-se dizer que toda a lógica inicia a partir desse conceito. Se entendido dessa maneira, como deve ser, não é nada surpreendente que a distinção entre os mundos lógico e alógico seja feita em termos da disponibilidade ou não das relações assimétricas. Este ponto será considerado no Capítulo 28, especialmente nas Seções 1 e 5. Enquanto isso, darei alguns exemplos que mostram por que a abordagem adotada aqui é *básica*, por mais imperfeita que possa ser. Um seio pode ser definido grosseiramente como um órgão que supre a criança de leite: 'um seio é um fornecedor de leite para...'. Esta frase significa, em termos lógicos, que o seio está em uma relação de fornecedor para alguém que recebe. Obviamente, essa relação é assimétrica, pois a criança não está





em uma relação de fornecedor para o seio. ‘O pênis é um órgão que penetra...’ também implica uma relação assimétrica. O conjunto de todos os seios e pênis, e qualquer outro conjunto ou categoria com que lidamos em psicanálise, envolve, em suas definições, uma ou mais relações assimétricas. Estas podem ser mais ou menos óbvias, mas, sem relações assimétricas, o pensamento não acontece. Podemos considerar, como um outro exemplo, a categoria daqueles que são feridos (para usar o exemplo de Whitehead e Russel), definido pela função proposicional ‘x é ferido’. O significado de ferido, se melhor investigado, envolve a relação assimétrica fere-ferido. A categoria das mães (‘x é uma mãe’) envolve várias relações assimétricas (‘dar a vida’, ‘formar dentro do útero’, tendo como conversões ‘receber a vida’, ‘ter se formado...’, etc.). Resumidamente, é impossível considerar a vida mental sem relações assimétricas, e esta é uma das razões pela qual o par assimétrico-simétrico desempenha um papel tão importante na presente abordagem. Parece que devemos, primeiramente, tentar entender a questão fundamental do relacionamento entre relações simétricas e assimétricas na vida mental, antes de prosseguirmos com nossos estudos. Pois nos confrontamos aqui com um fato extraordinário, a saber, que há aspectos centrais no homem que são completamente estranhos para a noção de relações assimétricas³. Esse fato, até onde eu saiba, é único na natureza. E é por esta razão principal que, se desejamos saber algo sobre o ser íntimo do homem, precisamos tentar entender o significado desse fato, sua extensão, suas projeções e tudo que ele envolve.

Podemos agora retornar ao nosso tema.

4. Presença e densidade de, e interações entre, relações simétricas e assimétricas

A partir do caso escolhido como exemplo, é fácil compreender que os modos de ser simétrico e assimétrico estão em complexa e constante interação e que nenhum deles aparece de forma isolada. O fato de que, no caso mencionado, existam categorias, subcategorias e indivíduos indica o uso de relações assimétricas, como é mencionado nas considerações anteriores. Por outro lado, a equalização simétrica aparece, em nosso exemplo, em vários níveis e modos. A categoria ampla, à qual nos referimos acima (‘a categoria de todos os indivíduos que, de alguma forma, fazem algo que é uma ativa rejeição ou voltam a atenção para outras coisas que não o indivíduo que a busca’), é um exemplo de um conjunto infinito de tipo extenso, uma vez

3. Repito novamente, *se vistos de fora*, pois, se considerados internamente, eles não são estranhos apenas para este, mas para *qualquer* conceito lógico. Veja Capítulos 3 e 28.





que é formada pelo agrupamento de indivíduos ou elementos para formar vários conjuntos, cada um dos quais contém, também, um infinito número de elementos. Esses conjuntos, então agregados, formarão, por sua vez, um conjunto maior. A forma emocional de ver um indivíduo em termos de acontecimentos concretos é, ao menos em alguns casos, um exemplo de um intensivo conjunto infinito, pois várias categorias – conjuntos infinitos – são representadas nesse indivíduo. No caso considerado acima, a grande categoria que foi formada é delimitada e distinta de outras categorias, e isso requer a existência de relações assimétricas; mas, *dentro* dessa categoria ou conjunto, o princípio da simetria governa. Se uma categoria é definida por condições muito limitadas e precisas, enquanto é, no entanto, um conjunto infinito, *pode* ter um poder ou um número cardinal menor do que aquele de uma categoria definida por condições mais gerais, as quais podem, por conseqüência, conter ou ser formadas por um número maior de diferentes subcategorias. Se concebermos atividade mental como a formação (implícita e explícita) de várias funções proposicionais, categorias e relações, então, quanto menores e menos abrangentes as categorias, maior será o número de categorias e também o número de relações assimétricas delimitando-as. Isso porque cada categoria é delimitada por relações assimétricas. Em contraste, quanto maiores e mais abrangentes forem as categorias, menor será o número de categorias, bem como o número de relações assimétricas. Se representarmos a mente através de um volume, por exemplo, o de um cilindro vertical, constataremos que o número de relações assimétricas, a *densidade populacional de relações assimétricas*, aumenta, à medida que nos movemos em direção às partes mais altas do cilindro e diminui, quando nos movemos em direção às partes mais baixas do mesmo. A função que descreveria este estado de coisas seria uma função contínua. Mas, *dentro* de cada categoria, seja ela grande ou pequena, a simetria prepondera, enquanto a assimetria rege as fronteiras da categoria.

Uma emoção *completamente envolvente* de amor circunda, por assim dizer, o indivíduo em uma *atmosfera de amor*. Quando uma pessoa está apaixonada, a pessoa amada é sentida, tanto ele ou ela são sentidos em termos de amor, como uma vasta unidade na qual tudo é adorável e onde os detalhes são experimentados apenas como uma forma de abordar, entrar ou permanecer na atmosfera de amor. A pessoa amada é *sentida*, e esse sentimento pode ser visto como uma categoria ampla com qualidades infinitamente variadas e infinitamente grandiosas. (É claro que isso não impede a coexistência de um julgamento ‘realístico’.) Em outras palavras, o amor é tratado como um extensivo conjunto infinito. O mesmo se aplica a todas as outras emoções básicas completamente envolventes. Para colocar nos termos empregados acima, diríamos que a *densidade* das relações assimétricas é baixa em tais casos.

Se considerarmos agora o caso da reação do paciente ao Papa ou à interrup-





ção, nos deparamos com uma situação completamente contrastante. O paciente criticou o Papa, ou fez julgamentos a meu respeito, não de uma forma na qual os detalhes não têm importância, mas *de uma forma muito precisa*. Os fatos aparecem circunscritos e controlados: ‘emoções domadas’. Cada frase, cada circunstância, foi avaliada, analisada e criticada, tendo sido dadas razões explícitas. Ainda assim, por trás dessa análise extremamente assimétrica, havia uma imensa quantidade de sentimento e, como vimos, havia também um certo número de categorias que foram representadas no indivíduo – o Papa ou eu – as quais *eram* o indivíduo, da mesma forma que o indivíduo era a categoria. Este é um exemplo de intensivos conjuntos infinitos.

É perfeitamente concebível que existam outros casos nos quais uma tal concentração de categorias em um indivíduo não exista: nesses casos, relações assimétricas (o aspecto do pensamento consciente) estão presentes em uma proporção maior ou, expressando de forma alternativa, apresentam uma maior densidade. Continuando com a analogia feita anteriormente, existem regiões (tais como cidades) nas quais a densidade populacional é maior que em outras regiões como, por exemplo, no interior. Todavia, *parece inconcebível que nos seres humanos exista algo como uma experiência de si mesmo e/ou uma atividade mental que seja tanto simétrica quanto assimétrica. A proporção pode variar de uma grande preponderância de assimetria até uma grande preponderância de simetria. As assim chamadas emoções domadas são colocadas em diferentes pontos desta linha de variação, indo de uma maior assimetria para uma maior simetria de acordo com o caso.*

A formulação feita acima é a expressão do relacionamento entre o que pode ser chamado, de certa forma, emoção e pensamento na vida mental. Acredito que, colocando-se nestes termos precisos, se esclarecem os seus respectivos papéis e se dissipa muito da confusão que cerca esta questão⁴. Todavia, é necessário ter em mente que emoção e pensamento, como qualquer manifestação mental humana, já são uma expressão de ambos os modos simétrico e assimétrico, embora em diferentes proporções.

O caso dos produtos da atividade mental. Se tudo que foi mencionado acima se refere a experiências internas, no caso de um produto mental tal como um escrito, deve-se adotar uma visão diferenciada. Um livro texto sobre matemática ou lógica pode ser visto como um ‘documento assimétrico’, uma vez que, mesmo que relações

4. Rapaport (1960, p. 843), citado por Pinchas Noy (1969, p.172), apresenta uma idéia similar quando escreve: “*Todas as formas de pensamento envolvem processos primários e secundários, mas diferem uns dos outros com relação ao tipo de função sintética que envolvem, ou seja, eles diferem no grau de dominância que os processos secundários atingem sobre os processos primários. Nem mesmo o nosso pensamento ordenado está livre dos processos primários*”. As analogias são óbvias. Acredito, todavia, que a concepção dos processos primários já envolve alguma assimetria.





Ignacio Matte-Blanco

simétricas sejam consideradas, são consideradas de uma forma assimétrica, ou seja, através do estabelecimento das suas diferenças com respeito a outras relações. *São descritas, não vividas.*

Um poema, por outro lado, embora escrito em palavras, pode ter uma estrutura altamente simétrica. Aqui nos deparamos com uma mistura entre assimetria e simetria, da mesma forma que ocorre na vida mental.

Assim sendo, uma certa diferença parece existir entre a vida interna e os seus produtos mentais, no sentido de que a assimetria pode aparecer em um estado puro nos produtos mentais, o que não é o caso da vida interna. É necessário acrescentar, entretanto, que os produtos mentais têm, aparentemente, o poder de provocar reações em diferentes níveis, mas nunca provocam reações puramente 'simétricas' ou puramente 'assimétricas'. Uma demonstração matemática, por exemplo, estimula 'relações assimétricas' (ou seja, entendimento), mas também pode provocar alguma emoção. Um bom poema, ao contrário, irá, provavelmente, provocar emoção em maior proporção.

5. Função tradutora, 'luz' e 'escuridão'

(...) pois a propriedade de ser consciente ou não constitui, em última análise, o nosso único farol nas trevas da psicologia profunda (Freud, 1923, p.18).

Uma questão que se repete: há pensamento na emoção? Estas meditações sobre a realidade da vida psíquica, como reveladas pela observação, novamente nos remetem à questão de se é correto falar de pensamento, quando nos referimos à simetria dentro da categoria. Pois estamos acostumados a ver o pensamento como um processo assimétrico, no qual elementos se distinguem uns dos outros, e esse não é o caso, quando apenas relações simétricas são estabelecidas dentro da categoria: em um caso como este, toda a ordem se perde, incluindo as próprias relações simétricas. O pensamento envolve *alguma* relação espaço-temporal, pois é um processo no qual uma porção *segue* a outra (como, por exemplo, em um argumento lógico), e isso implica relações similares àquelas vistas em sucessão ou no tempo. Por outro lado, os vários aspectos de um discurso posicionam-se, um com respeito ao outro, em uma relação *similar* àquela que existe entre objetos materiais no espaço. Neste sentido, podemos dizer que o pensamento é um evento espaço-temporal. No 'pensamento simétrico', em contraste, nada disso traz nenhum benefício, uma vez que cada elemento (visto a partir do ponto de vista assimétrico, pois de outra forma não poderia haver elementos) ocupa todo o 'espaço' da categoria; nem cada elemento é temporal-





mente distinto dos outros ou da categoria, mesmo de maneira simbólica ou qualquer outra que pudesse ser comparada ao tempo. Tudo isso é tão estranho para o nosso pensamento, que podemos nos sentir tentados a descartar qualquer consideração de similaridade entre pensamento e sentimento.

Um conceito geral englobando pensamento e sentimento. Este seria, definitivamente, um erro, pois, se colocamos de lado as diferenças óbvias, percebemos que há uma similaridade fundamental entre o modo de ser simétrico e assimétrico, o qual poderíamos descrever com o auxílio do conceito de *presença intencional*, proposto na era moderna por Brentano, seguindo Aristóteles, Santo Agostinho e os filósofos escolásticos. Cito (Brentano, 1944, p.102):

*“Todo fenômeno psíquico contém em si mesmo algo como objeto, mas cada fenômeno contém este objeto de uma maneira própria. Na representação, é algo que é representado, no julgamento é algo que é admitido ou rejeitado, no amor é algo que é amado, no ódio é algo que é odiado, no desejo é algo que é desejado, e assim por diante.”**

Em ambos os modos de ser, simétrico e assimétrico, existem, portanto, um contato psíquico com, ou um movimento psíquico em direção a um objeto psíquico. Colocando de maneira simbólica (porque palavras são insuficientes para expressar diretamente), ambos os modos de ser iluminam o objeto, trazem-no de uma obscuridade externa para uma claridade interna, e ambos trazem-no de um frio externo para um calor interno. Enquanto a luz simétrica parece fraca, se comparada à luz assimétrica, o calor assimétrico, em contraste, parece tépido, se comparado ao calor simétrico. Todavia, há em ambos os modos luz e calor, ou seja, lógica e energia.

Podemos, então, concluir que há algo em comum entre pensamento e sentimento e podemos descrever esse algo em comum de maneira aproximada, dizendo que há pensamento no sentimento e sentimento no pensamento⁵. Entretanto, o ‘pensamento’ do sentimento contém o objeto, sentindo-o, quando este ‘sentindo-o’ é considerado pelo pensamento, o objeto assemelha-se a um conjunto infinito contido em sua totalidade pelo sentimento, enquanto no pensamento o objeto aparece como uma entidade limitada. Por trás disso, entretanto, como vimos, esconde-se um conjunto infinito na *experiência* do pensamento, se não no *ato* do pensamento, visto de

* Aristóteles já falava deste habitar psíquico. Em seu tratado *De Anima*, ele afirma que o objeto sentido está, como tal, no sujeito que está sentindo, que o espírito contém imaterialmente o objeto sentido, que o objeto pensado está no intelecto pensante, etc.

5. Veja também Capítulo 21, Seção 4.





um ponto de vista externo e objetivo⁶.

A *'luz' e a 'escuridão' do pensamento e do sentimento*. É neste ponto que nos deparamos com um dos mais significativos aspectos do relacionamento entre os dois modos de ser.

Sempre que desejamos *estudar* qualquer um dos modos de ser ou sua relação, somos forçados a fazer isso, devido a nossa própria natureza, utilizando-nos de relações assimétricas. De outra forma não nos é possível estudar ou fazer formulações. Isso não significa que não exista a possibilidade de *'contatos simétricos'* ou *'fusão simétrica'* com os objetos. Estou apenas me referindo ao estudo ou formulação (tal como aquele mencionado acima), o qual, por sua própria natureza, é uma atividade assimétrica, se visto em termos dos seus resultados e não em termos da pessoa que o executa.

Podemos considerar a emoção do amor dirigida a uma determinada pessoa como uma vasta categoria, dentro da qual o princípio da simetria governa. Essa emoção é distinta de outras emoções e isso envolve o uso de relações assimétricas. Para a pessoa que o experimenta, o amor, contanto que seja amor, é sentido fora do espaço e tempo e fora de qualquer particular descrição de detalhes; é a experiência vasta e imensa, sem partes ou aspectos que possam ser distinguidos nela. Isso implica em que a pessoa que ama e a pessoa que é amada não são separadas uma da outra. Visto a partir de um ponto de vista assimétrico, se os detalhes não são distinguíveis, se a falta de distinção chega ao ponto em que os indivíduos não são nem mesmo separados, sendo a categoria e os indivíduos o mesmo, tudo parece uma confusão colossal. Em outras palavras, o amor, entendido a partir de uma posição assimétrica, parece ser algo muito obscuro, porque *'a luz do entendimento'* implica a diferenciação entre vários aspectos: quanto maior a diferenciação, maior a luz. Ainda assim, não se pode, na verdade, dizer que o amor não conhece o seu objeto. A fusão entre o sujeito e o objeto é uma fusão que também é conhecimento: *é a convergência de fusão e conhecimento em uma única e mesma coisa*. Se olharmos para esta questão do ponto de vista de uma comparação com *'a luz do entendimento'*, poderemos dizer que, visto de dentro, o amor (ou qualquer outra emoção básica) não é uma escuridão ou uma luz fraca, ao contrário, é uma luz tão imensamente forte que se torna ofuscante ao ponto de cegar. Deve-se notar, entretanto, que dizer que é *'ofuscante ao ponto de cegar'* é somente uma forma assimétrica de descrever a experiência e não a experiência em si

6. O leitor terá notado que tudo que foi dito nesta subseção faz uso de relações assimétricas e atribui tais relações ao ser simétrico. O resultado não é fiel à realidade. Não há, entretanto, alternativa para este procedimento, como veremos. Um esforço deve ser feito para se ir além desta *descrição* e chegar ao *ser*, no qual o objeto é indistinto do sujeito, embora esteja *lá*. Talvez o conceito de dimensões infinitas resolvesse este impasse (veja também o Capítulo 28).





mesma. É uma forma assimétrica de descrevê-la, porque, no pensamento assimétrico, o excesso de luz impede que os detalhes sejam vistos e, por esta razão, eles se tornam idênticos – pela diferenciação assimétrica entre coisas ou aspectos – à completa escuridão. Em ambos os casos, a assimetria não vê nada. No caso da escuridão, nenhuma relação assimétrica se estabelece. Se alguma relação assimétrica se estabelece, isso implica a presença de alguma luz. Se mais relações se estabelecem, há mais luz e mais entendimento. Mas se o número de relações aumenta cada vez mais, chega-se ao ponto no qual a consciência não pode mais considerá-las todas, mesmo uma de cada vez, pois isso tomaria cada vez mais tempo. Quando um número infinito de relações é dado, a luz é tão forte, e a consciência tão fraca e de vida tão curta, que um número infinito de relações se torna idêntico a relação nenhuma, *levando-se em consideração o funcionamento da consciência*.

Esta linha de raciocínio tem nos levado a considerar *a simetria, dentro da categoria, como um conjunto infinito, se visto a partir do ponto de vista do pensamento assimétrico. E isso também tem nos levado a ver a 'completa simetria' como possuindo uma qualidade inconsciente, pois não pode estar contida na consciência*.

Retornamos agora à luz ofuscante, vista de dentro da categoria, pela pessoa que experimenta uma emoção. Não há partes a serem distinguidas nesta luz, mas, para o ser simétrico, isso não é obstáculo ao conhecimento do sujeito-objeto. Ao contrário, *é o conhecimento perfeito. O conhecimento perfeito é alcançado na emoção, pois o conhecimento e o ser são uma única e a mesma coisa. Não é o conhecimento de um espectador, mas é o conhecimento inerente do ser. Não é escuridão – para o ser simétrico – mas a totalidade da luz. Em contraste com o conhecimento assimétrico, é o conhecimento sem partes*. Visto de dentro, a questão do infinito não é colocada: é a questão do conhecimento-ser da totalidade. Visto de fora, pode ser descrito como um conjunto infinito, mas é um conjunto infinito que *acreditamos* ser formado por elementos discretos. De dentro, o conjunto infinito com o qual lidamos em psicanálise não existe: são *interpretações* do ser simétrico, como propostos na Parte IV. *É a descrição assimétrica do sentimento que é uma realidade indivisível*.

O leitor que é psicanalista terá notado que os esforços feitos no sentido de descrever a inefável realidade da emoção têm-nos trazido para uma experiência diária da psicanálise: *o entendimento emocional*. Espero que tenham contribuído um pouco para o esclarecimento dessa luz ofuscante que é, ao mesmo tempo, completa escuridão, dependendo do ângulo através do qual se olha.





6. Mais um olhar sobre a relação entre o ser simétrico e assimétrico. Uma origem estrutural da dinâmica

Pode-se concluir, a partir das reflexões acima, que, por mais que ser simétrico e assimétrico sejam ‘dados’ juntos e por mais que sejam inseparavelmente ligados um ao outro nas mais variadas formas, permanecem, tanto quanto concerne a suas existências, permanentemente separados. A questão proposta no Capítulo 13 sobre a possibilidade de transições de um para o outro pode apenas ser respondida, até onde podemos ver, de uma maneira distintamente negativa. Vemos manifestações simétricas ou assimétricas na mente humana, mas nunca transições. As inter-relações entre esses dois modos inseparáveis de ser, entretanto, variam grandemente de um caso para o outro. Todavia não iremos considerar este aspecto aqui.

A impossibilidade de o ser simétrico jamais vir a tornar-se assimétrico e vice-versa não diminui o fato de que, com o nosso ser assimétrico (nossa compreensão ou nosso pensamento), estamos constantemente tentando compreender a natureza da simetria. Cada vez que nos empenhamos nesta tarefa, traduzimos simetria em termos de conjuntos (assimétricos) infinitos. A tendência a entender, *a pensar o que é impensável* (ser simétrico), parece ser uma poderosa fonte de atividade mental. Essa atividade pode e deve ser vista em termos da dinâmica dos instintos, pois a tendência epistemofílica é, sem dúvida, uma manifestação do instinto. *Todavia, parece existir outra fonte não-instintiva para a tendência epistemofílica, e esta seria consequência da natureza da estrutura mental do homem.* Tentarei explicar. A existência de categorias nas quais o princípio das regras simétricas é determinado (pode-se dizer, contido) por relações assimétricas cria uma estrutura que é, ao mesmo tempo, a fonte de uma tendência. A atividade proposicional-relacional (ou seja, o ato de pensar) vem a ser constantemente ativada pelo fato de estar cercada por simetria, pois, se as categorias estão separadas por definições assimétricas, dentro das categorias (isto é, se considerarmos, por exemplo, duas categorias vizinhas) a simetria governa. O que nos leva a dizer que o pensamento, no caso em questão, é como uma fina camada de assimetria entre dois grandes volumes de simetria. Todavia, devido a sua própria natureza, a atividade proposicional-relacional tende a *entender*, a expressar as distinções entre elementos, ou seja, a estabelecer relações assimétricas⁷. Confrontado por estes oceanos de simetria, o pensamento humano tenta entendê-los. No esforço para

7. Aqui novamente, a partir de um ângulo diferente, Money-Kyrle chega a uma conclusão parecida. Quando diz (1968) que a categoria de pênis brota da categoria de seios, está, obviamente, se referindo ao processo de introdução de relações assimétricas, o qual, se visto a partir do ponto de vista apresentado aqui, equivale a introduzir assimetria em um conjunto infinito e, dessa forma, extrair dele um outro conjunto infinito: a categoria de pênis.





entender algo que em si próprio está fora do campo (consciente) do entendimento humano, o pensamento expressa o ser simétrico em termos de conjuntos infinitos. Pode-se dizer que é no infinito que tanto a natureza simétrica quanto a natureza assimétrica do homem se encontram. Pois a expressão assimétrica do simétrico, em termos de conjuntos infinitos, vem a ser, de forma um tanto curiosa, a maneira de expressar a unidade indivisível em termos de um número infinito de elementos. Essa expressão pode ser considerada como um limite matemático. É somente no infinito que a simetria e a assimetria coincidem. E este é, eu penso, o real significado da função de tradução ou de revelação.

Aqui há um outro paradoxo. *O conceito de infinito pode ser considerado (ao menos em alguns de seus aspectos) de uma maneira precisa pelo pensamento, mas a nossa natureza assimétrica não pode vivenciá-lo todo de uma vez.* É como se o pensamento pudesse ver infinitas paisagens que se desdobram ante seus olhos, não podendo, contudo, chegar ao infinito no processo de exploração de todas essas paisagens. Então, o ser simétrico pode aparecer em uma cena e *viver* plenamente, sob a luz ofuscante, o que não pode ver em detalhes. Dessa forma, ambos os aspectos do nosso ser complementam-se inteiramente, sem, entretanto, jamais nos deixar satisfeitos. Esta parece ser uma característica essencial da natureza do homem que tem sido conhecida por poetas e místicos desde tempos imemoriais:

*Inútil la fiebre que aviva tu paso
No hay nada que pueda saciar tu ansiedad
Por mucho que bebas: el alma es un vaso
Que solo se llena con eternidad⁸*

Amado Nervo

O 'derramar' da emoção no pensamento ou a 'extração' do pensamento da emoção. A partir desta situação segue-se mais uma consequência: a exploração do ser simétrico pela atividade assimétrica provê esta última com uma inexaurível (infinita) fonte de conhecimento. É aqui que um dos sentidos etimológicos da palavra inteligência pode ser aplicado: *intellegere*, ler dentro. Toda a atividade artística é o resultado de uma leitura interna do ser simétrico e, assim é o conhecimento psicológico e o matemático. O inconsciente é inexaurível e a função tradutora é, na melhor das hipóteses, o começo de uma tarefa que somente terminará na revelação do espaço-tempo.

8. *Inútil a febre que apressa o teu passo/ Não há nada que possa saciar a tua ansiedade/ Por mais que bebas: a alma é um vaso/ Que só se completa com eternidade.*





Este processo pode ser descrito como a extração contínua pelo pensamento assimétrico das infinitas possibilidades do ser simétrico. Por outro lado, poderia ser visto ainda como um derramamento⁹ (simbólico) do ser simétrico no ser assimétrico. Qualquer das duas expressões que escolhamos usar, o fato é que ambos os modos de ser permanecem para sempre distintos um do outro, embora muito do ser simétrico esteja *refletido* no ser assimétrico. Esta situação pode ser comparada àquela existente na produção da corrente induzida: ambas as bobinas nunca tocam uma a outra, ainda assim, a corrente induzida é produzida como o resultado de uma ação da corrente direta. *A 'situação de indução' é uma característica essencial da estrutura da mente humana.*

7. Vários aspectos do trabalho da tradução como vistos no exemplo clínico

Um jovem casa-se durante sua análise. Várias semanas depois, em uma de suas sessões, ele começa a falar sobre a atitude tomada por seus colegas de trabalho com relação ao presente de casamento que receberia deles. Uma coleta de dinheiro havia sido feita e o grupo decidiu que a melhor alternativa seria dar-lhe o dinheiro, assim poderia fazer o que quisesse com ele. Algum tempo depois, após retornar de sua lua-de-mel, a pessoa encarregada de coletar o dinheiro lhe disse que algumas pessoas ainda não haviam feito a sua contribuição e acrescentou que, tão logo a soma estivesse completa, ele receberia o dinheiro. Algumas semanas se passaram e nada aconteceu. Ele começou a sentir que seus colegas haviam agido com falta de consideração e comentou que a contribuição individual para o presente (conforme o combinado) fora bastante baixa. Por outro lado, algumas pessoas haviam lhe dado um presente pessoal, separadamente do grupo. Embora outras, que mantinham um relacionamento mais íntimo com ele, houvessem, ao contrário, se contentado apenas com a sua contribuição para o presente em comum. Isso o magoou.

Pensando e repensando esses fatos, o paciente chegou à conclusão que, se mais alguns dias se passassem e o presente não lhe fosse entregue, iria rejeitá-lo. Dessa forma, sentiu que mostraria aos colegas como se sentia.

A livre associação sobre a questão forneceu mais alguns detalhes que me permitiram fazer os seguintes comentários. O paciente sentira que o comportamento do grupo como um todo, da forma descrita acima, indicava que a atitude deles em relação a ele não fora amigável, mas, ao contrário, fora de rejeição. Isso seria o resultado

9. Veja, a este respeito, Seção 10 deste capítulo.





de ele ter, de várias formas, se afirmado perante os outros e ter buscado atingir uma posição de prestígio. A rejeição significava, neste contexto, a retirada de amor e a desaprovação implícita de sua auto-afirmação, a qual fora percebida como má e agressiva. Como uma consequência do seu comportamento, a demora na coleta e o que ele percebeu como sendo uma quantia pequena dada por cada um dos seus companheiros foi a expressão dos sentimentos de hostilidade e total isolamento de si próprio dos seus colegas. Isso trouxe à tona intensos sentimentos de abandono e culpa. Sentiu como se sua solidão fosse idêntica à perda de todo o direito de existência, de fato, à não-existência, e que os sentimentos de culpa, *deliberadamente* provocados por seus companheiros, significavam uma tentativa, por parte deles, de fazê-lo sentir como se ele fosse completamente mau, um somatório de maldade e agressão.

Acrescentei que, devido ao fato de ele estar sendo a vítima de tão violentas emoções, tinha sido incapaz de considerar outras alternativas, as quais poderiam explicar o comportamento para com ele. Poderia ser, por exemplo, que a pessoa encarregada de coletar o dinheiro fosse tão escrupulosa que teria sentido que deveria esperar até que a última pessoa do grupo tivesse dado a sua contribuição a fim de repassá-la, enquanto algumas daquelas pessoas que não haviam contribuído ainda poderiam ter problemas pessoais, os quais, de uma forma ou outra, haviam atrasado a entrega do dinheiro. De qualquer forma, parecia haver muitas possíveis razões para o atraso, que eram tão plausíveis quanto sua própria explicação, a qual ele percebia como significando uma tentativa de aniquilá-lo e transformá-lo em uma pessoa supremamente má.

Sua própria reação (fantasiada) a tais propostos ataques, ou seja, sua rejeição do presente e a violenta afirmação de sua própria independência, corresponderia, entre outras coisas, a trazê-lo de volta da não-existência para o existir, o existir como um ser poderoso, e também implicaria a rejeição do sentimento de que sua agressividade seria algo ruim, bem como o exercício de sua agressão sem culpa.

O paciente não teve dificuldade em aceitar a minha interpretação de suas experiências internas e sentiu um alívio imediato. Passou a ver toda a situação com menos importância e sorriu de seus próprios sentimentos a respeito da questão.

Na sessão seguinte, o paciente relatou que, depois de ter deixado o consultório, teve de voltar ao trabalho. Havia se sentido tão aliviado com as minhas interpretações, que o problema que teve de encarar e que, antes da sessão, parecia muito difícil, se tornou, a seu ver, bastante simples e fácil de enfrentar. De fato, encontrara uma solução bastante boa para o problema, que consistia de algumas decisões que deveria tomar com relação a certas pessoas e, então, continuou dizendo que havia refletido sobre o problema e havia decidido que daria vários dias a mais aos seus colegas; depois deste período, se o presente não lhe tivesse sido entregue, definitiva-





Ignacio Matte-Blanco

mente, o rejeitaria. Relatou, ainda, que havia sentido grande relutância em marcar uma sessão comigo e somente após grande esforço havia conseguido forçar-se a vir. Concluiu que, embora fosse evidente que a sessão anterior o havia ajudado muito, de qualquer maneira o problema permanecia sem solução.

Neste ponto, comentei que me parecia que o sentimento de rejeição, e que a importância que este tinha para ele, era muito forte, e somente uma parte do mesmo havia se dissipado na sessão anterior. Mais uma vez sentiu-se confrontado a ser remetido à não-existência. Também sentiu que eu representei um obstáculo para que se defendesse vigorosamente e que, neste sentido, eu estava contribuindo para a sua aniquilação. O paciente estava relutante em vir para a sessão, pois eu paralisaria sua autodefesa e auto-afirmação.

Um novo alívio resultou dessas interpretações. Seguimos, então, considerando vários aspectos da mesma questão, mas o que já relatei é suficiente para o nosso propósito.

Um comentário preliminar sobre os dados acima. Começarei apontando que as minhas interpretações neste caso não contêm nenhuma referência a qualquer um dos processos instintivos que são normalmente mencionados em interpretações, seja oral, anal, edipiano e assim por diante. Nem fazem uso de noções de introjeção e projeção e seus similares, os objetos. Isso pode provocar um sentimento de desconfiança e, por esta razão, gostaria de comentar que minha abstenção em usá-los, neste caso, não se deve a minha crença de que essas noções não se aplicam aqui. De fato, poder-se-ia facilmente demonstrar que a retirada do amor está conectada com a retirada do seio e seu leite, ou com a incapacidade, devida à agressão, de manter o seio como um objeto bom introjetado. Novamente, poder-se-ia demonstrar também que esta rejeição foi sentida como um ataque da castração/ansiedade de castração, consequência da auto-afirmação agressiva do paciente. E o mesmo se poderia dizer de outros caminhos alternativos para interpretar o mesmo material. Estou certo de que a completa versão do que o paciente disse e mostrou durante esta sessão e as conexões discerníveis entre o material das sessões relatadas, encontrado através da análise, forneceriam bases convincentes para várias interpretações acuradas. Todavia, minha percepção é a de que, por mais verdadeiras que essas interpretações possam ser com relação a alguns aspectos do paciente, não houve necessidade, *até este ponto*, de fazê-las. Pois a real questão de interesse era que o paciente sentia como se estivesse em perigo de cair na não-existência. Isso poderia resultar, por exemplo, em ser morto de fome por um seio que não o supria com o leite necessário para sua sobrevivência; ou na perda do seio como um objeto bom introjetado; ou em ser castrado; ou em ser aniquilado por ataques de raiva. O elemento central de todas essas alternativas era

120 □ Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003





que o objeto, atividade ou evento fantasiados eram sentidos como um conjunto infinito: infinito poder de dar a vida através de seios amamentadores; infinito poder de mantê-lo vivo e organizá-lo psiquicamente no caso do seio introjetado; infinito poder de dar a vida, de sustentação e organização de seu pênis e conseqüente aniquilação na castração; e infinitos poderes destrutivos nos ataques imaginados. De certa forma, ou seja, tanto quanto fossem conjuntos infinitos, todas essas alternativas eram equivalentes e, no inconsciente profundo, idênticas. Assim, fazia-se necessária uma interpretação em termos de conjuntos infinitos, que foi a interpretação dada, embora eu não tenha usado essa expressão. Nada nos impediria de ter elaborado, em sessões subseqüentes e de acordo com o desenvolvimento dos eventos, interpretações pertinentes a uma ou várias proposições anteriormente mencionadas. O imediatamente necessário naquele momento era aliviar a característica de extrema e angustiante urgência e intensidade que tinham seus sentimentos.

Devo acrescentar que, se qualquer uma das várias linhas interpretativas alternativas mencionadas acima houvesse sido seguida durante a sessão, o alívio teria, muito provavelmente, ocorrido. Poder-se-ia questionar como é possível que o mesmo resultado pudesse ser obtido a partir de vários caminhos alternativos. A resposta parece repousar, da forma como vejo, no fato de que a referência ao perigo infinito teria sido feita, mais ou menos implicitamente, em todos os casos em que um efeito terapêutico tivesse sido obtido. O problema está, entretanto, no fato de que uma referência mais ou menos implícita pode trazer o problema para mais ou menos perto do foco de atenção e que, quanto maior a distância, menor o efeito terapêutico. De fato, esses conceitos são implicitamente usados, mas uma completa consciência deles é, acredito, muito mais poderosa e efetiva do ponto de vista terapêutico.

Emoção simétrica e conhecimento assimétrico (consciência). O paciente estava, sem dúvida, preocupado com a questão do presente de casamento, mas não estava conscientemente ciente de *tudo* que essa questão significava para ele. Acentuava a hostilidade e a falta de interesse de seus colegas e o fato de que não desejava permitir que o comportamento negativo deles passasse sem uma reação de sua parte. Quando interpretei, da maneira explicada acima, imediatamente concordou com a minha interpretação como correspondendo exatamente ao seu sentimento e acrescentando que não havia pensado dessa forma antes. Não teve dificuldade em aceitá-la, porque ela se encaixava com o que ele já conhecia e aceitava acerca dos seus sentimentos. De fato, o paciente tinha uma leve noção de que sua reação era, em tais circunstâncias, excessiva. Mas, ao mesmo tempo, quando ele pensava sobre as circunstâncias, logo encontrava motivos que confirmavam sua opinião de que seus colegas mereciam o tapa implícito no que ele planejava fazer.





Ignacio Matte-Blanco

Somos aqui confrontados por uma situação curiosa, a qual está em claro contraste com aquela obtida no processo de repressão. Enquanto neste último, quando bem sucedido, a pessoa que reprime não está nem um pouco ciente de suas emoções, ou pode mesmo estar ciente de uma emoção na direção oposta (como é o caso da formação reativa), no presente caso, a interpretação provocou apenas um acréscimo no conhecimento que estava já presente, embora somente de uma forma incipiente. Nesse sentido, não houve dificuldade em aceitá-la. Devemos reconhecer, entretanto, que este aumento foi tão grande que o resultado final foi algo inteiramente diferente do conhecimento consciente prévio. Isso se evidencia no fato de que o paciente ficou muito surpreso ao se dar conta de que temia ser aniquilado e que todos os seus passos se dirigiam não na direção de 'dar-lhes uma lição', mas de evitar ambos, o aniquilamento e o sentimento de ser extremamente mau. Mesmo que ambos pertençam à mesma categoria geral, pode-se verdadeiramente dizer (a partir de um ponto de vista assimétrico) que um conhecimento completamente novo dos fatos havia tomado o lugar do conhecimento prévio.

Ainda assim, deve ser reconhecido que todos os pensamentos sobre o comportamento de seus colegas e a atitude que ele havia planejado tomar, de uma maneira obscura, implicavam no que foi abertamente dito na interpretação. Essa situação poderia ser descrita dizendo que, por baixo dos pensamentos e sentimentos aparentemente circunscritos, havia uma vaga sugestão de um conjunto infinito. Suas críticas com relação aos outros implicavam em uma recusa em permitir que eles o arremessassem no abismo, e suas fantasias a respeito da tomada de uma ação vigorosa cumpriam a função de evitar seus sentimentos de ser tão mau que os outros não podiam tolerar sua companhia ou estar associados a ele.

É extremamente difícil compreender exatamente o que aconteceu como resultado de meus comentários, por que ele expressou alívio e por que esse alívio, embora bastante óbvio e mutável (tomando emprestada a terminologia de Strachey), foi somente temporário. Parece-me que uma resposta a essas questões em muito clarificaria a natureza da relação entre consciência e o inconsciente e entre os modos de ser assimétrico e simétrico. Deve-se reconhecer, entretanto, que uma resposta completa está ainda por vir. No que segue, tentarei fazer alguns comentários que podem ser interessantes.

A primeira coisa que pode ser estabelecida com certeza é que a noção de que o paciente estava considerando a situação em termos de conjuntos infinitos (angustiantes) havia penetrado sua consciência pela primeira vez, por assim dizer, no que se referia a esta situação em particular. *Deve-se notar que isso não significa que os conjuntos infinitos houvessem penetrado sua consciência.* De fato, a noção de que ele estava lidando, neste caso, com conjuntos infinitos é uma noção bastante circuns-





crita e é inteiramente formulada em termos de algumas relações assimétricas. ‘Você acredita estar em perigo infinito’, ou ‘você sente estar caindo na não-existência’ são proposições que podem ser consideradas como uma justa expressão dessa noção, e é óbvio que relações simétricas não são empregadas nestas proposições. As proposições ‘um perigo infinito acredita estar em você’ e ‘a não-existência sente estar caindo em você’, em contraste, implicam em tratar as duas proposições anteriores como se as relações expressas nelas fossem simétricas. Esse tratamento das relações pode, talvez, aplicar-se ao estado mental do paciente, no qual perigos infinitos e não-existência podem vir a ser, em um nível muito profundo, idênticas a ele mesmo. Assim parece legítimo usar este segundo par de proposições para *descrever o estado mental do paciente*. Todavia deve ser claramente afirmado que *essa descrição não é idêntica ao estado mental em si próprio*, mas é somente uma visão externa do mesmo. Do contrário, o paciente, seu estado mental, os dois pares de proposições, meu uso deles e eu mesmo seríamos uma única e a mesma coisa. Embora isso possa ser realmente verdade num nível profundo, não é certamente *toda a verdade*, porque há também outros níveis, tais como aqueles da minha interpretação do comportamento e sentimentos do paciente. Neste nível uma distinção é feita entre eu mesmo e o paciente e também entre o paciente e o que ele sente no momento. Tudo isso implica no uso de relações assimétricas.

Assim, quando forneci ao paciente as interpretações acima, e ele experimentou um alívio, minha interpretação, em termos de conjuntos infinitos, a qual penetrou sua consciência, não era ela mesma um conjunto infinito. Nenhum conjunto infinito penetrou em seu conhecimento consciente. Seu conhecimento consciente era um conhecimento muito finito da existência de um conjunto infinito no caso em questão e não era uma noção científica, mas uma noção intuitiva deste conjunto¹⁰. Para que um conjunto infinito penetrasse a consciência, seria necessário que cada um dos números infinitos de relações que estão envolvidos em tal conjunto pudessem penetrar e permanecer na consciência junto com todas as outras relações. Tomando o mais simples exemplo de um conjunto infinito, aquele dos números naturais; podemos dizer que este conjunto está na consciência ou penetrou a consciência, apenas se cada um e todos os números, juntamente com as relações que eles estabelecem entre si e com os demais, estivessem na consciência simultaneamente com cada número e suas correspondentes relações. É óbvio que isso é impossível. A consciência humana não pode conter um conjunto infinito.

10. O adjetivo ‘intuitivo’ tem a intenção de comunicar que sua consciência não se expressava, realmente, em termos de conceitos matemáticos explícitos de infinito, mas em termos de uma expressão cotidiana que implicava neste conceito.





Estou ciente de que esta discussão pode parecer extremamente envolvente (alguns diriam obsessiva) para muitos analistas. Espero que ela pareça legítima aos matemáticos e lógicos. Pessoalmente, não encontro outra maneira de abordar este ângulo da questão da relação entre consciência e o inconsciente. Deve-se reconhecer que essa questão tem preocupado analistas desde o início da psicanálise, não tendo sido resolvida, para não dizer devidamente formulada. A antiga fórmula ‘tornar o inconsciente consciente’ foi percebida como insatisfatória e foi substituída por ‘superar as resistências’, a qual, por mais que possa ser verdadeira de acordo com um outro ponto de vista, simplesmente responde a questão movendo a ênfase da relação consciente-inconsciente para a necessidade de uma mudança nessa relação. Tanto é assim que ‘superar as resistências’ nunca, realmente, apagou ou substituiu ‘tornar o inconsciente consciente’, a qual muitos analistas ainda empregam, seguindo Freud, que continuou utilizando-a depois da introdução da segunda fórmula.

Esta questão de tornar o inconsciente consciente ocupou Freud por toda sua vida, e pode-se dizer verdadeiramente que ele nunca foi bem sucedido em resolvê-la. A expressão, freqüentemente mal entendida, de que o inconsciente se torna consciente através da entrada em contato com a apresentação de palavras ou traços mnêmicos de palavras parece apontar para um aspecto muito importante, mas definitivamente não resolve a questão. Podemos tomar novamente este aspecto e expressá-lo em termos lógicos. Podemos dizer que, confrontada pelo conjunto infinito (que é a maneira pela qual o ser simétrico aparece para a consciência, o pensamento assimétrico), a consciência é posta para trabalhar e é bem sucedida em escolher algumas relações assimétricas que são uma tradução ou desdobramento de algumas das potencialidades implícitas no inconsciente ou no modo de ser simétrico. Essas relações podem ser consideradas como sendo as mesmas que Freud chama de representação de palavras ou traços mnêmicos de palavras. Acredito, entretanto, que essa expressão de Freud é equivocada. Primeiro, porque aponta para a questão da memória, a qual, por mais que seja pertinente nesse respeito, não está no centro do problema. Além disso, o ângulo desse aspecto da relação entre inconsciente e consciência recai na possibilidade de expressar algumas das potencialidades implícitas do inconsciente, não tanto em termos de palavras, mas, para usar a expressão de Strawson (1952), em termos de afirmações. Embora, quando faz uso da expressão ‘traços mnêmicos de palavras’, Freud, na verdade, esteja se referindo a um significado, a expressão é ambígua porque (como ele mesmo aponta em seu livro sobre afasia) uma palavra é também um som, algo que pode ser visto (palavra escrita), ou um movimento (palavra falada). O que nos interessa neste contexto é o significado, e visto que o mesmo significado (como aponta Strawson) pode ser expresso através de diferentes palavras, a única forma de evitar esta ambigüidade é falar de afirmações. Neste ponto, deve-se ter em mente que os





mais elementares componentes da afirmação são, fundamentalmente, relações.

Retornando à questão de se tornar o inconsciente consciente, em termos do exemplo clínico que estamos estudando, pode-se perguntar: a minha interpretação tornou o inconsciente consciente? Para respondê-la, devemos reformulá-la, como fizemos anteriormente, porque, como vimos, a qualidade do ser inconsciente não é uma característica essencial do ser simétrico. Poderíamos dizer: o ser simétrico, tornando-se assimétrico, pode, então, penetrar a consciência? Uma reflexão prolongada e mais cuidadosa sobre essa questão leva, na minha opinião, a uma resposta mais enfática: *o ser simétrico jamais poderá, por si mesmo, tornar-se assimétrico e, assim sendo, jamais penetrará a consciência humana. Em outras palavras, o inconsciente jamais pode tornar-se consciente. O que podemos fazer, por outro lado, é nos tornarmos (assimetricamente) conscientes (cientes) de alguns aspectos do ser simétrico.* Da mesma forma que não podemos tornar nosso fígado consciente, mas somente nos tornar conscientes do nosso fígado.

8. O quantum intelecto-emoção

A interpretação sobre o medo de cair na não-existência, portanto, tornou *o paciente* consciente da presença, em si mesmo, de um conjunto infinito (uma emoção), mas não tornou esse conjunto infinito (emoção) consciente. Duas questões emergem neste ponto: por que o paciente experimentou um alívio, e o que aconteceu com a emoção em questão? Quando se começa a considerar todos os aspectos deste problema, é inevitável que se perceba sua extrema complexidade. A resposta para a primeira questão parece recair sobre o fato de que o paciente se deu conta de que tal perigo não existia e que sua existência não estava de forma alguma ameaçada. Ele também parece ter se dado conta de que o comportamento de seus colegas não significava que eles o estivessem vendo como uma pessoa extremamente má. Este fato produziu um imediato, embora temporário, desaparecimento, assim como uma considerável atenuação das emoções em jogo. É como se aquelas manifestações dessas emoções expressas na consciência, em termos das reflexões do paciente sobre a questão do presente de casamento, tivessem repentinamente se dissipado. Essa situação pode ser comparada àquela em que um balão é perfurado e imediatamente se esvazia. Obviamente, houve, neste caso, um processo de descarga ou alívio de um estado emocional. Este fato é bastante bem conhecido em psicanálise e foi discutido sob vários pontos de vista por muitos autores. Não tenho a intenção de revisar estas contribuições aqui, já que a minha intenção é estudar a questão sob o ponto de vista da relação entre os modos simétrico e assimétrico, ou seja, entre os conjuntos infinitos e a cons-





Ignacio Matte-Blanco

ciência finita. Nem me proponho a lidar aqui com a questão da transferência, a qual é irrelevante para o nosso propósito, no sentido de que a confrontação entre os dois modos de ser pode ser estudada, se assim desejado, na transferência, mas mesmo nesse caso deve ser estudada sob a luz da natureza íntima do significado da relação entre infinito e finito.

Retornando uma vez mais ao nosso paciente, podemos dizer que o alívio se deveu, neste caso, ao fato de que a emoção estava toda ‘concentrada’ no que poderíamos chamar ‘a situação do presente de casamento’. Por mais absurdo que possa parecer, um conjunto infinito estava em jogo nessa situação. Este é o caso de um conjunto infinito intensificado. Sua manifestação visível era algo que havia penetrado a consciência. É como se essa situação relativamente insignificante, sob um ponto de vista objetivo, fosse o emissário enviado à consciência por esse conjunto infinito. Embora como um emissário ela não tivesse o poder do conjunto, constituía um lembrete de seu poder, da mesma forma que um embaixador de um país poderoso é, ele mesmo, relativamente impotente, mas é o indicativo externo do poder por trás dele. A interpretação resultou em uma perda momentânea por parte desse embaixador de todo o seu poder ameaçador e trouxe, assim, alívio para a consciência. Foi como se o embaixador tivesse, repentinamente, se tornado um cidadão comum e não houvesse mais a ameaça de um grande poder. Todavia o alívio extinguiu-se logo, pois a emoção se fez novamente presente.

A situação descrita aqui é essencialmente a mesma descrita por vários autores. Strachey (1969, p.283) enfatiza o fato de que as mudanças ocorridas em psicanálise “(...) são o resultado do resumo de um imenso número de pequenos passos” e acrescenta que “(...) cada interpretação envolve a descarga de certa quantidade de energia-id”. Esta formulação, que envolve a utilização da noção de energia, pode ser analisada a partir de outro ângulo, ou seja, aquele da relação entre emoção e consciência. O fato de que o paciente referido acima tenha experimentado um alívio pode ser visto, de um ponto de vista de uma versão ligeiramente diferente da descrição de Strachey, como o desaparecimento ou dissolução de um medo que estava expresso ‘na situação do presente de casamento’. Aqui existe uma união significativa entre significado assimétrico e sentimento simétrico. O sentimento não penetrou a consciência em sua totalidade, nem foi exaurido pela interpretação, embora algum processo de descarga tenha acontecido em uma pequena quantidade. Há uma união misteriosa entre o concreto, o significado explícito de uma emoção, e as infinitas possibilidades de significado dessa mesma emoção, que estão implicitamente expressas no significado concreto. Proponho chamar este fenômeno pelo nome de ‘quantum intelecto-emoção’, para enfatizar o fato da união entre o infinito e o finito que se encontram por um instante na consciência, a despeito de que o infinito permaneça





fora da consciência: é como se eles se encontrassem no limite entre a consciência e o inconsciente. É como o derrame de um conjunto infinito dentro de um grupo limitado de relações: um 'quantum'. É uma questão de um conjunto infinito intensificado.

É preciso que a noção de 'quantum intelecto-emoção' seja claramente reconhecida como implicando na descarga de energia psíquica e, neste sentido, como similar ao conceito de Strachey da liberação de certa quantidade de energia-id, embora algumas delimitações sejam necessárias a fim de identificar os pontos nos quais ambas as noções coincidem e nos quais diferem. Todavia, além do aspecto puramente quantitativo, o conceito expresso aqui refere-se a duas outras noções que não estão claras na apresentação de Strachey: primeiro, a do intelecto, que aponta para o papel do conhecimento e para a forma através da qual essa noção funciona no processo de melhora; isso carrega uma relação com a noção de fazer o inconsciente consciente, mas está longe de ser idêntico a este conceito, o qual, se entendido como na Seção 8, desempenha um importante papel na cura, sem representar o único elemento para a mesma. A segunda noção é a da emoção, que traz consigo, de acordo com o ângulo pelo qual se analisa, dois conceitos adicionais: aquele dos conjuntos infinitos e aquele do relacionamento com outras pessoas. Sabemos que, para o ser simétrico, não existe distinção entre o eu e o não-eu.

Acredito que, se o conceito de 'quantum intelecto-emoção' fosse adotado, teríamos um limite mais exato de referência para lidar com a questão da natureza das mudanças ocorridas durante a análise. O estudo dessa questão está cheio de promessas para um entendimento mais profundo da relação entre consciência e o inconsciente.

9. Potencialidades da função tradutora e o significado das relações interpessoais

Tentei dar algumas características da relação entre o ser simétrico e assimétrico. Tentarei, agora, fazer um resumo e uma retomada. A função tradutora consiste na expressão do ser simétrico em relações assimétricas. *Se todas as potencialidades do ser simétrico fossem expressas, seria necessário encontrar um número infinito de relações assimétricas. Mas o estranho disso é que, em cada uma dessas relações, o conjunto infinito ainda estaria presente no que concerne à experiência do paciente. É como se, no homem, os conjuntos finito e infinito jamais pudessem estar separados.* O fato de o homem ser *também* seus semelhantes é uma consequência disso. Entre psicanalistas, está em voga falar de relações objetais, assim como o senso de comunidade é uma preocupação de todos os modernos desenvolvimentos sócio-polí-





Ignacio Matte-Blanco

ticos. As idéias que estou buscando desenvolver aqui originam-se, diretamente, da descrição de Freud das características do sistema inconsciente, expressas em termos lógico-matemáticos; partindo da idéia de que, em um nível profundo, o homem não tem relações com os seus semelhantes, mas *é* seus semelhantes. Acredito que esta consideração possa colocar a assim chamada teoria das relações objetais, de forma que esta não precise estar necessariamente em oposição à instintiva e aos assim chamados aspectos estruturais da mente humana. Renunciar ao estudo do homem em termos de sua constituição interna (instinto, conflito, etc.), considerando apenas sua relação com outros, é tão insatisfatório quanto estudar somente a primeira negligenciando a última. O aspecto do inconsciente recentemente considerado pode fornecer a base para uma síntese das duas abordagens.

Se emoção é um conjunto infinito, *a função tradutora é, potencialmente, necessariamente infinita*. De fato, é somente uma pequena parte da função tradutora que tem lugar. E assim são as possibilidades teóricas da arte. Note-se, novamente, que, quando descrevemos emoção como um conjunto infinito, este é uma caminho assimétrico de descrever algo que é, em si mesmo, estranho à assimetria: é um processo de tradução.

Possibilidade de medir a emoção como um conjunto infinito. No sentido de traduzir ou desdobrar uma emoção em um conjunto infinito, podemos aplicar a abordagem da questão da medida, a qual estudamos na Parte V.

10. “Onde existia id, deve ser colocado ego” (Freud, 1933, p. 80)

Se o ego não é uma província ou região, mas uma função do eu, é difícil ver como esta frase possa ser verdadeira, se tomada literalmente. Por outro lado, pareceria, como discutimos, que o ser simétrico jamais poderia tornar-se assimétrico. Se colocamos isso em termos de id, diríamos que o id nunca poderia diminuir em tamanho: ele é sempre infinito e não pode ser substituído pelo ego.

Ainda assim, como vejo, Freud expressa uma certa verdade na frase anteriormente citada. Como podemos reconciliar essas considerações aparentemente divergentes? Acredito que a função tradutora, que evoca relações assimétrica a partir do inconsciente e que as evoca sem limitações, fornece uma inexaurível fonte de enriquecimento da assimetria e, portanto, do ego. A história pessoal de um homem em processo de desenvolvimento e a história da humanidade são uma testemunha disso. Assim, o enriquecimento da assimetria, tanto pessoal quanto cultural, acontece todo o tempo. Mas isso não reduz o tamanho de sua fonte, não apenas por esta ser infinita,





mas em razão do fato de que a tradução do ser simétrico em termos assimétrico não *retira* nada do ser simétrico, somente aumenta a quantidade total de assimetria. De uma maneira similar, o fato de um objeto ser refletido em um espelho, ou em um milhão de espelhos, não diminui o tamanho do objeto.

A atividade matemática é um exemplo típico de desdobramento ou função tradutora. É bastante claro que a criação matemática se origina do inconsciente (veja-se Hadamard, 1945) no sentido recém-explicado. No que aparece como sendo, à primeira vista, um todo bastante homogêneo, o pensamento matemático descobre aspectos progressivamente complexos. Para mencionar um exemplo, o conceito de número pareceu, à primeira vista, razoavelmente simples. Quando alguns paradoxos foram encontrados, fez-se necessário redefini-lo como ‘uma coleção de coleções de coleções’. Em outro exemplo: o espaço euclidiano pareceu, por um longo período, ser o único espaço possível. Agora existem vários outros. Para dar ainda mais um exemplo, a lógica bivalente parecia ser a única base possível para a lógica. Agora temos a lógica de valores múltiplos e assim por diante.

A psicanálise está fazendo, com relação ao ser psíquico *real* que é o homem, o que a matemática fez com seu objeto, que é o ser psíquico *ideal*: está descobrindo cada vez mais complexidades e sutilezas progressivas. Esta é uma função tradutora: é ‘arrancar’ dos infinitos simétricos muitas das relações assimétricas potencialmente implícitas neles. Mas este é um tipo particular de extração, pois a fonte permanece distante da assimetria e intocada por ela. A função tradutora é, paradoxalmente suficiente, como uma imagem espelhada de algo que, em si próprio, não tem forma ou estrutura, como temos repetidamente visto no decorrer deste livro, mas que potencialmente sugere um número infinito de formas e estruturas: é a criação de um número (potencialmente) infinito de imagens de algo que por si mesmo é incapaz de ser refletido. É uma tradução no espaço-tempo de algo que está por si mesmo fora do espaço-tempo. Quando Freud fala de “trabalho de recuperação, como a drenagem de Zuider Zee”, e também na frase que dá título a esta seção, se tomadas literalmente, suas palavras parecem inexatas e não parecem representar a situação real, mas, ao mesmo tempo, expressam algo da relação particular existente entre simetria e assimetria, uma vez que esta última aumenta, sugando da primeira, mesmo sem tocá-la.

Se as coisas fossem consideradas em detalhe em termos de espaços de dimensões infinitas, talvez mais deste mistério pudesse ser desvendado. Ainda assim, é possível que o paradoxo da mesma cardinalidade do todo e da parte sempre permaneça. Considerando esse paradoxo no presente caso, podemos dizer que, mesmo que tirássemos uma parte do todo, o todo permaneceria infinito. É interessante refletir sobre o fato de que, da mesma forma que a matemática é útil para o entendimento da mente, chegará o dia em que analistas matematicamente treinados descobrirão rela-





ções na mente que terão de ser expressas através de conceitos matemáticos novos e ainda não existentes, conceitos matemáticos que terão de ser desenvolvidos *ad hoc*: a psicanálise será, então, uma fonte de desenvolvimentos matemáticos.

11. Os respectivos papéis da suspensão da repressão e da função tradutora. Os dois tipos de barreiras

A consideração da função tradutora faz com que se perceba que, provavelmente, a maior parte do trabalho analítico contemporâneo lida com essa função muito mais do que com a suspensão da repressão. Em outras palavras, ‘o tornar consciente’ parece ser mais freqüentemente alcançado com o auxílio da função tradutora do que através da suspensão da repressão. Isso é inevitável, pois, afinal, a repressão é somente uma pequena porção do inconsciente, que é uma coleção de conjuntos infinitos. Na prática real, freqüentemente temos que trabalhar simultaneamente com a suspensão da repressão e a tradução.

Neste ponto, há uma interessante consideração a ser feita. Como anteriormente observado na Parte III, em seu *Esboço*, Freud conferiu importância à noção de ‘barreira’ para a constituição das estruturas mentais e para os funcionamentos da mente. Agora parece haver dois tipos de barreiras consideravelmente diferentes. A barreira da repressão é, sem dúvida, a mais conhecida. A repressão mantém os conteúdos mentais fora da consciência e é por essa razão que pode ser comparada a uma barreira. Se, por outro lado, considerarmos que as várias categorias no inconsciente, dentro de cada uma das quais a simetria governa, são distinguidas umas das outras por relações assimétricas, podemos, então, comparar as relações assimétricas definindo uma dada categoria como um tipo de bolsa que mantém a categoria junta. Nesse sentido, relações assimétricas são barreiras.

Agora que estudamos a função tradutora, podemos nos dar conta mais completamente de que as relações assimétricas cumprem uma função inteiramente diferente daquela da barreira da repressão. Se lembrarmos que, confrontado pelo conjunto infinito, o intelecto está engajado em um trabalho perpétuo de ‘extração’ das relações assimétricas – ou, alternativamente, o ser simétrico está perpetuamente sendo ‘derramado’ para dentro das relações assimétricas – podemos, então, considerar as barreiras das relações assimétricas como muitas bolsas que carregam o ser simétrico da sua natureza inconsciente profunda para um tipo de representação na consciência (a superfície). Relações assimétricas seriam, então, algo que empurra o inconsciente em direção ao consciente, em um processo infinito. Atuariam em um caminho exatamente oposto ao da repressão.





Resumindo, a repressão é uma barreira que impede, e as relações assimétricas são barreiras que (como as paredes de um recipiente) facilitam o acesso ao inconsciente, o carregar dos conteúdos do inconsciente para a consciência. Por outro lado, tanto a suspensão da repressão quanto a função tradutora (que aumenta a quantidade de relações assimétricas) facilitam o acesso à consciência. Visto sob este ângulo, pode-se dizer que a emoção oferece ao intelecto possibilidades ilimitadas de desenvolvimento. Por esta razão, se vista de dentro, a emoção não é pensamento, pois não é uma atividade proposicional-relacional: *mas a emoção é a mãe do pensamento.* □

Tradução de **Janisa Antoniazzi**

Revisão técnica de **Viviane Mondrzak, Tula Brum e Luisa Rizzo Amaral**

© Luciana Bon de Matte





Atenção montador

a página **132** é branca





“Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de desdobramento de I. Matte-Blanco

Pietro Bria, Roma*



* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica Italiana.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003 □ 133





O capítulo sobre a “função de tradução” é central na obra que Matte-Blanco dedicou ao inconsciente, reformulando em termos lógico-matemáticos a concepção da mente e de seus processos de significação, o que Freud havia revolucionado de modo intuitivo.

Este percurso levou Matte-Blanco a afirmar que as “violações fundamentais da lógica”, que Freud percebia no inconsciente – quando o descrevia em termos “estruturais” – e que implicavam no desrespeito ao princípio essencial de não contradição que Aristóteles havia colocado em defesa da natureza heterogênea do pensamento, poderiam ser resolvidas – ou tornar-se positivas – na presença de uma lógica bastante particular que – a partir do *princípio de simetria* que a caracteriza – recebe o nome de *lógica simétrica*. Cada elemento individual dessa lógica – que enquanto tal é reconhecido como elemento pertencente a uma ou mais classes de equivalência e é “elemento” de interseção único dessas classes – torna-se “idêntico” à classe. Isso significa que a pura e simples semelhança ou afinidade entre elementos de uma mesma classe, que incluiria – segundo a lógica aristotélica – somente identidade relativa a determinadas características, é tratada pelo inconsciente como “identidade” absoluta com relação a todas as características.

E assim, segundo Matte-Blanco, o inconsciente, devido à prevalência de tal lógica, “não conhece indivíduos, mas somente classes ou funções proposicionais”. O que comporta ausência de tempo, ausência de espaço, ausência de negação, identidade entre a parte individual e o todo, aspectos implícitos nas “caraterísticas especiais”, que Freud atribuía ao inconsciente como estrutura.

Essa “lógica especial”, que lida somente com as “totalidades unas”, posta lado a lado ou envolvida com a lógica que preside os processos diferenciadores e diacríticos da consciência e, por isso, vinculada ao respeito ao princípio aristotélico de não contradição é, para Matte-Blanco, a expressão lógica de um fato ontológico fundamental: *“Existe nos seres humanos e no mundo um modo de ser que se exprime através da distinção entre as coisas, portanto, através de sua divisão; e existe um outro modo que trata qualquer objeto de conhecimento como se fosse um todo: os modos heterogêneo e indivisível”*.

Desta abordagem “estrutural” do inconsciente, originam-se os dois grandes filões da reflexão de Matte-Blanco, que ocupam toda a sua obra: a questão da natureza das emoções e a questão do infinito, que marcaram desde o início a reflexão filosófica e matemática. A partir deste momento – certamente pela primeira vez no pensamento psicológico – emoções, infinito e inconsciente encontram-se unidos por um isomorfismo das suas estruturas que revela o fato fundamental de que através dessas estruturas o homem tentou representar simbolicamente o aspecto ou o fundamento





indivisível de seu próprio ser psíquico.

Tudo isso levará Matte-Blanco a articular a dialética inconsciente-consciência em termos de dialética entre infinito e finito e a se interrogar sobre o processo através do qual a consciência, que trabalha dentro dos limites finitos, tenta se apropriar das “potencialidades infinitas” da emoção inconsciente: uma função que Matte-Blanco, justamente nesse capítulo central, chama de *tradução* ou de *desdobramento* e que estará na base do processo interpretativo em psicanálise.

Aqui há uma referência clara a Freud e àqueles trechos da sua obra em que se ocupa das “transformações” necessárias para que o inconsciente ascenda ao campo da consciência. Como em seu ensaio metapsicológico sobre *O Inconsciente* de 1915, em que escreve que “*Só conhecemos o Inconsciente como algo consciente, depois que sofreu transformação ou tradução para algo consciente*”; ou quando aborda em sua *Traumdeutung* os eventos do chamado “trabalho onírico”, em que o processo de tradução (de uma língua para outra) acontece nos dois sentidos: no sentido formativo, que leva do conteúdo latente ou dos pensamentos do sonho ao conteúdo manifesto, e no sentido interpretativo, no qual os sinais do conteúdo manifesto são traduzidos – como para a escrita hieroglífica – “um por um na língua dos pensamentos do sonho”; ou ainda, quando conclui de maneira decisiva um dos seus últimos trabalhos póstumos, afirmando: “Devido à natureza particular do nosso conhecimento, *o nosso trabalho científico no âmbito da psicologia consistirá em traduzir os processos inconscientes em processos conscientes*, de forma a preencher as lacunas da percepção consciente...”.

Esta última afirmação de Freud com relação à tradução parece, do meu ponto de vista, um pouco mais problemática do que as primeiras e parece fazer referência à característica estrutural da nossa maneira de obter conhecimento e, obviamente, também à forma “cheia de lacunas” do inconsciente.

Agora, gostaria de retornar a Matte-Blanco e destacar que o inconsciente, visto a partir de sua perspectiva “estrutural” como realidade “simétrica” ligada ao princípio de simetria que caracteriza a realidade dos afetos, é assim, na sua relação com a consciência, não pela intervenção de um mecanismo como aquele da repressão, que isola os desejos “censurados” do campo da consciência, mas sim pela incapacidade e pelos limites dimensionais da consciência de acolhê-lo em seu reino. Devido à mesma escassez dimensional não poderíamos jamais derramar toda a água contida em uma jarra em um copo. Se possuíssemos uma consciência infinita ou de dimensões infinitas – acrescenta Matte-Blanco de maneira provocativa – não haveria possibilidade de o inconsciente existir, já que a consciência ocuparia todo o campo do psíquico. Para que a realidade emocional entre no campo da consciência – conclui Matte-Blanco, de acordo com o Freud estrutural – ela deve necessariamente submeter-se às





Pietro Bria

leis da consciência, as quais não são leis do inconsciente. Daí a necessidade da “tradução”.

De certa forma, Freud havia intuído isso quando afirmou em seus “Estudos sobre a Histeria”:

*“Se depois de terminado o processo, pudéssemos mostrar a uma terceira pessoa o material patogênico na sua já reconhecida organização pluridimensional e complexa, esta pessoa poderia perguntar: ‘Como um camelo conseguiu passar pelo buraco de uma agulha?’ Fala-se, na verdade, e não de forma equivocada, de ‘estreitamento da consciência’, que adquire sentido e concretude para o médico que efetua uma dessas análises (...) Toda a massa de material patogênico é passada através de uma fissura estreita e por isso chega à consciência como se estivesse desmembrada em pedaços ou em trechos. É tarefa do psicoterapeuta recompor a organização presumida. Quem ainda aprecia as comparações poderá pensar em um jogo de paciência” (Freud 1892-95, em *Obras Completas*)¹.*

Se passamos a estudar o significado da função de tradução, logo nos damos conta de que ele aparece estreitamente ligado ao significado do termo inconsciente e que este último não é inteiramente unívoco na obra de Freud. Porque, se o inconsciente está ligado exclusivamente à repressão, “traduzir” significará, por um lado, “disfarçar” defensivamente o desejo reprimido para torná-lo “aceitável” para a consciência e, por outro lado, como é evidente na interpretação do “conteúdo manifesto” do sonho, coincidirá com um processo de “decifração” do texto que contém o “disfarce” dos procedimentos lingüísticos com que o desejo originário se tornou irreconhecível. Enquanto na acepção “estrutural” do inconsciente, como modo de ser dos afetos, o processo é exatamente inverso com relação ao precedente e a tradução não consistirá mais em uma pura e simples transposição de um texto de uma língua para outra, mas irá se configurar como uma tentativa, jamais esgotada, por parte do pensamento – como função diferenciadora – de apanhar ou capturar nas suas “redes” e, portanto, em termos de relações espaciais e temporais, a realidade emocional que existe como um “todo uno”. Porém, colocada nesses termos, a função de tradução torna-se função essencial da mente. Essa função caracteriza os procedimentos e os mecanismos do pensar, os quais encontram a justificativa para a sua ação na realidade emocional que ocorre primariamente através da experiência corporal e espera ou necessita ser organizada e regulada para ser utilizada com objetivos adaptativos.

1. Tradução nossa. (N. do T)





Matte-Blanco encontra para essa função tão intensa um outro termo que, a meu ver, não somente é mais apropriado, mas anuncia um outro grande filão da sua pesquisa, ou seja, aquele que se refere às relações entre mente e espaço. Trata-se do processo de *desdobramento* (*unfolding*), que sugere não somente discriminação ou diferenciação daquilo que é visto como “um todo” e que é próprio do sentir emocional, mas também um processo de “desenvolvimento” (talvez infinito) de algo que está fora do espaço e do tempo em uma sucessão de estruturas temporais e espaciais tridimensionais que, no final, como afirmava Freud, referindo-se à consciência, acabam sendo “a única luz que nos ilumina e guia nas trevas da vida psíquica” e dão, por assim dizer, “visibilidade” ao inconsciente emocional.

Money-Kyrle (1968) caminha nesta mesma direção quando, em seu histórico trabalho sobre o desenvolvimento cognitivo, citado por Matte-Blanco justamente nesse capítulo que estamos comentando, afirma:

“De acordo com nossos conhecimentos, a primeira pré-concepção inata ativa no recém-nascido é, presumivelmente, a de um seio ou mamilo. Ou ainda, de um seio bom e um mau. As duas classes abrangem um vasto território. Um certo número de objetos seriam reconhecidos como seus membros (ou, na terminologia de Bion, se juntariam neste vasto território). Paralelamente ao desenvolvimento de um conceito de um seio ou, mais especificamente, de um mamilo, podemos supor o desenvolvimento de um conceito de algo que recebe ou contém o mamilo, ou seja, uma boca. Desses dois conceitos parece derivar todo ou quase todo o vasto número de conceitos que empregamos, através de processos de divisão e combinação (cisão e integração)” (Money-Kyrle, 1968, p.433).

Matte-Blanco comenta ainda que “(...) o conceito de pré-concepção parecer uma certa correspondência com a noção de ser simétrico”, enquanto que “(...) o processo descrito por Money-Kyrle na última parte da citação, especialmente o relevo sobre a divisão e sobre a combinação dos conceitos, corresponde ao processo de tradução do ser simétrico em expressões assimétricas.”

Bion (1962) trabalha na mesma linha de pesquisa em *Apprendere dall esperienza*, no qual chega a formular o conceito de *função alfa*, ao qual atribui a tarefa de transformar as impressões sensoriais relacionadas à experiência emocional em elementos (alfa) passíveis de serem pensados.

“Para que se possa aprender com a experiência”, afirma Bion, “a função alfa deve operar sobre a consciência de uma experiência emocional; das im-





Pietro Bria

pressões de tal experiência originam-se elementos alfa; tais elementos tornam-se armazenáveis, para que os pensamentos do sonho e o pensamento inconsciente de vigília possam utilizá-los” (Bion, 1963, p.8).

Acredito que nesta acepção fundamental a função alfa bioniana esteja muito próxima à função de tradução de Matte-Blanco. Tal impressão é reforçada quando Bion concebe como *barreira de contato* o adensamento ou a proliferação dos elementos alfa que permitem o contato e a diferenciação entre consciente e inconsciente. Esse conceito de Bion refere-se a uma percepção de Freud (1938), quando este fala de “resistências internas” que são condições indispensáveis da normalidade, apontando, assim, em direção a um conceito de “repressão estrutural” paralelo ao conceito mais conhecido de “repressão como barreira” que mantém conteúdos mentais fora da consciência. Isso levou Matte-Blanco a identificar dois tipos de barreiras: uma constituída pela repressão como força que impede o acesso à consciência e a outra constituída pelas relações assimétricas ou pelas atividades proposicionais às quais dão lugar e que está na base da função de tradução. Matte-Blanco afirma:

“Se recordarmos que diante de um conjunto infinito o intelecto está empenhado em um trabalho interminável de ‘extração’ de relações assimétricas ou, em outros termos, o ser simétrico é constantemente ‘arremessado’ em relações assimétricas, então, podemos considerar as barreiras das relações assimétricas como numerosas bolsas que transportam o ser simétrico da sua natureza inconsciente profunda para algum tipo de representação na consciência (a superfície). As relações assimétricas seriam algo que empurra o inconsciente em direção à consciência, em um processo infinito. As relações assimétricas agiriam de um modo exatamente oposto à repressão” (Matte-Blanco, 1975, p.302).

Se a função de tradução, assim como a função alfa, é essencial para o pensar, mas também é garantia da nossa “normalidade”, podemos dizer inclusive que a sua falha de funcionamento nos expõe à “catástrofe” sensorial e emocional, subjugando ou desativando a mente, como ocorre nas “crises de pânico”, que conquistaram autonomia psicopatológica e psicodinâmica há muitos anos.

Mais recentemente, Armando Ferrari, na sua hipótese do *Objeto Originário Concreto* (1992), definiu ainda mais – utilizando uma larga seara de observações clínicas – as percepções bionianas sobre as origens do pensar e sobre suas ligações com a emoção radicada na experiência corporal:





“Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de ...

“Com o termo Objeto Originário Concreto”, ele afirma, “ressaltamos (...) a unidade constituída por um corpo no sentido físico e pelas sensações que se originam desse corpo, assim como por um aparato mental que percebe e toma nota. Por essa razão, do Uno (as sensações) para o Duplo (mente) podemos identificar a linha que, a partir do aspecto físico, fornece espaço ao mental progressivamente. Seguindo este percurso, o Objeto Originário Concreto dá início ao seu eclipse e, conseqüentemente, à gradual redução do marasmo que ele mesmo gera. O Objeto Originário Concreto é o dado: a mente entra em funcionamento estabelecendo uma relação com esse dado-presença... As sensações e as emoções precisam, portanto, ser ‘pensadas’: este processo exige a focalização das sensações e das emoções e, assim, um espaço que iremos definir como espaço mental (que em última instância é o espaço periodicamente liberado pelo eclipse do Objeto Originário Concreto), sem o qual nenhuma operação de abstração e, portanto, de pensamento é possível”.

Criticando a sua última obra – *L’Alba del pensiero* –, abordei estas reflexões de Ferrari sobre as quais, de modo absolutamente original no panorama psicológico e psicanalítico, Matte-Blanco apresentou formulações com relação à emoção e às suas ligações com o pensamento.

Em *L’Inconscio come insiemei infiniti*, Matte-Blanco propõe, na verdade, uma teoria inovadora da emoção que é declarada, nos seus aspectos psicológicos, sobre duas vertentes: a da “sensação-sentimento”, que a conecta ao corpo e aos seus movimentos (sensações), e a vertente mais propriamente cognitiva ou intencional, que a conecta à realidade externa ao corpo (se tenho medo, por exemplo, sou antes de mais nada “corpo amedrontado”, mas, ao mesmo tempo, tenho pensamentos de medo que são dirigidos ao objeto que está na origem do meu sentimento de medo). A atividade do pensamento, seguindo estritamente a detalhada análise que Matte-Blanco faz, parece empenhada em duas tarefas ao mesmo tempo e encontra nas emoções, que partem do corpo, a sua matriz originária. Essa matriz não será jamais preenchida completamente, mas somente “traduzida” ou “desdobrada” com os instrumentos (finitos) que lhe são próprios, em um processo que se anuncia como infinito.

Relacionando a realidade emocional em seus níveis profundos ao inconsciente, Matte-Blanco pode reformular a célebre fórmula freudiana: “Onde havia o Id, haverá o Ego” (1933), confiando à “função de tradução”, que extrai sem limites relações assimétricas do inconsciente, a tarefa de ser fonte inesgotável de enriquecimento da assimetria e, portanto, do ego: um enriquecimento – acrescenta – “(...) que não reduz a grandeza da fonte, não somente porque a fonte é infinita, mas pelo fato de que a tradução do ser simétrico em termos assimétricos não retira nada do ser simé-





Pietro Bria

trico, mas somente aumenta a quantidade total de assimetria". E assim, conclui Matte-Blanco, "(...) a emoção oferece ao intelecto possibilidades ilimitadas de desenvolvimento (...) A emoção é a mãe do pensamento. Pensar é, portanto, aprender com a experiência emocional" (M. Blanco, 1975, p.303).

Como se vê, o mecanismo teórico que Matte-Blanco oferece parece similar àquele que, no rastro de Bion, Ferrari propõe. Matte-Blanco, porém, leva ainda mais a fundo a sua investigação e, através da reformulação das características estruturais do inconsciente freudiano (que o mesmo Ferrari parece reconhecer na sua dimensão "vertical"), percebe, nos níveis profundos do emocional experienciado, uma lógica que parece análoga àquela do inconsciente e que se manifesta como "infinitização" das propriedades dos objetos com os quais a emoção tem relação.

Neste contexto, o "marasmo sensorial", que Ferrari parece atribuir às experiências vividas originadas no corpo, refere-se, acima de tudo, aos primeiros "registros" ou "esboços" de pensamento – muito impregnados de "simetria", diria Matte-Blanco – com os quais uma mente ainda pouco estruturada "apanha" o corpo antes de começar a operar nos vários registros da linguagem. O inconsciente freudiano se instala, assim, nas mais antigas experiências vividas do corpo, como salientou várias vezes Salomon Resnik, outro grande estudioso de psicanálise.

Concluirei esta minha contribuição com uma extensão dos conceitos de "tradução" e de "desdobramento", que foi desenvolvida no decorrer da obra de Matte-Blanco a partir dos anos 40 e de seus *Studi di Psicologia Dinamica*. Relaciona-se com uma reflexão fundamental que Matte-Blanco desenvolve sobre as relações entre espaço e mente e que contém o uso do conceito de espaço multidimensional para a interpretação dos fenômenos psíquicos. Veremos mais adiante que tal proposta encontrará uma aplicação original na análise do sonho e das suas estruturas, na qual se encontra com o conceito de "desdobramento" (*unfolding*), colocando nova luz sobre ele.

É justamente nos *Studi di Psicologia Dinamica* que Matte-Blanco desenvolve a idéia, retomando-a e aprofundando-a nas suas obras posteriores, de utilizar *um modelo geométrico* para a mente desenvolvido pelos matemáticos Courant e Robbins, no qual é demonstrada a possibilidade de representar um espaço "n-dimensional" em termos de um espaço de dimensão inferior a "n". O modelo sustenta que, quando um espaço de n-dimensões é representado através de um espaço de (n-1)-dimensões, os espaços (n-1)-dimensionais ou de dimensão inferior a (n-1) se repetem na representação. No caso de uma representação tridimensional de um espaço de dimensão superior a três, assistiremos, então, a uma multiplicação de volumes, cujo número se torna cada vez maior à medida que a dimensão do espaço a ser representado cresce, até tornar-se infinito no caso de uma tradução tridimensional hipotética de





um espaço de dimensões infinitas. Tal operação de multiplicação não é nada mais do que o *desdobramento* no espaço tridimensional de uma região do espaço de dimensão superior a três, cujos volumes ou espaços tridimensionais ocorrem *todos juntos* naquele que, aos nossos olhos (“olhos tridimensionais”), parece ser o mesmo volume e, portanto, no mesmo espaço e no mesmo tempo.

Aplicada ao sonho e aos seus “meios de representação”, esta percepção levará Matte-Blanco (1975) a afirmar que “*O modo aparentemente absurdo de tratar o espaço que observamos nos sonhos, torna-se (...) perfeitamente razoável se supomos que o sonhador ‘vê’ um mundo multidimensional com olhos feitos para ver somente um mundo tridimensional*” e a concluir que “*Numerosos fatos que, à primeira vista, parecem completamente caóticos, se tornam perfeitamente normais ao aplicarmos o conceito de espaço de mais de três dimensões. O sonhador e o inconsciente se comportam como um geômetra que emprega um número de variáveis superior a três e que é obrigado a usar na sua representação um espaço de dimensões não superior a três*”.

Esta perspectiva contém uma verdadeira reviravolta na ótica da *Traumdeutung* fundada sobre a repressão e que, para Freud, tratava o sonho como puro *apagamento (deformado) de um ou mais desejos (reprimidos)*. Na verdade, já escrevi, na introdução da segunda edição italiana de *L’Inconscio come insiemi infiniti* – para a ótica “estrutural” que Matte-Blanco privilegia – rastreando as suas origens nos mesmos textos freudianos, o inconsciente como “realidade multidimensional” e a experiência emocional que lhe serve de fundamento constituem para a consciência – que trabalha um número de dimensões espaciais não superior a três – um “hiperespaço” do qual a consciência faz parte: um *superindivíduo* com uma *superlógica* correspondente, que para “vir à luz” deve necessariamente “desdobrar-se” em uma sucessão, deve “tomar corpo” e deixar-se capturar pelas imagens da consciência. Aqui, aparecerá através daquelas lacunas ou incongruências que caracterizam o “espaço-temporal desordenado” das estruturas do sonho, como o chama Matte-Blanco. Ressaltei ainda, em outra ocasião (1984), como nessa perspectiva a condensação e o deslocamento, que estão na base do trabalho onírico, deixam de ser os mecanismos lingüísticos do disfarce ou da deturpação defensiva do desejo reprimido para se tornarem os mecanismos da “tradução” ou do “desdobramento” em imagens desta realidade multidimensional.

Encontrei novamente em um pensamento de Wittgenstein de 1944 esta concepção que desloca a atenção dos “conteúdos” reprimidos para as “modalidades de significação”:





Pietro Bria

“Se a teoria freudiana da interpretação dos sonhos funciona de alguma forma, o faz ao mostrar como é complicado o modo com que o espírito humano constrói imagens dos fatos. A forma da representação é tão complicada e irregular, que com dificuldade se pode chamá-la de representação”.

Em *Pensare, sentire, essere* (1988), do qual estou preparando uma segunda edição em língua italiana, Matte-Blanco dá a este processo, que conduz ao sonho e que é uma aplicação da função de desdobramento, o nome de *tridimensionalização*. E com esse nome descreve a operação com a qual o pensamento tenta “atrair” e “conduzir” no próprio reino a realidade una do infinito emocional, que está além do alcance da nossa imaginação: “(...) a audaz tarefa de um subespaço que tenta levar dentro de si o espaço no qual jaz” (Matte-Blanco, 1995).

Esta reflexão conseguirá efetuar, na mesma obra, uma extraordinária investigação sobre a natureza do objeto e do mundo interno em psicanálise, que se concluirá – abrindo uma grande perspectiva de estudo e de pesquisa para todos nós – com estas palavras que citarei literalmente:

“Existem fatos essenciais a respeito da mente e das relações entre o indivíduo e os outros indivíduos (seio, mãe, pai, mundo) que simplesmente não podem ser compreendidos em termos da antítese externo-interno. Esses fatos referem-se aos aspectos não-tridimensionais que são essenciais para os seres humanos e representam a experiência da indivisibilidade, ela mesma parte da natureza humana. O pensamento freqüentemente procura conceber estes aspectos em termos de espaço, mas o melhor resultado que pode alcançar em tal tentativa é o de usar o conceito de infinito e de espaço de dimensões infinitas... Por outro lado, a tentativa de traduzir os aspectos não-espaciais e atemporais da natureza humana no espaço-tempo é essencial ao pensamento, mas é sempre uma forma de ‘pensarolar’ (thinkating), mesmo que, de certos pontos de vista, trate-se de um pensamento sutil. O fato de que não podemos escapar do nosso modo indivisível de ser ou da experiência da unidade está evidente, de maneira muito natural, na tentativa que fazemos de exprimir esses nossos aspectos através das estruturas bi-lógicas. Através destas últimas, conseguimos, de alguma maneira, ‘aprisionar’ a incompreensível indivisibilidade em algumas estruturas que conhecemos, mas não somos capazes de exprimi-la completamente” (Matte-Blanco, 1988, p.316). □





“Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de ...

Referências

- BION, R.W. *Learning from Experience*. Heinemann, 1963.
- FERRARI, A. *L'eclissi del corpo. Una ipotesi psicoanalitica*. Borla, 1992.
- BRIA, P. Il sogno e la filosofia psicoanalitica della mente. Una prospettiva bi-logica del contributo di Freud. *Archivio di Psicologia, Neurologia e Psichiatria*, XLV, 3-4, 1984.
- . Thought, Unconscious and Vicissitudes of Corporeality, review of *L'alba del pensiero (The dawn of thought)* by Armando B. Ferrari and A. Stella, Roma, Borla, 1998, *International Journal of Psychoanalysis*. London, 2000.
- FREUD, S. *Opere*, v. 11. Torino: Boringhieri, 1967-80.
- MATTE-BLANCO, I. *The Unconscious as Infinite Sets. An essay in Bi-Logic*. London: Duckworth, 1975 (II edizione italiana, Einaudi, 2000).
- . *Thinking, Feeling and Being. Clinical Reflections on the Fundamental Antinomy of Human Beings and World*. London: Routledge, 1988 (trad. it. Einaudi, 1995).
- MONEY-KYRLE, R. E. Cognitive Development. In: *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle, a cura di D. Meltzer*. Clunie Press Strath Tay Perthshire, 1978. Tradução em português: *Obras selecionadas de R. Money-Kyrle*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- WITTGENSTEIN, L. *Vermischte Bemerkungen*, Suhrkamp Verlag Frankfurt Am Main, 1977 (trad. it. Milano: Adelphi, 1980).

Recebido em 30/03/2003

Aceito em 23/04/2003

Tradução de **Janisa Antoniazzi**

Revisão técnica de **Viviane Sprinz Mondrzak** e **Magali Fisher**

Pietro Bria

Viale Cortina d'Ampezzo,60

00135 Roma – Itália

E-mail: pbriaiccp@rm.unicatt.it

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador
a página **144** é branca





Cinema e Psicanálise





Atenção montador
a página **146** é branca





Estátua e espelho: considerações sobre o filme *Morte em Veneza*, de Lucchino Visconti, baseado em novela de Thomas Mann

*Paulo Fonseca**, Porto Alegre



* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003 □ 147





Paulo Fonseca

“Meu filme descreve uma aventura intelectual equilibrando verdade e imaginação, em um padrão totalmente realístico e completamente fantástico”.

Luchino Visconti (Tonetti, 1997, p.143)

É reconhecido que o filme *Morte em Veneza* resulta da conjugação de três gigantes: Thomas Mann, Gustav Mahler e Luchino Visconti. Falarei algo sobre cada um deles, assinalando certos aspectos que julgo pertinentes para a composição e articulação de meus comentários.

Thomas Mann

A persistência com que Mann escrevia sobre si mesmo, apesar de seus textos parecerem impessoais, aponta para a dupla e antagônica necessidade que sentia: a de confessar e a de manter sua privacidade. Ele mesmo admite segundo Lehmann que *Morte em Veneza* se originou sob a influência imediata de Freud: “*Sem Freud eu não teria pensado em lidar com esse motivo erótico, ou certamente eu o teria tratado de forma diferente*” (Lehmann, 1970, p.198-214).

Morte em Veneza, escrita em 1911, aos trinta e seis anos, constituiu-se na primeira expressão explícita, apesar de indireta, utilizando-se de um personagem, de sua inclinação homoerótica e pedofílica. E também pode-se dizer que se constituiu no máximo de sua confidencialidade a respeito do tema em suas obras. Ante as reações escandalizadas de alguns, Mann reiteradas vezes se manifestou enfatizando a moralidade essencial da novela, até hoje considerada um de seus melhores textos.

Ao mesmo tempo, com frequência, ele era o primeiro a alertar seus leitores de que não deveriam levá-lo muito a sério e, talvez por isso, ficou a dúvida, ante o registro em seus diários, se suas anotações confessionais não se constituem em exageros, à semelhança de suas frequentes preocupações hipocondríacas e com a morte.

A intenção inicial de Mann fora de escrever um conto que abordasse a perda de dignidade sofrida por um artista maduro por sentir-se apaixonado por alguém bem mais jovem. Pretendia escrever sobre o ocorrido com Goethe que, aos setenta e cinco anos de idade, se envolveu com uma jovem de dezessete anos, a quem inclusive pedira em casamento. Para Mann, esse fato ilustrava, de forma muito evidente, sua fascinação para com a expressão “apaixonar-se” (*to fall in love*), pela noção, aí explicitada, de o amor ser algo em que se cai. Nesses termos, chegou a afirmar que o assunto principal da novela consistia em considerar a paixão como distúrbio e degradação. E pode-se assinalar que Luchino Visconti, que dizia que, de uma maneira ou





outra, todos os seus filmes estavam embebidos em Mann, também, ou talvez por isso, descreveu, em quase todos, a destrutividade do amor.

A novela

Em linhas gerais, versa sobre um escritor de meia idade, viúvo, com uma filha única, casada, que vem sentindo inibição para o trabalho.

Numa de suas caminhadas, vê-se diante de um cemitério, onde um estranho o mira com hostilidade, “*como um tigre à espreita*”. Nesse exato momento, sente vontade de viajar. Na ida para Veneza, no navio, encontra um velho maquiado para passar-se por jovem, um *dandy* decadente, e sente repulsa por ele. Chegando em Veneza, numa gôndola negra como um esquife, o gondoleiro, também descrito como um estranho muito semelhante ao da capela funerária do cemitério, quer levá-lo para outro trajeto. No *Grand Hotel des Bains*, encontra uma família polonesa e chama-lhe a atenção a figura da mãe, mas fixa-se no menino, Tadzio, por sua beleza. Nos dias que seguem, encontra-se com este muitas vezes, todavia só se comunicam através do olhar. Resolve partir de Veneza, mas sua mala é extraviada e tem que permanecer mais algum tempo. Sentindo-se cada vez mais atraído pelo adolescente, começa a segui-lo.

Percebe, então, que algo estranho está ocorrendo na cidade, o que todos negam, dizendo que não há do que se preocupar. Quando alguém confirma sua suspeita da vigência de uma epidemia de cólera, defronta-se com um dilema moral de avisar ou não a família polonesa. Decide calar e busca o barbeiro do hotel para remoçar suas feições. É contaminado pela peste e, ao saber que a família de Tadzio partiria naquele dia, vai para a praia e lá morre.

Circunstâncias da novela

Sabe-se, pelo próprio Mann, que, na história, estão relatados uma série de fatos que realmente lhe aconteceram – “*A história não precisou ser escrita*”- (Prater, 1995, p.125]: uma recente viagem a Veneza, acompanhado de sua esposa e de seu irmão, o encontro no barco com um velho maquiado como jovem, um gondoleiro estranho e sem licença para navegar, boatos de uma epidemia de cólera em Palermo, a bagagem extraviada (do irmão)... e o encontro no hotel com uma família polonesa, com um jovem de onze anos (e não catorze, como na novela e no filme), chamado Adzio (de Wladislau, e não Tadzio, de Tadeu) que lhe chamou a atenção pela beleza.





Paulo Fonseca

A própria descoberta de sentir-se mobilizado a fazer apreciações de teor homossexual e pedofílico, também, de certa forma o encantou por lhe permitir um certo “mergulho psicanalítico” na abordagem artística do tema a que se propusera: o amor levando à degradação e à morte.

Quando estava escrevendo a novela, em 1911, faleceu Gustav Mahler, o compositor e maestro, a quem não conhecia pessoalmente. Mann, então, como usualmente fazia, utilizou características fisionômicas e posturais de Mahler para a composição de seu personagem, que chamou de Gustav Aschenbach, o nome significando, literalmente, “córrego de cinzas”, o que evoca o rio dos mortos da mitologia grega.

Quanto à frequência com que utilizava esse recurso de empregar dados biográficos, características e peculiaridades de pessoas e de si próprio na descrição de seus personagens e na montagem dos eventos da trama, Mann certa vez declarou: “*Não é você, fique tranqüilo. Sou sempre eu, sempre eu*” (Prater, 1995, p.105).

Contudo, provavelmente o que mais o influenciou na feitura de *Morte em Veneza* consistiu em um dramático acontecimento: o suicídio de sua irmã Carla, de vinte e nove anos, por ingestão de cianureto, em 1910. Isso muito o perturbou e considerou como uma fraqueza e uma deslealdade tal acontecer com “*um dos nossos*”, referindo-se a um membro da família. Já estava escrevendo a novela, mas esse fator intensificou a urgência em lidar com o tema da morte. Ainda mais porque o gesto suicida de Carla havia sido acionado por uma desilusão amorosa, como ele queria demonstrar. Alguns anos após a morte de sua outra irmã, Júlia, também por suicídio, Mann comentou que ele e seus dois irmãos teriam recebido uma maior proteção por parte da mãe-natureza do que as irmãs.

Na novela, a trajetória de Aschenbach é a de um suicídio mal disfarçado, o que pode ser depreendido, ao final, pela ingestão de morangos maduros contaminados pela peste. No filme não fica claro se a morte do personagem decorre de sua condição cardíaca, como é sugerido já por ocasião do primeiro *flashback*. Mas a esse respeito pode-se observar no filme que, quando Aschenbach, na praia, visualiza Tadzio em traje de banho, cruza por ele um vendedor de morangos. Morangos são símbolos clássicos de satisfação sexual e, na presente história, assumem um símbolo de morte.

Luchino Visconti

Morte em Veneza (1971) é o segundo filme da trilogia alemã de Visconti, iniciada com *Os Deuses Malditos* (1967) e completada com *Ludwig* (1973). Nessa trilogia, o tema da morte passou a ocupar o lugar central na obra de Visconti – morte, perversão, solidão, apresentadas com luxo e requinte estético.





Por muitos considerado o “narrador” da decadência, ele, em geral, expressa em seus filmes, empregando uma expressão de Mann, a “volúpia da perdição”. Talvez ninguém como ele soube recriar a suntuosidade de épocas passadas, ao mesmo tempo que efetua uma crítica aos valores das sociedades com a exposição de sua desagregação. Tais características ilustrando a noção de que o artista está inserido em e participa de uma sociedade, ao mesmo tempo que deve se colocar como um seu observador crítico.

Muitas contradições presentes em seus filmes ilustram as do próprio Visconti. Assim, vejamos, ele era um aristocrata, nascido de uma família riquíssima da nobreza de Milão, o pai, Giuseppe Visconti, duque de Modrone, e a mãe, a condessa Carla Erba, filha de Carlo Erba, fundador da poderosa indústria farmacêutica que leva o seu nome.

Em um documentário recente, aparecem fotos de alguns dos palácios da família Visconti e é dito, inclusive, que é quase impossível conceber o mundo de conto de fadas que Visconti habitou desde o nascimento. Assim, os cinco irmãos Visconti dispunham, por exemplo, de um teatro particular para encenar peças com seus primos e convidados...

Quando adulto, declarou-se um comunista atuante, inclusive tendo sido preso e torturado durante a II Guerra ... ao mesmo tempo que exigia ser chamado de conde nos *sets* de filmagem, onde também se tornou famoso por suas explosões temperamentais. Esteta, logo ficou conhecido como o diretor de mais requintado apuro do cinema europeu e mesmo mundial. É lendário seu perfeccionismo, seu preciosismo nos detalhes. Por exemplo, nos seus cenários suntuosos, exigia que tudo fosse autêntico, mesmo os objetos não vistos na tela, como o conteúdo das gavetas. Dizia ele: “*As gavetas vazias são sentidas*” (Tonetti, 1997, p.12).

Dotado de uma prodigiosa cultura e grande familiaridade com a História, de forma consciente procurava recriar em seus filmes cenários e situações de sua própria juventude. Em *Morte em Veneza*, por exemplo, a mãe de Tadzio, interpretada por Silvana Mangano, é calcada nos mínimos detalhes em sua mãe, Carla. Assinalando para a atriz como concebia a personagem, ele intercalava descrições da postura e gestos de Carla: “*A mãe da beleza, a mãe da morte, lembra muito a minha mãe*” (Lizzani, 1999/documentário).

As influências dos pais em sua formação apontam de maneira bastante esclarecedora para as suas criações, ambigüidades e conflitos. Assim, a chamativa abordagem melodramática decorrente de seu amor pela ópera, o que sempre foi encorajado por aqueles, para os quais o Teatro Scalla de Milão era uma segunda casa. É dito que, quando Visconti era jovem, seu pai lhe avisava, por exemplo, que teriam quarenta convidados para jantar no fim-de-semana e a ele, Luchino, cabia cuidar de tudo: a





Paulo Fonseca

apresentação das mesas, quais cores deveria privilegiar na composição dos ambientes, as flores...

Da mãe, diz ter herdado o gosto pelo violoncelo, que aprendera a tocar, a disciplina e o nível de exigência. Contam que ela obrigava os cinco filhos a utilizarem revólveres de verdade para fazerem pontaria uns nos outros e que atirassem, errando por pouco, é claro, para exercitá-los contra o medo e inculcar-lhes coragem.

Muito apegado a essa mãe, imperial e fálica, afastou-se do pai quando eles se separaram. Uma biografia de Visconti faz alusões a possíveis relacionamentos homossexuais da parte de seu pai. Tem sido apontado que (com uma única exceção, em *Belíssima*) a figura do pai está ausente na filmografia de Visconti, que já era adulto quando assumiu sua homossexualidade. Em suas identificações e história fica evidente sua problemática de teor edípico.

Em quase todos os seus filmes, descreve, repito, a destrutividade do amor. “*Amar é se destruir e perder a possibilidade de amar*”, dizia (Tonetti, 1997, p.5) e compartilhava com Thomas Mann a noção de que o amor homossexual é incapaz de realização e conduz invariavelmente à tragédia. Mas, no filme, propõe, por intermédio do personagem por ele criado, Phillip, a tese de que certos objetivos são alcançáveis somente através de Eros e que dogmas e disciplina aprisionam a criatividade, que exige liberdade. De certa forma, ele propõe transformar os impulsos (homossexuais) em criatividade artística: “*O mal é necessário. É o que alimenta a genialidade*” (Visconti, 1971).

Gustav Mahler

Devido ao fato de, na novela, Aschenbach ter sido “desenhado” como Mahler e ter o mesmo prenome, Visconti ampliou essa identificação na transposição cinematográfica, transformando o escritor em um compositor-maestro, passando a empregar, na nova construção do personagem, a situação de luto pela morte da filha de Mahler, Maria, que de fato havia ocorrido há pouco tempo. Tal recurso, por sua vez, justificou que fosse dramatizado um quadro depressivo com conotação suicida como reverberações da morte da irmã de Mann, Carla (observa-se, novamente, que os nomes se repetem – Gustav em Mahler e em Aschenbach e Carla em Mann e em Visconti, mãe do cineasta). Tal inserção permitiu ao ator Dirk Bogarde um de seus melhores momentos no filme, quando o personagem relembra a filha morta e indaga, em sua visão já perturbada da realidade: “*Que caminhos escolhi?*”

De forma genérica, em termos psicanalíticos, pode afirmar-se que, na obra de Mann, sempre está presente o conflito entre a libido sexual e a sublimada. Os perso-





nagens encontram-se sempre ameaçados pela desintegração e é enfatizado o papel da sublimação no ajustamento humano e na serenidade. Torna-se recorrente em sua obra a descrição do precário ajustamento psicológico dos personagens e a luta contra a regressão narcisística e preocupações hipocondríacas como expressões daqueles conflitos internos que não puderam ser manejados pela criatividade artística. Esta tese fica sublinhada, no filme, pela música, o *adagietto* da 5ª sinfonia de Mahler expressando, de maneira brilhante, o anseio por essa união entre a serenidade e a sensualidade.

E Visconti nos faz escutá-lo como um convite a que consideremos o seu filme por sua qualidade de espetáculo audiovisual, como um tema importante e por seus próprios méritos. Os maiores elogios foram dirigidos à música, considerando-a como se tivesse sido criada diretamente para o filme – trechos da 3ª e 5ª sinfonias de Mahler –, principalmente às longas seqüências em que, sem diálogos, o andamento da história fica sob a responsabilidade das imagens e da trilha sonora “coreografando” as expressões dos atores. (Uma ressalva pode ser feita: dificilmente a música de Mahler poderia ser criticada como “cerebral” e sem sentimentos, conforme é dito por Phillip no filme.)

O filme e a crítica

Visconti, por considerar que uma adaptação cinematográfica deve alcançar um tipo de autonomia estética, de forma a ser digna do original, buscou reproduzir a especificidade do original literário na especificidade da linguagem do cinema em uma espécie de “comunhão cultural”. Em outras palavras, transformou uma obra essencialmente verbal em um espetáculo audiovisual baseado em uma novela de Mann e não em uma transcrição literal, o que ocorreria, por exemplo, caso utilizasse uma voz que, fora de cena, relatasse as considerações introspectivas de Aschenbach e suas reflexões filosóficas.

A substituição do escritor por um compositor presta-se melhor à linguagem cinematográfica, quando utiliza a música para expressar os sentimentos dos personagens. As suas digressões e cogitações são substituídas por debates em *flashback*, com um personagem (Phillip) criado por Visconti, que, segundo ele declarou em entrevista, é um alter-ego de Aschenbach e não uma referência ao compositor Arnold Schönberg.

Este é o aspecto vantajoso da transposição da novela para o cinema. Mas tal passagem implica também em prejuízos, pois, sem o recurso verbal, se torna mais difícil a construção de algo mais que uma mera história linear que relate a atração





Paulo Fonseca

homossexual de um senhor de meia idade por um jovem bonito. A manifestação artística fica um tanto empobrecida, caso proponha ao espectador apenas um olhar estético da parte do personagem, como se estivesse admirando uma estátua.

É um filme deliberadamente lento e com pouca ação. O próprio título informa o desenlace, cabendo aos espectadores acompanhar a derrocada do personagem até a morte. Visconti e sua equipe de fotógrafo, figurinista e cenógrafo empregam seu detalhado rigor e usual requinte na reconstituição de uma época. Assim, os personagens com suas vestimentas e posturas na praia e nos ricos ambientes do hotel, bem como as dos funcionários, sempre tão solícitos, compõem um painel que coloca em relevo o retrato de uma sociedade alienada, do início do século XX, tal reconstituição muito próxima, aliás, da que viria a ser apresentada, três décadas após, no filme sobre o naufrágio do Titanic. Essa descrição cênica é empregada pelo cineasta para pôr em destaque o contraste com uma outra realidade, de tensões subjacentes, à medida que acompanhamos a deterioração progressiva de Aschenbach e tomamos conhecimento de que algo perturbador está acontecendo em Veneza e que pode pôr em risco de extinção esse estilo de vida “despreocupado”.

O trabalho de filmagem é feito em tomadas longas que constantemente retratam e mesmo criam relações entre pessoas olhando e sendo olhadas. O poder do olhar é enfatizado por Visconti – os olhares tendo o poder de acionar a música e de conduzir a *flashbacks* que, de forma intencional, não são claros se estão revelando acontecimentos passados na vida de Aschenbach, se são lembranças distorcidas, ou se frutos da imaginação do personagem, como, quando na agência de viagens, ao confirmar a existência de uma epidemia de cólera, aparece inicialmente avisando a família de Tazio.

A crítica mundial, a partir de Cannes, mostrou-se dividida como de hábito no que diz respeito aos filmes de Visconti. Alguns o saudaram como uma obra-prima, enquanto outros o tacharam de “quase insuportável em sua auto-importância” (Morley, 1996, p.142).

A mais danosa crítica diz respeito exatamente aos *flashbacks*, que foram considerados tediosos e um tanto pretensiosos e também aos olhares “provocantes” de Tazio, como se o jovem estivesse sistematicamente flertando com Aschenbach, ao descer do elevador, ao se cruzarem na rua, na praia... A cena vista como “mais embaraçosa” pelos críticos é a inventada por Visconti, quando Aschenbach escuta Tazio ao piano, dedilhando *Für Elise* e lembra sua ida a um prostíbulo, quando fica com uma prostituta com traços fisionômicos semelhantes aos de Tazio, também ela ao piano tocando a mesma música. Tal passagem, que não consta na novela, enfatiza e quase explicita o significado de uma relação sexual entre os dois personagens. Mas





entendo que isto também constitui mais um prenúncio de sua trajetória para a morte: Esmeralda é tanto o nome da prostituta como o do barco que o trouxe a Veneza.

Entendimento dinâmico

É um filme sobre a beleza e a morte construído pelo olhar. Para tanto, a câmera de Pasquale de Santis, por meio de *zooms*, traduz o olhar de Aschenbach que procura e acaricia o seu objeto de desejo. Pensando a respeito das modalidades de olhar, na página 137 da novela, encontramos, um tanto solto, um comentário de Thomas Mann, que penso esclarecedor e que utilizarei como um guia para o entendimento: “*Estátua e espelho! ... assim também o deus, para nos fazer visível o espiritual, gostava de servir-se do corpo e das cores da juventude humana que, como instrumento de lembrança, ele enfeitava com todo o reflexo da beleza e, na contemplação dela, nós certamente nos incendiávamos em dor e esperança*” (Mann, 1971).

Se nas discussões em *flashback*, o personagem Phillip criado por Visconti funciona como um alter-ego de Aschenbach, sua consciência crítica, seu superego, o mais das vezes acusatório e mesmo sádico, por que não entender o jovem Tadzio também como um alter-ego de Aschenbach? Existem muitos indicativos para isso na novela e no filme. Exatamente à semelhança do que acontece nos sonhos, pois sabemos que os vários personagens que povoam seus conteúdos manifestos são variados aspectos do próprio sonhador – seus pensamentos, desejos, temores. Proponho que examinemos algumas implicações a que nos conduz tal enfoque.

Podemos visualizar Tadzio como *instrumento de lembranças* mais do que uma estátua a ser contemplada, constituindo-se para Aschenbach como um espelho da memória, de vivências e ilusões, de dor e de esperanças. Como receptáculo e veículo de suas expectativas, de suas projeções e de suas identificações projetivas.

Encontramos à página 144 da novela: “*Tadzio (...) sorriu para ele, falando, íntimo, gracioso e sem rodeios (...) Era o sorriso de Narciso que se debruça sobre o espelho d’água, aquele sorriso profundo, encantador, prolongado, com o qual estende os braços para o reflexo da própria beleza*” (Mann, 1971). São palavras ditas em 1911, três anos antes de Freud ter escrito seu clássico trabalho sobre o narcisismo, que forneceu, desde então, condições para o entendimento analítico sobre a questão.

Na novela, Tadzio é sempre visto pelo olhar de Aschenbach. Não se tocam, não se comunicam a não ser pelo olhar. No filme, o movimento da câmera e o enquadramento fornecem uma existência concreta ao menino, o que se constituiu em motivo para críticas que diziam que Visconti, ao corporificar a sexualidade de Tadzio, defletiu a ênfase do campo espiritual para o físico e, ao assim fazer, teria deixado de





Paulo Fonseca

ser fiel às intenções de Mann. Pode-se dizer que isso constitui o problema básico, não somente na ótica dos críticos – por se tratar de um filme, Tadzio necessariamente precisa ser visualizado, ao invés de, como ocorre na novela, aparecer como uma espécie de projeção da mente de Aschenbach. Para autores como Kohut (1957) e Slochower, o menino é o “duplo” de Aschenbach: “*Entender Tadzio não tendo uma existência independente, e que Aschenbach está criando o menino e sua beleza a partir de sua fantasia, fornece à história um caráter trágico-mítico*” (Slochower, 1969, p.107).

Relembrando, em linhas gerais o filme trata de um músico com desejo de morrer e a morte aparece para ele sob a forma de um amor escandaloso. No início, seu interesse pelo jovem é puramente estético, Aschenbach atraído não só pela beleza de Tadzio, mas também por sua posição na constelação familiar. Mas o impulso erótico vai se infiltrando, provocando nele uma erosão e dele vai tomando conta – a ressexualização do sublimado. Ao assim ocorrer, vão sendo realizados acontecimentos que haviam sido prenunciados por alguns personagens misteriosos ao longo da novela e do filme: o velho tentando ser jovem, o gondoleiro que quer levá-lo para longe de seu destino em uma gôndola preta que lembra um ataúde (como Charon, da mitologia grega, que conduz os mortos através do rio infernal) e ainda um cantor de um grupo popular semelhante a muitas representações medievais da morte, que invade o ambiente sofisticado do hotel e se impõe aos hóspedes, apresentando-lhes uma outra realidade, vulgar e iconoclasta.

Aspectos da atividade criativa

A atividade criativa, o mais das vezes, é enfocada por seu aspecto *expressivo*, deixando de ser examinado o aspecto *reflexivo* que exerce sobre o próprio artista como um beneficiário de sua própria criação, a qual utiliza para corrigir ou anular um estado de tensão que o esteja afligindo. Na novela, Mann lida com temas que sempre o preocupavam: a doença e a morte. Ele considerava, à época, a morte como uma negação aristocrática da vida e a doença como um pré-requisito para a criação artística. Mas agora lida sob a pressão de fatores angustiantes, acionados pelo suicídio recente da irmã.

O efeito expressivo de sua obra propõe o olhar que observa a beleza construída pelo olhar de quem olha, como uma forma de incorporação e de identificações e projeções e que serve para dar vasão (Tadzio olhado como “estátua”) a Aschenbach, a Mann e a Visconti, a fim de poderem lidar com suas inclinações homoeróticas e impulsos pedofílicos, empregando, para sua sublimação artística, os dados da reali-



dade e os acontecimentos recentes com os quais desenvolvem a trama da novela e do filme.

Para o autor, o efeito reflexivo devolve o olhar para aquele que olha. É o olhar que reflete a si próprio e que, por sua vez, almeja o exorcismo de suas angústias e da própria morte e a elaboração da perda da irmã Carla. Assume um papel reassegurador de que não tem por que morrer, já que faz um personagem morrer por ele. Morre um velho, enquanto ele tem apenas trinta e sete anos à época; morre um solitário, ele tem uma família com esposa e filhos. E se ressegura, por meio de uma identificação narcisística com Tadzio, de ser o preferido da mãe e por ela protegido. Inclusive é, então, o único filho varão. Nessa condição, não teria por que se angustiar com a rivalidade com seus irmãos (Heinrich, o mais velho e também um escritor, e o mais moço, Carl Viktor), tema que irá abordar em *José e seus irmãos*, e Visconti em *Rocco e seus irmãos*. No filme, as irmãs de Tadzio são mostradas sem beleza e sem atrativos, tal apontando para ser ele o predileto, o que representa a sua confirmação narcisística por parte da mãe. Assim fica recuperada a proximidade que tivera com ela e à qual atribui essa proteção contra a morte.

E mais, com o olhar de espelho, Aschenbach e também Mann e Visconti vêm na figura andrógina de Tadzio um reflexo de suas infâncias idealizadas. Então Tadzio representa para Aschenbach uma parte sua, um seu reflexo, seu ideal de ego narcisístico que aponta para a regressão última da fusão simbiótica com a mãe idealizada. A morte, agora como um retorno ao útero, ao líquido amniótico (o mar...), recuperando o sentimento oceânico, aquele de paz e harmonia e beleza e perfeição. Ao assim fazer, a própria morte assume agora um significado liberador, de redenção, de retorno à infância, à mãe ... o que, com frequência, pode ser observado nos casos de suicídio em quadros clínicos melancólicos. Com tais mecanismos, é dado um sentido liberador ao recente suicídio de Carla (no filme, à morte da criança, filha de Aschenbach.). Desse modo, o autor pode recuperar seu narcisismo abalado com o suicídio “de um dos nossos”, como dizia. (Não fica claro, no filme, se a esposa do personagem também teria morrido. Isso é sugerido no início, quando, preparando-se para ir ao refeitório, despede-se com um beijo nas fotos de ambas, a esposa e a filha).

Com esse entendimento, as três figuras prenunciadoras da morte assinaladas no filme (quatro, na novela) também podem ser entendidas como a outra parte da dissociação da figura masculina, a parte persecutória, a outra parte da idealização (“*Sou sempre eu...*”), essas figuras expressando a ansiedade de castração ante a figura do pai rival que ameaça por saber de seus desejos e suas culpas. O que tem expressão nas palavras acusatórias de seu superego representado por Phillip. Heinz Kohut (1957), no trabalho clássico sobre *Morte em Veneza*, apresenta a tese de que as figuras proféticas são expressão da ansiedade de castração, ligada à observação de uma





Paulo Fonseca

cena primária sádica.

Para Mann, a descrição do destino trágico de Aschenbach também exerce a função defensiva de reforçar seu controle, constituir-se em um “espantalho” que reitera a necessidade de manter à distância os perigos que poderiam advir, caso viesse a gratificar as fantasias de teor homossexual, até que, uma vez “domados”, tais impulsos possam resultar em criação artística, como julgava ocorrer.

Com a deterioração de Aschenbach, Tadzio passa a assumir uma expressão de seriedade, como um reflexo de sua dor e para dar a entender que ambos têm consciência do movimento da areia na ampulheta anunciando a passagem do tempo e a erosão que ela provoca. Nesses termos, a própria Veneza pode também ser considerada um outro personagem importante do filme. “A Sereníssima”, “*a mais improvável de todas as cidades*” (Mann, 1971: 109), por ela ser uma cidade sensual, cheia de mistérios e perigos, torna-se uma metáfora adequada para o personagem e sua degradação e, de forma mais abrangente, da trajetória da consciência para os meandros do inconsciente. Veneza mostra-se como um monumento e uma metáfora do esplendor do passado e ruína inevitável, com a continuada erosão do tempo e também como expressão narcisística da arrogância derradeira do humano ante a natureza. Em linhas gerais, a herança romântica de Veneza está ligada à morte – o mar aberto é sempre repousante, mas, na medida em que a água é canalizada, ficam criadas tanto a beleza como a decadência e a pestilência. Com palavras sarcásticas, Jean Cocteau compara Veneza “(...) a uma negra caída morta em sua banheira, usando todas as suas jóias espalhafatosas” (Adair, 2001, p.97). Inclusive este comentário mordaz e preconceitoso pode ser utilizado para descrever a figura grotesca de *clown* do personagem, em seu aspecto tragicômico, na praia, com a tintura dos cabelos escorrendo-lhe pela face, demonstrando que a beleza é efêmera e a aparência não é nada.

Queda

Pode-se acompanhar no filme que, a partir de Aschenbach ter a bagagem extraviada (também sua bagagem cultural), ele perde o seu referencial e sente-se liberado para permanecer em Veneza, agora livre para realizar suas fantasias. Durante algum tempo, tal estado lhe traz grande satisfação, uma “libertação” de teor hipomaníaco. Isso é mostrado por meio de imagens e música – sai do escuro, da sombra para o sol e ergue-se satisfeito... abre a janela do quarto para um dia de claridade... É então que, vendo Tadzio com a mãe e a governanta na praia, sorri e relembra momentos felizes de sua vida com a esposa e a filha. Com esse estado de espírito, movimenta-se para voltar a compor. Mas Visconti também apresenta Aschenbach, desde logo, ainda





na estação de trens, assistindo a um doente moribundo cair à sua frente, a primeira explicitação da morte prenunciada pelos profetas, uma morte que alerta e começa a denunciar-lhe que algo perturbador – e que ignora o que é – está ocorrendo, como uma consciência, um superego sabedor das impurezas presentes em seus sentimentos e desejos ainda ocultos para si próprio, por trás da roupagem de seus interesses estéticos. Desde aí, à medida que ocorre sua regressão, vai nele se avolumando uma sensação de ameaça, de que algo perigoso estaria ocorrendo em Veneza (“*Por que desinfetam Veneza?*”), ou nele próprio, e passa a procurar uma explicação que o acalme – a de que se trataria de algo externo, que seria a causa explicativa do seu mal-estar.

A informação confirmatória de que uma epidemia estaria ocorrendo, no entanto, após provocar uma momentânea tranquilização, faz com ele atinja o mais baixo índice de degradação moral, em sua auto-apreciação, ao optar por não avisar a família de Tadzio para salvá-los da epidemia e, assim, de certa forma, decretar-lhes a morte. Aschenbach compreende que o código ético e moral dentro do qual sempre vivera está destruído. Que agora se tornou cúmplice da autoridade corrupta da cidade que, para não afugentar os turistas, cala sobre o perigo que os estava ameaçando. Com tal desconsideração pelos objetos, seu comportamento expressa, de forma inequívoca, seu narcisismo. Ante seus próprios olhos, quão corrupto e mesmo insano ele se tornara! Arriscar suas vidas só para continuar tendo a oportunidade de olhar o jovem por mais algum tempo... Na cena seguinte, Aschenbach relaciona tal degradação pessoal com culpas pela morte da filha (“*Que caminhos escolhi...?*”).

Final

Caso admitirmos estar ocorrendo um estado de regressão em um quadro depressivo severo causado por lutos e culpas, com ideação suicida, em um homem que passa por uma crise de meia idade, sendo esse homem um artista com questionamentos sobre a sua visão do mundo e como o viveu, alguém que construiu sua estrutura cultural e que visualizou sempre a beleza e a serenidade como atingíveis pela disciplina e organização... é coerente e é um desenvolvimento lógico que a beleza e a vida sejam vistas agora como só podendo ser alcançadas através dos impulsos da juventude (“*No mundo não existe nada mais impuro do que a velhice*”). Sai ele então em “busca do tempo perdido”, ainda que por meio de uma juventude cosmética.

Em meu entendimento, o componente homossexual, embora o superficialmente mais aparente, não penso que seja o essencial. Seria um empobrecimento visualizar *Morte em Veneza* como a história linear de um caso de homossexualidade.





Psicologicamente, a história fica mais inteligível caso pensemos que ele se olha no espelho e se vê *em* Tadzio com catorze anos. Ele se vê com catorze anos *como* Tadzio. O autor Thomas Mann, com essa idade, havia sentido uma paixão platônica por um colega de escola – tema que, a seu feitio, viria a utilizar para escrever uma outra novela, *Tonio Kroeger*. E é com tal idade, nesta época de vida e com essa visão do mundo que alguém como Von Aschenbach (“*Sou sempre eu*”, diz-nos Mann) poderia revivenciar tais sentimentos e permitir-se conscientizá-los. Daí a busca da juventude com a ida ao barbeiro que lhe diz, após maquiá-lo, captando a sua ilusão de pensar que agora, como Tadzio, também é jovem: “*Agora poderá se apaixonar como quiser*”.

A partir de então, cabe a outros a parte observadora de Aschenbach, a visão crítica de si que ele não se sente mais em condições de exercer, em tal quadro de confusão mental e de despersonalização (despersonalização entendida aqui como uma sensação afetiva de irrealidade e estranhamento ante o mundo circundante, ou estranhamento de si mesmo, ou de partes de si na percepção deste mundo).

Em uma realidade febril e perturbadora, em que não sabe distinguir as verdades ocultas, prestes a emergirem, e mentiras repetidas de forma sistemática (“*A desinfecção é por mera formalidade (...)*”, “*(...) doença? (...) que doença? É o sirocco uma doença?...*”) é que ele passa a vagar em uma busca compulsiva, de forma progressivamente decomposta e patética, pelos labirintos sombrios de Veneza, movido pela procura de algo inatingível: encontrar no rapaz a beleza, a juventude, a vida.

Em tais cenas, é mostrada uma Veneza brumosa, sem cores, sombria, com velas sujas e cartazes com avisos enganosos colados nas paredes. Em um desses momentos, exausto e doente, sucumbe arfante e senta-se ao chão, junto a uma fonte. Acende-se uma luz quando um homem, de avental branco e fumando, chega à porta e o olha indiferente, não fazendo nenhum gesto para ajudá-lo ou mesmo saber o que se passa. Esse homem, nesse instante, o representa, já que ele próprio, Aschenbach, não acudiu Tadzio e sua família para salvá-los do perigo de contaminação pela epidemia da qual ele agora também é sabedor. Constrangido, estabelece um distanciamento crítico de si e de suas atitudes egoístas. Nesse momento de *insight*, auto-avalia-se e visualiza-se ridículo, patético e risível. Lamentável e lamentosamente risível. E ele, ali, completado seu desmoronamento psicológico, numa risada quase histérica, ri seu desespero. É o seu choro de desistência.

A visita ao barbeiro já havia ultimado sua deterioração, prenunciada pelo velho-passando-se-por-jovem, no barco, rumo a Veneza e pelo desconforto e desprezo sentidos por ele ante o ridículo da situação. Essa visita traduz bem a queda regressiva do personagem, (“*to fall in love*”), ao mesmo tempo que ele, com intenção suicida, está, agora, vestido para o seu funeral. Em seqüência, vem-lhe à lembrança uma





situação em que é vaiado como maestro e compositor e flagela-se por intermédio de Phillip: “*Você é um trapaceiro*” (...) “*O homem e o artista tocaram juntos o fundo*” (...) “*Agora não há razão para que você não vá para o túmulo com sua música.*” Acorda angustiado: é um pesadelo.

No livro, o sonho é outro, com imagens de um rito primitivo de iniciação, com componentes canibalísticos. Visconti inclusive já havia filmado tais cenas, mas decidiu substituí-las, por julgá-las de mau gosto.

A morte em Veneza

Sabedor de que Tadzio vai embora em poucas horas, cambaleante, Aschenbach vai para a praia, agora desolada, e assiste a um misto de luta e brincadeira de Tadzio e o amigo Jaschiu, que termina com o segundo pressionando a face do jovem na areia. Essa cena propõe alguns entendimentos. Em um nível, constitui-se em uma alusão plástica a uma relação sexual, com a emergência, com poucos disfarces, de uma cena primária sádica, o que se alinharia com a formulação proposta por Kohut. Em outro, em uma metáfora de uma luta de classes com a submissão e queda da nobreza, renunciando a Revolução Russa e a I Guerra Mundial. Inclusive, com sua visão política, Visconti pretende evidenciar, mais do que uma morte individual, a de uma sociedade aristocrática, o fim da *Belle Époque* (lembramos que o filme foi realizado em 1971, décadas após tais acontecimentos). Ou ainda seria uma representação da impotência e morte de Aschenbach, parecendo evocar a citação bíblica “*Tu és pó (...)*”, a areia significando, com o movimento mais rápido e agora perceptível com que escoia na ampulheta, que chegou a sua hora.

Mas penso que o entendimento mais consequente é o que aponta para a desidealização de Tadzio. Assim como, reduzindo-se o temor ante a morte, reduz-se *ipso facto* a idealização, por não mais ser ela necessária para contrabalançar um perigo, agora sentido como menos assustador. Por consequência, também podemos dizer que, reduzida a idealização, a própria morte pode vir a tornar-se menos assustadora e até bem-vinda. Enquanto levado a incorporá-lo visualmente, Aschenbach permanecia vivo. Desidealizando-o, é capaz de suportar o abandono de Tadzio. E aceita a morte, sentida agora como um descanso e uma bênção.

Explicando melhor, embora ainda de uma forma esquemática, Tadzio e os personagens estranhos são todos eles anunciadores da morte – os “profetas” representando a sua face persecutória, enquanto que Tadzio a sua contraparte, a face idealizada. Podemos, pois, pensar que Tadzio, uma vez olhado como estátua de beleza, se apresenta como forma sedutora, e a morte é então sentida como ameaça, uma vez que





Paulo Fonseca

coloca em risco sua perda, a perda da visão da beleza. Nesse caso, o que é proposto é a dor que se antecipa à falta, à ausência. E Aschenbach se incendia de dor.

Por outra parte, Tazio, olhado como espelho, traz de volta a Aschenbach memórias de juventude, de infância e de contato com uma mãe amorosa. Nesses termos, a morte passa a ser sentida não mais como ameaça, mas, sim, como uma via de acesso para recuperar “o tempo perdido” e a proteção aquela, tranquilizadora, de épocas passadas. E esse olhar propõe esperança.

Relembro as palavras de Mann (1971, p.37): “*Estátua e espelho!*” (...) *assim também o deus, para nos fazer visível o espiritual, gostava de servir-se do corpo e das cores da juventude humana que, como instrumento de lembrança, ele enfeitava com todo o reflexo da beleza e, na contemplação dela nós certamente nos incendiávamos em dor e esperança*”. Aschenbach, vencendo o medo das ameaças e o da perda, pode morrer.

Nessas últimas cenas do filme, na praia, é mostrada uma máquina fotográfica em seu tripé, vendada com um pano preto não mais esvoaçando ao vento, a calmaria anunciando que acabou o *sirocco*. Isso tanto aponta para um elemento de contraste, ao retratar a decomposição do personagem em uma manhã de sol, como também assinala uma nota de esperança: a instalação de um dia ensolarado saudando a volta das cores a Veneza e o fim das dores para Aschenbach. A câmera fotográfica, por sua vez, faz referência à passagem implacável do tempo, como mais uma representação do movimento mais rápido da areia na ampulheta, mas também como um registro, no presente, de momentos gravados do passado (Seria mais uma alusão a uma cena primária assistida na infância?).

Ao final, na praia, o olhar de Aschenbach passa a ser uma observação à distância, como em um adormecimento, com a retirada progressiva de suas catexias do mundo e do ego. O olhar agora não mais precisando cumprir seu papel de incorporação, tanto da beleza da estátua como dos reflexos de si próprio ao espelho.

Tazio, à semelhança de um anjo da morte, tendo ao fundo do recorte de sua silhueta a fusão do céu e do mar, volta-se, à distância, para Aschenbach e aponta para as ondas e o infinito. Aschenbach ainda tenta erguer-se para acompanhá-lo, mas não consegue. Para ele é um aceno de partida, de libertação e de reencontro, rumo ao silêncio e à inocência recuperada.

Tendo em mente esta cena final, cito aqui uma frase de Mann, de muitos anos depois, na oportunidade de uma avaliação de sua obra e que penso aludir, em parte, ao entendimento aqui proposto. Diz ele: “*Se o colorido de minha obra tem sido considerado pálido e pouco luminoso, a razão pode estar em certos lampejos de um mar e de um céu em cores pastéis, a paisagem de quando eu era criança e era feliz*” (Prater, 1995, p.25). □





Estátua e espelho: considerações sobre o filme *Morte em Veneza*, de Lucchino Visconti, baseado ...

Referências

- ADAIR, G.(2001). *The real Tadzio*. London: Short books.
KOHUT, H. (1957). Death in Venice by Thomas Mann. *The Psychoanalytic Quarterly*, v.26, p.206-228.
LEHMANN, H. (1970). Sigmundo Freud and Thomas Mann. *The Psychoanalytic Quarterly*. v. 39, p. 198-214.
MANN, T. (1971) *Morte em Veneza*. São Paulo: Abril Cultural.
MORLEY, S. (1996). *Dirk Bogarde. Rank outsider*. London: Bloomsbury.
PRATER, D. (1995). *Thomas Mann. Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
SLOCHOWER, H.(1969). Thomas Mann's Dath in Venice. *American Imago*.v.26, p.99-122.
TONETTI, C. M. (1997). *Luchino Visconti*. New York: Twayne Publishers.

Referências fílmicas

- LIZZANI, C. (1999). *Luchino Visconti. A Portrait*. Documentário. DVD
VISCANTI, L. (1971). *Morte em Veneza*. VHS

Recebido em 18/09/2002

Aceito em 19/03/2003

Paulo Fonseca

Av. Carlos Gomes, 281/603
90480-003 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: rsf4206@pro.via-rs.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador
a página **164** é branca





Entrevista





Atenção montador

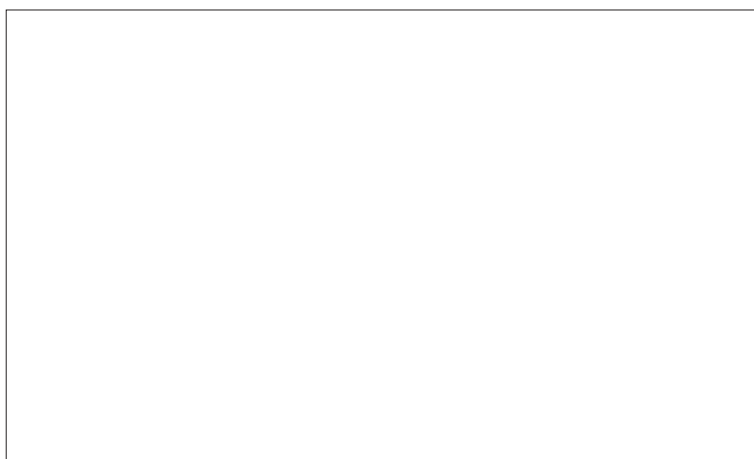
a página **166** é branca





Entrevista com Rodolfo Urribarri*

Entrevista concedida em 5 de setembro de 2000, em Gramado, durante o XXIII Congresso da FEPAL, ao editor da Revista da SPPA, José Carlos Calich e a Ingeborg Bornholdt, analista de crianças e adolescentes da SPPA.



Da esquerda para direita: Rodolfo Urribarri e José Carlos Calich.

* Analista de crianças e adolescentes, premiado pelo melhor trabalho de análise de crianças e adolescentes encaminhado ao XXIII Congresso da FEPAL, em Gramado, Brasil, setembro de 2000.



RP – Dr. Rodolfo, a primeira pergunta tem a intenção de conhecê-lo um pouco melhor. O senhor poderia nos dar uma idéia de seu encontro com a psicanálise, sua trajetória e influências teóricas, inclusive as não psicanalíticas, que possam ter contribuído na formação do seu pensamento atual.

RU – Venho de uma formação prévia físico-matemática, quando terminei o ensino secundário e comecei a estudar engenharia eletrônica. Meu encontro com a psicologia, mais do que com a psicanálise, foi parte de uma crise pessoal. Já que estamos falando de outras influências, tive uma crise adolescente mais ou menos aos vinte anos, um pouco tardia, mas muito forte, na qual fiz uma série de reformulações. Uma delas envolveu o estudo que eu havia escolhido. Mesmo não tendo dificuldades, porque eu o havia feito bem até esse momento, a idéia de permanecer nele toda a vida não me satisfazia, não parecia atrativa. Essa foi uma mudança forte, brusca, uma guinada.

Então, poucos meses depois de concluído o terceiro ano, fiz minha matrícula em sociologia e psicologia, que eram dois cursos novos na Universidade de Buenos Aires e concluí a psicologia. Inicialmente cursei matérias comuns à sociologia e à psicologia e, conforme dava os primeiros passos, foi maior a inclinação para a segunda. À medida que avançava na psicologia, crescia o contato com a psicanálise.

Nesse momento em Buenos Aires, a psicanálise era bastante intensa na psicologia. Na Faculdade eu tinha professores como David Líberman, García Badaraco e Ulloa, figuras muito destacadas que se aproximaram de um grande número de psicólogos em formação. Uma segunda aproximação à psicanálise veio através da análise pessoal, fruto de outra crise, após o serviço militar. Fiz o serviço militar com prorrogação aos vinte e dois anos e, quando saí, estava realmente em crise. Poucos meses após, iniciei meu tratamento em grupo com Fernando Ulloa, no qual permaneci cerca de um ano. Depois comecei meu tratamento individual com David Rosenfeld; já estava quase finalizando o curso na universidade e comecei uma formação analítica mais evidente, mais clara. Paralelamente, também entrei em um grupo de estudos com Jaime Szpilka, presidente da Associação Argentina durante alguns anos, a partir do final de 73. Posteriormente se exilou na Espanha e hoje está na Sociedade de Madri. Com ele fiz, durante cinco ou seis anos, um estudo cronológico de Freud. Naquele tempo, costumava estudar seguindo toda a obra de forma diacrônica e não temática, fazendo pontes com esta conforme avançávamos naquela.

Também, pouco antes de me formar, comecei a freqüentar um serviço muito interessante, o de odontopediatria. A disciplina de odontopediatria, da Faculdade de Odontologia, era liderada por uma doutora muito progressista que havia feito análise





com Ángel Garma e que estava em contato com pediatras de formação analítica. Arminda (Aberastury) chegou a trabalhar com este tema, na realidade dedicou-se a isto porque, tendo tido várias cáries no colo do dente, se perguntou o que ocorria nestes problemas odontológicos, o que a levou ao famoso trabalho sobre dentição, deambulação e linguagem. Trabalhou um tempo em odontopediatria, depois vieram Eduardo Salas e Susana Ferrer, seus discípulos diretos. Posteriormente montou um grupo maior no qual me incluí. Freqüentei-o, primeiro como aluno, depois já formado. Imediatamente após me formar, fui trabalhar no Instituto da Família dirigido por Mauricio Knobel. Essa instituição era subordinada economicamente à Fundação B'nai Brith, um grupo judeu que mantinha uma relação com a comunidade e por isso financiava o Instituto. Nele coordenei o departamento de emergências, que criamos com Mauricio Knobel. Foi uma obra pioneira, um momento muito rico de efervescência da psicanálise e do atendimento em centros hospitalares ou comunitários da Argentina, os quais se fecharam quando vieram os governos militares, como é comum em nossos países. Esse foi o início.

Vem a seguir o mais formal. Pouco tempo depois cursei a Escola de Psicoterapia, pois então os psicólogos não tinham acesso à Associação Psicanalítica. Assim, fiz toda uma formação paralela. A única escola que existia naquela época em Buenos Aires era a Escola Argentina de Psicoterapia para Formados, fundada por um grupo de psicanalistas contrários a essa situação. Entre eles estavam Garma, Rascowski, Carlos María Aslan, Susana Ferrer, gente de muito prestígio, que criaram essa escola à parte. Depois, tornei-me professor da escola e fiz outras formações, na Associação de Grupos, por exemplo, ampliando meu espectro. Então fui formando grupos privados, estudos, supervisões, etc.

No que se refere, especificamente, a crianças e adolescentes, eu supervisionava com uma discípula de Arminda, Mari Buidca. Com Arminda, tinha boa relação pessoal, mas ela não dispunha de hora no momento. Só esporadicamente tínhamos alguma supervisão. Mas havíamos combinado uma hora para o ano seguinte, quando ela se suicidou. A partir disso, estive oito anos supervisionando com Susana Ferrer e, paralelamente à instituição, supervisionava com Knobel a parte de crianças. Posteriormente, já com muitos anos de profissão, iniciei minha carreira na APA, logo após abrir-se para a entrada de psicólogos. Inclusive tive algumas entrevistas antes da abertura. García Badaraco era então presidente e me chamou para saber o que eu pensava sobre o ingresso dos psicólogos. Nesse momento Susana Ferrer era a secretária geral.

Eu acabara de concluir uma longa análise – vinte e dois anos – com Arnaldo Rascowski e não queria recomeçá-la. Porém era uma exigência; então retomei a análise e ingressei na APA. Entrei muito tarde e agora estou em vias de ser Membro





Titular. Proferi seminários, no ano passado, um justamente sobre latência. Por outro lado, sou professor concursado, regular, da Universidade de Buenos Aires na disciplina de adolescência. Tive, na docência universitária, uma trajetória de ajudante, de chefe de trabalhos práticos e, depois do governo militar e da reestruturação da Universidade, inscrevi-me no concurso para professor universitário. Ingressei, saí após sete anos, logo fiz outro concurso. Continuo com a disciplina de adolescência. Fui professor convidado na Universidade de Paris e faço parte do Comitê da International Society for Adolescent Psychiatry, formada por europeus e americanos, mas também com membros latino-americanos. Apresentei relatos oficiais em congressos que essa entidade promove, o mais recente no ano passado.

Sobre a pergunta se falo português, falo o “portunhol” avançado que todos temos. Vim várias vezes ao Brasil, em 1976 como convidado no Congresso da APIA no Rio. Nesse mesmo ano fui a Campinas para umas aulas. No ano seguinte, à Bahia quando do Fórum da Adolescência. Em várias ocasiões tenho vindo para aulas, reuniões, ou férias em Florianópolis. Assim conheço Florianópolis, Gramado, Canela e tenho amigos em Porto Alegre.

No que se refere à formação, outros aspectos contribuíram. Acredito que houve mais elementos importantes; essa volta, ao deixar as ciências exatas, a engenharia, e começar a psicologia, acompanhou-se de um movimento. Vivia-se um período muito especial da Argentina, de muita agilidade cultural, muito teatro independente, uma guinada para a leitura, a literatura, a poesia. Mencionou-se que ganhei o Prêmio de Crianças e Adolescentes, mas também concorrera para o Prêmio Cyro Martins de Poesia. As universidades mantinham ainda um clima bastante livre, de alto nível acadêmico. Era comum assistir-se a uma conferência na Faculdade de Direito, que poderia ser sobre psiquiatria, psicologia e psicanálise, ou ir para a de medicina para outra atividade, ou para os cursos introdutórios à psicanálise de Rascowsky e Garma, ou cursos no Centro de Estudantes. Essa intensa rotatividade ampliou as perspectivas de meta e alimentou uma formação humanística mais ampla, que conservei. Leio com bastante frequência, interessa-me muito o cinema. Tudo isso me ajudou bastante no trabalho com crianças, principalmente o que está relacionado com a plástica, o desenho, o cinema. São outros elementos que, intangivelmente, tivemos como parte da nossa formação.

Comentava que, para ser analista de adolescentes, é mais conveniente já trabalharmos com crianças, porque temos acesso à determinada forma de apresentação dos adolescentes que é mais próprio das crianças, por exemplo, o desenho. Assim, para entendê-los, foi útil ter tido contato com a pintura, figuras, desenhos, exposições, artistas. Aprendemos coisas que não estão nos livros, nos embebemos disso tudo que é importante na formação de cada um de nós, difícil de pontuar porque





ocorre com a vida. Busco conhecer ao máximo o que ocorre culturalmente, dentro das limitações de tempo que todos temos para nutrir-nos. Mas existem coisas que não deixo de lado: o contato com a natureza, com o trabalho físico, com o que é artístico. Para mim são elementos nutrientes como a alimentação.

RP – *Como surgiu seu interesse pela formação em análise de crianças e adolescentes? Por que esta área?*

RU – Alguém poderia dizer, ingenuamente, que era porque nesse momento, e segue sendo assim, a maioria nesse ambiente era de mulheres. Éramos poucos os homens, havia a necessidade de terapeutas de meninos. Isto foi uma circunstância. Mais profundamente, todavia, talvez haja uma relação entre o fato de que meu pai era pediatra, meus dois irmãos mais velhos eram médicos. Assim, quando disse que iria estudar psicologia, houve uma forte pressão para que estudasse medicina, coisa que não havia ocorrido antes. Resisti a essa pressão, mas tive algum grau de identificação com meu pai pediatra e me dediquei ao trabalho com crianças e adolescentes. Acredito que isto é profundamente mais significativo que o outro aspecto, que foi conjuntural. Devo reconhecer que me divirto trabalhando com adolescentes, mesmo com adolescentes graves, o que implica em passar por momentos difíceis. Mas é um trabalho fácil para mim, como um recreio.

Trabalhei durante uma época, na Argentina (até o processo militar), com grupos, habitualmente três ou quatro grupos particulares de adolescentes. Acho ótimo ter um grupo duas horas por dia. Depois, como trabalho muito com crianças, fui tratar de latentes, que costumam ser clientes muito chatos. A única possibilidade que temos para não cairmos mortos, ou adormecidos ou anestesiados no caminho, é tentar pensar, por isso trabalhei na latência. Evidentemente essas escolhas têm relação com pontos mais conflitantes da vida de cada um, o que abre para a possibilidade de aproximação e entendimento não somente no sentido da orientação, mas também da revisão de coisas nossas. Assim, lidar com adolescentes e crianças levou-me permanentemente a retrabalhar aspectos da minha própria vida infantil e adolescente, o que, se esgota, traz mais experiência. Penso que estes são elementos fortes que tenho na carreira.

RP – *Quais são suas atividades atuais? Quais suas áreas de interesse e maior envolvimento?*

RU – Basicamente a clínica, no que se refere às instituições da ASAP. Mas, neste momento, não tenho qualquer tarefa institucional, exceto a da Universidade.





Dou aulas, o que é bastante problemático por ter uma turma muito numerosa – mil e trezentos alunos neste quadrimestre. Tenho quatro professores adjuntos, oito chefes de trabalho prático e trinta ajudantes. Outra atividade a que me dedico, que é mais de pensamento, tem sido a realização desta revista, a *N/A*. Chegou a ser, em um momento, uma espécie de hobby: fazer, com um grupo de pessoas, uma revista de psicanálise de crianças e adolescentes, o que toma tempo de leitura, de escolha, de conexão, de tradução e montagem. Além disso, no ensino, dou seminários na APA, às vezes, ou em alguma outra instituição e supervisão. Mas não estou ocupando nenhuma função estatutária em nenhum lugar, em nenhuma sociedade.

RP – *Como foi sua experiência com a Revista N/A, que teve tão boa aceitação?*

RU – Como todas as coisas em nossos países, há prós e contras. Tem sido uma bela experiência, um grande desafio montar uma revista sem praticamente nenhuma sociedade que a respaldasse. Inicialmente houve um acordo com a Editoria Paidós que compraria uma quantidade determinada de exemplares para enviar ao exterior. A idéia era que a publicação não permanecesse somente na Argentina, mas que se difundisse além e que, ao mesmo tempo, viesse material de outros países para um intercâmbio. Lamentavelmente, quando sairia o terceiro número, a Paidós decidiu fazer uma mudança na política institucional, fechando as distribuições. Tivemos que prosseguir sozinhos, sem esse apoio.

Principalmente a difusão no exterior era um problema, porque não tínhamos estrutura nem comercial nem legal para exportações e, mesmo que quiséssemos fazê-lo, isso é muito caro para uma revista, pode ser feito por uma editora grande, mas não por um grupo. O outro problema criado é que as crises econômicas são cada vez mais fortes e diminuíram as vendas. Na Argentina, nos últimos anos, fecharam muitas livrarias e, conseqüentemente, distribuidores, o que gera uma cadeia: o distribuidor da minha revista deve-me uma quantia substancial. Assim, estamos em um momento crítico, vendo como voltar à normalidade para não perder os anos de circulação. Nosso desejo é que não se perca, que não se dilua, mas dá muito trabalho. Se por um lado é muito bom – a revista foi reconhecida e isso justifica o esforço –, por outro estaremos eternamente salvando-a de um problema econômico grave e também despendendo energia e tempo em algo que não é o nosso ambiente: discutir com comerciantes.

RP – *Quem sabe também é necessário, novamente, um certo pioneirismo, porque a psicanálise de adolescentes e de crianças é uma fatia dentro de algo mais*





amplo que é a psicanálise. E é uma fatia também a parcela dos profissionais que a ela se dedicam. Talvez seja mais difícil abrir espaço nesta área específica e especializada.

RU – Sem dúvida. A experiência de vocês é similar, praticamente não há revistas que não sejam sustentadas por uma instituição. É diferente do que ocorre em outros lugares: *Adolescents*, *Adolescenza* na Itália, *Le Journal de Psychanalyse de la France* ou *Psychoanalysis of the child* não têm por trás uma instituição. Mas contam com um mercado que consome, o que permite a continuidade. É uma reciclagem, se não é um ganho, é uma espera.

Em nossos países, ao contrário, é muito difícil que se possa utilizar o mesmo capital de giro; cada vez diminui mais a população que consome, cada vez se fazem mais fotocópias, o que conspira contra as possibilidades de uma tarefa deste tipo. A experiência com revistas dessa ordem mostra que quase não se consegue vendê-las fora da instituição. Não têm aceitação. Neste sentido, é uma alegria que a nossa continue a ser vendida para o exterior. Outro problema é que, em geral, nessas publicações, quando é lançado um novo número, o outro passou de moda, é esquecido. Nós, porém, continuamos vendendo exemplares dos primeiros. O primeiro e o quinto número já acabaram, o segundo e o terceiro estão por acabar, o que prova que a *N/A* foi usada como texto e continuou a ser adquirida, mesmo saindo outros números, o que não acontece com as revistas das sociedades. Não são vendidas nas livrarias. Foi sorte nossa, uma alegria, porque revela que estamos fazendo algo bom. Coloca-se nas bibliografias e leva-se adiante.

RP – *Entrando um pouco na sua linha de pensamento teórico, temos lido que o senhor destaca um trabalho da latência. Poderíamos pensar isso como uma nova oportunidade no desenvolvimento para a elaboração dos aspectos anteriores que foram pouco ou mal elaborados? Isso sugeriria uma linha de desenvolvimento na qual, em cada nova etapa, há uma nova elaboração da etapa anterior? Ou o senhor pensa que é o resultado de uma estrutura específica, com forças dinâmicas específicas na latência?*

RU – Primeiramente eu diria que há as duas coisas. É correto que cada nova etapa resulta na possibilidade de retrabalhar a anterior de algum modo, mas não necessariamente. Acredito que é realmente assim na adolescência. A adolescência, seguindo a linha de Peter Blos, é um momento de reestruturação. Ele sustenta que, na adolescência, existe realmente um forte trabalho sobre os alicerces traumáticos, ou problemáticos, não bem processados durante a infância, uma segunda volta. Ocorre





algo assim dentro das etapas anteriores, ocorre na latência, mas não com tanta força. O grande jogo dá-se mesmo na adolescência.

Quando falo de trabalho da latência, refiro-me ao trabalho de retirada do véu no período de latência, descrito no trabalho com o qual ganhei o Prêmio de Crianças e Adolescentes do congresso anterior, em Cartagena. Nele abordo o modo específico de funcionamento do aparelho psíquico durante a latência. É por isso que, na parte final, relaciono com o conceito de trabalho em Freud, com a raiz *Arbeit*, trabalho de luto, do sonho, do chiste, de elaboração, ou seja, busco trabalhos que tenham relações e diferenças com o que apresento como o trabalho da latência.

Para ser sintético, mesmo correndo o risco de ser sistemático, o que apresento como trabalho da latência é toda uma reestruturação do aparelho psíquico, resultante da busca com que se vê confrontada a criança pela aparição do superego, que surge como uma instância que se instala dentro, quase como um objeto externo que nela penetra. Isso se evidencia no fato de que, no início, a criança, quando sente o superego dizer "Não", olha sempre para fora como se alguém lhe estivesse dizendo: "O que estás fazendo?" Esta proibição instalada desde dentro obriga a que toda iniciativa pulsional que tem a marca do incestuoso seja, de alguma forma, abolida. Sem o aparelho que contém a repressão, não existe a possibilidade de progresso no bom sentido. Então isto é um desafio ao aparelho, e chamo trabalho de latência justamente essa capacidade que pode ter este aparelho de encontrar um destino pulsional novo, ao não se esgotar na repressão ou na defesa, ser capaz de buscar uma saída que lhe permita um decurso à pulsão. Ou seja, que lhe permita mediar entre a exigência do superego, as possibilidades da sociedade e as exigências limitativas da sociedade também, e, ao mesmo tempo, propiciar descarga. É a possibilidade de se instalar a via sublimatória.

Se o psiquismo pode ser progressivamente organizado a partir de uma via sublimatória mais que de uma via repressiva, de uma formação reativa, passa a existir, então, a possibilidade de se iniciar todo um trabalho de processamento que não somente permita a descarga, mas que vá propiciando uma complexização do aparelho no que se refere, principalmente, à simbolização e ao desenvolvimento do pré-consciente – isto que os psicossomatistas, sobretudo franceses, consideravam sobre o espessamento do pré-consciente, etc. Acredito que é uma tarefa básica, insensível, do período de latência. É silenciosa como todas as tarefas de construção e de conformação do aparelho, apenas quando existe patologia é que a percebemos.

Por isso, nesse trabalho de Cartagena, não cheguei a desenvolver o que, em um anterior, já havia formulado, que era a saúde na latência e que estava relacionado com este premiado. Por quê? Porque eu faço uma confrontação entre a ocorrência e a não ocorrência deste trabalho de latência orientado pela hegemonia ou coordenação





básica das sublimações, que põe a seu serviço os demais mecanismos com a finalidade da descarga, o que vai ampliando o aparelho não só na instância do pré-consciente como também nas possibilidades de realização. Então o jogo adquire plasticidade e flexibilidade, o mesmo que o desenho e os jogos posteriormente. Ou seja, vai abrangendo progressivas situações que permitem ao latente entrar no mundo social, nas normas sociais e, ao mesmo tempo, tendo descarga pulsional de uma maneira encoberta, porque consegue o que tem a sublimação, que é descarga sem proibição. Isso permite ao aparelho não ficar ansioso por uma pulsão que nunca consegue a descarga.

Por outro lado, quando, por motivos diversos de dificuldade ou patologia, não é possível ao aparelho organizar-se nestes termos, aparece a problemática estritamente da latência. As dificuldades mais comuns são as problemáticas precoces, por exemplo, o fracasso escolar. As dificuldades escolares aparecem rapidamente se o latente não pode começar a desempenhar a contento a capacidade de diferir a ação, ficar quieto, concentrar-se para estudar, não contando bem com a via sublimatória, também implicada no estudo. Isso é o mais comum como patologia inicial do período da latência e não necessariamente corresponde a uma dificuldade específica de aprendizagem. Às vezes sim, mas em geral trata-se de uma dificuldade de organizar o aparelho para entrar em um funcionamento de latência.

Existe outro tipo de patologia da latência, a qual, no jovem, ou na criança, toma uma forma que, aparentemente, é como a do latente, mas que em profundidade não é. Por quê? Porque, pela aparência, a criança não irá consultar porque não traz transtornos. Acata, é o bom aluno, faz todos os deveres, é minucioso. Trata-se de uma criança modelo, em princípio normal. Na verdade, ela está funcionando sob a repressão e a formação reativa muito mais do que sob a sublimação. Isto lhe traz um problema, pois se cria uma pseudolatência, um arremedo, não o verdadeiro trabalho da latência que amplia o aparelho. O que acontece? Quando sai da latência e entra na puberdade, o aparelho mental sente o impacto de toda a carga pulsional, mas não tem como fazer com que essa circule e, então, produz-se uma ruptura. Nesse trabalho do prêmio, apresento dois casos diferentes de pseudolatência. Um com um compromisso patológico maior, com âncoras prévias e familiares muito mais fortes, pelo que faz uma psicose puberal muito grave, com um prognóstico mais comprometido. O outro é de um menino que se encontra em um nível mais neurótico, também com um quadro que se apresenta lá pelos doze ou treze anos, ao começar o ensino médio, com uma quantidade espantosa de rituais obsessivos: voltava da escola ao meio-dia e, ao invés de poder ir comer, tinha que estar por uma hora arrumando os materiais escolares; depois, quando todos já tinham terminado, ia alimentar-se por uma hora, hora e meia, porque tinha que acomodar os talheres e as migalhas. Até que pudesse recomeçar o estudo, levava outro tanto organizando objetos novamente.



Mas o destino deste menino pode ser muito diferente, porque teve outra base e, com uma mediação psicoterapêutica, pode restabelecer-se em outro nível. Por isso, marco duas situações nas quais é possível instalar-se a pseudolatência, mas cujo destino, mais grave ou não, dependerá do tempo que tome e do compromisso prévio em relação a outros pontos de base, de fixação ou de problemática que não tenha sido bem resolvida. No caso deste menino com a psicose puberal, havia elemento narcísico sério, enfim outros pontos problemáticos. Não sei se fica claro a que me refiro com o trabalho da latência: principalmente ao modo de organização do aparelho.

RP – *O senhor acreditaria, então, que a indicação da análise seria para os casos em que a latência não está sendo feita?*

RU – O problema é que aqueles que são pseudolatentes não consultam por esse motivo. Consultam apenas pelos problemas na adolescência e então é mais difícil trabalhar-se. Creio, pois, que devemos fazer um trabalho de conscientização a esse respeito. Já que estamos neste congresso¹ abordando a relação da psicanálise com a cultura, esse dado é parte do trabalho extra que precisamos desenvolver.

Assim como, em algum período, se trabalhou muito com pediatras sobre problemáticas ou patologias que poderiam se instalar no desenvolvimento precoce, acredito que se deva trabalhar este aspecto com as escolas, os professores, já que, para eles, este é o aluno ideal, para o qual jamais chamariam os pais. Além disso, têm que aprender a pesquisar essa rigidez de funcionamento, a falta de plasticidade típica de tais organizações e que tende a passar desapercibida. Por exemplo, são crianças que não podem brincar sozinhas. Estão em casa e dizem: “O que faço”? Os pais respondem: “Bom, brinca de alguma coisa...”, e a criança: “Para quê?” Ou seja, precisam de instruções, não podem funcionar com uma geração própria de idéias, de tarefas ou coisas a fazer. Contudo, do ponto de vista da escola, isto é útil para o professor, porque lhe é cômodo. Ele diz: “Escrevam tal coisa”, e a criança atende. Desta forma, em geral, algumas crianças mais rebeldes de determinado ponto de vista são muito mais saudáveis que estas, porque funcionam a partir da busca de seus interesses.

Muitas crianças rebeldes, e essa é outra consulta freqüente e que constitui uma dificuldade para as escolas e para os professores, são aquelas com dotação acima do comum, de captação rápida. Captam o problema e o analisam e, depois, não têm o que fazer. Logo passam a incomodar na aula. Quando estas crianças são bem dirigidas, quando podem ter outro tipo de atividade mais criativa, ou, inclusive, de ajuda aos companheiros, diminui o problema de “má conduta” na escola.

1. XXIII Congresso Latino-americano de Psicanálise – FEPAL – Gramado, Brasil, setembro de 2000.





Acredito que nosso trabalho será melhor, se o período de latência for melhor compreendido. E cabe a nós, como formadores de idéias e promotores da saúde, trabalharmos com as escolas e com os professores, para que eles detectem esses casos de pseudolatência e, ao mesmo tempo, possam ajudar e contribuir. Pode-se instituir que um tratamento psicanalítico é bem-vindo, mas há contribuições externas que não se devem rejeitar.

RP – Para o sr., de que forma a internet e a informática estariam colaborando para a manutenção dessa pseudolatência, já que servem como refúgio de investimento objetal? Não é, propriamente, uma sublimação. O latente ou o adolescente, aparentemente, segue adaptado ou com rendimento intelectual?

RU – Penso que esse é um dos grandes riscos que corremos neste momento, mas não somente com os lactentes, com os adultos também. Agora que surgiu o amor através da Internet, algo está acontecendo: as pessoas constroem um refúgio que permite que não vivam a sua solidão. Acreditam estar acompanhadas quando não estão, de modo que substituem um vínculo real por um vínculo virtual. Penso que isso é um risco capaz de configurar uma distorção, ou uma má utilização de uma ferramenta muito útil como pode ser toda a informática.

Em crianças e adolescentes é grave, mas é o mesmo problema de anos atrás com a televisão. Provavelmente deveremos enfrentá-lo como desafio porque, cada vez mais, nossa cultura adquire uma maior complexidade de aparelhos e instrumentos. Entretanto, a criança que tem uma boa capacidade de brincar ou jogar não fica presa à internet. Entra nela por um momento, brinca e depois sai com os amigos para jogar futebol, ou ir ao clube, ou andar de bicicleta. Mas já há um tipo de criança que, por alguma razão, se apega à internet.

Deve-se, contudo, salientar que o risco depende do tipo de uso que dela se faz. Há jovens que realmente a usam, se envolvem e produzem. Por exemplo, nos últimos anos na Universidade, uma das coisas que pedimos é a análise de uma entrevista. Deve ser feita uma entrevista com um adolescente e analisá-la com os elementos de teoria ensinados durante o curso. Praticamente é a conclusão do curso. Causa impacto e, nos últimos anos, os diagramas já não vêm com a entrevista transcrita e as interpretações depois. Vêm apresentando um diário, com notícias ressaltadas, diferenças. Depois segue o texto e a análise. Outros contêm alusões tipográficas, com algo de informal, ou, ainda, uma apresentação em forma de livro, com folhas de rosto e capa. Ou seja, já se nota um uso de outra índole. Não é um refúgio, é um uso criativo. Trata-se de uma área na qual se está produzindo conhecimento de um modo sumamente novo.



O problema, pois, não é a internet, mas como ela é utilizada. Novamente podemos pensar: é um refúgio sob a égide da repressão, formação reativa e inibição? Nisso ocorre uma perda. Ou se trata de sublimação, possibilidade criativa, pesquisa, progresso, conhecimento? Nisso ocorre um ganho. Então, há um risco, também em nosso trabalho, em relação ao que é sublimação. Acredito que as pessoas, erroneamente, confundem sublimação com a tarefa. O problema não é a tarefa, mas a maneira como é realizada. O que tem de característico na sublimação é a possibilidade de descarga em uma finalidade socialmente aceita. Ocorre que podemos fazer esta tarefa sem que seja nossa obrigação, como uma formação reativa pura. Por exemplo, isto ficou muito claro para mim há alguns anos, quando atendi um casal. Ele era cirurgião plástico, tratava de pessoas com queimaduras, e ela dentista. São duas profissões que facilmente poderiam gerar fortes elementos sublimatórios de reparação. Porém nestas duas pessoas primava uma tentativa de defender uma situação sádica muito intensa. Quando, ocasionalmente, ele passava uma semana sem operar, porque não tinha cirurgias, o nível de violência que ocorria neste casal era impressionante. E ela “obturava” as situações. Ela era dentista, obturava ou, por vezes, havia como uma “virada” no seu funcionamento. Terrível. Realmente, podemos dizer que estão fazendo tarefas sublimatórias? Não, tarefas que outros fazem de forma sublimatória, neles eram defensivas. Eis aí uma grande confusão: o caráter sublimatório não é dado pelo fato em si daquilo que se faz, mas a serviço de que e como se faz.

Se partimos disso, entenderemos melhor o que poderiam ser saídas sublimatórias, ou o que seria o trabalho de latência, ou uma organização própria de uma latência conquistada, na qual faz sentido falar da abertura, da ampliação do eu. Em caso contrário, seria vazio dizer “amplia-se o eu”, tão só porque a criança latente adquire conhecimentos. Também um autista é capaz de aprender uma enciclopédia, ou uma lista telefônica. Pode saber todos os números da lista, mas não sabe telefonar. A questão não é simplesmente ampliar conhecimentos. O importante é que se estabeleçam cadeias significantes, as quais permitem locomoções simbólicas e a ramificação, nas quais vão se formando as cadeias de sentido e um subconsciente em outras condições. Isso é outra coisa, outro nível.

RP – Dentro dessa questão, uma situação oposta, não de pseudolatência, mas de um possível encurtamento da latência. Na situação atual, da pós-modernidade, a superestimulação que as crianças têm estaria possivelmente fazendo com que a latência esteja ficando cada vez mais curta. Já que o senhor atribui à latência um trabalho específico, a falta desse período que conseqüências traria?

RU – Se não for possível estabelecer uma boa latência, haverá dificuldades na





adolescência e, principalmente, dificuldades relacionadas à sexualidade. Às vezes, de maneira equivocada, os pais acreditam que fazem um bem introduzindo os filhos em determinados aspectos da sexualidade, em uma idade na qual não apresentam condições para tanto. Esquecem uma coisa salientada por Freud: que a saída do Édipo não está relacionada com a castração e todo seu elemento estruturante, mas também com a dolorosa captação pela criança de que ela não tem capacidade física de realizar aquilo que deseja. Isto também é importante no que estamos falando, porque, até que se produza o amadurecimento do púbere e avance esse amadurecimento, é problemática para o psiquismo a possibilidade de entrar em contato com o comércio, com a fantasia sexual explícita. É traumática, não é enriquecedora. É necessária essa quota de inibição e de separação da descarga pulsional direta, para que o desenvolvimento se faça, o aparelho se amplie. Isso é o que permite que, depois, circule a pulsão já com possibilidade de execução. Se, durante o período de latência, a criança não é auxiliada a estabelecer estas inibições, o que corresponde ao que Freud assinalava como os ditames morais, do temor, da repulsa, etc., haverá conseqüências.

Penso que está acontecendo algo muito problemático nesse sentido, porque a situação social tende a colocar a todos, sem distinção de idade, nessa condição. Assim, dentro do possível, devemos buscar uma maior seletividade, que não se minta para as crianças, não se esconda, mas que não se mostre mais do que podem saber. Esse é o equívoco. Uma coisa é a antiga postura de ocultamento, de censura, e outra que se mostre o que a criança ainda não está em condições de absorver e que será traumático. A esse respeito também nos cabe alertar como profissionais. Por exemplo, na Argentina, tornou-se costume festejar os aniversários de sete, oito anos como se fossem festas de adultos. Uma coisa louca: cria-se um ambiente de baile, com DJ, sem luz, totalmente fora da lógica dessa idade. Esquece-se que não têm físico nem aparelho psíquico para tal. A conseqüência é uma superexcitação sem possibilidade de descarga. A única coisa que gera é o transbordamento no aparelho psíquico, e a única saída é a agressiva, do tipo agressivo motriz. Não há escape, a não ser entrar em uma situação pervertida de relação com algum adulto, e isto também traz conseqüências graves e deve-se estar alerta.

RP – Mas não lhe parece que, na verdade, as crianças e os adolescentes que estão nesta situação são uma conseqüência já do conflito do adulto que, atualmente, cada vez menos pode formar os diques? Há essa aceleração do consumo e das crianças.

RU – Sem dúvida é assim. Esta aparente liberalidade acontece também por uma situação difícil em certos casais. Refiro-me ao fato de que houve neles um mal-





entendido do que é a criação no lar, ocultamento, privacidade. Geralmente costumam ser casais de pais com fortes traços de exibicionismo dos dois ou de pelo menos um, se temos a oportunidade de pesquisar a vida familiar. Nesses casos, não se fecham portas para intimidades e há demonstrações de contatos corporais provocativos para uma criança, de “indução”. Geralmente é assim, lamentavelmente.

RP – *É possível depreender, através de suas leituras, trabalhos e participações, que o senhor pensa que crianças pequenas não teriam possibilidade de realizar adequadamente o trabalho de luto. É correta essa impressão? Poderia falar mais sobre isso?*

RU – É uma impressão correta. Isso está em um artigo chamado “Perdas de seres queridos na infância e na adolescência”, solicitado para palestra em um congresso. Comecei a trabalhar, de forma equivocada, sobre a crítica da teoria de lutos na adolescência e, pouco antes da data, soube que era outro o tema. Assim desenvolvi dois trabalhos simultaneamente: um sobre a crítica da teoria do luto na adolescência, de Aberastury e Knobel, e outro sobre a perda de entes queridos. Com esse trabalho, também tive a alegria de ser premiado.

Neste ponto deve-se fazer uma discriminação. Assim como falava de um equívoco no uso da palavra “sublimação”, acredito que com “luto” também houve um uso extensivo. Tudo é luto e não concordo com isso. Trato de mostrá-lo nesse trabalho, seguindo a linha de outros autores que pensam o mesmo, não é uma invenção minha. Reservo a idéia de trabalho de luto para o que Freud descreveu em *Luto e Melancolia*, um trabalho que as crianças não podem fazer a não ser passada a adolescência, no seu final. Recém nesta etapa se criam as condições, com todas as modificações que sofreu o aparelho mental, para se poder começar o que seria um trabalho de perda nos termos descritos por Freud.

Antes disso, frente à situação de perda real, como a morte de um progenitor, de um irmão, de um amigo íntimo, uma situação direta de perda, a criança pode fazer um trabalho de acomodação a isso. Mas é uma situação mais do que traumática. Não acredito e, lendo Freud, estou convencido de que tampouco ele pensava assim, que o traumático, ou o que atinge o narcisismo, seja processado através do trabalho de luto. É outro tipo de processamento. Uma criança pequena pode se acostumar. Por exemplo, o trabalho de luto resulta na possibilidade de que lembremos, nos entristecemos. Isso é parte do trabalho do luto: um ir e vir entre a aceitação da desapareição, a saudade pela ausência do objeto desejado, a dor da perda. É um jogo de regressão e reacomodação à normalidade que requer uma flexibilidade do aparelho que a criança não tem. Por isso, vocês irão ver que crianças pequenas, em geral, não choram, porque, ao





se colocarem em trabalho de luto, seu aparelho se desorganiza. Entra algo tão doloroso, que se desorganizam. Então, há o choro e rapidamente se fecham, se distraem ou partem para outra atividade. Não querem escutar, falar, ou seja, têm reações ou acomodações. Não fazem trabalho de luto.

Às vezes, recém passada a adolescência, retomam essa situação da perda precoce. Com sorte, para os que puderam ter uma boa evolução até o final da adolescência, reaparece o luto e aí, sim, é possível ocorrer um trabalho de luto. Outros não podem fazê-lo e o luto aparece na conduta.

Há muitos casos de casais que se formam relacionados com um objeto perdido. Por exemplo, nesse trabalho, descrevo meia dúzia de crianças e de adolescentes que tiveram o luto pouco antes ou durante o processo de suas análises. Depois das considerações teóricas, relato dois casos de adultos que sofreram a perda por volta dos treze anos, um de uma mulher cujo pai morreu de leucemia, quando ela tinha essa idade. Ou seja, no início da puberdade, com todo o significado que isso tem para uma mulher – menstruação, pai com problema sangüíneo, etc. – criou-se todo um confronto muito particular. Atendi-a já adulta, após um longo tratamento, doze anos, com um colega muito capaz. Após um tempo, percebi que todos os seus relacionamentos eram com pessoas que sofreram doenças graves. Havia um arremedo da relação com o pai, da impossibilidade de vê-lo curado e uma repetição do traumático através de situações sucessivas de casais traumáticos, de rupturas muito traumáticas. Foi possível começar a trabalhar isto e, por sorte, reapareceu um tio que acrescentou elementos, dados familiares e que pôde apoiá-la numa separação de um sujeito que não queria sair da casa dela. A partir disso, a paciente foi capaz de processar um luto incrustado de vinte anos. Contudo não fica suficientemente claro o porquê de um luto mal elaborado.

Obviamente não vamos negar a dor, a tristeza. Mas não há a possibilidade do trabalho descrito em *Luto e Melancolia*. Para isso é necessário um aparelho muito mais desenvolvido, o do final da adolescência, com outras instâncias, com o ideal do ego, com um superego já modificado pela situação da adolescência, com elementos que criam outro panorama para que ocorra esse trabalho.

RP – Uma questão que me intriga no trabalho com crianças e também com adolescentes, especialmente com crianças em psicoterapia ou análise, é que, por mais dramática que seja a situação, e as crianças as trazem muito, elas choram muito menos que o adulto nas sessões. É muito raro uma criança chorar, por mais dramática, terrível, ou triste que seja a situação. Esta seria uma explicação: o aparelho psíquico que ainda não chora propriamente a perda.





RU – Não é que não chore a perda, na verdade não pode fazê-lo porque se desorganizaria. Não tem força suficiente para resistir à dor contínua de trabalhar sobre a perda. Registra a perda, sofre-a, mas não pode trabalhá-la muito, porque não tem com o quê, por isso rapidamente se afasta. Por esse motivo, deve-se ter cuidado na terapia com crianças. Um erro que cometemos é acreditar que a criança está se defendendo da dor. Acontece que não é capaz de tolerá-la e tem medo de se desarmar.

Assim, deve-se cuidar muito como se trabalha a perda, porque, se vamos muito rápido, desestruturamos a criança. Deve-se acompanhar o seu ritmo nessas circunstâncias, respeitá-lo porque se trata de um aparelho psíquico em formação. Talvez mais tarde, dois meses, seis, um ano, se possa voltar a isso. Mas uma criança de três, quatro anos, que tenha uma perda grave, com qual aparelho sustentá-la? Se tem dez ou doze anos, com mais noção, mesmo teórica, do que é a morte, porque viu um animalzinho morrer ou a flor secar, essa criança tem elementos de aproximação, até cognitiva, da perda. Mas não uma criança pequena. É dramático porque, além disso, existe a necessidade de apego.

Eu não sei se vocês conhecem uns filmes muito interessantes feitos por um casal inglês. Um deles é com uma criança que fica uma semana em uma creche, enquanto a mãe tem um bebê. Vão filmando e vê-se como essa criança, no primeiro dia, tem um choro desconsolado sempre. Depois produz um bloqueio do choro, e o rosto fica sem vida. Mesmo com o pai indo vê-la duas vezes ao dia em uma creche com outras crianças e babás. Quando a mãe vai buscá-la com o pai e a pega e beija, a criança a desconhece e lhe vira o rosto. Braba com o objeto da ausência, demora muito a retomar o vínculo afetivo com a mãe.

O outro problema que se apresenta aqui é que, em geral, quando ocorre uma grande perda no núcleo familiar, por exemplo, se morre um dos progenitores, o cônjuge vivo está em luto e em más condições de sustentar a dor dos filhos, e os avós também estão em luto porque perderam um filho ou filha, ou genro. Então há todo um entorno familiar com dificuldade de sustentar esta criança que, por sua vez, não pode fazê-lo sozinha.

Temos, assim, que cuidar na psicoterapia, porque, antes de tudo, devemos dar-lhe a sensação de confiança, de que se poderá sustentar e acompanhar o paciente até ele mesmo ter essas condições. Não se pode forçar-lhe o luto, talvez ele não o faça. Com o tempo, talvez o faça muito escassamente durante o tratamento. Mas quem sabe volte aos dezessete anos para falar a respeito, com o pretexto de um problema de amor ou de que não sabe a carreira a seguir.

RP – Dentro disso o senhor está enfatizando uma espécie de retorno a uma visão de uma teoria traumática bastante ligada ao início da teoria freudiana. O





senhor acha que isso é algo do início da vida, quando não há condições para que uma criança possa tolerar o luto. Mas sabemos que considera que, mesmo em fases mais tardias, de latência ou adolescência, a criança, ou o adolescente, não terá estrutura de ego suficiente para lidar com fatos traumáticos muito severos, quando não tratados, não acompanhados adequadamente. Então, gostaria que falasse um pouco mais, não só sobre esse início da vida, mas sobre as etapas e a sua posição quanto ao trauma.

RU – Há um artigo meu sobre o tema, que saiu, no ano passado, em um número especial de *Niños y Adolescentes* na *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. Escrevi sobre a questão da puberdade, narcisismo e trauma e a possibilidade de representabilidade. Por exemplo, quanto à puberdade: a puberdade por si só é traumática, relativamente traumática para todos, por múltiplos motivos. Primeiro, porque se trata de uma irrupção esperada, mas incontrolada, pela qual o sujeito sente que algo acontece como se não fosse com o próprio corpo. Levou muitos anos para apropriar-se de seu corpo e, de repente, ocorrem coisas que não consegue dominar.

O outro elemento, não trabalhado suficientemente, no qual insisto muito, é que o curso do desenvolvimento no primeiro ano da puberdade é, numa metáfora, como a ampliação de uma foto. Crescemos de modo mais ou menos parelho, o corpo vai se ampliando desde o primeiro ano até se alcançar mais ou menos a puberdade. Mas, ao chegar-se, não é assim. O crescimento é, então, assimétrico, primeiro crescem nossas orelhas e nariz e, às vezes, a criança parece uma caricatura. As pernas e os braços desenvolvem-se antes que o tronco, os braços ficam arrastando. E o ser desarmônico cria uma sensação de ruptura muito grande, porque não se reconhece no espelho, no reflexo do corpo que vai passando a imagem de uma espécie de deformidade. Seria, se me permitem, uma vivência do tipo deformativa que, às vezes, trazem algumas drogas alucinógenas em que a sensação é de que o corpo se deforma.

Algo parecido acontece com o adolescente precoce. E isso é muito mais marcado quando a adolescência, a puberdade iniciam cedo, bruscamente e em pouco tempo. Ocorre uma decepção total, porque isso, já em si difícil de processar, ainda mais em pouco tempo e bruscamente, parece interminável e é absolutamente traumático.

Há um exemplo clínico especialmente dramático que deixei para o final desse artigo. É o de uma menina, de quatorze anos, que disse estar enjoada e não poderia ir ao colégio. Ficou na cama e, como sentia um pouco de náusea, atribuiu-o a uma comida ingerida no dia anterior. Pediu para a mãe comprar-lhe um refrigerante e, quando a mãe voltou, após uns dez minutos, encontrou a filha e perguntou: “O que você está fazendo com esta boneca?” Ao aproximar-se, percebeu que não era uma





boneca, era um bebê.

Essa menina havia parido um bebê prematuro, de seis meses e meio de gestação, com menos de dois quilos, sem ter a noção de que estava grávida e sem a mãe ter visto que estava grávida. Isto quase não pode ser explicado. A mãe, então, chamou uma urgência médica. A menina, gaguejando, explicou ao médico como cortou o cordão. Tinha ao lado o material escolar, entre os objetos uma tesoura usada na escola com a qual cortou o cordão umbilical e o amarrou com uma corda. Mas não pôde dizê-lo em palavras.

Insisto nisto, porque esta menina que sabia falar bem, diante de uma situação como esta, se expressou quase que por gestos. Levaram-na para o hospital e felizmente estavam bem, ela e o bebê. Não houve nenhum problema médico, e só o que ela queria era voltar rápido para casa, porque a mãe, enquanto esperavam a ajuda médica, telefonara ao namorado da filha, suponhamos, dizendo: “Fernando, você é pai”. Ora, essa menina temia que o namorado a abandonasse e não conseguia entender que não voltaria naquele dia.

Percebam o nível traumático que resultou. Houve um desencontro absoluto com a significação do que havia ocorrido. A situação se esclareceu porque, assim como esta menina se mostrava em uma negação absoluta e a única coisa que queria era reencontrar seu namorado, a mãe, que no primeiro momento rejeitou a criança, estava encantada ao lado do berço do bebê.

Era impressionante e chamava a atenção, já que uma problemática bastante pesada se apresentava para ela. Entretanto não fazia nada além de planos para quando levassem o bebê para casa. Felizmente o pai da menina apareceu. O casal estava separado e nos esclareceu um dado muito interessante.

Acrescento que tudo isto aconteceu em um serviço hospitalar, onde eu, além da disciplina de adolescência, tenho um estágio sobre gravidez e aborto na adolescência e outro sobre dependências químicas. Esse fato corresponde ao grupo deste estágio.

O pai, então, contou ao terapeuta que a mãe da menina tivera uma gravidez também aos quatorze anos. Acrescentou que, em uma combinação entre o médico que a atendera e a irmã mais velha, disseram que o bebê nascera morto, mas, na verdade, havia sido dado em adoção. Assim, nesse momento, foi possível resgatar uma história transgeracional de algo que a menina não sabia absolutamente. Tratava-se de uma história vedada, inclusive para a mãe, que também não a conhecia. A partir disso, a mãe também ficou sabendo que, na verdade, aquele bebê havia vivido, que a tinham enganado e foi possível desvendar toda uma trama.

Volto, portanto, ao assunto do traumático de que falávamos; aqui podemos sentir como há circunstâncias que podem incidir no nosso psiquismo. Não são cir-





cunstâncias externas, mas internas, que correspondem à vida da mãe. De alguma forma, que ainda não conhecemos muito bem, o transgeracional de repente nos invade e produz um fato absolutamente traumático. Acredito que são momentos privilegiados que devemos considerar. Enquanto o desenvolvimento vai acontecendo de forma “normal”, corretamente, em condições favoráveis, tomara que não haja elementos traumáticos muito fortes. Mas esses podem manifestar-se, por episódios como a morte, ou por outro fato natural, que é a puberdade, traumática por si só. Isso porque a puberdade inclui um vetor até então ausente e cuja circulação requer uma série de processamentos que é o grande desafio da adolescência, para o exercício de algo até esse momento vedado e proibido. Vedado fisicamente e proibido como alternativa. Nesse momento, deve ser encontrado um processamento que chegue a uma saída, que é o que o mundo espera. □



Atenção montador

a página **186** é branca





Normas Gerais de Publicação de Trabalhos **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

1. Os artigos publicados na *Revista de Psicanálise da SPPA* devem ajustar-se ao que se segue:

- a. O artigo deve ser inédito, excetuando-se trabalhos publicados em anais de congressos, simpósios, mesas redondas ou boletins de circulação interna de sociedades psicanalíticas.
- b. O artigo não pode infringir nenhum preceito ético e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos.
- c. O artigo deve respeitar as normas que regem os direitos autorais.
- d. O artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório.
- e. O autor deve estar ciente de que, ao publicar o artigo na *Revista de Psicanálise da SPPA*, ele estará transferindo automaticamente o “copyright” para essa, salvo as exceções previstas pela lei. Fica, desta forma, vetada sua reprodução, ainda que parcial, sem a devida autorização da *Revista*.
- f. O artigo não deve estar sendo encaminhado simultaneamente para outra publicação sem o conhecimento explícito e confirmação por escrito do editor. Violações a essa regra, que impliquem em ações legais, serão de responsabilidade exclusiva do autor.
- g. Os conceitos emitidos são da inteira responsabilidade do autor.

2. Os originais deverão obedecer às seguintes exigências mínimas:

- a. Serão entregues, em dois disquetes (uma cópia de segurança). Os arquivos devem ser gerados no *Word for Windows* com a identificação do autor e título do trabalho. Devem ser remetidos à Editoria da *Revista*, cujo endereço é o da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – Rua General Andrade Neves, 14, 8º andar, conj. 802A – 90010-210 - Porto Alegre - RS, ou por e-mail para revista@sppa.org.br
- b. O artigo deverá adequar-se às dimensões deste tipo de publicação. Sugere-se que, sem comprometer a clareza do texto, sua extensão não ultrapasse 11.000





palavras. Tabelas, gráficos, desenhos e outras ilustrações devem estar inseridas no texto sem prejuízo da qualidade das imagens. O conteúdo total de ilustrações não deverá exceder $\frac{1}{4}$ do espaço ocupado pelo artigo. Custos adicionais com ilustrações ficarão ao encargo do autor, que será previamente informado. Também é de responsabilidade do autor obter autorização para ilustrações, quando exigido.

- c. Os trabalhos deverão conter, em sua estrutura, título, resumo e palavras-chaves nos três idiomas, português, inglês e espanhol, e referências bibliográficas. A forma de apresentação da discussão dos conteúdos ficará a critério do autor.
- d. O resumo deverá ter no máximo 200 palavras e ser capaz de comunicar os pontos principais.
- e. O nome do autor e sua cidade deve constar no canto esquerdo logo abaixo do título. A titulação do autor deverá estar em nota de rodapé na primeira página.
- f. O endereço do autor, incluindo e-mail, deverá ser mencionado após as referências bibliográficas.

3. Referências bibliográficas:

Ao longo do texto as referências serão apresentadas citando o nome do autor seguido do ano de publicação entre parênteses como, por exemplo, Freud (1918) ou (Freud, 1918). Se dois co-autores são citados, os dois nomes deverão ser mencionados, por exemplo, Marty; de M'Uzan (1963) ou (Marty; de M'Uzan, 1963). Se houver mais de dois autores, a referência no texto indicará o primeiro, por exemplo, Rodrigues et al. (1983) ou (Rodrigues et al., 1983).

Citações literais deverão ser colocadas entre aspas. Além da revisão cuidadosa quanto à sua fidedignidade, deve ser indicado o número da página de onde foram retiradas. As inserções que forem feitas no texto original serão indicadas dentro de parênteses como, por exemplo, "ele (Freud) sugeriu que...". Grifos no original deverão ser assinalados. Ênfase adicional, no texto, também será indicada, acrescentando-se "grifos meus", entre parênteses, no final da citação. Usar reticências para indicar omissões no texto citado, por exemplo, "considerou-se... que assim foi o caso".

A lista de referências bibliográficas deverá incluir apenas as obras citadas no texto. Os autores serão mencionados em ordem alfabética e suas obras pela ordem cronológica da primeira publicação. Se várias obras citadas de um mesmo autor foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras a, b, c, etc.





Quando um autor é referido individualmente e também como co-autor, serão listadas antes as obras em que ele é o único autor, seguidas das publicações em que ele é co-autor.

Os nomes dos autores não serão repetidos, mas indicados por um traço.

Os dados referenciados terão a seguinte ordenação:

a) Artigos publicados em revistas ou periódicos:

Autor. (ano da publicação entre parênteses). Título do artigo. Nome da revista ou periódico em itálico (por extenso ou abreviado). Volume, número, páginas (inicial e final).

Exemplo:

OGDEN, T.H. (1985). On potential space. *Int. J. Psycho-anal.* v. 66, n. 2, p.129-141.

b) Livros:

No caso de um só autor e mesma data:

Autor. (ano da primeira publicação entre parênteses). Título do livro em itálico. Local de publicação (cidade): editora, ano da edição.

Exemplo:

BION, W. R. (1961). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

No caso de coletânea de vários autores ou de um só autor com publicações em diferentes datas:

Autor. (Ano da primeira publicação entre parênteses). Título do capítulo ou artigo seguido de ponto e da expressão In: Nome do autor ou editor. Título do livro em itálico. Local de publicação (cidade): editora, ano da edição, páginas (inicial e final).

Exemplos:

ROSENFELD, H. (1971). Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In: SPILLIUS, E. B. (editor) *Melanie Klein hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, 17-29.

ROSENFELD, H. (1950). Nota a respeito da psicopatologia dos estados confusionais nas esquizofrenias crônicas. In: _____. *Os estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, 62-74.





Normas gerais de publicação de trabalhos

No caso de texto constante de coleção de obras completas do autor:

Autor. (Ano da primeira publicação entre parênteses). Título do texto. In: Nome da coleção em itálico (por extenso ou abreviado). Volume. Local da publicação: Editora, data da edição, páginas (inicial e final).

Exemplos:

FREUD, S. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972, 1-119.

FREUD, S. (1905). Três ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 109-224.

KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Obras Completas*. v. 3, Rio de Janeiro: Imago, 1991, 17-43.

c) Monografias, teses, dissertações:

Autor. (Ano da publicação ou apresentação entre parênteses). Título em itálico. Local: nome da universidade ou instituição. Indicação de monografia, tese ou dissertação.

Exemplo:

LEVY, R. (2000). *Do símbolo à simbolização: uma revisão da evolução teórica e suas repercussões sobre a técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Monografia.

4) Procedimentos de avaliação

Todo trabalho entregue para publicação é numerado e distribuído anonimamente em todas as suas etapas. É avaliado através de critérios padronizados por, pelo menos, três membros do Conselho de Revisores ou do Conselho Consultivo da Revista de Psicanálise da SPPA. Da mesma forma, o nome dos avaliadores é mantido em sigilo.

Uma vez aprovado pelo Conselho Editorial, a decisão final quanto à data de sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.





Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802

90010-210 – Porto Alegre-RS

Fone (0xx51) 3228-7583 – Fone/Fax (0xx51) 3224-3340

E-mail: revista@sppa.org.br

Valor da assinatura anual (3 números): R\$ 75,00

Valor de número avulso: R\$ 28,00

Promoção especial por tempo limitado:

Coleção completa (24 números): R\$ 240,00 (4 X R\$ 60,00)

Número avulso antigo: R\$ 15,00

Nome

Endereço

CEP..... Cidade

Fone..... E-mail:

(Cheque cruzado, nominal à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre ou, se o preferir, solicite o envio de um DOC para pagamento bancário).

